

Richard Zimler

Os
anagramas
de
Varsóvia



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.link](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Richard Zimler

**Os
anagramas
de
Varsóvia**

Tradução de
Daniela Carvalhal Garcia



EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2010

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

Zimler, Richard, 1956-

Z66a

Os anagramas de Varsóvia / Richard Zimler; tradução de
Daniela Carvalhal Garcia. – Rio de Janeiro: Record, 2012.

recurso digital

Tradução de: The Warsaw Anagrams

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-01-09966-2 [recurso eletrônico]

1. Ficção policial. 2. Romance americano. I. Garcia, Daniela Carvalhal. II. Título.

10-3582

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

TÍTULO ORIGINAL EM INGLÊS:

The Warsaw Anagrams

Copyright © Richard Zimler, 2009

Em acordo com a Literarische Agentur Mertin, Inh, Nicole Witt, Frankfurt, Alemanha.

Editoração eletrônica da versão impressa: Abreu's System

Capa: Estúdio Insólito

Imagens de capa: Thomas Larsen/Getty Images (senhor com criança)

Svenja-Foto/Corbis/Latinstock (cidade)

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa para o Brasil adquiridos pela

EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: 2585-2000

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-09966-2

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se e receba informações sobre nossos
lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:

mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.



Dedicatória e agradecimentos

Para todos os membros das famílias Zimler, Gutkind, Kalish e Rosencrantz — meus muitos tios-avôs, tias-avós e primos — que morreram nos guetos e campos de concentração da Polônia. E para Helena Zimler, que sobreviveu.

Sinto-me profundamente grato aos meus amigos Andreas Campomar e Cynthia Cannell, pelo constante apoio que me deram. E também quero agradecer a Nicole Witt e a Gloria Gutierrez, por ajudarem os meus livros a encontrar um lar em muitos e diversos países.

Estou particularmente grato a Alexandre Quintanilha e Erika Abrams, por terem lido o manuscrito deste romance e terem partilhado comigo os seus inestimáveis comentários. E também agradeço muito a Thane L. Weiss e Shlomo Greschem.

Há vários livros excelentes sobre os guetos judeus da Polônia que me ajudaram na minha pesquisa. Entre eles destaco *O diário de Mary Berg* e *Notes from the Warsaw Ghetto*, este último de Emmanuel Ringelblum.

Nota do Editor

O texto original de Erik Cohen para *Os anagramas de Varsóvia* foi escrito em iídiche, embora ele tenha utilizado ocasionalmente palavras do polonês, alemão e inglês. Mantivemos nesta edição algumas expressões e termos estrangeiros, sempre que consideramos que ajudariam a evocar o sabor do original ou a esclarecer algum significado. O leitor encontrará um glossário no final do livro.

O manuscrito de *Os anagramas de Varsóvia*, de Cohen, foi descoberto em 2008, sob as tábuas do chão de um pequeno apartamento no distrito Muranów, de Varsóvia, que pertencera a um sobrevivente do gueto judeu chamado Heniek Corben. Por baixo do texto encontrava-se um comentário cabalístico sobre o *Livro de Ezequiel*, escrito pelo próprio Corben, que, segundo informação dada por vizinhos, morreu em 1963, sem deixar descendência.

*No mínimo dos mínimos,
devemos aos nossos mortos o
estatuto de pessoa única.*

Erik Cohen

Prefácio

DESDE PEQUENO QUE TRAGO UM mapa de Varsóvia nas solas dos pés, por isso consegui fazer o caminho quase todo até minha casa sem qualquer engano ou esforço.

Foi então que vi o alto muro de tijolo à volta da nossa ilha. Meu coração deu um salto no peito, e uma esperança impossível dispersou meus pensamentos — embora eu soubesse que Stefa e Adam não estariam em casa para me dar as boas-vindas.

Um guarda alemão gordo, de pé, mastigava uma batata fumegante junto ao portão da rua swiętojerska. Assim que me esgueirei lá para dentro, vi um jovem com um boné de tweed enterrado na testa passar por mim correndo. O saco de farinha que levava ao ombro pingava pontos e traços de líquido sobre o seu casaco — código Morse escrito com sangue de galinha, imaginei.

Homens e mulheres vagueavam pesadamente pelas ruas geladas, esmagando a camada de gelo que as cobria com os sapatos gastos, as mãos enfiadas bem fundo nos bolsos dos casacos e nuvens de vapor a fugir-lhes da boca.

Na minha inquietação, quase tropecei num velho que morrera de frio à porta de uma pequena mercearia. Vestia apenas uma camisa toda suja e tinha os joelhos nus e terrivelmente inchados encolhidos contra o peito, numa tentativa de se proteger. Os lábios cobertos de crostas de sangue estavam de um cinzento azulado, mas tinha os olhos avermelhados, o que me deu a impressão de que o último dos seus sentidos a deixar este mundo fora a visão.

No vestíbulo do prédio de Stefa, o papel de parede verde-oliva descolava-se e tiras caíam, revelando manchas aveludadas de bolor negro. O apartamento estava gelado; e não havia uma migalha de comida à vista.

Espalhadas pela sala, viam-se cuecas, meias e camisas. De homem. Tive a sensação de que Bina e a mãe já não estavam lá havia muito tempo.

O sofá, a mesa de jantar e o piano de Stefa tinham desaparecido — talvez vendidos, ou

destruídos para queimar e fazer luz. Gravadas na porta do seu quarto estavam as marcas que ela e eu tínhamos feito para marcar a altura de Adam todos os meses. Aproximei devagarzinho a ponta dos dedos da marca mais alta, de 15 de fevereiro de 1941, mas perdi a coragem no último segundo; não quis me arriscar a tocar em tudo o que podia ter sido.

Quem quer que fosse que agora dormia no quarto de minha sobrinha gostava de ler; minha tradução para o polonês de *A Midsummer Night's Dream* estava aberta ao contrário no chão, junto à cabeceira da cama. Ao lado do livro havia uma caneca de alumínio, agora vazia, que fora enchida com água do gueto; ao evaporar-se, deixara o depósito amarelado de que eu tão bem me lembrava.

A busca pelo apartamento reavivou a consciência do meu objetivo ali, e tive a esperança de que o mundo voltava a me alcançar agora, mas quando tentei abrir a porta do guarda-roupa de Stefa, meus dedos penetraram na madeira escura como se se enterrassem num barro denso e frio.

Como seria ter 9 anos e estar encurralado na nossa ilha esquecida? Uma pista: Adam costumava acordar sobressaltado durante as nossas primeiras semanas juntos, catapultado dos seus terrores noturnos, e inclinar-se por cima de mim para pegar o copo d'água que eu sempre deixava sobre a mesa de cabeceira. Eu acordava com os movimentos dele e levava-lhe o copo à boca, mas a princípio não gostava que ele me perturbasse o sono. Só ao fim de quase um mês juntos é que comecei a adorar senti-lo remexer-se e ouvi-lo dar vários goles seguidos sem respirar, e depois, quando voltava a deitar-se, adorava a forma como puxava meu braço para enroscá-lo em volta de si. O suave sobe e desce do seu peito magro recordava-me tudo aquilo que ainda tinha para agradecer à vida.

Deitado na cama com meu sobrinho-neto, eu costumava obrigar-me a permanecer acordado, porque não me parecia justo que um ato tão simples como inspirar pudesse manter o garotinho no nosso mundo, e precisava observá-lo cuidadosamente, pôr a mão em concha sobre aquela cabecinha loura e transmitir-lhe assim a minha proteção. Queria que o ato de permanecer vivo dependesse de um processo muito mais complexo. Para ele, e para mim também. Porque, então, morrer seria muito mais difícil para nós dois.

Quase todos os meus livros tinham desaparecido das prateleiras que eu próprio fizera — queimados para aquecer a casa, sem dúvida. Mas *A interpretação dos sonhos*, de Freud, e alguns dos meus outros textos de psiquiatria ainda estavam lá. Quem quer que fosse que estivesse vivendo lá agora, provavelmente descobrira que a maior parte deles era de primeiras edições e que talvez valessem um bom preço fora do gueto.

Meu olhar caiu sobre o tratado médico alemão no qual enfiara dois *matzos* de emergência, mas não fiz qualquer tentativa para recuperá-los; embora a fome ainda esfaqueasse minhas entranhas, já não precisava daquele tipo de sustento.

Ávido pelo consolo de um horizonte longínquo, subi pelas escadas do prédio até o telhado e passei cuidadosamente para a plataforma de madeira que os Tarnowski — nossos vizinhos — tinham construído para observar as estrelas. À minha volta, a cidade erguia-se em espirais, torreões e cúpulas de contos de fadas — uma fantasia de criança transformada em realidade. Dei uma volta completa em meu eixo, e senti a ternura invadir-me. Será possível acariciar uma cidade? Ser o rio Vístula, e poder abraçar Varsóvia, deve ser por vezes uma recompensa que ele dá a si próprio.

E, contudo, o bairro de Stefa parecia mais tristonho do que nas minhas recordações — os prédios ainda mais afundados num pântano de degradação, ruína e sujeira, apesar de todos os nossos arames e colas.

Um grito rouco cortou o ar, espantando meus devaneios. Do outro lado da rua, debruçado em uma janela do quarto andar, um homem de cara chupada e sobretudo esfarrapado acenava-me freneticamente. Tinha as têmporas encovadas, e a barba por fazer jogava uma sombra branca em seu rosto.

— Ei! — gritou para mim. — Você aí, vai acabar caindo e quebrando o pescoço!

Vi um reflexo de mim mesmo naqueles ombros encolhidos, naquele olhar de pânico. Ergui a mão, fazendo-lhe sinal para que esperasse onde estava, desci atabalhoadamente do telhado escadas abaixo e atravessei a rua, patinhando na lama.

Lá em cima, em seu apartamento, o homem logo percebeu que eu não era como ele. Escancarou os olhos congestionados de vermelho, espantado, e deu um passo atrás.

— Olá — disse, cauteloso.

— Então... então consegue mesmo me ver? — gaguejei.

O rosto dele descontraiu-se.

— Perfeitamente. Embora os seus contornos... — Rodou a mão no ar, depois inclinou a cabeça, como quem avalia qualquer coisa. — Não estão lá muito bem; um pouco indefinidos.

— E não tem medo de mim? — perguntei.

— Ná, já tive outras visões. Além disso, você fala iídiche. Por que é que um *ibbur* judeu haveria de me fazer mal?

— Um *ibbur*?

— Um ser como você, que regressou da terra que fica atrás da berma do mundo.

Tinha uma maneira poética de falar, o que me agradou. Sorri de alívio; ele conseguia mesmo me ver e me ouvir. E me senti menos preocupado por saber que havia um nome para aquilo que eu era.

— Meu nome é Heniek Corben — disse-me ele.

— Erik Benjamin Cohen — respondi, apresentando-me como fazia quando era menino e estava na escola.

— É de Varsóvia? — perguntou.

— Sou, cresci perto do centro da cidade, na rua Bednarska.

Franzindo os lábios numa expressão cômica, ele assobiou baixinho.

— Belo bairro! — comentou entusiasmado, mas quando sua boca se rasgou num sorriso, vi que era uma ruína de dentes podres.

Interpretando minha careta como sinal de dor física, Heniek sentou-se.

— Sente-se, sente-se, *Reb Yid* — disse-me em tom preocupado, puxando um banco para eu me sentar à mesa da cozinha.

Aquele formalismo parecia um pouco absurdo depois de tudo o que nós, judeus, tínhamos sofrido.

— Por favor, me chame de Erik — pedi-lhe.

Sentei-me em câmera lenta, com receio de não encontrar um assento sólido, mas a madeira do seu banco acolheu generosamente meu traseiro esquelético — prova de que já estava pegando o jeito daquela vida nova.

Heniek olhou-me de alto a baixo, e sua expressão tornou-se mais séria.

— O que foi? — perguntei.

— Por um momento, ficou branco. Acho que talvez ... — Terminando a frase abruptamente, ergueu a mão nodosa e disforme por sobre minha cabeça e abençoou-me em hebraico. — Com um pouco de sorte, isto há de resolver o assunto — disse-me com ar jovial.

Percebendo que era provavelmente religioso, comentei:

— Não tenho visto qualquer indício de Deus, nem nada que se pareça com um anjo ou um demônio. Nem fantasmas, nem seres necrófagos, nem vampiros... nada.

Não queria que ele me achasse capaz de responder a qualquer das suas perguntas metafísicas.

Fez um gesto com a mão, como quem não quer saber disso.

— Então, o que posso oferecer-lhe? Que tal um chá de urtiga?

— Obrigado, mas descobri que já não preciso beber nada.

— Importa-se que faça um para mim?

— Por favor.

Enquanto ele fervia a água, fiz-lhe perguntas sobre o que acontecera desde que eu saíra de Varsóvia em março passado.

Com um suspiro, ele respondeu:

— *Ech*, basicamente, a mesma velha desgraça. O grande entusiasmo foi durante o verão: os russos nos bombardearam. Infelizmente, aqueles pilotos idiotas não acertaram na sede da Gestapo, mas ouvi dizer que a praça do Teatro ficou reduzida a escombros. — Baixou a voz e inclinou-se para mim. — Mas há uma boa notícia: os americanos entraram na guerra. Os japoneses nos bombardearam há uma semana, segundo a BBC; tenho um amigo que possui um rádio clandestino.

— Por que está sussurrando?

Apontou para o céu.

— Não quero parecer otimista; Deus ainda pode nos pregar mais umas peças, se achar que estou sendo arrogante.

Em outros tempos, o espírito supersticioso de Heniek teria arrancado de mim um comentário sarcástico, mas era óbvio que, com a morte, eu tinha me tornado mais paciente.

— Então, onde é que trabalha? — perguntei.

— Numa fábrica de sabão clandestina.

— E hoje está de folga?

— Sim, acordei com um pouco de febre.

— Em que dia estamos?

— Dezesesseis de dezembro de 1941.

Tinham decorrido sete dias desde que eu saíra do campo de trabalho de Lublin, onde estivera como prisioneiro, mas pelas minhas contas só tinha levado cinco dias para chegar em casa, por isso perdera 48 horas em algum lugar pelo caminho. Talvez o tempo passasse de modo diferente para os da minha laia.

Heniek contou-me que, antes de se mudar para o gueto, era impressor. A mulher e a filha tinham morrido de tuberculose havia um ano.

— Eu até era capaz de aguentar a solidão — disse ele, baixando o olhar para esconder sua perturbação —, mas o resto é... é mesmo demasiado.

Eu sabia por experiência própria que *o resto* significava culpa, e também emoções mais sutis e confusas, para as quais não tínhamos um nome adequado.

Deixou cair as folhas de urtiga no jarro de cerâmica branca que lhe servia de bule. Depois, erguendo os olhos com um vigor renovado, perguntou pela minha família, e eu lhe disse que minha filha Liesel estava em Esmirna.

— Estava trabalhando numas escavações arqueológicas quando estourou a guerra, por isso ficou por lá.

— Já foi visitá-la?

— Não, tinha de vir aqui primeiro. Mas ela está em segurança. A menos que... — Pus-me de pé em um salto, aflito. — A Turquia não entrou na guerra, entrou?

— Não, não, ainda é território neutro. Não se preocupe.

Despejou água fervente sobre as folhas de urtiga num círculo lento e perfeito, e aquela precisão me encantou. Voltei a me sentar.

— Desculpe a minha curiosidade, Erik, mas por que voltou para nós? — ele perguntou.

— Não sei bem. Mas qualquer resposta que lhe desse não faria muito sentido, a menos que lhe contasse o que me aconteceu no gueto; e, acima de tudo, teria de lhe falar do meu sobrinho.

— E então, o que o impede? Podemos passar o dia inteiro juntos, se quiser.

Surgiu-lhe um brilho maroto nos olhos. Apesar do desgosto e da solidão, Heniek parecia ansioso por uma nova aventura.

— Conto-lhe daqui a pouco — respondi. — O fato de ter conseguido falar com você... me deixou debilitado.

Heniek fez que sim com a cabeça, compreensivo. Depois de beber seu chá, sugeriu que fôssemos dar um passeio. Levou um saco de batatas para a irmã, que dividia com mais seis inquilinos um apartamento de dois cômodos perto da Grande Sinagoga, e a seguir fomos ouvir Noel Anbaum cantar à porta do teatro Nowy Azazel. Seu acordeão fez dançar diante dos meus olhos um enxame de borboletas rubras e douradas — uma sensação estranha e magnífica, mas a que tenho me acostumado ultimamente; meus sentidos agora fluem muitas vezes juntos, como as tintas de um vitral a transbordar dos seus contornos. Será que, no fim, acabarão por se fundir completamente? Cairei dentro de uma paisagem excessivamente rica em sons, visões e toques, e sentir-me-ei incapaz de fazer às cegas o caminho de regresso a mim próprio? Talvez seja dessa maneira que a morte vai finalmente se apoderar de mim.

Heniek, enquanto ouço o zumbido paciente do candeeiro de petróleo pousado entre nós e observo a dança trêmula da sua chama azul, a gratidão que me invade me abraça, como fez Adam quando lhe disse que havíamos de visitar Nova York juntos. E o contentamento que sinto por ter conseguido falar com você me sussurra ao ouvido: *Apesar de todas as tentativas dos alemães para refazer o mundo, as leis naturais continuam a existir.*

Por isso, tenho de lhe contar a minha história pela ordem certa, senão ainda vou me sentir tão perdido quanto Hansel e Gretel. E, ao contrário dessas crianças cristãs, não tenho migalhas de pão para marcar meu caminho de regresso a casa. Porque não tenho casa. Foi isso que me ensinou o caminho de volta à cidade em que nasci.

Primeiro vamos falar de como Adam desapareceu, e como voltou para nós sob forma diferente. E depois vou contar-lhe como Stefa me fez acreditar em milagres.

P a r t e I

Capítulo 1

NO ÚLTIMO SÁBADO DE SETEMBRO de 1940, aluguei uma carroça puxada por um cavalo, o respectivo cocheiro e dois homens pagos a diária para fazerem a mudança do meu apartamento junto ao rio para o de um quarto da minha sobrinha, situado no velho bairro judeu da cidade. Decidira sair de casa antes da criação oficial de um gueto, porque já nos fora proibido circular em grande parte de Varsóvia, e não precisava de uma bola de cristal para saber o que viria a seguir. Queria ser eu a estabelecer as condições do meu exílio — e poder escolher quem iria para o meu apartamento. Já tinham se mudado para lá a filha de um cristão vizinho meu, estudante universitária, e o marido dela, advogado.

Com o meu melhor terno de lã, pus-me a andar literalmente atrás da carroça, certificando-me de que nada escorregava para o chão lamacento. Meu velho amigo Izzy Nowak juntou-se a mim, na esperança de escapar por algum tempo da atmosfera deprimente de sua casa; a mulher dele, Róza, sofrera uma trombose cerebral no início do mês e já não o reconhecia mais. A irmã mais nova de Róza mudara-se havia pouco tempo para lá, a fim de ajudar a cuidar dela.

Enquanto Izzy se abaixava para apanhar as folhas que o outono pintara de vermelho e âmbar, eu ia me obrigando a falar, para me impedir de entrar em desespero. Contudo, eu sempre perdia a voz nos piores momentos, e por isso, ao fim de um quarteirão apenas, vi-me obrigado a responder-lhe apenas com um gesto de mão. Mesmo assim, meus pés continuavam andando — uma pequena vitória —, e depois de algum tempo, como se me fosse transmitida pelo próprio ritmo da caminhada, senti uma calma etérea invadir-me. Mas, quando passávamos pelo Castelo Real, com sua torre destruída, um grupo de jovens arruaceiros começou a nos xingar. Para iludir suas tentativas de provocação, Izzy começou a cantar uma canção popular francesa na sua voz trêmula de barítono; habituamo-nos a nos proteger com o som das nossas próprias vozes desde os tempos da escola, quando nossos companheiros de classe cristãos implicavam conosco. É que os judeus da nossa terra aprendem estratégias

defensivas desde muito cedo.

Ao longo da rua Freta, entramos em uma fila de mais refugiados dentro da nossa própria cidade. Quem diria que tantos de nós possuíam samovares, móveis de vime e quadros com paisagens exuberantes? Ou que uma jovem mãe com a filha pequena agarrada à barra do vestido se lembraria de levar um vaso sanitário para o exílio?

Olhei para os rostos à minha volta, pegajosos de suor e poeira, corroídos de pânico. Sentindo meus pensamentos prestes a soçobrar num abismo de amargura, Izzy enfiou o braço no meu e obrigou-me a seguir em frente. Ao chegar à porta do prédio onde morava Stefa, puxou-me para o lado e disse:

— O céu, Erik, é o lugar onde as pessoas mais pacatas ganham todas as discussões.

Izzy e eu tentamos muitas vezes surpreender um ao outro com poemas de um verso só — *gedichtele*, como dizemos em iídiche, uma língua que envolve os pequenos e insignificantes como o amor de uma mãe.

— Mas então o que acontece aos pacatos, no inferno? — perguntei, referindo-me ao aqui e agora.

— Sei lá! — respondeu, mas, quando estávamos subindo as escadas, cada um arrastando uma mala, ele me fez parar de repente. Soltando uma gargalhada alegre, anunciou: — Erik, no inferno não há gente pacata!

Stefa queria que Adam dormisse na cama dela, para eu poder ter a minha privacidade na sala, mas o menino saiu batendo pé pela cozinha assim que cheguei, gritando que era muito crescido para dormir com ela. Izzy — grande traidor — presenteou Adam com suas folhas de outono coloridas e correu para casa. Sentei-me junto das minhas malas inchadas como se fossem dois cadáveres, encharcado de suor e humilhação.

Enquanto tentava recobrar a respiração e a calma, minha sobrinha veio conversar comigo. Sabendo o que ia me exigir, levantei a mão num gesto brusco, como que traçando uma última linha que ela não se atrevesse a ultrapassar.

— Está fora de questão! — vociferei.

Pensar que o meu brado iria servir de trunfo contra o desespero do filho dela foi o erro de um homem que entregara a educação da filha às mãos da mulher. Em breve consegui fazer mãe e filho chorarem, e os Tarnowski vieram ver o que era aquela gritaria. Parecia uma ópera de Rossini, interpretada numa algaravia grotesca de iídiche e polonês. E eu era o vilão derrotado, com a cabeça entre as mãos trêmulas.

Mais cedo ou mais tarde, você vai fazer o tio Erik se sentir mais contente com tudo se se portar como um anjo, ouvi Stefa sussurrar a Adam nessa noite enquanto lhe aconchegava a roupa na cama, mas aquilo de fazer o menino sentir-se responsável por facilitar a minha adaptação a uma vida que nunca desejara só serviu para me fazer me agarrar à minha fúria

com mais força ainda. A ironia era que eu e Adam éramos amigos antes de eu me mudar para lá. Aos fins de semana, lançávamos barcos de papel no lago do parque Łazienki, e ele tagarelava sobre a sensação de estar crescendo numa era de estrelas de Hollywood, luzes néon e automóveis. Menor do que a maioria dos meninos da sua idade, descobrira seu talento como jogador de dardos; parecia a encarnação de um peixinho prateado. Fora eu quem lhe pusera a alcunha de *Piskorz*.

Contudo, durante aquelas primeiras malditas semanas em que fomos companheiros de quarto, até a suave respiração dele me impedia de adormecer. Sentava-me junto à janela embrulhado num cobertor, fumando o meu cachimbo e olhando as estrelas, com uma dor de desalojado no estômago. Durante quanto tempo ainda teria de ser um refugiado na minha própria cidade? Era estranho, mas meus pensamentos voltavam-se frequentemente para meu pai, de cadeira dobrável debaixo do braço e um romance na mão a caminho da praça Saski, onde eu soltava pipa. Toda vez, aquela imagem afável dele a me vigiar penetrava em meu espírito — como um filme mudo paralisado num único fotograma. Uma manhã, ao nascer do sol, percebi por quê: aquele seu cuidado paternal, aqueles seus gestos distintos, representavam um modo de vida que os nazistas andavam assassinando.

Embora essa acabasse por se revelar apenas uma das razões pelas quais meu pai fora se encontrar comigo...

Uma noite, durante minha segunda semana no gueto, Adam acordou de repente de um pesadelo e começou a choramingar, a cabeça enfiada no travesseiro. Depois de algum tempo, arrastou-se até mim, vestido só com a parte de cima do pijama, tremendo de frio, os braços esticados para se equilibrar — como um duende dançarino balançando ao luar.

Devia ter tirado as calças do pijama durante a noite, porque ultimamente nunca deixava que eu ou a mãe o víssemos nu; seu melhor amigo, Wolfi, dissera-lhe estupidamente que tinha os joelhos ossudos e que aquela marca de nascença no tornozelo era ridícula.

Quando lhe perguntei o que se passava, baixou os olhos para o chão e sussurrou que eu já não gostava dele.

Quanta coragem não lhe deve ter sido necessária para se aproximar assim do Lobo Mau!

Minha vontade era envolvê-lo nos braços e dar-lhe um beijo no cabelo sedoso, mas contive-me. Foi um momento de triunfo sinistro sobre aquilo que eu sabia estar certo.

Desolado com meu silêncio, ele começou a chorar.

— Você me odeia, tio Erik — balbuciou.

A essa altura, fiquei contente ao ver suas lágrimas e ao ouvir o desgosto em sua voz. Sabe, Heniek, alguém tinha de ser castigado por nossa prisão, e eu me sentia impotente para agir contra os verdadeiros vilões da nossa ópera.

— Vá dormir — disse-lhe eu com aspereza.

Como é fácil perder o controle do amor! Uma lição que já aprendi e tornei a esquecer uma meia dúzia de vezes ao longo da minha vida. Mas, se você pensa que eu só quis magoar Adam, está enganado. E consegui o que queria, já que a vergonha gelada que senti nessa noite ainda hoje me persegue.

Stefa costumava acompanhar o filho à escola clandestina na rua Karmelicka todas as manhãs às 8h30, a caminho da fábrica onde costurava uniformes para o Exército alemão durante dez horas por dia. No princípio da tarde era eu que ia buscar o menino para levá-lo para casa, já que o meu trabalho na Biblioteca Iídiche terminava às 13 horas, mas ele se recusava a me dar a mão e desatava a correr à minha frente. Chegando em casa, atirava-se como um saco de batatas para a cadeira dele junto à mesa da cozinha, com a postura de um combatente infeliz numa guerra não declarada.

Eu fazia-lhe o almoço, que geralmente consistia em pão com queijo e sopa de cebola ou de nabo — receitas do meu tempo de estudante em Viena. A essa altura ainda tínhamos pimenta. Adam a moía como um louco por cima da sopa, salpicando de preto a superfície fumegante, e a seguir levava a tigela à boca com ambas as mãos e saboreava o sabor picante. A verdade é que ele era doido por tudo que fosse picante, e um dia até o peguei comendo colheres inteiras de raiz-forte diretamente do frasco, embora Stefa lhe desse uma sova se descobrisse.

À tarde brincava com os meninos lá do bairro. A mãe obrigara-o a prometer que não sairia da nossa rua, porque os guardas nazistas já tinham matado várias crianças suspeitas de serem estafetas do mercado negro, mas agora nós vivíamos numa ilha de cavernas e labirintos urbanos à espera de serem explorados, e Stefa não tinha grandes esperanças de que ele mantivesse a promessa. Para dizer a verdade, ele e os amigos andavam por todo o gueto.

Nas tardes de tempo ruim, quando não tinha ordem para sair do apartamento, Adam ficava sentado na nossa cama de pernas cruzadas, fazendo desenhos de animais ou praticando sua caligrafia cheia de arabescos. Graças à influência de seu tio Izzy e da mãe, que gostava de música, também muitas vezes cantava para si próprio. Stefa começara a ensinar-lhe lições de música quando ele tinha 4 ou 5 anos, e punha-se a tocar melodias no seu amarelado teclado Bluthner, o que significava que agora o menino tinha um catálogo de canções na cabeça que ia desde hinos sionistas, como o Hatikvah, e atravessava o Atlântico até Irving Berlin, embora sua pronúncia de inglês tornasse a letra da música praticamente irreconhecível, a ponto de, por vezes, chegar a ser cômica.

Nas ocasiões em que eu exigia silêncio absoluto, sentava-se na nossa cama com todo o juízo e fazia os seus queridos cálculos de matemática, procurando um reconforto silencioso em seu amor pela precisão e pelo detalhe. Agora vejo que, naquelas primeiras semanas comigo, ele tentava andar com pezinhos envoltos em lã. Talvez tivesse a esperança de que eu

acabasse por ouvir aquilo que ele não conseguia dizer.

No dia 12 de outubro, um sábado, aconteceu o inevitável: os nazistas deram a ordem para todos os judeus de Varsóvia irem para o gueto. A caravana do desespero ao longo da rua Franciszkańska começou de madrugada. À tarde, quando eu estava à janela do quarto de Stefa, um oficial da Gestapo ordenou a um grupo de velhotes ortodoxos, todos de barbas longas, que tirassem os xales de oração e as roupas, e os mandou fazer flexões em plena rua.

— Sacanas! — murmurou minha sobrinha para si mesma, mas minutos mais tarde garantiu-me que para nós era melhor assim.

— Você deve estar brincando! — disse-lhe eu.

— De modo algum! — ela declarou. — Agora sabemos que só podemos confiar em nós próprios.

Eram palavras heroicas, mas eu não via nada de positivo no desespero ofegante daqueles velhos nus, e muito menos na humilhação que sentia por não ir correndo defendê-los.

* * *

Como nosso moral começava a ficar muito baixo, Stefa decidiu alegrar-nos, convidando alguns dos seus novos amigos para o jantar do sabá, no dia 25 de outubro: Ewa Gradman, uma jovem viúva tímida que trabalhava na padaria do nosso pátio; sua filha Helena, de 7 anos, uma menininha pensativa que o diabetes deixara com as faces encovadas e os olhos iluminados de um ícone russo; e Ziv Levi, um órfão de Łódź de 17 anos, taciturno e cheio de espinhas, que Stefa e Ewa tinham adotado como projeto favorito. A essa altura, começara a trabalhar como aprendiz na padaria e dormia num colchão de palha que levava para um dos armazéns.

Ewa fez para a nossa festa um *kugelhof* de perfume adocicado, e Ziv trouxe quatro ovos frescos e uma rosa vermelha. O jovem entregou seus presentes a Stefa com uma formalidade tão cavalheiresca que Adam começou a rir baixinho, e eu precisei expulsá-lo da sala.

Como sempre, o zelador do nosso prédio, o professor Engal, deu três leves pancadas na nossa porta ao pôr do sol, para anunciar o início do sabá.

Depois do nosso banquete de carpa e *kasha*, Stefa tirou um chapéu de palha do seu armário, colocou-o na cabeça do filho, deu-lhe um peteleco irreverente e segredou qualquer coisa ao ouvido do menino. Ele fez uma careta e conseguiu articular um *Não* indeciso, mas ela respondeu *Por mim, querido* em tom de súplica, sentou-se ao piano e lançou-se a tocar a dengosa abertura de *Valentine*, de Maurice Chevalier.

Forçado pelo olhar insistente da mãe, Adam começou a cantar. Infelizmente, estava nervoso demais para encontrar sua verdadeira voz, que era linda, embora por trabalhar.

O menino adorava música, mas tinha pavor de cantar em público; só se sentia à vontade

para revelar sua vida interior — e seus dons — àqueles que amava. Stefa por vezes esquecia-se que ele não era, como ela, uma estrela de cabaré a ser revelada.

Vi nos olhos de meu sobrinho que ele estava prestes a chorar; por isso, após o primeiro verso, sentei-me de repente e mandei que se calasse, abanando as mãos.

— Piskorz, já passa muito da sua hora de deitar — disse-lhe, acrescentando para os nossos convidados que devíamos dar a festa por encerrada.

Stefa, furiosa, olhava alternadamente para o relógio de pulso e para mim. Com um riso forçado, disse:

— Não pode estar falando sério... são só 21 horas!

— O menino precisa dormir — respondi-lhe. — E, para dizer a verdade, eu também.

Adam olhava para mim, o rosto contraído pelo medo e o chapéu de palha nas mãos.

Stefa pôs-se de pé de um salto, com um brilho de fúria nos olhos.

— Se não se importa, tio Erik, sou eu que faço as regras na minha casa! Especialmente no que toca ao meu filho.

— Muito bem, faça todas as regras que quiser... mas não conte comigo! — retorqui-lhe, irritado, e dei um primeiro passo na direção do bengaleiro, com a intenção de ir dar um passeio para me acalmar, mas Adam desatou a chorar e disparou em direção ao quarto da mãe.

Precipitei-me para ele, mas, quando lhe acariciei a face, o menino virou a cara. Garanti-lhe que não queria que o meu sobrinho fosse um anjo.

— Especialmente porque sou ateu, e não tenho intenções de ir para o céu — brinquei.

Que desgraça, um velho com pouca experiência com crianças! Minha tentativa de amenizar a cena só conseguiu que ele chorasse ainda mais. No meio do meu pedido de desculpas, Stefa apareceu no batente da porta com as mãos nos quadris.

— Muito bonito, não tenha dúvida! — começou. — Como se o menino já não tivesse...

— Ele não devia ser obrigado a cantar, para mim ou para quem quer que seja! — interrompi-a. — Você sabe bem que ele não gosta. — Na esperança de aliviar a tensão entre nós com um pouco de humor, acrescentei: — Além disso, acho que é melhor não ter de ouvi-lo cantar *chansons d'amour* num francês com sotaque iídiche, pelo menos não até estarmos um pouco mais desesperados por variedades.

— O tio sempre o trata mal! — gritou Stefa, vingativa. — Ele tem um medo mortal de você!

Ela tinha razão, sem dúvida.

— Tudo isso acaba aqui — disse-lhe, e surpreendi-me a acrescentar: — Não vou castigá-lo mais.

As lágrimas encheram os olhos da minha sobrinha.

— Desculpe ter sido tão desagradável, Katchkele — disse-lhe, chamando-a pelo nome carinhoso que todos da família usavam com ela.

Incapaz de falar, ela apenas fez que sim com a cabeça, numa aceitação muda das minhas

desculpas. Peguei Adam no colo e beijei-o na testa. Stefa saiu, fechando a porta brandamente atrás de si.

Adam e eu ficamos falando baixinho, pois isso dava à nossa amizade um tom mais íntimo. Enxuguei suas lágrimas e falei-lhe das viagens que havíamos de fazer juntos quando saíssemos do gueto. Nova York era a cidade número um dos seus sonhos, e ficou empolgadíssimo quando lhe disse que havíamos de apanhar o elevador até o topo do Empire State Building, e lhe expliquei como olharia lá para fora, para o horizonte mais vasto do mundo.

Nessa noite, deitado com o braço ao redor de Adam, vi que meu pai tinha andado perseguindo meu espírito para me lembrar de que eu estava falhando com seu bisneto. E comigo próprio, claro.

Capítulo 2

EU VIERA PARA O GUETO com a intenção de reler toda a obra de Freud, e cheio de vontade de elaborar vários relatórios sobre doentes meus, mas ao fim de dois meses já desistira disso tudo. Foi estranhamente fácil. Como se se tratasse apenas de me enfiar num bonde em direção ao campo, e não ao centro da cidade.

Num minuto, um homem não consegue pensar em nada que não seja deixar para a posteridade obras seminais que sejam lidas em Londres e Viena durante décadas, e no minuto seguinte está à espera do sobrinho à porta de uma escola coberta de fuligem, examinando uma costura a se soltar num dos seus dois pares de calças e perguntando a si mesmo se ainda saberá usar agulha e linha.

Agora que Adam e eu éramos amigos outra vez, ele me contava como tinha sido o seu dia enquanto voltávamos caminhando para casa. Começava num tom monótono, cauteloso, para ver se eu estava interessado, mas cada pergunta minha incentivava-o a acelerar o ritmo, de tal forma que em breve o relato lhe saía numa velocidade estonteante. Por vezes lançava-se numa elipse de pensamentos que eu não conseguia acompanhar. As palavras dele passavam por mim zumbindo como abelhas.

Um sobrinho pequeno e tagarela a me contar histórias que eu não era obrigado a compreender nem a interpretar — aquilo era uma bênção do céu.

* * *

Logo Adam e eu ganhamos o hábito de visitar Izzy depois da escola e almoçar com ele. Os nazistas tinham fechado a elegante relojoaria que meu amigo possuía na Cidade Nova, e agora ele consertava relógios numa oficina fria e úmida que mais parecia uma masmorra, situada na parte da frente de um armazém de artigos de papelaria na rua Zamenhof. Aquilo de

que Adam mais gostava nas tardes que lá passávamos era ver Izzy fazer uma demorada operação em um relógio. O menino punha-se de joelhos na cadeira e inclinava-se sobre a mesa, com o queixo apoiado nas mãos fechadas, fascinado com a forma como aquele tio “de consideração” conseguia manejar a pinça e colocar no lugar certo as mais microscópicas engrenagens, rodas dentadas e molas. E ressuscitar o que estava morto.

De certa forma, Izzy transformou-se no feiticeiro da história de Adam no gueto. Tal como Ziv se transformaria em breve no gênio desajeitado...

Um sábado ao fim da tarde, no princípio de novembro, o aprendiz de padeiro passou lá por nossa casa com um tabuleiro de xadrez de alabastro debaixo do braço e desafiou-me para um jogo. Como um garoto de escola incapaz de se vestir sem a ajuda da mãe, trazia a fralda da camisa branca à mostra, e os cadarços de um sapato soltos. O cabelo grosso e ruivo cobria-lhe as orelhas numa desordem desmazelada.

Eu achei que ia ter sorte contra aquele desastrado, mas depois de vinte minutos ele já me levava a rainha, ambos os bispos e uma torre. Pior: o atrevido escolhia os lances à velocidade da luz, de tal modo que era sempre eu a jogar. Uns minutos mais tarde, já tinha encurralado meu rei.

Quando Adam lhe perguntou como é que conseguia jogar tão depressa, Ziv respondeu:

— Sempre consegui planejar com vários lances de antecedência; ultimamente, uns dez ou doze.

Depois disso, meu sobrinho começou a olhar para aquele rapaz mais velho do que ele com uma curiosidade ávida, e nessa noite, já tarde, veio, meio sonolento até a janela do nosso quarto, onde eu estava acendendo o cachimbo, e perguntou-me se eu achava que Ziv era mais inteligente do que as outras pessoas.

— Talvez, mas há maneiras diferentes de se ser inteligente — disse-lhe eu.

— É por isso que ele está sempre calado e é tão... tão estranho?

Com um suspiro, segurei seu ombro.

— Espere só até ter 17 anos, rapaz, e verá que não é uma idade fácil.

Enquanto me dava uma sova no xadrez, Ziv comentara que o pai de Ewa, que era pediatra, começara a fazer exames médicos nos meninos de um coro interescolar. Seria uma boa oportunidade para Adam? O garoto gostava de cantar desde que as luzes da ribalta não focassem só ele, e quando, na manhã seguinte, lhe perguntei se não se importava que eu falasse com o diretor musical, concordou imediatamente.

Nessa tarde, descobri seu nome — Rowan Klaus — e fui até seu pequeno escritório, na escola de Adam. Era um jovem sério de 20 e poucos anos, de tez morena e uns olhos pretos inteligentes — bem-apegoado, com ar misterioso, sefardi.

Rowy — como ele gostava que o chamassem — contou-me que estudara violino no

Conservatório de Viena até os nazistas acrescentarem a Áustria ao seu saquinho de guloseimas. Tinha uma tala artesanal no dedo indicador direito, e quando lhe perguntei o que era aquilo, respondeu-me que acabara de regressar de um campo de trabalho onde os alemães o tinham obrigado, a ele e a mais vinte judeus, a cavar valas ao longo do Vístula.

— Aquelas bestas sabiam que eu era violinista, por isso, quando acharam que não estava cavando suficientemente depressa, seguraram-me no chão e partiram meu dedo com um martelo.

Agora, andava aterrorizado, com medo de ser vítima de mais uma batida para angariar homens para trabalhos forçados.

— Estou sempre pagando subornos, mas eles não dão garantias — disse-me, taciturno.

Na meia hora que se seguiu, Rowy falou da música como uma nobre vocação, sublinhando suas opiniões com palavrões em alemão e gestos exuberantes das mãos. Adam ia ficar encantado com ele, por isso o inscrevi para uma audição imediata, e nessa mesma tarde ele conseguiu, lá, aguentar-se nos altos e baixos de sua prova de solfejo.

Contudo, ainda seria preciso passar no exame médico.

O Dr. Mikael Tengmann, pai de Ewa, era um homem bem-disposto, igualzinho a Charlie Chaplin, e, tal como ele, andava com os pés para fora. Com os seus 50 e tantos anos, aquele médico sortudo ainda ostentava uma crista de cabelo preto e rebelde e um brilho juvenil nos olhos de um castanho profundo. Vivia com Ewa em cima de uma oficina de vassoureiro na rua Walowa, tendo transformado um dos quartos num consultório para ele e a sala de jantar, numa sala de espera.

Na manhã seguinte, pesou Adam e anotou a altura dele, espetou-lhe o dedo, apalpou-o em vários pontos sensíveis e auscultou-o com o estetoscópio. Enquanto ele registrava as medidas de Adam, pus-me a estudar os quadros dos Alpes pendurados nas paredes; as sombras profundas e as súbitas irrupções de rochedos batidos pelo sol davam às montanhas a aparência de torsos entrelaçados. Todos, à exceção de um, tinham a assinatura do médico; uma pequena fotografia de um Matterhorn branco e brilhante tinha a dedicatória “Para Mikael, de Rolf”.

Quando lhe perguntei o que era, o médico respondeu que partilhara com um amigo aquilo a que chamava de “um interesse pela forma como procuramos a forma humana na natureza, e a razão disso”.

Uma resposta que me agradou. E, para meu alívio, Mikael em breve concluiu que Adam estava com boa saúde — embora magro demais —, sem qualquer indício de sarna, tuberculose ou qualquer outra doença que pudesse transmitir aos outros Carusos em miniatura. Antes de sairmos, foi à cozinha e presenteou Adam com um grande frasco de raiz-forte, porque o malandrinho contara-lhe que comera a última das nossas reservas havia já semanas e que era a comida desenxabida que lhe enfiávamos pela goela abaixo que mandara seu apetite ir dar uma volta. Louco de contentamento, o menino agarrou o frasco e pôs-se a dar saltos pela sala

como um autêntico canguru.

* * *

Decidi que também estava na hora de meu sobrinho aprender inglês, especialmente porque o polonês e o alemão pareciam haver deixado de ter o futuro como tempo conjugável pelos judeus. Começamos com a letra de uma canção de Cole Porter, que passou a ser o hino cantado por nós dois a cada sabá:

*I want to ride to the ridge where the West commences
And gaze at the moon till I lose my senses
And I can't look at hovels and I can't stand fences
Don't fence me in.* 1*

Mas encurralaram-nos mesmo assim, claro, e no dia 16 de novembro, um sábado, ficamos selados dentro da nossa prisão judaica. Nosso universo ficou reduzido a pouco mais de 1,5 quilômetro quadrado.

Os moradores começaram imediatamente a guardar farinha, manteiga, arroz e outros gêneros essenciais. Eu comprei meia dúzia de fitas pretas para a minha máquina de escrever Mala, para o caso de me dar uma vontade súbita de registrar algumas ideias no papel. Os preços subiram tanto que Stefa passava a vida se revoltando contra o absurdo de comprarmos batatas a 95 zlotys o quilo, ou aspargos a 1 zloty cada um. E as filas — que davam a volta em bairros inteiros da cidade — eram dignas de um dia de recenseamento bíblico. Para poder comprar sapatos novos para Adam, tive de esperar duas horas e meia debaixo de uma dessas desgraçadas chuvas miúdas tão típicas de Varsóvia, que sempre levavam meu pai a prometer que havíamos de nos mudar para o deserto.

Durante essa primeira semana, viemos todos para a rua como se tivéssemos naufragado, olhando fixamente aquele perímetro de tijolo e arame farpado que nos isolava lá dentro, como se alguém tivesse feito de nós personagens de um conto de Kafka. Éramos agora 400 mil seres escorraçados, encurralados na nossa própria cidade.

Como isto é possível? Uma pergunta que não faz sentido, agora que sabemos o que sabemos, mas àquela altura o espanto — e um pavor inconfessado — arregalava os olhos de quase todos nós, mesmo os dos velhos rabinos chassídicos, habituados como estavam a contemplar visões estranhas e impossíveis descendo sobre eles, vindas do firmamento das suas preces.

Felizmente, os cristãos ainda podiam entrar no gueto mediante autorização, e Jasmin Makinska, uma antiga paciente minha, trazia-nos frutas e legumes frescos, bem como iguarias como café e compotas, umas duas vezes por semana. Tinha 60 e poucos anos e trabalhava ali

perto, numa galeria de arte bem ao lado da praça do Mercado. Costumava pentear o cabelo numa aristocrática onda branca sobre a testa e usava chapéus de penas exuberantes, que deixavam Adam tão espantado quanto entretido.

Jasmin visitou-nos pela última vez no fim de novembro. Quando abri a porta para ela, caiu em meus braços. Tinha as faces e o cabelo enlameados, e o casaco de tweed rasgado na gola. Trazia na mão o chapéu de penas de avestruz, completamente destruído.

— Meu Deus, o que aconteceu? — perguntei, guiando-a até o sofá.

Jasmin contou-nos que os guardas alemães tinham descoberto em sua bolsa uma dúzia de sabonetes de lavanda, os favoritos de Stefã, e os haviam confiscado. Quando protestou, um dos nazistas agarrou-a, atirou-a ao chão e arrastou-a até a guarita. Adam não estava na sala, mas a pobre mulher, apavorada, não quis nos dizer exatamente o que aconteceu a seguir.

Fui à cozinha buscar vodca e, quando voltei, dei com Stefã falando baixinho com Jasmin, enquanto lhe limpava o rosto com uma toalha. Quando minha sobrinha ergueu os olhos, vi que uma sombra escura descera sobre eles, e foi então que entendi o que devia ter sido óbvio: o soldado alemão violara-a.

* * *

Sem as provisões de Jasmin, íamos precisar de bastante dinheiro para reforçar nossas rações de pão preto rústico e de batatas, e decidi verificar a possibilidade de vender algumas das joias e pratas que levava comigo para o gueto. Com a ajuda dos contrabandistas judeus que se aventuravam regularmente naquilo que tínhamos começado a chamar de *Sitra Ahra* — o Outro Lado —, consegui avaliar nas lojas e galerias de antiguidades ao longo da Nowy swiat no início de dezembro. Infelizmente, os donos — amigos, pensara eu antes — ofereciam apenas uma pequena fração do valor dos meus tesouros. Por isso, decidi ir aguentando.

Pouco tempo depois, Adam começou a fazer incursões com os outros membros da sua turma da rua para apanhar castanhas, folhas de dentes-de-leão e urtigas nos lotes bombardeados e nos campos abandonados ao longo do gueto, transformando assim suas tardes em autênticos safáris urbanos. Ele costumava gastar a minúscula quantia semanal que eu lhe dava na mistela de melão que fazia as vezes de doce na nossa periclitante Terra do Nunca, embora uma vez tenha conseguido chegar em casa com metade de um bolo de chocolate, que ganhara, anunciou triunfante, por ensinar um novo amigo do coro a andar de bicicleta.

Adam ensaiava com Rowy e os outros cantores duas tardes por semana. Pouco antes do Natal, começou também a ter aulas de xadrez com Ziv, no quarto que o rapaz ocupava na padaria.

A essa altura fazia um frio cortante, e era comum ver pedintes tremendo de frio e mesmo cadáveres gélidos e duros como pedra pelas ruas. Os guardas alemães deviam detestar estar tão longe de casa ao longo de todo o inverno, pois começaram a bater em judeus sem qualquer

critério, só para se entreterem. Por causa disso, as constantes perambulações de Adam deixavam Stefa num estado de exaustão nervosa. Costumava brigar com ele, mas o menino insistia em desaparecer com Wolfi, Feivel, Sarah e seus outros amigos sempre que o deixávamos sozinho. A essa altura, tanto ele como os companheiros de brincadeira já tinham demonstrado ser capazes de evitar a Gestapo e a Polícia Judaica muito melhor do que qualquer adulto, de forma que, depois de algum tempo, Stefa e eu paramos de nos preocupar tanto.

Mesmo assim, comecei a suspeitar de que ele e os amigos deviam estar tramando alguma — talvez mesmo contrabando — quando um dia, ao cair da tarde, Adam chegou em casa cheirando a estrume.

— Wolfi me empurrou em um monte de lixo! — disse-me ele.

A essa altura, eu já começara a ouvir histórias de crianças que rastejavam pelos túneis dos esgotos para chegar à zona cristã, e lancei-lhe um olhar cético.

— É verdade! — insistiu ele. — Você sabe que o Wolfi é *meshugene*! E está ficando pior!

— Está bem, eu acredito — eu disse, já que Wolfi era de fato um menino travesso. Peguei-o pela mão. — Seja como for, vá se lavar antes que sua mãe chegue em casa, senão esta noite ninguém vai ter paz.

O correio ainda era entregue, embora tivéssemos de pagar subornos semanais ao carteiro, e no princípio de janeiro recebi uma primeira carta de Liesel. Na fotografia que vinha no envelope, ela exibia aquilo que chamava de seu “bronze mediterrânico”. Sua nova amiga Petrina tinha cabelo preto, curto e espetado, além de lindos olhos límpidos. Passara o braço em volta do ombro da minha filha numa postura de camaradagem, mas percebi, pela maneira solene como Liesel a olhava, que minha filha estava apaixonada.

Liesel tinha feito aquela pose para me dizer o que não se atrevia a escrever.

Perguntava-me de que é que eu precisava, por isso fiz uma longa lista, começando com tabaco para cachimbo para mim, pimenta para Adam e chocolate para Stefa.

Agora parecia inútil manter segredos entre nós. “Espero que você e Petrina tenham uma ótima vida juntas na terra de Homero”, rematei no fim da carta. “Dentro deste envelope vai um beijo do seu pai tonto e velhote, que espera que você o perdoe.”

Durante anos, rezeira desistir de minhas expectativas para minha filha, mas quando pus aquela carta no correio senti uma leveza de espírito que me deixou numa espécie de vertigem — como se tivesse consertado uma coisa que estava partida. Quando, mais tarde, contei a Izzy o que escrevera na carta para Liesel, ele me deu os parabéns — eu sabia que o faria —, e surpreendi a mim mesmo ao confessar-lhe que só agora estava me tornando o pai que sempre esperara ser.

Nessa noite, depois do jantar, meu sobrinho e eu fomos dar um longo e alegre passeio. Seria o nosso último.

Quero que saiba isto: Adam era uma criança nascida sob os signos tanto do Sol como da Lua. Quando estava triste, a tristeza dele passava por mim e Stefa como um vento desolado, transformando nosso espírito em poeira. Mas quando estava contente — dançando sozinho um tango que tocasse no gramofone ou esticando os dedos para executar os arpejos de Bach no piano da mãe, ou simplesmente sentado aos meus pés fazendo contas de multiplicar —, tínhamos certeza de que iríamos sobreviver aos nazistas.

Notas

* Na sua voz áspera de tenor, Erik cantou-me a letra da canção em inglês, língua em que demonstrou ser extraordinariamente fluente para alguém que, supostamente, nunca vivera na Inglaterra ou nos Estados Unidos. Quando o interroguei sobre o domínio que tinha da língua, respondeu que desde o início dos anos 1920 era fã de filmes e música americana. E contudo, aos meus ouvidos, ele tinha decididamente um sotaque britânico. Foi a essa altura que comecei a anotar em segredo as inconsistências nas coisas que me contava.

¹ *Quero cavalgar até à serra onde começa o Oeste,/ E contemplar a lua até perder os sentidos,/ Não consigo ver cercas, nem suporte vedações,/ Não me encurralem! (N. do T.)*

Capítulo 3

ADAM TROUXE GLORIA PARA CASA dentro de uma caixa de sapatos na terceira semana de janeiro de 1941, e a lição que ela nos deu foi que mesmo as criaturinhas frágeis como os sonhos podem desequilibrar várias vidas.

Quando levantou a tampa da caixa, disse-nos, a mim e à mãe, que o gerente da loja de animais Roth lhe dera a periquita de graça. Bastou que ele apontasse com o dedo para percebermos por quê: a pata esquerda de Gloria estava transformada numa massa cinzenta e granulosa pendurada por um fio — o exemplo perfeito dos males causados pelo câncer.

— Valha-me Deus — lamentou-se Stefã, espantada, para a pobre criatura. — Que diabo nós vamos fazer com uma periquita aleijada?

Gloria refugiou-se com o pé coxinho no canto mais afastado da caixa, tentando desajeitadamente criar alguma distância entre si e minha sobrinha. Era azul-claro, com um bico amarelo vivo e asas esguias, tingidas de preto e branco. Devia ter sido um lindo pássaro, mas seu peito estava crivado de feridas em carne viva.

— Ela não consegue voar — informou-nos Adam, cabisbaixo. — Uma das asas não funciona. Por isso quis adotá-la.

— Vai fazer cocô por todo lado! — declarou Stefã, as mãos na cintura.

— Se não lhe dermos de comer, não faz cocô nenhum — gracejei.

O menino arregalou os olhos como se eu fosse um traidor, e em seguida me mostrou a língua. Respondi-lhe na mesma moeda e tentei puxar uma orelha sua, mas ele se abaixou, escapando-me.

— Adam, meu querido — berrou Stefã, e aquele *querido* era um sinal para ele ficar alerta —, este pobre pássaro está sem dúvida alguma coberto de piolhos e vai espalhar doenças, por isso vá se livrar imediatamente dele, e depois lave as mãos!

Minha sobrinha tinha começado a recorrer a uma oratória de frases misturadas umas nas

outras para poder convencer o filho. Na esperança de conseguir uma trégua, eu disse:

— Eu faço uma gaiola.

— Ah, como aquelas estantes tortas que o tio fez! — observou Stefa, apontando para as minhas construções raquíticas. E me deu seu sorriso sarcástico, que tinha o efeito de um chute no peito.

— Vamos *comprar* uma gaiola — interrompeu Adam, e aquele menino impertinente tirou 2 zlotys do bolso com um sorriso atrevido.

— Onde conseguiu isso? — exigiu saber a mãe, certa de que o filho se transformara num criminoso.

— Em apostas de cavalos! — gritou ele. E talvez fosse esse o seu verdadeiro desejo.

— Não! Sério? — perguntei.

— Faço os deveres de casa de matemática para Feivel, Wolfi e alguns dos outros garotos.

Uns dias mais tarde, Gloria se mudou para uma gaiola cônica que Izzy fez para nós com uma base de madeira e tiras de arame. Soldou uma suástica na cúpula, porque provocar Stefa era a garantia de um número de vaudeville que eles tinham criado ao longo dos anos.

— Izzy, não tem graça nenhuma! — disse-lhe ela, o que o fez sorrir triunfante.

— O que você não entende, Stefa, meu amor — respondeu-lhe ele —, é que a loucura e a magia são inseparáveis. A suástica vai impedir que os nazis confisquem Gloria quando criarem uma lei contra os animais domésticos judeus.

A essa altura, Adam já estava apaixonado. O repertório de Gloria consistia em comer, trinar, defecar e arrancar as penas do peito num frenesi neurótico, mas meu sobrinho colocava-a no ombro e ia passear com ela, como se fosse uma princesa encantada transformada em pássaro. Quando Stefa não estava em casa, chegava a pô-la em cima da cabeça. Gloria parecia gostar de viajar num poleiro saltitante feito de cabelo louro cheirando ao nosso último sabonete de lavanda, mas será que alguém sabe o que pensa de fato uma periquita nos intervalos entre as refeições?

Para Adam, a alegria tinha penas. E depois de algum tempo, percebi que havia alguma coisa de tocante e encorajador em Gloria — talvez porque sua inutilidade total e irremediável fosse a prova de que ainda podíamos ter pelo menos um luxo.

O coro de Adam fez sua primeira apresentação em 28 de janeiro, na escola de dança Weisman, situada na rua Pańska. Estourara um cano nessa manhã, e apesar de os organizadores terem secado a água freneticamente com panos de chão, ainda havia umas poças espalhadas pela sala.

No público estavam alguns amigos e conhecidos, incluindo o famoso pianista de jazz

Noel Anbaum e Ewa, a quem Stefa — eterna casamenteira — arranjava um caso com Rowy, depois de estudar o rapaz num ensaio do coro. Segundo minha sobrinha, os dois já tinham saído juntos três vezes *com imenso sucesso*, e o olhar entendido que me lançou ao pronunciar esse veredito revelou até que ponto eles já tinham se aventurado juntos.

Logo as luzes começaram a acender e a apagar, sinal para o público se dirigir aos seus lugares. Oito moças e quatro rapazes subiram em fila as escadas laterais do palco, irrequietos e aos empurrões, o que me fez recear uma descida aos infernos da música. Contudo, sob a batuta erguida de Rowy, os rostos dos meninos ficaram sérios, e cantaram as várias vozes dos corais de Bach como se fossem todos irmãos. Fechando os olhos, senti que, pela primeira vez em meses, tinha parado de me atirar como um louco contra as paredes da minha angústia de desalojado; estava exatamente onde queria estar. Tinha aterrado.

O primeiro bis foi “El Male Rachamim”, no solene arranjo feito pelo próprio Rowy, que deixou em lágrimas os mais religiosos do público. O segundo foi “Don’t Fence Me In” — sugestão de Adam.

Ao fazer as vênias de agradecimento, meu sobrinho olhou para mim com uma seriedade tão adulta que me senti invadido pela admiração. Pela primeira vez, tive a sensação de que ele ia conseguir coisas magníficas na vida, e soube então que, ao protegê-lo, estava cumprindo a tarefa mais importante que me poderia ter sido atribuída durante o meu tempo no gueto.

No dia seguinte, a cidade foi varrida por uma frente de frio cortante. Adam perambulava pela casa em passo trôpego, de braços duros dentro das duas blusas e do casaco forrado de pele — membro militante de um corpo de pinguins judeus, marchando através do gueto em direção às suas escolas clandestinas. Comprei dois fogões de serragem; a essa altura o carvão já desaparecera, levado pelos alemães. Contudo, os novos fogões revelaram-se criminosamente ineficazes, e durante várias noites seguidas a temperatura no nosso apartamento só conseguiu subir até os 7 graus.

Nessa época, uma doença insidiosa aviária deixara o olho esquerdo de Gloria de um branco leitoso, e Adam tinha certeza de que a culpa era da frente fria. Ficava arrasado sempre que pensava nela sendo chamada para o paraíso dos periquitos, e nada que fizéssemos era capaz de alegrá-lo.

Comecei a ir para a cama com um cachecol enrolado em volta da cabeça, como um turbante das Mil e Uma Noites. Os lençóis eram autênticas grutas de gelo, por isso, a fim de aquecê-los para o meu sobrinho, eu me deitava ao lado dele na cama durante 15 minutos e depois deslizava para o meu lado, chamando-o de sob os cobertores. Ele atirava-se para os meus braços batendo os dentes, e eu passava a noite com ele bem encaixado contra mim.

O dia 17 de fevereiro de 1941 foi uma segunda-feira. De manhã fazia um frio horrível — 14 graus abaixo de zero. Stefa estava com dor de garganta, febre e uma irritação na pele do peito que mais parecia acne. Finalmente, concordou que Adam podia ficar em casa e faltar à escola. Mas não estava disposta a juntar-se a nós e tirar o dia de folga. Tomou umas aspirinas e, apesar das minhas ameaças de amarrá-la à cama, empurrou-me para o lado e esgueirou-se para o trabalho.

Embrulhei Adam numa pilha de cobertores e, por insistência dele, pus a gaiola de Gloria mais perto do aquecedor, aos pés de nossa cama. Depois da sopa de couve que fiz para o almoço, que ele e eu comemos ainda de luvas, Adam pôs na cabeça o cocar que a mãe fizera para ele com penas de galinha e anunciou que ia sair.

— Uma ova! — desiludi-o.

— Mas estou entediado!

— E eu, com uma periquita aleijada e um garotinho atrevido de 9 anos como única companhia, acha que não estou?

Lançou-me o seu habitual olhar assassino.

— Bela tentativa, Winnetou — disse eu, usando o seu nome índio —, mas o mau-olhado dos Cohen não funciona com outros membros da tribo. Vá ler um livro.

— Estou farto de ler! — Lágrimas de chantagem brilharam-lhe nos olhos.

— Ouça, Adam — disse eu, mais suavemente —, quando conseguirmos arranjar um pouco de carvão, você poderá sair outra vez. — Para tentá-lo, acrescentei: — Posso começar a ensinar-lhe álgebra hoje, se quiser.

— Álgebra é para estúpidos!

— Então dê alguma comida à Gloria. Ela pareceu estar com fome, da última vez que a vi. E tenho certeza de que está ainda mais entediada do que você.

Para dizer a verdade, Gloria tinha ares de quem precisava de um banho quente seguido de uns bons goles de uísque, mas, por outro lado, o mesmo se podia dizer de quase todo mundo que eu conhecia.

O menino me fez uma careta e me virou as costas; segurei-o pelo braço. Quando se libertou, se debatendo, senti a fúria invadir-me como metal derretido e dei-lhe uma palmada no traseiro com mais força do que pretendia, atirando-o contra as estantes. O cocar caiu, e uma pena da frente soltou-se. Ficamos olhando um para o outro, paralisados, como se um meteoro tivesse caído entre nós dois. Deixei-me cair no chão como um enorme trapo amarrotado. Minhas lágrimas o assustaram. Veio sentar-se de mansinho no meu colo, pedindo desculpa. Murmurei que a culpa não era dele e apanhei o cocar. Disse-lhe que podia ir brincar lá fora se se vestisse o mais quente possível. Quando foi buscar o gorro de lã e eu o enfiei em sua cabeça, obriguei-o a prometer que não sairia da nossa rua nem que os marcianos aterrasssem na Grande Sinagoga e o chamassem pelo nome para negociarem um tratado de paz.

Quando percebi que o sol já tinha se posto, pousei o livro e olhei para o relógio: eram exatamente 16h27. Nunca me esquecerei dessa hora.

Adam já tinha saído havia mais de duas horas. Deixei um bilhete em cima da cama de Stefa dizendo que tinha ido à procura dele e preguei outro na porta da entrada, avisando a Adam que fosse pedir a outra chave a Ewa, na padaria, se chegasse em casa antes de mim.

O menino não estava na nossa rua, e não consegui encontrá-lo em nenhum dos terrenos cobertos de ervas em que costumava brincar, por isso fui ao apartamento dos pais de Wolfi, mas quando bati à porta ninguém respondeu. Consegui localizar Feivel e outros dois amigos de Adam, mas não o tinham visto. Quanto aos lojistas da zona, todos menearam a cabeça.

No caminho para casa, comecei a imaginar que ia encontrar Adam esquentando as mãos junto ao nosso aquecedor, com Gloria pousada na cabeça. Eu lhe diria que nunca mais o deixaria se perder de vista, o que, na minha opinião, era a moral da história.

Mas o apartamento estava vazio. Para me acalmar, tomei os meus últimos comprimidos de Veronal. Teria continuado a tentar contatar os pais de Wolfi, mas a essa altura os nazis já tinham cortado nossos telefones.

Quando Stefa chegou, ficou furiosa comigo por ter deixado o menino sair do apartamento. Apesar de sua febre e das minhas súplicas, saiu porta afora à procura dele.

As roupas de Adam estavam sempre espalhadas pelo nosso quarto, por isso comecei a recolhê-las. Quando estava dobrando o pijama, ergui o casaco de flanela e enterrei a cabeça nele, inspirando o seu perfume de lavanda. O pânico que apertava minhas entranhas me dava a sensação de estar me afogando.

Arrumei as roupas na cômoda dele e fiz uma sopa de cebola para o jantar. Quando ficou pronta e a mesa, posta, sentei-me com seu livro de esboços à frente e passei os dedos sobre os desenhos que ele fizera de Gloria até ficar com as pontas dos dedos todas manchadas de azul e amarelo.

Num dos esboços, ele desenhara Gloria com um longo cachimbo castanho no bico e um tufo de cabelo grisalho e espetado no topo da cabeça. Fiquei olhando fixamente para aquela página, tentando em vão afastar os pesadelos que minha mente ia inventando: Adam espancado por um guarda nazista, atropelado por uma carroça...

Stefa voltou para casa sozinha, pouco depois da meia-noite. Tinha inchaços em volta dos olhos, de pura aflição.

— Desapareceu — disse-me, deixando-se cair sentada ao meu lado na cama. O pânico pairava à volta dela como uma bruma fria.

Esfreguei suas mãos para aquecê-las.

— Escuta, Katchkele, você falou com o Wolfi?

— Falei, mas ele não sabe de nada.

— Adam provavelmente esgueirou-se para o lado cristão e não conseguiu voltar esta noite.

— Ele tem andado metido com o contrabando?

— Não tenho certeza, mas ouvi dizer que muitos meninos da idade dele vêm fazendo isso. Provavelmente perdeu a noção do tempo, e agora escurece tão cedo... Deve ter se escondido até amanhã de manhã. Você vai ver, amanhã ele aparece logo de manhã. O menino é esperto... e sabe se virar.

Praticara aquele pequeno discurso até eu próprio acreditar nele. E, quando prometi voltar a sair à procura de Adam, consegui que Stefa tomasse um pouco de sopa.

Um homem arrasta os passos pesados pelas ruas desertas como quem vai desafiando os próprios medos de criança, buscando, através das janelas ocultas por cortinas e dos montículos de neve, uma forma de regressar no tempo. *Levem-me primeiro*. As palavras sussurradas por todos os pais de crianças desaparecidas. E até pelos tios-avôs, como eu descobria agora.

Um policial judeu com hálito de hortelã me parou na rua Nalewki. Quando lhe expliquei a razão de estar quebrando o toque de recolher obrigatório, respondeu em tom impávido:

— Todos os dias desaparecem meninos. Vá para casa e espere até de manhã.

— Não posso — respondi-lhe.

Avisou-me que eu seria preso pelos guardas alemães se me vissem. Afastei-me dele antes que pudesse terminar a advertência.

Pensei que talvez fosse possível Wolfi ter mentido a Stefa para proteger o amigo, por isso voltei ao apartamento dele. Agora vinha um cheiro pestilento do pátio, e descobri que era proveniente de uma carroça de mão que ali fora deixada durante a noite e que devia ter estado carregada de peixe podre durante o dia. Dois gatos esqueléticos e com ar desesperado, amarrados a uma das rodas, ergueram para mim os olhos desconfiados, desatentos por um momento daquilo que parecia ser uma nojenta papa de tripas e arroz. Um deles assanhou-se contra mim. Calculei que estivessem ali para afastar as ratazanas.

O pai de Wolfi veio abrir a porta descalço e de pijama, mas com um casaco de lã. Era um carpinteiro de Minsk com mãos fortes e ásperas; tinha os dedos grossos como charutos. Quando lhe disse que Adam tinha desaparecido, abraçou-me. Por um breve instante deixei-me ir abaixo, o corpo inerte, como se eu próprio fosse uma criança.

Entrou pé ante pé no quarto de Wolfi e regressou com o menino ainda dormindo, sentando-o devagarzinho numa cadeira de brocado desbotado. A Sra. Loos acordou-o com beijos. O rapazinho olhou para mim, piscando os olhos sonolentos. Ajoelhei-me, para lhe parecer menos ameaçador.

— Adam desapareceu — disse-lhe eu, baixinho. — Por isso, mesmo que ele tenha feito você prometer que não diria uma palavra a ninguém, tem de me dizer se o viu ontem.

— Só... só por um minuto — gaguejou. — À porta do prédio dele.

— Deus seja louvado. A que horas?

— Não sei bem. Talvez 13h30, ou 14 horas.

A Sra. Loos trouxe-me uma cadeira. Sentei-me, inclinando-me para perto do menino.

— O que ele lhe disse, Wolfi?

— Que ia comprar carvão. E que eu não... não contasse ao senhor, nem à mãe dele.

— Que mais ele disse?

— Que Gloria estava morrendo de frio.

Baixei a cabeça; devia ter adivinhado que Adam ignoraria todas as cautelas para salvá-la.

— Sabe aonde ele ia comprar o carvão? — perguntei.

Wolfi meneou a cabeça.

— Ouça, filho, eu não estou zangado. Mas você precisa me dizer se tem alguma ideia de aonde ele pode ter ido.

— Só uma.

Capítulo 4

WOLFI EXPLICOU-ME QUE O PRÉDIO da rua Leszno, número 57, tinha um porão comum com um prédio da rua Rymarska, na parte cristã de Varsóvia. A passagem através da fronteira clandestina custava 5 zlotys, que eram recebidos por um guarda. Os poloneses que levavam mercadorias para o gueto punham as braçadeiras judias com a estrela de davi que éramos obrigados a usar. Os judeus que passavam em sentido oposto tiravam as deles.

Pelo que Wolfi sabia, Adam só tinha passado pelo porão uma vez. Tinham lhe pagado 10 zlotys para levar para fora do gueto um casaco de arminho e trazer em troca uma caixa de mogno proveniente de um negociante de antiguidades que morava perto da universidade. Contara a Wolfi que tinha sido escolhido por ser louro e parecer ariano, o que diminuía as probabilidades de ser preso. Isso fora cerca de um mês antes. Wolfi não sabia quem tinha contratado Adam, tampouco a identidade do negociante. Mas contou-me que meu sobrinho recebera meio bolo de chocolate como recompensa por ter executado sua missão com tanta rapidez.

Começara a nevar — flocos grandes e macios que vinham pousar sobre o pânico louco que latejava minha cabeça. No número 57 da rua Leszno, fui batendo de leve na porta de entrada até se acender uma luz no apartamento do porteiro.

— Pare com esse batuque infernal! — sibilou.

Abriu uma nesga na porta de entrada.

— Qual é o problema, velhote? — perguntou.

Trazia um cobertor enrolado nos ombros e uma vela no punho fechado. Quando aproximou de mim a chama, para ver melhor meu rosto, a sombra dele pareceu fechar-se à nossa volta.

Reconheci-o: Abramek Piotrowicz, o advogado; a filha dele, Halina, tinha sido colega de

Liesel no liceu.

— Sou eu, Erik Cohen — disse-lhe eu.

— Erik? Meu Deus, nem o reconheci! Mas... mas está com bom aspecto — apressou-se a acrescentar, para não me ofender.

Apertamos a mão e Abram puxou-me para dentro, dizendo:

— Saia desse vento maldito! — Fechou a porta e acrescentou, zombeteiro: — Este tempo... Vou para a Palestina assim que sairmos daqui. E nunca mais volto!

Expliquei a razão da minha visita e descrevi Adam, mas Abram disse-me que não tinha visto nenhum menino que correspondesse à descrição.

— Nesse caso — disse —, preciso perguntar ao guarda que estava de serviço ontem à tarde.

— Chama-se Grylek Baer — respondeu ele, e acrescentou que só voltaria às 13 horas. — Mas eu mando a ele um recado logo de madrugada. Deixe isso comigo. Nos falamos amanhã de manhã.

Encontrei Stefa ainda de pé quando voltei para casa, sentada na cozinha olhando para meia tigela de sopa fria. Era 1h40.

Dois prisioneiros condenados aguardam o nascer do sol. O homem deixa-se cair como um trapo em sua cadeira junto à janela, de onde pode ver uma rua escura vazia de vida. Depois, quando o céu começa a iluminar-se, lança olhares furtivos a uma abóbada de estrelas que parece distante demais para lhe fornecer qualquer orientação, a ele ou a qualquer outra pessoa.

Nosso exílio nunca há de terminar, pensa ele. Deixa o cachimbo apagar-se, os pés vão ficando cada vez mais dormentes.

A mulher está sentada na cama, uma das mãos pousada sobre uma gaiola artesanal que detesta, olhando fixamente o olho leitoso de tudo o que sempre lhe meteu medo.

* * *

De madrugada, Stefa ignorou minhas súplicas e dirigiu-se à rua Leszno. Eu fiquei em casa à espera, para o caso de Adam regressar. Quase ao bater das 8 horas, três pancadas precisas na porta de entrada fizeram-me deixar cair das mãos o livro que nelas deixara esquecido.

Havia dois homens no patamar: o mais baixo com o uniforme e o boné preto da Pinkiert, a agência funerária do gueto; o outro, alto e com ar distinto, segurava o chapéu nas mãos.

— Meu sobrinho... encontraram-no? — perguntei, ansioso. Dentro da minha pergunta estava o nosso futuro: o de Adam e o meu.

— O senhor é o Dr. Erik Cohen? — perguntou o homem da Pinkiert.

— Sou.

— Encontramos o corpo do seu sobrinho esta madrugada. Lamento muito.

Não me lembro de mais nada da nossa conversa. Talvez tenha sido ao descermos as escadas para a rua que os homens me disseram que Adam fora identificado por um secretário do Conselho Judaico que era amigo de Stefa. Ou talvez só tenham me dito isso mais tarde. Minha recordação seguinte é de mim, do lado de fora do nosso prédio, de pé. A carreta da Pinkiert — de madeira, puxada por uma mula castanha — estava amortalhada na sombra. O cangalheiro — um homem esguio de cara esquelética — disse-me qualquer coisa em voz bondosa, qualquer coisa sobre pegar um resfriado, e abotoou os botões do meu casaco. Mas eu não tinha frio. A única sensação que tinha era a de ter sido levado para o alto-mar e de ter a certeza de que nunca conseguiria fazer todo aquele caminho de volta à terra.

Um único trauma pode deixar-nos tolhidos para sempre, e quando vi Adam deitado na parte de trás da carreta, soube que minha vida terminara ali.

Um cobertor áspero cobria-me o corpo, mas via-se seu rosto de fora. Estava virado para o lado, como se tivesse ouvido alguém chamá-lo do lado esquerdo logo antes de morrer. Tinha os olhos fechados e o cabelo desganhado, a pele pastosa e amarelada.

Terá sido nesse momento que o homem da Pinkiert me disse como o tinham encontrado?

Subi para a carreta e ajoelhei-me junto ao meu sobrinho. A negra gravidade de toda a desgraça que acontecera levou meus lábios a pousar nos dele. Nosso beijo gelado e duro fez-me estremecer.

Tirei o lenço do bolso e comecei a limpar a lama do seu rosto. Sussurrei-lhe: *Agora já está em casa*, como se ele pudesse me ouvir — e como se essa notícia pudesse reconfortá-lo.

O que fazia que Adam fosse Adam desapareceu, pensei.

Oito palavras, mas que não me cabiam dentro da cabeça. Voltavam a escorrer para fora de mim, numa desesperança tão profunda e vasta que podia ser a única coisa que alguma vez senti ou pensei.

Enquanto minha fome de vê-lo acordar me corria rosto abaixo, pedi-lhe perdão. Não queria que ele pensasse que fizera algo de errado; uma criança não deve ir ao encontro da morte com culpa no coração.

La pegá-lo para levá-lo escada acima, mas quando afastei o cobertor que o cobria, escapou-me um grito abafado; estava nu, e sua perna direita fora amputada logo abaixo do joelho.

Capítulo 5

O UNIVERSO PÔS-SE A GIRAR em torno da perna amputada de Adam, e eu sentia como se descendo em queda livre ao longo de uma vida que me parecia impossível. Você faz alguma ideia da sensação que é ver um menino de 9 anos mutilado? Tomamos consciência que tudo pode acontecer: o sol pode escurecer e morrer diante dos nossos olhos; a terra pode abrir-se numa fenda e engolir a rua... Cada batida do nosso coração parece ser a prova de que tudo o que vemos e sentimos é demasiado improvável para ser outra coisa que não um sonho.

Uma revelação: a morte de Adam e o destino dos judeus estavam ligados. O pânico levou-me a alinhar essa conclusão, e perguntei a mim mesmo quantos meses nos restariam.

Olhei freneticamente em volta da carreta, procurando o que fora amputado a Adam, como se um incêndio devorasse meu coração.

— O que fez ao meu sobrinho? — perguntei ao cangalheiro.

Ao falar com você, Heniek, vou me recordando de detalhes que já tinha esquecido havia muito. Agora vejo o homem alto que batera à nossa porta a interpor-se entre mim e o cangalheiro para responder à minha pergunta. Com o seu cachecol branco e o chapéu de feltro, parecia uma versão de Al Capone adaptada ao gueto. Apresentou-se como Benjamin Schrei e disse que era representante do Conselho Judaico.

— Por que não subimos até o seu apartamento, onde poderemos falar calmamente? — sugeriu.

— Calmamente? — berrei. — Acha que consigo falar *calmamente* num momento destes?

Num gesto brusco, soltei-me da mão com que ele agarrara meu braço. Lançou-me um olhar duro, como se já tivesse chegado à conclusão de que eu ia dar-lhe trabalho. Inclinando-se para mim, segredou:

— A Polícia Judaica encontrou Adam no arame farpado junto ao cruzamento da rua Chłodna. Os alemães devem tê-lo jogado lá durante a noite. Cortamos o arame para

desprendê-lo. Precisamos conversar.

Parti do princípio de que a polícia não tinha conseguido tirar Adam daqueles ávidos rolos de metal sem lhe cortar a perna. Claro que cortar o arame farpado teria sido mais fácil e rápido, mas qualquer judeu que o tentasse teria sido executado pelos nazis por estar interferindo com a nossa fronteira.

Talvez eu tenha feito um esgar ao imaginar o que acontecera, porque o rosto de Schrei suavizou-se, e ele disse:

— Desculpe ter de falar nessas coisas.

Seria genuína, a sua compaixão? Naquelas primeiras horas que se seguiram à morte de Adam, parecia que todos eram atores de teatro a debitar as respectivas deixas.

— Me dê cinco minutos, que eu já falo com o senhor — disse-lhe eu.

Heniek, você teria sido capaz de deixar Adam ali estendido ao seu lado sem tocar aquilo que lhe tinham feito? Você desvia o olhar, como a dizer-me que não tenho o direito de lhe perguntar isso, mas o que eu quero dizer é que tinha de saber a forma e a extensão daquilo que acontecera.

Devagar, minha mão avançou por baixo do cobertor. A pele dele estava rija, como se fosse couro, e quando uma aresta afiada me picou a palma — osso —, retirei a mão num gesto brusco. Senti uma náusea no estômago que me subiu até ao peito, e tive de me debruçar sobre a antepara da carreta. Um vizinho estendeu-me uma caneca de alumínio com água, e eu bebi.

Quando olhei em volta e reconheci alguns rostos na multidão que se juntara, tive vontade de fugir dali, mas também queria ficar na carreta para sempre, para não ter de voltar à vida que me esperava.

Agora, cada dia que passasse haveria de me levar cada vez para mais longe do meu sobrinho. Não me parecia que conseguisse sobreviver à distância crescente entre nós.

Nunca mais vou medir a altura de Adam.

Vieram-me ao espírito tantos *nuncas* nesse primeiro dia, mas é desse que me lembro mais.

O braço direito de Adam apresentava arranhões causados pelo metal afiado, e estava torcido quase em ângulo reto, devido à posição em que devia ter ficado pendurado quando o jogaram no arame farpado. Tinha o joelho e o pé esquerdos dobrados para fora. As mãos estavam cerradas em punho, mas quando tentei abrir uma delas, ouvi um estalido seco e parei de puxar.

Devia ter lutado para se defender. Imaginei-o dando murros e pontapés, e gritando por mim.

A morte de uma criança é um acontecimento isolado no tempo, mas a recordação dela estende-se para abranger uma vida inteira. Nada do que alguma vez fizera — nem sequer quando era novo — estava isento da sua perda: nem os meus dias de escola com Izzy, nem o meu casamento, nem o nascimento de Liesel.

De repente, Ewa surgiu do nada. Mais tarde, contou-me que se precipitara para a rua quando ouvira um grito agudo, mas não me lembro de ouvir ninguém gritar. Quase todo mundo do nosso bairro conhecia Adam desde bebê, e alguém dentre eles deve ter deixado escapar um grito quando o viu.

Ewa começou um choro lamentoso, desesperado. Acorreram várias vizinhas. A certa altura, devo ter me juntado ao grupo delas, ou então chamei-a para junto de mim. Devo ter-lhe pedido para ir procurar Stefa, dizendo-lhe aonde ela tinha ido, mas não me lembro de nada disso.

Se tivesse pensado no nosso exílio no gueto como um sonho e o tivesse interpretado corretamente, teria vivido com mais cuidado, porque então saberia que tinham nos transportado para uma ilha a fim de nos roubar o nosso futuro — e impedir que o resto do mundo soubesse. Eu devia ter sido um dos primeiros a entender!

E devia ter adivinhado que Adam iria atravessar correndo todas as pontes proibidas do mundo para salvar Gloria.

Vou ter de avisar a Stefa para não erguer o cobertor, senão a maldição recairá sobre ela como recaiu sobre mim.

Quando vi minha sobrinha correndo na minha direção, pus a mão sobre a cabeça de Adam, porque o cabelo era a única parte dele que continuava suave, e eu tinha o pavor de esquecer aquele toque sedoso, e sabia que agora ia ter de desistir da posse dele a favor da mãe.

Stefa avançou lentamente, com os braços cruzados e apertados contra o peito. Olhou para o filho e depois para mim com uma expressão perplexa, como que a pedir-me que explicasse um grande mistério. Não chorou. Avançava enleada num negro feitiço de silêncio. O nariz escorria e os olhos estavam vermelhos. Arfava, como quem perdeu o fôlego.

Ewa ajudou-a a subir na carreta. Beijou-me na testa e apertou minha mão. Não era habitual nela expressar afeição de forma tão aberta, mas só pensei nisso mais tarde.

Tirando as luvas de lã, pegou a mão de Adam e apertou-a contra a face, depois a colocou sobre a boca e pressionou os lábios contra a palma dele. Fez deslizar as pontas dos dedos do filho sobre as suas pálpebras fechadas, e foi então que chegaram as primeiras lágrimas, acompanhadas de um soluço abafado.

— Stefa... — comecei, mas seus gemidos abafaram minhas palavras.

Quando tomou Adam nos braços, o cobertor escorregou até à cintura dele. Tinha de lhe dizer já que não olhasse mais abaixo, mas a minha voz fora engolida pela terrível estranheza daquele momento — a sensação de que todo o futuro da terra e do céu girava em volta do que ali se passava.

Stefa pôs-se a embalar Adam como se fosse um bebê. Quando baixou a mão para puxar o cobertor até o peito do filho, viu o que lhe fora cortado, e começou a uivar. Era o som de um animal a quem estivessem arrancando o útero.*

Nota

* Erik ficou em silêncio depois de me contar isto e, embora eu tentasse falar com ele, não deu qualquer sinal de me ter ouvido. Parecia ter entrado em transe, e durante várias horas não conseguiu voltar a si.

Capítulo 6

EU HAVIA COLOCADO DE VOLTA o gorro em Stefa, mas ela continuava tremendo como se tivesse caído por uma fenda aberta no gelo de um lago invernosos. Concordou em falar com o Sr. Schrei, o representante do Conselho Judaico, na condição de o filho continuar coberto e vigiado por alguém até decidirmos os planos para o funeral. Ewa ajudou-me a amparar minha sobrinha enquanto subíamos penosamente as escadas. No patamar, ela pôs-se a tossir como se tivesse os pulmões repletos de areia grossa.

Fechando a porta atrás de nós, sentei minha sobrinha na cama, aconcheguei um xale em volta de suas pernas e trouxe-lhe uma xícara do café que fizera de manhã cedo, incrementando-o com um pouco de vodca, mas ela manteve as mãos entrelaçadas e recusou-se a tocar na bebida. Curvou a cabeça sobre o colo como uma velha viúva enrolada em sua solidão, protegendo-se de um mundo onde deixara de ter um lar.

Acho que já prometera a si própria que seus pensamentos nunca mais abandonariam o filho — e entrara em greve contra um mundo onde era possível assassinar uma criança.

Tirei o cocar de Adam de cima de nossa cadeira de couro desbotado — achava que tinha costurado a pena que caíra — e convidei o Sr. Schrei, que ficara de pé à entrada da porta, a sentar-se nele. Ewa trouxe-lhe café. Depois de um primeiro gole, recostou-se para trás com um suspiro destinado a convencer-nos de que se sentia exausto, o que me irritou, até perceber como tudo aquilo devia ser embaraçoso para ele. Endireitei-me na cadeira o máximo que pude, para combater a vontade que tinha de me esconder, e tentei encher o cachimbo, mas minhas mãos revelaram-se inaptas demais para a tarefa. Ewa recostou-se para trás contra o beirado da janela, vigiando Stefa com preocupação maternal. Apertava entre os dentes seu colar de contas de âmbar. Quando nossos olhos se encontraram, meneou a cabeça, como que dizendo: *Não consigo acreditar.*

O Sr. Schrei disse-nos que Adam devia ter sido apanhado fora do gueto pelos nazis, e

logo executado.

— Atiraram-no por cima do arame farpado porque queriam que nós o descobríssemos — disse ele com autoridade. — Acho que a morte dele foi um recado.

— Um recado sobre o quê? — perguntei.

Ele inclinou-se para a frente, as mãos pousadas sobre os joelhos.

— Como aviso do que espera os meninos que forem apanhados fazendo contrabando; um desincentivo, se preferir. Os alemães começaram recentemente a exercer pressão sobre o Conselho para conter o comércio ilegal. Acho que foi por isto que... que cortaram a perna de Adam: para nos levarem, pelo medo, a aceitar passivamente nosso destino.

— Mas... mas eu pensava que tinha sido a única maneira de a Polícia Judaica conseguir desprender Adam do arame farpado.

— Lamento se lhe dei essa impressão. A verdade é que Adam já foi encontrado assim.

Olhei para Stefa. Tinha os lábios e os olhos cerrados com força e balançava-se suavemente de um lado para o outro, como se imaginasse ter Adam nos braços. Eu queria estar sozinho com ela, queria que a noite caísse rapidamente. Na escuridão, flutuando para longe das nossas esperanças, talvez minha sobrinha e eu conseguíssemos descobrir uma maneira de falar um com o outro, uma maneira que fizesse sentido. Talvez ela, por fim, conseguisse descobrir um caminho para seguir em frente.

A voz hesitante de Ewa cortou o silêncio:

— Sr. Schrei, como... como é que os alemães o executaram?

— Não tenho certeza — respondeu ele. — O nosso médico não conseguiu identificar mais nenhum ferimento.

— Vamos ter de descobrir — disse-lhe eu.

— Por quê? — perguntou Stefa, abrindo os olhos.

— Acho que devíamos saber o que os alemães lhe fizeram.

— Agora já não faz diferença — observou ela. Com os olhos fixos no chão, acrescentou: — Não quero que ninguém toque no Adam, só eu.

Ajoelhei-me junto dela.

— Ninguém vai tocar nele — garanti-lhe, mas já sabia que estava mentindo e, em silêncio, pedi que me perdoasse.

Minha sobrinha acariciou meu rosto à guisa de agradecimento, depois tirou o cachecol, colocando-o atrás dela sobre a cama, muito bem esticado. Seus gestos — com uma precisão exagerada — me causaram arrepios.

Tinha o cabelo colado ao pescoço de tanto transpirar. Ergui a mão para lhe tirar o gorro, mas ela segurou meu braço no ar.

— Não! Tenho de guardar os meus pensamentos aqui dentro! — disse com brusquidão. No desejo de escapar de minha intrusão, pôs-se de pé e respirou fundo. Ergui-me com ela, mas não me atrevi a tocá-la. — Preciso colocar água para ferver — disse ela. Com um rápido

olhar a Ewa, e depois ao Sr. Schrei, acrescentou: — Queiram desculpar-me.

Assim que deu o primeiro passo, revirou os olhos e caiu. Agarrei-a antes de tocar o chão, e Ewa ajudou-me a deitá-la sobre a cama.

Apliquei-lhe uma compressa fria na testa, chamando-a baixinho pelo nome. Quando voltou a si, o Sr. Schrei foi buscar um copo d'água, que Ewa levou aos lábios dela. Minha sobrinha bebeu em goles minúsculos, olhando em volta do quarto, espantada por se encontrar em casa.

Ewa ajudou-a a se sentar na cama.

— Vá, vou ajudá-la a deitar — disse.

— Não, por favor — pediu Stefa, a testa enrugada de preocupação. — Me leve para a cozinha.

— Ela precisa de ar — observei eu. — Sente-se à janela, Stefa. Eu abro uma fresta. Você precisa ficar sentada e quieta alguns minutos.

— Não, preciso de duas toalhas, uma pequena e uma grande. Tio Erik, vá buscá-las no meu armário... na prateleira de baixo. — Apontou para o quarto.

Eu percebi qual era a intenção dela, mas Ewa deve ter exibido um ar perplexo; Stefa pegou-lhe na mão e murmurou:

— Preciso lavar o meu filho, prepará-lo para... para...

Parou, incapaz de pronunciar a palavra *enterro*.

Quando Ewa saiu para levar minha sobrinha até a cozinha, o Sr. Schrei levantou-se. Chegando ao espelho junto à minha escrivaninha, pôs o chapéu, inclinando-o para o lado num toque de estilo. Percebi que se orgulhava de ser um belo homem, e calculei que lhe devia ser penoso envelhecer. Em outras palavras, tal como eu, embora eu tivesse sido vaidoso sem a vantagem de ser bem-apessoado. Virando-se para mim, disse:

— Por favor, aceite os meus pêsames e os do Conselho. — Já à porta, acrescentou: — Só mais uma coisa. Ficaríamos muito gratos se não mencionasse a ninguém que cortaram a perna de seu sobrinho. Isso poderia criar problemas. Por favor, diga isso à sua sobrinha e à outra senhora. Desculpe, não sei o nome dela.

— Ewa. Que tipo de problemas? — Comecei a encher de novo o meu cachimbo; estava doido para fumar.

— Sabe como alguns dos judeus do campo são supersticiosos sobre isto de enterrar corpos que não estão inteiros... acham que são obrigados a vagar pela terra como espíritos sem corpo, e esse tipo de disparates. — Arregalou os olhos, só de pensar nisso. — Se a notícia do que se passou se espalhar, pode semear o pânico. E como se trata de um caso isolado, seria melhor se nós... bom, já percebeu o que quero dizer.

— Não, para dizer a verdade não percebi — disse-lhe eu.

— Um pouco de descrição vai ajudar muito a manter as coisas sob controle — observou ele.

Quando apertou minha mão para se despedir, retorqui-lhe, exasperado:

— Acha mesmo que *manter as coisas sob controle* tem agora a menor importância para mim?

Lá fora, o cangalheiro, que se chamava Schmul, disse-me para ir à sede da Pinkiert, para adiantar o pagamento do funeral. E acrescentou que tinha de ir embora. Dei-lhe 5 zlotys para ficar conosco até Stefa poder lavar o filho. Ele ajudou-me a levar o corpo para o pátio. Eu bebi uns goles da garrafa de vodca que levava para baixo, pus os meus óculos de leitura e ajoelhei junto ao meu sobrinho, ajustando o cobertor de forma a cobrir-lhe apenas o rosto. Sabe, Heniek, eu então só tinha um objetivo.

Capítulo 7

ADAM ESTAVA MUITO ARRANHADO DO arame farpado, especialmente na barriga e no peito, que deve ter sido onde ficou preso nos rolos. Mas não havia sangue em nenhum dos arranhões, o que parecia indicar que já estaria morto havia cerca de uma hora — tendo portanto as veias e artérias já secas — antes de ser jogado lá.

Não consegui descobrir qualquer ferimento de bala ou de instrumento cortante, mas na área das costelas exibia hematomas do tamanho de botões, de um castanho avermelhado, todos entre a elevação aguçada do quadril direito e o esterno: a marca de uma mão.

Calculei que o maior correspondesse ao ponto onde o polegar exercera pressão, e tentei fazer coincidir as pontas dos meus dedos com as marcas na pele dele, mas não consegui abrir a mão o suficiente. Quem quer que tivesse cortado a perna de Adam era, quase com certeza, um homem, e provavelmente maior do que eu.

O assassino — ou seu cúmplice — devia ter usado a mão esquerda como alavanca sobre o corpo, enquanto serrava com a direita. Para ter causado manchas roxas tão profundas, devia ter feito muita força sobre o peito do menino.

Quando imitei o que imaginei que ele fizera, um pequeno movimento vindo de dentro do corpo, como de um trinco se abrindo, quase fez meu coração parar. Inclinando-me para a frente, voltei a fazer pressão e ouvi um estalido — uma costela estava partida.

Fechei os olhos para evitar outra náusea. Percebi que quem quer que tivesse cortado a perna de Adam devia ter feito pressão suficiente sobre o corpo dele para lhe partir os ossos. Por que precisara aplicar tanta força? Talvez a serra estivesse cega por ser velha ou muito usada, e ele precisara exercer o poder de alavanca para conseguir cortar o osso. Ou talvez tivesse trabalhado com uma pressa febril e tivesse se descuidado — ou porque se arriscava a ser visto, ou porque não gostava do que estava fazendo.

Teria um nazista obrigado um polonês cristão, ou mesmo um judeu, a mutilar Adam?

Angustiado dentro da prisão suada das minhas roupas, deixei escorregar o casaco dos ombros e joguei-o junto com o chapéu. Sabendo o que tinha de fazer a seguir, engoli de um só trago o resto da vodca.

Levantando com medo o cobertor que cobria o rosto de Adam, descobri um golpe minúsculo no lábio inferior. Seria um arranhão do arame farpado? Toquei-o com a extremidade do dedo, e em seguida afastei suavemente seus lábios. Tinha a ponta de um fio branco presa entre os dentes. Com a respiração suspensa, puxei-a, mas não se mexeu um milímetro.

Não podia me arriscar a partir-lhe o maxilar ou a fazer-lhe feridas nos lábios. Cobri seu rosto e perguntei a Schmul quanto tempo levaria até o corpo ficar de novo flexível.

— Até três dias — respondeu ele.

Stefa era mais religiosa do que eu, nunca esperaria tanto tempo para enterrar Adam; o que criava um dilema.

— Preciso que leve rápido um recado a um amigo meu — disse eu ao cangalheiro, dando-lhe todos os zlotys que me restavam no bolso, o que ele recusou, dizendo que já lhe dera o suficiente. Expliquei-lhe onde encontraria Izzy, e o que devia lhe dizer.

Stefa podia aparecer a qualquer momento, por isso, assim que Schmul virou as costas, voltei a dirigir a minha atenção para Adam. Não consegui descobrir marcas de sangue em seu ventre, nem no peito, nem atrás, o que era mais um sinal de que quem o tinha desfigurado deixara o sangue do menino coagular antes de começar o trabalho. Contudo, o assassino, ou o seu ajudante, não tinha esperado muito tempo, porque, se tivesse, os capilares existentes no peito de Adam não teriam sangrado nada ao serem pressionados, e não teriam aparecido quaisquer hematomas.

Evidentemente, também era possível que Adam tivesse sido mutilado logo após ser morto e sangrado profusamente, mas cuidadosamente lavado logo em seguida. Contudo, parecia-me pouco provável que alguém perdesse tanto tempo limpando um menino judeu que em breve seria jogado à rua.

Foi um homem destro — maior do que eu — e que trabalhou o mais depressa possível, porque não gostava do que fora obrigado a fazer, ou então tinha medo de ser apanhado.

A essa altura a vodca já começara a enevoar-me as ideias, por isso deitei-me, apoiando a cabeça no cimento do pátio. E, no meio do fluxo constante das nuvens, percebi que o assassino de Adam levava embora o meu terror da morte; nunca poderia me acontecer nada de pior.

Izzy e Schmul me ajudaram a levantar-me assim que chegaram.

— Algum sinal de Stefa? — perguntei.

— Nenhum — respondeu Izzy. — Quer que eu vá ver como ela está?

— Não, não vá. Se ainda não desceu, é porque Ewa conseguiu convencê-la a tentar

dormir um pouco.

Quando disse a Izzy o que queria que ele fizesse, ele abanou a cabeça, erguendo a mão entre nós, como um escudo de proteção.

— Desculpe, Erik, não posso... É impossível.

— Por favor, olhe o que fizeram a Adam. Precisamos descobrir o que aconteceu.

Assim que levantei a ponta do cobertor que cobria o quadril do menino, Izzy afastou-se para trás, à procura da estabilidade de uma parede inexistente, e quase se estatelou no chão. Ficamos olhando um para o outro através de cinquenta anos de amizade; dois velhos que percebem não haver palavras em nenhuma língua que descrevam uma perda — e uma ignomínia — como aquela.

Desatou a chorar em meus braços. O tremor do seu corpo transportou-me de volta a um passado remoto.

Mas ele me trouxe de novo ao presente. Endireitou-se e recuou, limpando os olhos.

— Erik, acho que não consigo tocá-lo — disse-me ele.

— Por favor, Izzy, tem de ser alguém que o tenha amado. Não posso deixar que ninguém mais o faça.

Ergueu as mãos para se explicar, mas baixou-as outra vez, desolado.

— Ninguém mais terá tanto cuidado como você — disse-lhe eu. — Preciso mais de você do que jamais precisei de alguém.

Sentando-se no chão, tirou uma minúscula pinça da pequena mala de couro que trouxera com ele; depois virou-se para mim.

— Peço-lhe por tudo, Erik, não olhe.

Fui com Schmul para o vestíbulo do prédio de Stefã. Logo Izzy estava de volta, com um cordel branco de uns 5 centímetros de comprimento preso entre os dedos. Não tinha qualquer sinal de sangue.

— Tem alguma ideia de onde é que veio isto? — perguntou, deixando-o cair na palma da minha mão.

— Nenhuma.

— Como acha que foi parar na boca de Adam?

— Talvez quem o matou o tenha posto lá para nos dizer qualquer coisa sobre si próprio — especulei. — Uma espécie de cartão de visita.

— Acha que há um nazista a nos desafiar para o descobrirmos?

— Talvez. Embora também seja possível que Adam tenha conseguido pôr o fio na boca disfarçadamente, sabendo que talvez ajudasse a identificar a pessoa que fez isto. Era um menino esperto.

Schmul tinha ouvido a nossa conversa.

— Mas, Dr. Cohen — disse ele —, então e a perna dele? O que é que isso quer dizer?

— Isso? Isso significa que quem quer que tenha feito isto não gosta de você nem de mim

— respondi-lhe —, nem de ninguém que alguma vez tenhamos conhecido.

Stefa e Ewa chegaram ao pátio alguns minutos depois, com toalhas, sabão e um balde de água quente. Minha sobrinha tinha os olhos tão vermelhos que parecia que tinham sangrado.

— Eu vou à Pinkiert organizar tudo — garanti-lhe. — Mas primeiro me diga se conseguiu descobrir alguma coisa na rua Leszno número 57.

— Não estou entendendo — respondeu.

— No lugar onde Adam deve ter passado para o outro lado. Alguém o viu por lá?

— Não.

Dirigi-me à sede da Pinkiert, que ficava ao lado do edifício do Conselho Judaico na rua Grzybowska, e marquei um funeral para a tarde do dia seguinte, às 13 horas. No número 57 da rua Leszno, Abram Piotrowicz convidou-me a entrar em seu apartamento e repetiu-me o que já tinha dito a Stefa de madrugada: o guarda, Grylek Baer, não vira Adam no dia anterior.

— Então preciso de uma lista das travessias clandestinas — disse eu a Abram.

— Grylek colabora nisso. Vou pedir que alguém lhe traga a lista hoje à tarde.

— E pergunte a ele se sabe quem contratou Adam para levar lá para fora um casaco de arminho.

Nessa mesma tarde, consegui falar com todos os amigos de Adam lá do bairro. Wolfi jurou que só conhecia o prédio da rua Leszno como ponto de travessia clandestina, mas Sarah, Felicia e Feivel conseguiram me dar a localização de mais quatro lugares por onde meu sobrinho poderia ter escapado. O menino, com aquele seu cabelo áspero e desganhado que lhe dava a aparência de um esfregão, torcia as mãos como um adulto enquanto falava e, embora lavado em lágrimas pelo desgosto, confessou corajosamente que Adam o acompanhara duas vezes até o “Outro Lado”, o que me revelou que meu sobrinho levava uma vida dupla. Com a mãe de pé atrás dele, emudecida pelo espanto, Feivel explicou que a ideia deles era roubar comida, mas que a coragem os abandonara no último instante, e tudo o que conseguiram arranjar foram esmolas de pão e compota, dadas por alguns comerciantes. Dei-lhe um beijo no topo da cabeça, para ele perceber que eu não estava zangado. Mesmo assim, a mente pode ser cruel; eu queria que tivesse sido ele a morrer em vez de meu sobrinho.

Mostrei uma fotografia de Adam ao guarda da rua Krochmalna, onde ele e Feivel tinham passado para o Outro Lado, mas, embora ele se lembrasse de meu sobrinho, não o via fazia várias semanas. Nos outros pontos de passagem, ninguém reconheceu o menino. Só me deram uma pista: no último lugar aonde fui, o porão de um restaurante imundo, um contrabandista adolescente com ar de durão chamado Marcel sugeriu que perguntasse num armazém da rua Ogrodowa, onde fora aberto um túnel que levava ao sistema de esgotos.

— A passagem é tão estreita que só a molecada consegue passar — sublinhou. — Tente falar com o dono, Sándor Góra.

Lembrei-me daquela vez em que Adam viera para casa cheirando muito mal, e achei que agora já sabia por quê.

À medida que me aproximava do meu destino, quatro rapazes empoleirados no telhado de um prédio residencial situado no lado cristão do muro do gueto começaram a atirar pedras contra mim. Um momento depois de ter começado a correr, levei uma pedrada no ombro que me fez cair sobre um joelho.

Os garotos gritaram que eu era um alvo fácil demais. Por sorte, não me parecia ter quebrado nada, e a fúria me deu forças. Pondo-me novamente em pé, continuei a correr, com o casaco protegendo minha cabeça, até que uma mulher que vinha em sentido contrário levou também uma pedrada. Com um grito agudo, desequilibrou-se para o lado, caindo violentamente no chão empedrado.

— Morra, cabra judia! — gritou-lhe em polonês um dos brigões.

Ajoelhei-me, tirei o lenço do bolso e estanquei o sangue que brotava de um corte profundo abaixo de sua orelha. No chão, ao seu lado, jazia um pedaço de cimento do tamanho de um punho. A mulher estava tonta da pancada. Quando conseguiu recuperar o fôlego, gemeu:

— Acho que quebrei a clavícula.

Os meteoritos poloneses continuavam chovendo à nossa volta. Segurei o casaco sobre o rosto da mulher.

— Consegue se levantar? — perguntei, com a intenção de levá-la para mais perto do muro, onde não poderíamos ser atingidos.

— Não.

— Vou levá-la a um médico — acalmei-a, e, para ver como estava seu raciocínio, perguntei-lhe em que ano estávamos.

— Ainda preciso me importar com a data, com os ossos quebrados por *Goyim*? — retrucou, zangada.

Sorri perante sua fúria. E ela também, mas depois soltou um gemido de dor e mordeu o lábio.

Um jovem alto apareceu ao meu lado, vindo do nada. Pegando a mulher, transportou-a nos braços, com passos pesados e incertos. Encontramos um porto seguro na sala de espera de um oftalmologista.

Meia hora depois, após os garotos brigões se cansarem do tiro ao alvo, retomei meu caminho, chegando depressa ao escritório de Góra. Era um homem pançudo, vestido com um terno apertado, uma gravata de bolinhas e um cravo vermelho na lapela. Ultimamente ganhava a vida gerindo um negócio de *import-export*, disse-me, com uma gargalhada sonora para

acompanhar. Achei que ele parecia um vigarista barato. Cheirava a água de colônia almiscarada.

Depois de lhe explicar a razão da minha visita, estendi-lhe a fotografia de Adam. Enquanto a estudava, ia palitando os dentes da frente com a unha do mindinho, de fazer inveja a qualquer violonista. Quando me devolveu a foto, declarou:

— Lamento, nunca o vi. Mas há outros túneis que levam ao sistema de esgotos. Ele deve ter passado por um desses. — Prevendo a pergunta que eu ia lhe fazer depois, acrescentou: — Não, não sei onde fica nenhum deles.

De volta a casa, dei com um jovem forte de pele clara de pé junto à cadeira do meu quarto, com um ar hostil nos olhos pequenos e escuros. Tinha as mãos cruzadas atrás das costas, e a fumaça do seu cigarro, que eu não via, subia em espirais até a crua luz amarela do candeeiro do teto, onde as traças se acumulavam na taça de vidro por baixo da lâmpada. Seu sobretudo de pelo de camelo era surrado, e o colarinho da camisa branca estava cheio de manchas. Usava o cabelo castanho e espesso cortado bem curto, lembrando os pelos de um porco-espinho. Era bem-apessoado, de uma beleza eslava, dura.

— Deve ser o Dr. Cohen — começou, falando em polonês.

— Sou.

— Eu sou Grylek Baer. — Falava com ar brusco, como se eu o tivesse ofendido.

— Ah, então é você o guarda da rua Leszno — disse eu em tom amigável, para compensar a minha apreensão inicial, ao mesmo tempo que pendurava o casaco no bengaleiro.

— Isso mesmo.

— Como é que entrou? — eu quis saber.

— Foi sua sobrinha que me abriu a porta. Ela foi se deitar há pouco.

Quando apertamos as mãos, ele agarrou a minha com força, como que para provar que era mais forte. Tinha os dedos das mãos cheios de calos. Eu diria que ele tinha 20 anos, mas a firmeza da sua postura levou-me a pensar que bem podia ser muito mais velho do que isso.

— Obrigado por ter vindo — disse eu.

O maxilar de Grylek latejava enquanto tragava avidamente o cigarro, esmagando-o, em seguida, no cinzeiro de barro que Adam fizera para mim e que eu mantinha sempre na mesinha de chá junto à minha cadeira. Seus gestos eram lentos, como se estivesse pensando no que tinha para me dizer.

Cada vez mais eu dividia os judeus de Varsóvia em duas categorias — aqueles que sobreviveriam aos nazistas e aqueles que se juntariam a Adam. Na minha opinião, Grylek abria caminho aos empurrões e cotoveladas até a fila da frente do primeiro grupo.

— Conseguiu arranjar-me uma lista das travessias? — perguntei-lhe.

— Consegui, mas antes de dá-la ao senhor tenho de explicar como funciona. — Olhou para mim como se eu já lhe tivesse causado aborrecimentos no passado. — É preciso que tenha paciência, porque há algumas coisas que precisa saber antes de eu poder dar-lhe aquilo

que quer.

— Que coisas?

Ele tirou o casaco, dobrou-o cuidadosamente e colocou-o sobre a cadeira. Tinha os ombros largos e potentes, como se tivesse sido pugilista antes do nosso exílio, e parecia ser um daqueles homens que gostam de fazer os outros esperarem. Abriu e fechou o punho direito, como se testando as próprias capacidades. *Ele quer que eu saiba que é capaz de ser violento*, pensei.

— Não pode mencionar meu nome a ninguém — começou, com um óbvio tom de aviso na voz. — E não pode falar de mim a ninguém do Conselho Judaico. Nem dar a entender a alguém, seja de que modo for, que estive aqui. Não posso correr nenhum risco. E, se alguma vez disser a alguém quem lhe deu a lista que lhe vou passar, voltarei para ajustar contas com o senhor. Estamos entendidos?

— Mas tenho certeza de que as altas entidades judaicas estão todas a par daquilo que você faz — respondi.

— Talvez estejam, talvez não. Por enquanto, não estão me chateando. Mas se ouvirem falar demais sobre as minhas atividades, especialmente de alguém como o senhor, vão fazer da minha vida um inferno.

— Como eu, em que aspecto?

— Poupe-me a falsa modéstia — replicou, com a voz endurecida pelo aborrecimento. — O senhor antes era importante, e sabe-o muito bem. Portanto, estamos entendidos ou não?

— Eu nunca o denunciaria — disse-lhe, ofendido.

— Talvez não intencionalmente, mas Marcel, o jovem contrabandista com quem se encontrou... disse-me que o senhor tinha mencionado o meu nome. Não pode fazer isso. Então, tenho a sua palavra? — Olhou-me friamente. Tive a sensação de que exigia lealdade absoluta daqueles que o rodeavam.

— Prometo que nunca usarei o seu nome — respondi.

— Ótimo. Bem — disse ele em tom mais suave —, se me permite um conselho, nunca use o nome *verdadeiro* de ninguém, tampouco o endereço. Se o fizer, acaba no arame farpado.

— Mas por quê?

— Não reparou em todos aqueles grandes *machers* no Café Hirschfeld? — disse ele, mudando para iídiche. — Estão se transformando em reis Midas à custa do nosso enclausuramento. E quando o ouro deles é ameaçado... — Passou o indicador pelo pescoço.

Falava em iídiche para me convencer de que podia confiar nele apesar da sua hostilidade, mas o artifício só conseguiu me irritar.

— Contudo — disse-lhe eu —, tenho de descobrir o que aconteceu ao Adam.

— E eu quero que descubra! — garantiu-me ele. — É por isso que estou aqui, e é por isso que fiz a minha lista. Onde podemos nos sentar para conversar? — perguntou, ansioso.

— À mesa da cozinha — respondi, fazendo-lhe um gesto para me seguir.

— Desculpe se lhe falei com aspereza — disse, e, quando me virei para ele, abriu um sorriso rasgado; desaparecera a sua angústia febril.*

— Vamos ao que interessa, Dr. Cohen — disse ele quando nos sentamos. — Não sou ingênuo. As coisas vão acabar mal para mim mais cedo ou mais tarde, mas quero adiar esse dia o máximo que puder. Percebe o que quero dizer?

— Perfeitamente — respondi. Ali, sentado à frente dele, me senti como se fosse seu adversário num jogo que só ele sabia jogar.

— Seu amigo Abram cometeu um erro quando lhe deu meu nome verdadeiro. Foi um risco estúpido. Já tive uma longa conversa com ele.

— Estava perturbado. Eu tinha acabado de lhe contar o que acontecera ao meu sobrinho.

— Perturbado? — Grylek ergueu as sobrancelhas com ar interrogador, acrescentando: — Não acha que estamos todos perturbados? Ouça, Dr. Cohen — continuou, em tom mais amigável —, deixe-me explicar-lhe como isto funciona. Todas as pessoas do meu mundo utilizam nomes falsos. Por isso, se precisar se referir a mim, me chame de Rabe: anagrama de Baer. — Tirou um quadrado de papel do bolso da camisa e começou a desdobrá-lo, mas de repente parou. — Sabe, se quer mesmo investigar o assassinato do seu sobrinho-neto, também devia adotar um anagrama. Pensei nisso quando vinha para cá. Experimente Honec; conheci uma vez um romancista tcheco com esse nome.**

— Vou pensar nisso — respondi. A essa altura, era só para agradá-lo.

Grylek desdobrou o papel e o passou para minhas mãos. Pus os óculos de leitura, porque a caligrafia era minúscula e irregular. Enquanto eu ia analisando os sete endereços relativos às travessias clandestinas que ele anotara, e os nomes dos respectivos guardas, ele pegou uma caixa de cigarros alemães — Muratti Ariston — e ofereceu-me um, que aceitei.

— Contrabando? — perguntei.

— Pode crer! — respondeu, com um sorriso orgulhoso. Acendeu meu cigarro com gestos teatrais da mão, depois levou a chama ao seu e inspirou profundamente. Tive a sensação de que, quando era mais novo, sonhara ser um astro de Hollywood; e de que ainda hoje gostava de desempenhar papéis de herói.

— Consegui saber quem pediu ao meu sobrinho que passasse um casaco de arminho lá para fora? — perguntei.

— Não tive sorte, embora tenha me cansado de perguntar.

Nos meus pesadelos, Heniek, tenho visto Rabe como dois homens diferentes, um deles com um brilho assassino no olhar e falando polonês e o outro um duende do gueto, sempre à espreita de uma malandragem e falando comigo num iídiche cantante e brincalhão. Mesmo assim, sou-lhe grato; fez com que eu percebesse que o jogo em que estávamos metidos era de alto risco.

— Quanto à lista, os nomes são todos anagramas — explicou. — E também alterei os números.

— Mas assim nunca vou descobrir os pontos de travessia! — queixei-me, com a cabeça entre as mãos.

— Descubra, ora! — respondeu ele alegremente, como um mágico encantado por ensinar seus truques a um protegido. — Porque vou explicar-lhe como isto funciona. — Abriu a mão direita, mostrando-me na palma uma série de números escritos aos pares. O primeiro par era 7-2. — Sempre que vir 7 num endereço, mude-o para 2 na sua cabeça. Fixou?***

— Acho que sim.

— E, desde que saiba o código, saberá todos os segredos do gueto — gracejou.

— Quem me dera — respondi.

— Por agora decore só os pares, e também os nomes das ruas. Conseguirá decifrar os nomes verdadeiros se ficar uns minutos sentado com um papel e uma caneta. Garanto-lhe.

— Não tenho tanta certeza. Nunca fiz nada parecido.

— Ouça, não tenho pressa nenhuma. Quando me disser que tem tudo bem guardado na cabeça, lavo minhas mãos.

Foi mais difícil decorar a lista dele do que eu imaginara; não conseguia deixar de pensar na felicidade que devia ter sido para Adam aquele trabalho de capa e espada. Só depois de ter terminado, quando Grylek se pôs a esfregar a palma da mão no lavatório, é que percebi o óbvio: meu sobrinho entrara naquele submundo muito antes de mim.

Notas

* Ao rever o manuscrito, Erik pediu-me que riscasse aqui uma frase: “Mas eu praticara a psiquiatria durante tempo suficiente para perceber que a sua apreensão — e fúria — podia irromper a qualquer momento.” De início, parti do princípio de que fizera esse corte por razões estilísticas, mas depois comecei a pensar se ele não teria pretendido reduzir a um mínimo as referências à sua profissão.

** Foi neste momento que percebi que Erik poderia ter atribuído anagramas aos nomes dos amigos e conhecidos logo desde o início da sua história, e mais tarde acabei por confirmar a minha suspeita. Na realidade, era prática bastante comum no gueto àquela altura. Neste caso, Grylek Baer se refere ao romancista checo judeu, Melech Honec. Depois da guerra, vim a saber que Melech vivera no número 12 da rua Franciszkanska, o prédio de Stefa. Descobri também que os três romances de Melech — todos não publicados — foram confiscados e provavelmente destruídos pelos nazistas em setembro de 1940. É importante saber que *Melech* significa “rei” em hebraico, tal como *Erik* nas línguas escandinavas.

*** Cheguei à conclusão de que isto se trata de uma referência velada aos 72 nomes de Deus na tradição cabalística. Talvez Rabe tenha estudado o misticismo judaico e desenvolvido seu código de acordo com ele. Ao fim, é pouco provável que alguém que ignorasse os conceitos cabalísticos básicos tivesse sabido da importância deste número, e que os nomes ocultos de Deus pudessem oferecer a “chave de todos os segredos do gueto”, como ele dirá em breve a Erik. Contudo, também é possível que Erik tenha alterado o código de Rabe para me dar uma pista sobre o *seu próprio* interesse pelo misticismo, especialmente por saber, ao chegar a este ponto da sua história, que eu entenderia sua alusão. Resumindo, talvez Erik não fosse o judeu secular que proclamava ser. Mais tarde, quando o interroguei sobre essa possibilidade, garantiu-me que não sabia “praticamente nada” sobre a cabala. Achou que eu estava projetando meus próprios desejos na sua narrativa.

Capítulo 8

QUE EU SAIBA, NÃO COSTUMO sonhar, e acho que nem sequer durmo, embora quisesse muito conseguir; há vezes em que tenho a mente e o corpo tão cansados que quase choro de desespero por não poder simplesmente dissolver-me no nada. Pior do que tudo, a escuridão nunca me dá as boas-vindas quando fecho os olhos. Em vez disso, há reflexos a sépia que flutuam e giram dentro da minha visão — do rosto de Heniek, da sua mobília e de tudo o que vi durante o dia. É como se a barreira entre o interior e o exterior tivesse se diluído.

Por vezes, acho que talvez esteja me dissolvendo lentamente em tudo aquilo que vejo e ouço. Vou acabar em nada e em tudo — em vento, no som de um cão a ladrar, no olhar preocupado do único homem em Varsóvia que consegue me ver...

Embora isso talvez seja só uma esperança minha. Quem não gostaria de encontrar uma forma de deixar para trás a única vida que temos na terra, sem desaparecer completamente?

Mesmo assim, talvez haja vantagens no meu novo estado; agora que sou o que sou, talvez consiga levar o passado a descrever um círculo e fazer com que ele se encontre com o presente... Hoje, quando caiu a madrugada, imaginei a mim e a Adam como amigos de infância, soltando pipa juntos na praça Saski, e quanto mais me deixava envolver no abraço de tudo o que podia ter sido, maior era a minha certeza de que, de fato, se tratava de uma recordação.

* * *

Heniek insiste em anotar todas as minhas palavras, porque diz que os escribas não são editores, embora prometa acrescentar algumas anotações onde forem necessárias e deixar-me fazer todos os cortes e alterações que eu quiser quando tiver acabado.

— Eu gostaria de um final feliz, mesmo que na verdade não seja o caso — disse-lhe eu.

— Vamos ver — disse ele, o que significa, claro, que não acha boa ideia. Talvez suspeite que tenho um favor importante a pedir-lhe quando terminarmos, e queira manter suas opções em aberto. É um tipo intuitivo, o nosso Heniek; talvez seja mesmo um profeta menor. Afinal, se consegue me ver e me ouvir...

Nesta fase — a julgar pelas suas perguntas — suspeito que a verdadeira razão de ele se mostrar tão meticuloso é o fato de estar convencido de que de uma das minhas recordações vai irromper uma moral cabalística capaz de modificar o curso de uma vida, tal como um boneco de mola fabricado em Girona ou em Jerusalém, e não quer perder esse momento de fazer perder o fôlego. Não é verdade, Heniek? (Está balançando a cabeça, mas percebo, pela forma como torce a boca, que mente.)

Antes, eu teria dito que sua neurose toma a forma de alucinações destinadas a diminuir-lhe a sensação de impotência, mas agora já não faço juízos desse tipo.

Eu dito e Heniek escreve. É o nosso número de cabaré particular.

Nossa intimidade crescente me faz sentir saudades de Izzy. Tenho cada vez mais a sensação de que somos duas metades de algo que não tem nome. Será que algum dia vou revê-lo? E será possível que tenha voltado para lhe contar não apenas a minha história, mas também a sua?

É claro que Heniek tem suas próprias ideias sobre a razão do meu regresso, mas não as partilha comigo.

— Os segredos são a minha bênção privada — disse-me ele ainda esta manhã.

Como pode ver, meu anfitrião também tem qualquer coisa de poeta, e antes de ir se deitar lê para mim, por vezes, um dos seus versos recentes. Sua voz suave e sussurrada parece o som do vento a passar sobre pedra, e é assim mesmo que deve ser para poemas escritos numa cidade moribunda e velha de mil anos.

Ontem, no final do meu primeiro dia de regresso a Varsóvia, depois de contar a Heniek a morte de Adam, tive dificuldade em continuar a falar. Ávido pelo conforto de um calor humano, estendi a mão para pegar a dele. Foi minha primeira tentativa de entrar em contato físico com ele, porque andava com medo de que meu toque se revelasse perigoso para os vivos.

Para minha desilusão, as pontas dos meus dedos não encontraram a sua carne; em vez disso, entraram suavemente por ele adentro. Para mim, essa sobreposição dos nossos limites foi uma sensação agradável — como se estivesse mergulhando os dedos em água tépida —, mas não para Heniek. Com um grito agudo, saltou para trás, quase caindo da cadeira.

Disse-me que a dor fora intolerável, como se estivessem lhe arrancando a pele.

Depois de lhe pedir desculpa, fiquei muito tempo em silêncio, perguntando-me se até o fato de falar com ele não seria perigoso — se eu não o estaria desviando de um caminho

melhor e mais seguro.

— Por favor, diga-me em que está pensando, Erik — pediu ele, e falou num tom tão suave e respeitoso que o fiz.

Com um sorriso de solidariedade, aquele homem generoso garantiu-me que não havia nada que ele quisesse fazer mais do que ajudar-me a contar a minha história.

— Às vezes sinto que nasci para isto — confessou. — Afinal, para que termos visões dos mortos, se não lhes pudermos ser úteis em alguma coisa?

Capítulo 9

AO FIM DO DIA EM que Adam morreu, Stefa aceitou meu pedido de perdão por ter deixado o menino sair do apartamento de cabeça baixa, incapaz de olhar para mim. Sem saber o que dizer a seguir, comecei a contar-lhe as conversas que tivera com os amigos dele.

— Afaste-se de mim! — ela gritou, como se eu fosse um criminoso determinado a corrompê-la. — E, pelo amor de Deus, não me fale sobre Wolfi e os outros!

Subiu para a cama, estreitando contra si o caderno de desenho de Adam, e fechou os olhos.

— Perdoe-me por ter sido tão inapto, Stefa — disse-lhe eu, e sentei-me ao lado dela. Depois de algum tempo, ela pegou minha mão e apertou-a. Eu não disse mais nada, mas o silêncio encheu-se dos meus remorsos mudos.

Depois de colocá-la na cama e cobri-la, mudei a água de Gloria, cobri a gaiola e desliguei a luz. A escuridão parecia-me, agora, meu verdadeiro lar. Fiquei sentado ao lado da minha sobrinha com a mão no ombro dela, para que soubesse que, mesmo em seus sonhos, eu estava ao seu lado. Pensei no pai e na mãe dela, que a adoravam, e depois nos meus pais, e lentamente, um a um, todos os que eu amara foram povoando o quarto. Adam trouxe-me minha mulher, Hannah, como se a estivesse empurrando até um canteiro de flores silvestres, e ela ria com a sua teimosia alegre. Hannah morrera logo após o nascimento de Adam, mas, no meu sonho, o menino tinha os seus 5 anos. Quando lhe fiz sinal para avançar, ele subiu em meu colo. Minhas lágrimas de gratidão caíram em cima de seu cabelo.

— Como está a Gloria? — perguntou-me ele.

— Não vai lá muito bem — respondi, e a seguir acordei, e foi como se a morte de Adam tivesse enchido minha boca de sangue.

No banheiro, joguei água fria no rosto. Ao retirar a toalha que Stefa colocara no espelho para cobri-lo, fiquei espantado olhando para as órbitas vazias de esqueleto que tinha no lugar

dos olhos, e para as minhas mãos desajeitadas, cobertas de veias azuis. Quem era aquele homem inútil? Como eu pudera cair tão fundo?

Sabia que havia um vazio com a forma e o tamanho exatos de Adam à minha espera na cama, por isso fui buscar um cobertor de lã e fiz um ninho para dormir na cadeira de Stefa.

De madrugada, fui à procura dos endereços que fixara na memória. Mostrei a fotografia de meu sobrinho a sete guardas e uma dúzia de contrabandistas, mas ninguém o reconheceu.

Nessa tarde, no funeral, o terror paralisou-me, latejando com tanta força em meus ouvidos que quase não ouvi os pêsames que o rabino me apresentou. A terra estava diabolicamente gelada, com uma consistência de pedra e dura demais para se abrir uma vala, embora dois coveiros tivessem cavado uns 2 centímetros com as respectivas picaretas, num gesto simbólico. Dezessete caixões artesanais, feitos com tábuas simples de madeira — dos quais o menor era o de Adam — estavam espalhados em volta do nosso grupo silencioso, à espera da primavera para serem enterrados. Na traseira de um carro puxado por cavalos havia seis corpos enrolados em panos grosseiros; as famílias não tinham dinheiro para os caixões.

Ewa, Rowy, Ziv e vários outros amigos mantiveram-se junto de Stefa durante a cerimônia. Ela tinha os olhos desvairados de uma criança perdida, mas eu não fui ao encontro dela.

Reprimir-se é uma forma de sentir a dor ainda mais fundo.

Quando Stefa finalmente olhou para mim, vi que ela também queria manter alguma distância entre nós. Talvez pensasse — tal como eu — que seria impossível perdoar-me algum dia por não ter sabido proteger Adam.

Stefa insistiu em manter-se de pé entre o pálido sol de inverno e o túmulo. Não percebi por que até reparar que a sombra dela se projetava sobre o solo que iria receber o corpo de Adam na primavera. Talvez ela achasse que aquele abraço feito de sombra o acompanharia até o lugar de repouso do filho.

Acreditar na magia pode oferecer consolo, mesmo quando sabemos que é mentira.

Estou com você — era isso que ela estava dizendo ao filho na linguagem das sombras.

A uma distância discreta atrás de Stefa e dos seus amigos mais próximos estava uma mulher de meia-idade, com um lenço marrom na cabeça e uma expressão atenta de raposa. Tinha um livro na mão, o que me pareceu curioso. Quando reparou no meu olhar fixo nela, foi-se embora rapidamente.

Sarah, a amiga de Adam, veio até mim arrastando os pés, com os pais atrás. Um vento impiedoso vindo da Rússia fustigava o nosso pequeno grupo, e o cabelo dançava sobre os olhos da menina. Pus no chão o saco que trouxera comigo e abracei-a. Quando comecei a alisar seu cabelo para trás, ela encostou a cabeça em meu peito e começou a tremer. Dei-lhe um beijo e agradei-lhe por ter comparecido, e depois passei-a outra vez ao pai.

Logo em seguida a mãe de Feivel me disse — envergonhada — que o filho não percebia

que Adam tinha morrido.

— Recusou-se a vir ao funeral. Deus me perdoe, mas nem sequer consegui que se vestisse.

Dei-lhe um beijo no rosto.

— Ainda bem para ele. É melhor que fique em casa.

Ela me passou um desenho que o filho fizera de Adam e de Gloria algumas semanas antes. Esboçado com riscos de cores chamativas, mostrava a periquita empoleirada na cabeça do meu sobrinho. E era quase tão grande como Adam.

Feivel compreendia o meu sobrinho melhor do que eu, pensei com amargura; o ódio por mim mesmo invadia-me em ondas naqueles primeiros dias.

Depois, vieram ter conosco Wolfi e o pai, e o menino chorava em silêncio. Quando o abracei, as emoções dele abriram as comportas das minhas, e tive de largá-lo. Izzy sempre me protegera a retaguarda desde as nossas batalhas de bolas de neve no pátio da escola; deu-me o braço e pegou o desenho de Feivel. Obrigando-me a dar meia-volta, fez-me ficar de costas para o túmulo, o que deve ter parecido um escândalo para alguns, mas para mim foi uma dádiva divina.

Nesse dia, a distância foi a minha salvação.

Izzy murmurou para si próprio orações em hebraico, e depois de algum tempo agarrei-me ao som de sua voz. Mesmo assim, sentia-me zangado com ele, porque vira a minha dor e me ajudara, e eu não queria partilhar meu desespero nem diminuí-lo.

Um psiquiatra que não consegue enfrentar as coisas, e que o sabe. Eu caíra do topo de uma falésia, e essa falésia era tudo aquilo que eu e Adam nunca mais faríamos juntos.

Depois de o rabino fazer seu sermão, dois homens da Pinkiert transportaram o caixão de Adam para o lugar onde os coveiros tinham se esforçado por tentar escavar o solo. Quando chegou a minha vez de jogar terra em cima do caixão, tirei o cocar do meu sobrinho do saco que levava comigo. Ao vê-lo, abafei um *Oh!* de desconsolo. Tinha me esquecido da pena que arrancara sem querer.

Ergui-o, mostrando-o a Izzy.

— Devia tê-lo consertado. Queria colocá-lo em cima do caixão.

Ele me beijou no rosto.

— Força, Erik. As coisas perfeitas não têm lugar no gueto.

* * *

Quando se enterra uma criança, o chão se abre debaixo de nossos pés, e caímos lá dentro sem opor qualquer resistência quando a escuridão nos enlaça em seus braços acolhedores,

porque não conseguimos imaginar mandar um rapazinho ou uma menina sozinhos e nus para o mundo subterrâneo. Se temos mais alguém que nos faça viver — outro filho ou filha, mulher ou marido —, talvez consigamos voltar a subir, sair do sepulcro. Ou talvez não. Afinal, as pessoas estão sempre desistindo.

Eu costumava dizer que essas pessoas eram irresponsáveis, mas não passava de um tolo arrogante.

Consegui sair do sepulcro de Adam. Stefa não. De certa forma, nossos destinos eram tão simples quanto isso.

Se não conseguem ver que estou debaixo da terra com meu filho quando me olham nos olhos, então de que adianta dizer-lhes? Imaginei serem esses os pensamentos de Stefa durante o resto da tarde e também nos dias que se seguiram, porque desde então recusou-se a falar novamente do filho. Nessa tarde sua febre subiu para 39.2, e descobri que tinha manchas de sangue na franha do travesseiro. A essa altura já mandara todo mundo para casa, e estava sentado aos pés da cama dela.

— Volto já — eu lhe disse, pondo-me de pé.

— Aonde vai? — perguntou ela, preocupada.

— Buscar um médico. Isto já dura há bastante tempo.

À porta do nosso prédio, atrás de uma carroça de vendedor, estavam sentadas duas mulheres, a mãe e uma filha adolescente, vendendo pepinos e cenouras em conserva. A jovem trazia uma boina basca e um casaco de homem, o que me fez perceber que estávamos criando uma geração de crianças judias que viviam sob o peso dos pais mortos. Ofereci-lhe 3 zlotys para levar um bilhete a Mikael Tengmann. Pondo-se de pé de um salto, tirou o casaco, deu um beijo na mãe e saiu correndo.

A menina bateu à minha porta meia hora mais tarde, com a testa coberta de pérolas de suor e a boina nas mãos.

— O Dr. Tengmann diz que estará aqui às 18 horas em ponto — disse-me.

Dei-lhe 1 zloty de gorjeta. Agradecendo-me, tirou um cartão azul-claro do bolso e me deu. O nome dela — Bina Minchenberg — estava escrito numa caligrafia elegante que imitava os arabescos em pata de leão das letras hebraicas.

— Quem é o artista? — perguntei.

— Receio que seja eu — respondeu, com uma expressão de embaraço.

— Você tem talento.

— Também sou muito boa cozinheira — disse ela —, e se me pagar para lhe fazer uma refeição de vez em quando, limpo o seu apartamento de graça.

— Qual a sua idade? — perguntei.

— Catorze anos.

Seus grandes olhos castanhos estavam cheios de esperança, mas em breve percebeu que eu ia recusar, e agarrou minha mão.

— Dr. Cohen, eu sei de que é que os homens precisam; mesmo homens bons como o senhor. — Encostou a palma da minha mão contra o peito dela, e, quando tentei tirá-la num movimento brusco, agarrou-a com ambas as mãos. — Faço tudo o que quiser. E não digo a ninguém. Prometo!

— Oh, meu Deus — gemi, e o arrepio que me percorreu o corpo fez com que ela finalmente me largasse.

— Já esgotamos nossas economias, Dr. Cohen — disse-me Bina, com os olhos cheios de lágrimas.

Tive vontade de sacudi-la até ela cair em si, ou simplesmente de ir embora, mas que direito tinha eu de julgá-la?

— Ouça com atenção, Bina — eu lhe disse. — Você é uma jovem corajosa. E deve fazer o que for preciso para sobreviver. Mas eu já não sou quem era. Não sei se consigo...

— Só estou lhe pedindo uma oportunidade! — interrompeu, desesperada.

— Muito bem, eu mando chamá-la quando precisar que me entreguem um bilhete ou me cozinhem uma refeição.

Pensei que estivesse mentindo, mas como poderia ter ainda certeza de minhas próprias intenções? Ou das consequências das minhas ações, mesmo as aparentemente mais inócuas?

Ficamos olhando um para o outro durante muito tempo, e, devido àquilo que agora sei ser possível entre nós dois, nossa solidariedade aterrorizou-me. Não sei o que ela viu, mas eu vi uma jovem rastejando através das trincheiras de uma longa e lenta guerra, uma jovem que eu me sentia impotente para proteger — e que detestava por causa disso.

Dei-lhe 10 zlotys, o que a levou a erguer-se na ponta dos pés e dar-me um beijo estalado no rosto — de novo transformada numa juvenzinha.

— Agora, vá lá — eu disse. — Sua mãe deve estar preocupada.

Assim que Bina foi embora, dirigi-me à padaria do nosso pátio. Para quem vinha daquele frio polar, o calor parecia tropical, e os operários cirandavam de pés descalços e em mangas de camisa, com sacos de papel na cabeça. Ewa não estava — tinha ficado em casa com a filha —, por isso Ziv concordou em tomar conta de Stefa.

Nas duas horas que ainda tinha à minha frente antes da chegada de Mikael Tengmann, pretendia procurar mais pontos de travessia, mas quando cheguei à rua ouvi alguém atrás de mim chamar meu nome. Virando-me, deparei-me com a mulher com cara de raposa que vira no funeral, ainda com o livro na mão. Tinha o nariz e as orelhas vermelhos do frio.

— Dr. Cohen, desculpe interrompê-lo, mas preciso falar com o senhor — disse ela.

Olhando-a mais de perto, percebi que já a vira antes do funeral, mas não me lembrava de onde.

— Por que não bateu à minha porta? — perguntei.

— Não quis me intrometer em seu desgosto.

— Deve estar gelada. Vamos lá para cima.

— Não, sua sobrinha pode reagir mal àquilo que tenho a dizer. Onde mais poderemos falar?

— No Café Levone. Mandamos vir qualquer coisa quente para a senhora beber.

Assim que nos pusemos a caminho, ela disse:

— Senti que tinha de ir ao funeral. Desculpe se a minha presença lhe pareceu despropositada. Eu não conhecia seu sobrinho-neto.

— Não tem de que pedir desculpa — respondi.

Ela olhou-me com ar grato.

— Meu nome é Dorota Lewin.

Quando lhe perguntei o que estava lendo, ela virou para mim a capa de *Maria Antonieta*, de Stefan Zweig, de forma que eu pudesse vê-la.

— Trago um livro comigo sempre que sei que vou ter de esperar.

Foi então que me lembrei de que ela fora à Biblioteca Iídiche havia umas semanas e me pedira que a ajudasse a encontrar livros sobre borboletas para o filho.

— Acho que nos encontramos brevemente há umas duas semanas — disse-lhe. — Na Biblioteca Iídiche.

Ela sorriu.

— Foi muito amável em ajudar-me.

A seguir ficou em silêncio, passando a mão sobre os lábios como que a impedir-se de fazer mais revelações. A curiosidade que me despertava impediu-me de avistar a tempo uma poça na rua, e pus o pé em cima da superfície gelada, que cedeu, dando lugar à lama que se escondia por baixo. Ensopado, praguejando disfarçadamente, lá continuei a andar, chapinhando tudo. Já sentado no café, tirei os sapatos, tão feios que mais pareciam dois morcegos mortos. Tinha os dedos dos pés manchados de marrom pelas meias molhadas, e as unhas pareciam punhais amarelados. Um criado foi buscar uma toalha e a seguir apresentou-me um par de meias secas, insistindo que ficasse com elas, o que era tão inesperado que emudeci de espanto.

O café cheirava a cerveja barata e fumo de charuto. Enquanto esperávamos pelo nosso café, Dorota disse-me que sua prima, Ruti, era casada com o filho de um antigo colega meu da universidade. O nome do rapaz era Manfred Tuwim e, embora estivesse encurralado em Munique, longe da solitária Ruti... Dorota lançou-se numa daquelas explicações verborrágicas em que os judeus se lançam para provar que são todos membros do mesmo clube, ligados por suficientes amigos e parentes bem colocados na vida — e talvez mesmo um rabino ou dois — para encher uma recepção de bar mitzvah no Palácio dos Desportos de Berlim. Meu pai chamava essa maçante tradição de *tricô judaico*.

Interrompi-a:

— Por que queria falar comigo? — perguntei.

Tirou uma fotografia em preto e branco dentre as páginas de *Maria Antonieta*.

— Por causa da minha filha Anna — respondeu, passando-me o retrato.

Uma jovem esguia, de pé junto a uma árvore de fruto que a primavera transformara numa nuvem de botões brancos. Tinha uma saia de pregas — malfeita e antiquada — e uma blusa escura de colarinho alto com cara de que cheirava a naftalina. A antiguidade das suas roupas parecia envergonhar Anna, porque puxara as longas tranças para a frente, agarrando-as como se sua vida dependesse disso. Aquela postura perturbou-me; as crianças que se agarram a si próprias geralmente não têm ninguém em quem possam confiar.

Pus os óculos de leitura e verifiquei que havia um ódio feroz em seus olhos; além disso, ela se inclinava para a margem direita da fotografia, ansiosa por fugir. Mas o dedo do fotógrafo fizera disparar a objetiva depressa demais, mandando sua imagem para o futuro — e para ali, para mim. Ao lado da jovem havia uma figura que fora recortada, à exceção de uma pequena mão que segurava a dela. Imaginei que a pessoa que faltava teria sido o irmão, e que fora ele a âncora que impedira Anna de fugir correndo.

— Isso foi há um ano — disse-me Dorota. — Meu marido tirou a fotografia no parque Bednarski, em Cracóvia. Estávamos de visita à família dele.

Aprendi com os meus doentes a prestar muita atenção à primeira coisa que nos dizem. Guardar a fotografia consigo era claramente a forma de Dorota me provar que nunca sairia de casa sem algo que lhe lembrasse a filha — e que adorava aquela menina. Contudo, por que escolhera uma fotografia tão pouco lisonjeira?

— Anna não gostava de ser fotografada? — observei.

— Não, detestava; pelo menos quando era o meu marido quem estivesse tirando a fotografia.

Dorota parecia determinada a convencer-me que a desconfiança caracterizava a relação entre Anna e o pai.

— A roupa era de uma irmã mais velha? — perguntei.

— Não, mas a blusa já tinha sido minha.

— Quem estava com ela, segurando sua mão?

— O irmão, Daniel. Tinha 7 anos então.

Nosso café tinha acabado de chegar, e eu estava louco pela clareza de ideias que me traria, mas era amargo como fel. Dorota fixara o olhar longe de mim enquanto brincava distraidamente com o colarinho. Parecia ser uma dessas mulheres que sabem que passam pela vida quase sempre ignoradas. Em circunstâncias normais, eu diria que ela levava uma vida mais apagada do que era necessário, mas dentro do nosso enclave, passar despercebido podia acabar por ser uma vantagem.

— Anna se dá bem com Daniel? — perguntei, fazendo sinal ao criado para que voltasse à nossa mesa.

— Costumavam ser cão e gato quando eram pequenos — disse-me Dorota —, mas ultimamente estavam mais amigos. — Pôs-se a olhar fixamente para a mesa, como se já tivesse dito demais.

Aquele refúgio no silêncio — bem como a utilização de *estavam* em vez de *estão* — fez-me pensar se um dos filhos morrera, ou ambos, embora com sorte talvez tivessem sido levados secretamente para casa de amigos cristãos fora do gueto.

Pedi ao criado um cálice de schnapps. Quando ele se afastou, um pombo entrou voando pela porta. Pousou sobre uma mesa vazia e começou a bicar as migalhas que a cobriam.

Voltei-me para Dorota outra vez:

— Então seu filho gosta de borboletas — disse-lhe, para ver se ela usava o presente quando falasse dele.

— Gosta, acha que são as criaturas mais esplendorosas do mundo — respondeu, irradiando satisfação, como se eu tivesse lhe dado uma grande alegria.

Portanto, era a filha que habitava o passado. Devolvi-lhe a fotografia.

— O que aconteceu a Anna? — perguntei.

Dorota passeou o olhar pelo café para se certificar de que ninguém a estava ouvindo; depois puxou a cadeira para mais perto da minha.

— Morreu — confiou-me. — Os nazistas a assassinaram. Atiraram-na contra o arame farpado. Tal como o seu sobrinho.

Atordado, ergui a mão para os olhos, como uma proteção.

— Lamento muito — eu disse. — Quando foi isso?

— Há três semanas.

— E a senhora veio ao funeral por achar que há uma ligação entre Adam e ela? Por causa do lugar onde os corpos apareceram?

— Não é só isso. Quando a trouxeram, faltava-lhe a mão direita.

Capítulo 10

— COMO SOUBE QUE ADAM foi mutilado? — perguntei a Dorota.

Deu um gole rápido no café.

— Tenho um primo na Polícia Judaica que viu seu sobrinho depois do que os nazistas lhe fizeram.

— Então, seu primo já sabia de Anna.

— Sabia, eu lhe contei, mas ele me avisou para não falar disso a ninguém. Um homem do Conselho Judaico também especificou bem que eu não devia contar a ninguém a forma como Anna morreu. Quase não vim falar com o senhor.

— Foi Benjamin Schrei que falou com você? — perguntei-lhe.

— Foi, conhece-o?

— Infelizmente — respondi, furioso; portanto, Schrei sabia que a morte de Adam não fora um crime isolado, e mentira para mim. Quantos outros corpos de criança teriam sido serrados? Engoli de uma só vez o resto do meu café, saboreando o fogo do schnapps que despejara lá dentro. Enquanto enchia o cachimbo, perguntando-me qual a melhor maneira de confrontar Schrei, Dorota olhou-me com uma expressão dura.

— Diga — encorajei-a.

Inclinando-se sobre a mesa, ela pousou os braços em círculo, como que envolvendo uma pilha de segredos acumulados desde a morte da filha.

— Anna não voltou para casa na tarde de 24 de janeiro — começou. — Era uma sexta-feira, e ela deveria ter ido para casa me ajudar a preparar o nosso jantar do sabá. Foi encontrada na manhã seguinte pela Polícia Judaica.

— Desculpe perguntar-lhe isto, mas sua filha estava nua quando a descobriram?

— Estava.

— E havia alguma coisa especial na mão que tiraram?

Ela olhou para mim como se eu fosse louco.

— Era a mão de uma menina — disse, ofendida. — Eu diria que era especial, o senhor não?

Acendi o cachimbo, ansioso pelo alívio de um vício antigo.

— Ela tinha ferimentos no corpo? — perguntei de dentro do círculo de fumo que me envolveu.

— Não, nenhum.

— E tinha alguma coisa na boca?

— Não entendi — respondeu.

— Encontrei um pedaço de fio dentro da boca de Adam. Acho que foi o assassino que o pôs lá.

— Infelizmente, não olhei. Mas por que diabo havia o assassino de pôr um fio na boca das crianças que mata?

— Não sei.

Foi então que me ocorreu que talvez Adam tivesse voltado ao gueto com mercadorias valiosas. Com a intenção de saber se o roubo poderia ter sido motivo para o assassinato de Anna — e para terem cortado sua mão —, perguntei:

— Sua filha usava algum anel? Talvez um que usasse desde pequena e fosse já impossível tirar-lhe do dedo?

— Não. Tinha um bonito anel de granadas, mas deixou de usá-lo no gueto, porque emagreceu tanto que o anel simplesmente escorregava de seu dedo.

— E uma pulseira?

Dorota meneou a cabeça.

— A única coisa que ela usava sempre eram uns brincos de pérolas... um presente meu: pérolas cor-de-rosa, penduradas numa corrente de prata. Mas não os tinha quando foi encontrada. Devem ter roubado. Embora não valessem muito. Quero dizer, se pensa que foi um ladrão que a matou. A única coisa que alguém podia achar valiosa era a própria mão dela.

— O que quer dizer com isso?

Ela se aproximou de mim, a cabeça bem inclinada sobre a mesa, e sussurrou em tom de conspiração:

— O assassino pode estar usando partes dos corpos das nossas crianças para fazer uma coisa que não é humana.

— De que diabo está falando?

— Um *golem* — disse ela só com os lábios e os olhos cheios de medo, como se, pronunciando a palavra em voz alta, pudesse invocar um desses seres do lugar onde se escondem.

— Mas por quê?

— Para nos proteger! — declarou.

Senti-me encurralado pelas crenças de Dorota.

— Meu Deus, mulher, sua filha foi assassinada! E foi uma pessoa real que a matou. Não quer descobrir quem foi?

— Muito bem, Dr. Cohen — respondeu com uma ira controlada —, talvez o senhor não acredite que seja possível fazer uma criatura dessas, mas e se houver um louco por aí que *ache* que sim?

Lançou-me um olhar de desafio, e tive de admitir que a loucura poderia explicar o que tinham feito a Adam. Só que havia um problema com o argumento dela.

— Se foi um judeu quem matou meu sobrinho — disse-lhe eu —, então como é que poderia ter jogado o corpo dele no arame farpado a partir do *lado cristão* da fronteira?

Ela bateu com os nós dos dedos no peito.

— Só sei aquilo que sinto aqui. E sei que há muito mais por trás desses assassinatos do que nós pensamos.

Desejoso de dirigir a nossa conversa para um terreno racional, voltei aos pormenores do desaparecimento de Anna.

— Sabe se sua filha teria escapado do gueto antes de ser assassinada? — perguntei.

Dorota recostou-se na cadeira.

— Sim, tenho quase certeza de que foi visitar o namorado.

— Ele não vive aqui dentro?

— Não, é polonês. — Com uma risadinha de desprezo, acrescentou: — Ariano.

Se Anna não tivesse se apaixonado pelo rapaz errado e se recusado a desistir dele, ainda estaria viva. Embora Dorota não tenha dito essas palavras na meia hora que se seguiu, sua ira transformou quase tudo o que disse em acusações contra a filha. À medida que íamos falando, eu ia ficando com a impressão de que ela ia remoer a amargura durante anos e anos.

— E o que a faz ter certeza de que ela ia ver o namorado? — perguntei.

Respirando fundo, como se estivesse entrando em território perigoso, Dorota respondeu:

— Deixe eu lhe contar como era a minha filha. — Tirou o lenço da cabeça e o pôs no colo. — Anna fez 15 anos em junho, e na festa de aniversário dela olhei-a e percebi que a minha menina desaparecera. Mas, nas semanas que se seguiram provou que continuava a ser apenas uma criança teimosa. *Briguenta e egoísta*: era assim que meu marido a descrevia sempre. — Dorota deu umas pancadinhas no cabelo, que começava a ficar ralo, como que para pôr as ideias no lugar. — E tinha razão; embora o senhor deva pensar que não tenho coração, para dizer uma coisa dessas.

— De modo algum — assegurei-lhe, começando a suspeitar de que o marido era capaz de ter dado cabo da vida da filha. — As crianças podem ser difíceis em circunstâncias desesperadas. Precisam que lhes demos segurança.

— As pessoas que só a viram uma ou duas vezes não percebiam como ela era — continuou Dorota, em voz frustrada. — A vida nunca era fácil com ela... nunca! Posso lhe

garantir isso. Não havia castigo que a obrigasse a fazer aquilo que não queria. E *achava* que estava apaixonada por um rapaz polonês. Não conseguia viver sem ele. — Dorota meneou a cabeça, nitidamente considerando absurda a afeição da filha.

— Como é que ele se chama? — perguntei.

— Paweł Sawicki. Dr. Cohen, como podíamos aprovar, eu e meu marido? A filha de um alfaiate judeu e o filho de um juiz polonês? Eu só previa desgostos no futuro dela. Será que estava errada?

— Já não sei como responder a uma pergunta dessas — disse-lhe, reprimindo a minha crítica; a essa altura, já percebera que Dorota escolhera uma fotografia que me desse uma ideia de como a filha podia ser difícil, e possivelmente também para ajudar a me convencer de que as medidas que ela e o marido tinham tomado para quebrar a vontade da menina eram necessárias.

— Quando disse a Anna que não aprovava a relação dela com Paweł, o que ela respondeu? — perguntei.

— Gritou que eu era uma bruxa má. — Em voz rancorosa, acrescentou: — Minha filha costumava me chamar de Fräulein Rottermeier.

— Quem?

— A odiosa governanta de *Heidi*. Era o livro favorito de Anna. — Dorota suspirou. — Se ao menos... se ao menos pudesse falar com ela só mais uma vez, fazê-la perceber... — A impossibilidade de isso acontecer fez Dorota fixar os olhos num ponto longínquo, como se olhasse para dentro de si própria. — Seja como for, ela se recusou a desistir de Paweł, por isso brigamos, e quando meu marido entrou na discussão... — Balançou a cabeça, perturbada com a recordação. — Ameaçou bater nela com o cinto. E foi então que Anna prometeu que nunca mais encontraria o namorado. E talvez fosse mesmo essa a intenção dela. Não sei. Mas se era, então mudou de ideia, porque começou a levar uma vida dupla.

— De que maneira? — perguntei, concluindo que, se Anna cedera sem continuar a discussão, era provavelmente por já ter provado antes a horrível sensação de queimadura provocada pelo cinto de couro do pai.

— Sabe como é, o tipo de coisa que as meninas fazem — respondeu Dorota. — Dizia-me que ia patinar com uma amiga, e depois ia encontrar Paweł no cinema. Depois de nos mudarmos para o gueto, procurei na cômoda dela e encontrei fotografias dos dois num piquenique nos Jardins Saski. — Tirou outra fotografia das páginas do *Maria Antonieta* e a fez deslizar sobre o tampo da mesa na minha direção, como se empurrasse um feitiço malévolos para fora de sua vida.

Na fotografia, Anna ria abertamente. Paweł abraçava-a por trás, embora só se vissem suas mãos — a cabeça e os braços tinham sido cortados. Dada a forma como Anna e Adam tinham sido mutilados, pareceu-me perigoso que Dorota tivesse cortado pedaços da imagem do rapaz.

A minha inquietação ao segurar a fotografia pareceu-me um mau indício de meu próprio estado mental; era como se o gueto estivesse me obrigando a acreditar no poder de amuletos e maus-olhados, como Dorota e tantos outros.

— Os pais de Paweł gostavam de Anna? — perguntei.

— Minha filha dizia que eles a adoravam, mas consegui informações sobre a família e acabei sabendo que o juiz tinha passado a ser um antisemita ferrenho desde a ocupação nazista.

Perguntei se podia ficar com a fotografia enquanto andasse à procura do assassino de Anna e de Adam, e Dorota consentiu. Depois disse-me que Paweł e a família viviam no número 24 da rua Wilcza.

— Ele prometeu vir visitar Anna no gueto. Pelo menos, foi o que ela me disse. Mas, que eu saiba, nunca veio, nem sequer telefonou. Então Anna declarou que nunca mais comeria até encontrá-lo novamente; anunciou-o como se fosse um decreto! Foi por isso que perdeu tanto peso e não podia usar o anel. Meu marido começou a obrigá-la a comer no jantar, mas depois ela escapulia para o banheiro e se forçava a vomitar. Levei duas semanas para perceber que era o que ela fazia. A essa altura, já parecia um esqueleto. Dr. Cohen — disse Dorota, abrindo as mãos como quem faz um apelo à razão —, a teimosia dela estava matando a nossa família. — Curvou-se para a frente, de novo abraçando aqueles segredos dela, mas desta vez senti que era um esforço para não deixar escapar qualquer coisa. — Isto vai lhe parecer estranho, mas senti que estava vivendo numa casa em desmoronamento. Não havia uma sombra que não fosse ameaçadora. E a aparência de Anna me assustava. Uma vez, coloquei-a em frente ao espelho do meu quarto e mostrei-lhe como estava esquelética, mas ela insistia que estava gorda e nojenta. Consegue acreditar? Claro que ela culpava meu marido por tudo: por obrigá-la a comer, por mantê-la afastada de Paweł... Fez-nos passar um inferno.

— Ela conseguiu alguma vez falar com ele?

— Que eu saiba, não. Quando telefonei à mãe de Paweł, ela me disse que tinha mandado o rapaz para um colégio interno. Conteí a Anna, mas ela gritou que eu estava mentindo. Escreveu-lhe cartas. Dei-lhe autorização, em troca de ela voltar a comer. Mas nunca recebeu resposta; pelo menos, não que eu saiba.

Continuei a interrogar Dorota sobre a escola e os amigos da filha, na esperança de tropeçar numa ligação qualquer com Adam, e, por uma vez, o tricô judaico demonstrou ser útil; em breve me disse que Anna era muito amiga do avô materno, que se chamava Noel Anbaum.

— O músico... é seu pai? — perguntei.

— É, conhece-o?

— Ouvi-o tocar quando era muito mais novo. Dorota, Anna não fazia parte de um coral, por acaso?

— Não.

— E o seu filho?

— Não, por quê?

— Adam fazia, e eu vi o seu pai numa apresentação do grupo.

Quando pedi a Dorota que me desse o endereço do pai, ela olhou para o relógio de pulso e respondeu:

— Se se apressar, ainda o alcança tocando à porta do teatro Nowy Azazel.*

Nota

* Teatro de língua ídiche na rua Nowolipie, cujo nome significa, muito apropriadamente, “Novo Inferno”. Numa das nossas conversas informais, Erik e eu descobrimos que tínhamos estado presentes lá no mesmo espetáculo, a opereta *Shulamith*, de Avram Goldfaden. À medida que ia anotando a história de Erik, eu percebia muitas vezes que Varsóvia era na realidade uma cidade muito pequena — a maior aldeia do mundo — e que devíamos ter-nos cruzado muitas vezes sem sabermos! Quanto a Noel Anbaum, parece ser um nome pouco provável para um judeu polonês, mas foi sem dúvida o melhor anagrama que Erik conseguiu encontrar para o muitíssimo talentoso Leon Bauman, que eu também ouvira tocar em vários espetáculos.

Capítulo 11

NOEL ANBAUM VESTIA LUVAS DE couro preto cujos dedos ele cortara, e no seu cachecol azul de tricô via-se um canto se desfiando em espiral, como um caracol de judeu ortodoxo, mas sua figura era ainda esguia e vistosa — um casanova de têmperas grisalhas e nariz romano — no seu conjunto vermelho-escuro de gibão comprido e calça de cossaco, complementado por um chapéu preto de gaúcho. De pé diante do Nowy Azazel da rua Nowolipie, seu pé direito estava sobre uma cadeira de estofado verde e dourado já tão desfiada que mais parecia roubada de um bordel da zona, tocava um ondulante blues no seu acordeão, abrindo e fechando o fole com a mão esquerda ao longo da montanha-russa das mudanças de acorde, enquanto os dedos esguios da direita arrancavam vibrações sensuais do teclado amarelado e cheio de falhas. Repetia a melodia na sua voz áspera, lançando-se por um inglês absurdamente deturpado pelas vogais do iídiche. Um verso que deve ter improvisado ficou-me na cabeça, porque cantou-o com a ousadia provocadora de um pistoleiro: *Se eu for ao cabaré no sábado e passar o domingo a mandar Herr Hitler à merda, ninguém tem nada a ver com isso...*

Nas notas altas, a voz de Noel lembrava o som de lixa sendo arranhada, e aquela imperfeição rouca fez-me recear que desafinasse, mas nunca o fez. Ele cantava como se estivesse trabalhando no arame, e era provavelmente por isso que havia tantos zlotys empilhados no veludo cinzento da sua caixa de acordeão; afinal, se cantasse sem esforço, valeria a pena pagar por isso? E ele ia cantando de olhos fechados, balançando-se generosamente, como se a sua música fosse uma maré lenta que o arrastasse bem para o fundo de si próprio.

Avancei penosamente por entre a multidão até uma clareira que se formara à volta de um pedinte de barba sentado no passeio, uns dez passos à esquerda de Noel. As costelas daquele homem destacavam-se agressivamente do seu peito nu, como um navio a vela com o cavername à mostra, e o ventre escavado mostrava-se crivado de riscos sangrentos de sarna.

O fedor de fezes que dele exalava obrigou-me a cobrir com a mão a boca e o nariz.

Quando Noel terminou a canção e fez sua vênia ao público, me aproximei dele.

— Meu nome é Erik Cohen. Eu e minha mulher costumávamos ouvi-lo tocar na Esplanade.

O senhor era magnífico.

— Isso foi numa vida anterior — ele respondeu, rindo alegremente. — Como pode ver, nesta vida estou pagando pelos meus antigos pecados.

— Não, continua espantoso! — disse-lhe eu.

Sorrindo com ar grato, apertou-me a mão. Tremia muito. Colocando o chapéu no assento da cadeira, pegou uma garrafa de cerveja zywiec que estava no chão. Enquanto bebia, reparou que eu olhava para sua mão.

— Este raio desta coisa parece que tem vida própria, agora — disse. — Exceto quando se aproxima de um teclado.

— Preciso falar com você.

Ele pôs a mão em concha atrás da orelha com uma avidez bem-disposta e inclinou-se tanto para a frente, na minha direção, que começou a perder o equilíbrio, obrigando-me a segurá-lo. Estava um pouco bêbado.

— Vamos para algum lugar aquecido — propus.

— Não, se me sentir confortável agora, não vou querer vir outra vez aqui para fora. Vamos ficar aqui.

— Ouça, Noel, sua filha Dorota veio me procurar. Contou-me de Anna.

A expressão dele toldou-se.

— Agora entende por que eu preferia estar sozinho com você — disse eu.

— Desculpe, mas falar sobre Anna não me faz nada bem — respondeu ele.

Depois de me mostrar o sorriso de um homem que pede desculpa por sua fragilidade, pousou a cerveja, pegou o acordeão e começou a tocar, mas agarrei-lhe o pulso.

— Por que quer me torturar? — perguntou com ar carrancudo, olhando para mim com uma vontade tão solene de ser compreendido que me senti envergonhado.

— Por favor, Noel — supliquei —, meu sobrinho-neto Adam também foi assassinado, exatamente da mesma forma que Anna. Só preciso que me diga por que é que foi à apresentação de coral no fim de janeiro. Havia 12 crianças cantando Bach. Adam era uma delas. Foi...

— Eu me lembro — interrompeu. — Fui lá por causa de Rowy Klaus, o maestro. Estudou piano e teoria musical comigo quando pequeno.

— Então foi Rowy que o convidou?

— Foi, nós nos mantivemos em contato durante esses anos todos.

— Obrigado, Noel. Fico-lhe grato.

Quando já ia me afastando, ele me chamou pelo nome e disse:

— Possa o anjo que me redime de todo o mal abençoar as crianças.

Fiz que sim com a cabeça; as pálpebras tremeram-lhe, fechou os olhos, e entrou na maré de outra canção. A melodia ergueu-se no ar como um fantasma vindo dos ermos da minha infância, mas não consegui identificá-la.*

Formara-se um pequeno mercado atrás de Noel, aproveitando o chamariz da sua música, e eu ziguezagueei, contornando os fregueses, até que fui obrigado a parar diante de um grupo de *cogumelos do gueto*: meninos engraxates, sentados em banquinhos de madeira, com o rosto sujo escondido na sombra formada pela ponta empinada do gorro de lã, e as mãos cobertas de graxa preta. Um dos garotos tinha a cabeça raspada e o rosto sem alegria de uma bruxa velha. Dois pedaços de tapete velho envolviam-lhe os pés. Pousou sobre mim os olhos mortiços, sem vida.

Devia tê-lo levado comigo para lhe comprar umas botas, ou simplesmente sorrir-lhe, mas não o fiz — o que demonstrava, suponho, até que ponto eu deixara o exílio afastar-me de mim próprio.

Ao passar por uma pequena pirâmide de couves-flor empilhadas num carrinho de vendedor, pensei que dariam um jantar saboroso. Meu coração deu um salto, por ter se deparado com uma coisa boa e generosa.

A vendedora era uma esfinge em miniatura, de um tipo comum em Varsóvia: embora não tivesse muito mais de 1 metro e meio e já passasse com certeza dos 60 anos, tinha as mãos ásperas e grandes de um serralheiro.

— Duas — eu disse, mostrando-lhe o sorriso que negara ao menino engraxate, mas ela foi escolhê-las perto do fundo da pilha, num lugar onde estavam todas cobertas por uma camada amarelada, cor de nicotina. Estendeu-as para mim, pedindo 4 zlotys por cada uma, como se fossem os modelos de perfeição que exibia na parte de cima.

Franzi a testa e afastei-as com as mãos. Sei que devia simplesmente ter voltado a enfiar no bolso a minha nota de 10 zlotys e minha desilusão e ter me afastado dali, mas quis lhe dar a oportunidade de reconsiderar — a oportunidade de se redimir. Embora, no fundo, talvez quisesse mesmo era provocar uma briga.

— Oito zlotys por estas *miskeits*? — perguntei-lhe.

— É esse o preço delas.

— Acha que tenho cara de bobo?

— O que quer dizer com isso? — respondeu, furiosa com a minha insinuação, erguendo triunfalmente uma couve-flor em cada uma das mãos nodosas e deformadas.

Dando um passo gigante ao encontro dela, espetei o polegar e o indicador.

— Quantos dedos vê aqui? — perguntei com voz de poucos amigos.

Ela me olhou desconfiada, prevendo uma armadilha.

— Dois — respondeu, hesitante.

— Então, não é cega; o que significa que escolheu as piores de propósito! Diga-me, qual é a sensação que lhe dá enganar um homem com fome?

Ainda antes de acabar a frase, já percebera que parecia um bêbado de Dostoievski falando, mas não consegui me conter.

— Seu velho de merda, se mande daqui antes que eu chame o meu marido! Ele lhe enfia um murro nessa sua cara que você sai rolando!

O desprezo dela fez-me sentir encurralado, de modo que — estupidamente — escolhi o caminho mais fácil para sair da situação:

— Ora essa! — bradei. — Putas não têm marido!

Com as faces pegando fogo, inclinou a cabeça para trás, como uma galinha, e cuspiu nos meus pés. Atirei-me contra ela, cheio de vontade de pôr as mãos em volta do seu pescoço e apertar, mas no momento exato em que a agarrei pela gola do casaco, caí violentamente de joelhos, gritando de dor.

Quando voltei a mim, descobri que estava caído de lado com as mãos junto ao rosto — uma posição de defesa que devia ter aprendido quando criança. O jovem corpulento que me jogara ao chão insultava-me em iídiche. Seria o filho dela? Nunca cheguei a descobrir.

— *Ver di kapore!* — vociferei com desprezo. Era assim que minha mãe dizia quando queria mandar alguém àquele lugar. Fazia cinquenta anos que eu não usava aquela expressão.

Meu agressor continuava me insultando, só que agora em polonês, como se uma língua não chegasse para exprimir todo o seu desdém. Levantei-me com dificuldade e fui embora coxeando, segurando o pulso, que estava muito dolorido. Logo após passar pela prisão Pawiak parei num mercadinho de frutas e legumes e comprei casca de batata e três couves, todas roídas pelas lagartas. Chorei até cansar num apartamento térreo que fora bombardeado, sentado na borda da banheira cheia de terra que algum espertinho devia planejar usar para plantar legumes quando chegasse a primavera.

Voltei para casa sentindo ódio de mim mesmo, embora tenha me sentido melhor ao ver Ewa e Helena tomando conta de minha sobrinha, que dormia com o braço sobre os olhos. Helena olhou para as minhas calças rasgadas e veio correndo até mim na porta, aflita. Peguei-a no colo e encostei os lábios em sua orelha, seu lugar favorito para ganhar beijos.

— O que aconteceu? — perguntou.

— Tropecei numa couve-flor — respondi, forçando um sorriso.

Quando pus a menina no chão, Ewa pediu-lhe que ficasse vigiando Stefa, e em seguida levou-me para o meu quarto com ar de quem tem uma missão a cumprir, fechando suavemente a porta atrás de si.

— Não quero que Helena ouça a nossa conversa — sussurrou.

— Está bem — concordei. Atirei o saco com as cascas de batata e as couves em cima da cama.

— Ouça — disse ela, afastando o cabelo do rosto com a mão tensa —, meu pai diz que

Stefa está com tifo. E já há algum tempo; talvez demais.

Ewa continuava falando, mas o pânico batia as asas freneticamente junto aos meus ouvidos, cobrindo a voz dela.

— Me dê um momento — eu disse.

Ela me ajudou a tirar o casaco e abriu meu colarinho. Sentei-me no colchão.

— Stefa vai precisar de cuidados médicos durante as próximas semanas — disse-me ela. — Posso encarregar-me disso à noite, mas o senhor talvez tenha que deixar o seu trabalho na Biblioteca de Empréstimo. As roupas dela estavam infestadas de piolhos, claro. Para garantir, mandei levar os lençóis para serem lavados. E daqui a pouco meu pai vai pulverizar seu apartamento com ácido carbólico. Para todos os efeitos, deviam ficar de quarentena, mas ele conseguiu evitar isso. Ouça, Erik, o senhor também pode estar infestado.

A competência dela me desorientava. Ewa — com seus olhinhos pequenos e decididos — parecia agora uma daquelas mulheres tímidas e hesitantes que se transformam em Joana d'Arc assim que os seres que amam são ameaçados. Uma pessoa útil em tempo de guerra.

— O soro antitifo pode ajudar? — perguntei.

— Provavelmente, mas custa 1.000 zlotys cada frasco.

— Meu Deus! E o seu pai consegue me arranjar algum?

— Consegue, mas não sei quanto tempo vai levar para consegui-lo.

— Vou falar com ele. Vendo o anel de noivado da Hannah e assim já tenho o dinheiro.

— Não, por favor, não faça isso! — interveio, ansiosa. Depois, percebendo que só conseguira aumentar o meu sentimento de culpa, acrescentou: — Quer dizer, deve haver outra coisa qualquer que possa vender.

— Se preciso arranjar 1.000 zlotys de repente, não há mais nada.

Sentado em frente à cômoda que dividira com Adam, abri a gaveta de baixo, fui abrindo caminho com as mãos através da desordem de meias e roupa íntima do menino e tirei o anel do seu esconderijo. Quando o vi na palma da mão, senti como se fosse desmaiar. Minha boca estava seca, como se cheia de poeira.

Ergui o anel, mostrando-o a Ewa.

— É um diamante de 2 quilates incrustado em aro de ouro.

Pus-me de joelhos, mas minha cabeça girava; não conseguia me levantar. Ewa ajudou-me a me pôr em pé e foi buscar um copo d'água. Depois de beber avidamente, voltei a sentar na minha cama.

— Eu ficaria muito grato se você fosse vendê-lo — eu disse.

— Eu? Meu Deus, Erik, não entendo nada de venda de joias.

— Nem eu, mas você é uma mulher jovem e bonita, por isso vai conseguir que lhe paguem mais. Pode dizer que é seu, assim o comprador terá mais pena.

Quando o estendi, ela escondeu as mãos atrás das costas.

— Não, não me obrigue — implorou. — Vou ficar nervosa, e ainda estragar tudo. Por

favor, Dr. Cohen...

Seus olhos encheram-se de lágrimas, e deixou cair os ombros. Voltara a ser a Ewa de sempre, por isso não insisti.

Quando lhe perguntei se sabia onde poderia estar Rowy Klaus, Ewa consultou o relógio de pulso e disse-me que estava dando uma aula de piano na rua Sienna, a mais elegante do gueto. Saí imediatamente; precisava fazer-lhe perguntas sobre Anna e, ao mesmo tempo, podia conseguir que ele me desse umas dicas sobre a melhor maneira de vender o anel. Pelo caminho, aproveitei para me despiolhar na casa de banhos e desinfecções da rua Leszno, 109.

Que maravilhas inesperadas eu vi essa tarde nas vitrines, enquanto esperava por Rowy! Seis grandes trutas frescas num recipiente cheio de gelo; um saco de aniagem transbordando de grãos de café da Etiópia; e uma garrafa de vinho do Porto Sandeman de 1922. Na vitrine da tabacaria M. Rackemann & Filhos havia uma estrela de davi feita de 24 maços de cigarros Gauloises cor de mostarda. Aquele desenho tinha a beleza inesperada e peculiar de uma colagem dadaísta.

Uma jovem prostituta loura de faces encovadas e olhos assustados logo me chamou a atenção. Estava à porta da Loja de Sopas Rosenberg, esfregando as mãos finas e olhando nervosamente em volta, como se à espera de um amigo pouco confiável. Seria estudante de arte? Estava vestida como uma figura de um quadro de Otto Dix, com umas meias vermelhas sobre as pernas finas como palito e uma nodosa estola de cabeças de raposa atirada negligentemente ao redor do pescoço.

Quando me perguntou se queria um pouco de carinho, agradei-lhe o interesse mas disse-lhe que teria mais sorte com um homem mais novo.

Quando Rowy finalmente saiu, o sol já começava a se pôr. Estava todo vestido de peças cinzentas, à exceção de um cachecol de lã cor de cravo enrolado ao pescoço, cujas pontas esvoaçavam atrás dele, como uma bandeira a proclamar sua juventude. Tinha um andar decidido e despreocupado — como se caminhasse sobre as molas dos seus sonhos. Acenei-lhe com a mão.

Seu rosto iluminou-se ao me ver, o que me deixou contente.

— Ora ora, Erik! — disse quando se aproximou.

— Bonito cachecol — disse-lhe eu, e apertamos as mãos.

— Foi Ewa quem fez — respondeu.

Pela forma como sorriu, percebi que estava profundamente apaixonado — e que aquela nova forma de andar se destinava a anunciá-lo ao mundo. Talvez fosse seu primeiro grande amor.

— Acabei de saber que você estudou com o Noel Anbaum — eu disse.

— Ora, isso foi há tantos anos! — respondeu em alemão, acrescentando em iídiche: —

Espero que não tenha atravessado a cidade inteira só para confirmar isso.

— Não. Na verdade, o que eu preciso saber é se conhecia a neta dele, Anna.

— Claro. Ela foi às audições para o coro. Foi Noel que tratou disso. Por quê?

— Morreu. Assassinada, tal como Adam. E cortaram-lhe uma mão.

Rowy deixou escapar um “ah!” abafado e em seguida varreu com o olhar os telhados das casas atrás de mim. Provavelmente, estava tentando entrever seu futuro, porque me disse em voz solene:

— Isso nos faz pensar se algum de nós sairá vivo daqui.

— Você vai conseguir. Está entre os primeiros da minha lista.

Pôs-se a brincar com a tala que tinha no dedo.

— Talvez o senhor esteja enganado.

Agarrei-lhe o braço.

— Não fique prevendo sua própria morte; não deixo! — As palavras saíram-me filtradas pelos dentes cerrados, e a força que transmitiam levou-o a recuar. Soltei-o. — Desculpe, perdoe-me.

— Não tem de que pedir desculpa — respondeu, e vi na profundidade do seu olhar que teria me abraçado se nos conhecêssemos melhor.

— Ultimamente, tenho andado meio fora de mim — eu disse.

— E de que outra forma poderia andar? Erik, eu... — Tentou encontrar as palavras certas, mas acabou por dar de ombros, derrotado. — Eu queria falar com o senhor, mas foi embora do funeral tão depressa, e...

— Rowy, agora não posso falar sobre o meu sobrinho. Acabaria com as possibilidades de eu fazer alguma coisa de útil. Agora ouça, não me lembro de ter visto Anna cantar no concerto. Ela estava lá?

— Não. Passou no exame de solfejo, mas nunca foi a nenhum ensaio. Alguns dias depois fui à casa dela, mas a mãe me disse que não estava se sentindo bem, que estava dormindo, no quarto.

— Então nunca mais voltou a falar com ela?

— Não, falei. — Rowy pôs as luvas. — Encontrei com ela uns dias mais tarde, porque ela tinha uma voz de soprano que valia a pena educar, e teria acrescentado algum equilíbrio aos naipes mais altos do coro. Dessa vez vi-a, e insisti que fosse fazer um exame médico com o pai de Ewa, mas nunca mais soube nada dela.

— Como é que ela lhe pareceu?

— Infeliz. E frágil. Aquela pobre menina era só pele e osso.

— Por acaso não falou no Adam quando esteve com ela? — quis saber.

— Não. Eles se conheciam?

— É o que eu preciso descobrir. Rowy, ouça, tenho mais uma coisa para lhe perguntar que exige um pouco de privacidade. Vamos para dentro de casa.

O jovem deu-me o braço e nos dirigimos para um prédio residencial ali perto. Imaginei que era chegado ao pai. O psiquiatra em mim teria apostado que ele era o mais novo de todos os irmãos.

Quando já estávamos escondidos nas escadas, tirei o anel de Hannah.

— Entende alguma coisa de venda de joias?

— Só sei que se consegue um preço melhor fora do gueto. — Pegou o anel e analisou-o; depois o devolveu. — Aqui dentro, é um mercado de compradores. Vendi a flauta do meu pai outro dia, e não me deram quase nada por ela.

Tal como eu previra, isso só me deixava uma alternativa, mas naquele dia já era tarde demais para uma excursão ao Outro Lado; iria na manhã seguinte.

Depois de Rowy ir para casa, passei pela tabacaria Rackemann, e os cigarros franceses da vitrine deram-me a ideia de que talvez o dono me pudesse ajudar com uma necessidade importante — ou então, que conhecesse alguém que o pudesse fazer. Uma mulher dos seus 50 e tantos anos, de cabelo curto e pintado com hena e rouge em excesso nas faces rechonchudas, estava sentada ao balcão, fazendo crochê.

— O Sr. Rackemann está? — perguntei.

Ela pousou o crochê no colo.

— Meu marido morreu em 1937.

— Então deve ter sido a senhora que fez a estrela de davi com Gauloises que está na vitrine.

— Fui eu, sim. Em que posso ser útil?

— Talvez possa fazer para mim uma coisa pouco habitual — disse-lhe eu. — Duas coisas, para ser mais exato.

Esperei durante uma hora que a Sra. Rackemann tratasse da minha primeira encomenda. Ela disse que o meu segundo pedido ia exigir muito mais trabalho e me custaria o montante astronômico de 1.300 zlotys, se queria que estivesse pronto na manhã seguinte, como eu pedira. Concordei com o preço, e como não podia pagar-lhe logo no momento a totalidade, deixei como depósito todo o dinheiro que tinha comigo — quase 200 zlotys — e o anel de noivado de Hannah.

Passavam poucos minutos das 17 horas — o que, no inverno polaco, se traduz numa escuridão mórbida — quando cheguei ao apartamento de Mikael, que também lhe servia de consultório médico. Na sala de espera, a enfermeira, uma jovem minúscula e toda ágil que eu já vira por alguns instantes quando lá levava Adam para ser examinado, lançou-me da mesa de trabalho ao canto da sala um olhar avaliador, e sua expressão de desaprovação revelou-me

que eu falhara no teste que me atribuíra, fosse ele qual fosse. Disse-me em voz severa que o Dr. Tengmann estava com um paciente, mas enfiou a cabeça pela porta do consultório para anunciar-me. Nervoso demais para me sentar, fiquei junto à janela, olhando para um vendedor de água que lá embaixo, na rua, abordava os transeuntes. Trazia um pau atravessado horizontalmente sobre os ombros, com um balde de lata pendurado em cada extremidade. Nos pés envergava umas galochas, envolvidas por algo que parecia ser casca de bétula.

Tínhamos regredido à Idade Média, e eram os nazistas que tinham nos arrastado até lá — o que significava que, agora, a pergunta a fazer era: quanto mais teríamos de recuar no tempo até eles se darem por satisfeitos?

Uma jovem com o pulso engessado entrou pouco tempo depois e cochichou alguma coisa à enfermeira, que lhe disse para se sentar e esperar no sofá de veludilho verde ao lado da janela onde eu me encontrava.

— Desculpe, mas se importa de assinar em meu gesso? — perguntou-me ela depois de um minuto ou dois, com um sorriso de esperança. Ergueu-o, mostrando-me que estava coberto de assinaturas.

Queria ser simpática para um *alter kacker* com a barba grisalha por fazer e um par de morcegos mortos no lugar dos sapatos, por isso fiz-lhe a vontade, mas escrevi *Erik Honec* numa caligrafia gótica elaborada: aquilo que eu imaginava que um escritor profissional poderia fazer.

Disse-me que se chamava Naomi.

— O senhor é tcheco? — perguntou-me.

— Nasci lá, mas já estou em Varsóvia há vinte anos.

Minha mentira foi a chave que abriu o cadeado enferrujado que me mantinha acorrentado dentro de mim mesmo. Senti-me como se tivesse fugido de uma armadilha de cuja existência só agora me dera conta.

Mikael Tengmann atendeu Naomi e mais dois pacientes e só depois saiu. Faltavam poucos minutos para as 18 horas. A essa altura, a enfermeira — Anka — já ficara mais amigável, tendo feito um bule de chá para nós dois. Eu estava na minha segunda xícara, bebendo-a em pequenos goles — como aprendera com um amigo russo em Viena — através de um cristal de açúcar preso entre os dentes. O cristal era um presente de Anka.

— Olá, Erik! — exclamou Mikael, sacudindo-me exuberantemente a mão. Vestia um jaleco branco de médico, mas calçava pantufas de lã. — Desculpe tê-lo feito esperar.

— Não faz mal — respondi. Tirei da boca o que me sobrara do cristal e embrulhei-o muito bem num velho recibo que trazia no bolso, como se se tratasse de uma pedra preciosa, o que fez seus olhos brilharem, simultaneamente compreensivo e divertido.

— Deve querer falar sobre Stefã — disse ele.

— Sim. Estou muito agradecido ao senhor por ter ido vê-la. Quero comprar o soro. Quanto tempo levará para consegui-lo?

— Um dia ou dois. Conheço um jovem contrabandista especializado em medicamentos. Vou colocá-lo já para trabalhar nisso. Mas, Erik... — Mikael fez uma careta. — É caro: 1.000 zlotys.

— Eu sei; Ewa me disse. Prometo que amanhã terei o dinheiro. O mais tardar, depois de amanhã.

Fez um gesto para eu não me preocupar.

— Tenho confiança no senhor. O que importa é que Stefa fique boa.

Virando-se para a enfermeira, que anotava alguma coisa na agenda de marcações de consultas, disse:

— Anka, desculpe tê-la feito ficar até tão tarde hoje. Pode ir quando quiser.

— Está bem, doutor — respondeu ela, com um grande sorriso. — Obrigada.

— Ouça, Mikael — disse eu —, também preciso falar com você sobre uma menina chamada Anna Levine. Rowy Klaus disse-me que era possível que ela tivesse vindo aqui para uma consulta.

— Anna Levine? Não me lembro desse nome.

Tirei a fotografia e passei-a a ele. Mikael colocou os óculos de tartaruga, e então reparei que estavam presos por uma corrente feita de cliques para papel.

— Que corrente chique — comentei.

Ele riu alegremente.

— Foi Helena quem fez.

Senti a inveja invadir-me, mas escondi-a o melhor que pude. Ele pôs-se a estudar a fotografia.

— Lembro-me desta menina — disse-me —, mas Anna não foi o nome que ela me deu. — Devolveu-me a fotografia. — E nunca me falou em coro nenhum.

— Que estranho.

— Erik, acho que ficaremos muito mais à vontade no meu consultório — disse ele, indicando-me com a mão a porta aberta lá atrás.

Tive a impressão de que não queria que Anka continuasse ouvindo nossa conversa.

Assim que entramos no consultório, indicou-me a cadeira em frente à mesa atulhada de coisas.

— Fique à vontade.

Atrás de Mikael estavam penduradas suas belas fotografias dos Alpes, e especulei se não lhe serviriam para se lembrar de que ainda existia um mundo natural magnífico — muito além do controle dos nazistas. E que esse mundo estava à espera dele.

Sentando-me, perguntei:

— Então que nome a menina lhe deu?

— Acho que nem me deu nome nenhum — respondeu ele, tirando o jaleco e pendurando-o num cabide. — Seja como for, não tomei nota dele.

— Por que não?

— Porque ela me pediu que não escrevesse nada da nossa conversa.

Tirou um charuto da caixa que tinha em cima da mesa e ofereceu-me um, mas eu estava cansado demais para o esforço que isso exigia.

— Se bem me lembro — continuou ele —, ela veio aqui sem ter consulta marcada.

— Então nunca a tinha visto antes disso?

— Não. — Tirando as pantufas, sentou-se e recostou-se na cadeira com um suspiro de alívio. — Como é que a conhece? — perguntou.

Contei-lhe a minha conversa com Dorota, sublinhando a relação de Anna com Pawel Sawicki. Mikael acendeu o charuto, chupando-o com tanta força que as bochechas se cavaram para dentro. Parecia o médico excêntrico de um conto infantil: disparatado e enternecedor. Ou será que se esforçava muito por parecer assim mas era completamente diferente? Mais uma vez, senti que tinha ido parar no palco de uma peça de teatro e que todo mundo sabia o seu papel, menos eu.

Quando acabei o meu relato, Mikael disse, numa voz horrorizada:

— Este lugar, este tempo que estamos atravessando, desafia qualquer tentativa de descrição. — Ergueu-se, foi até a janela e abriu-a, colocando para dentro uma garrafa de vodca que deixara gelando sobre o parapeito.

— Posso oferecer-lhe uma bebida? — perguntou, levando a garrafa até a mesa.

— Não, obrigado. Se bebesse vodca, adormeceria aqui mesmo.

Soltou uma risada afável.

— Mesmo assim, devia beber um dedal. — Esticou o polegar e o indicador a uns 2 centímetros de distância um do outro, para me mostrar a quantidade; o gesto de um homem habituado a convencer crianças a tomar remédios. — Ajudaria a descontraír — acrescentou. — E a aquecer.

Por que está sendo tão simpático comigo?, tive vontade de perguntar. Deveria ser óbvio para mim que todo mundo sentia que eu estava prestes a desmoronar, mas não era.

— Eu já bebo daqui a pouco — respondi.

Voltando a se sentar, ele tirou um pequeno cálice cor de ametista da gaveta de baixo da secretária e encheu-o. Depois de bebê-lo de um só trago, lambeu os lábios como um gato. Somando-se à sua afabilidade, a intimidade desse gesto — como se fôssemos amigos há séculos — fez-me perder as defesas por completo.

— Por favor, ajude-me, Mikael — supliquei, e ao ouvir o tom da minha voz sufocada tive vontade de sair correndo.

— Ouça, Erik, eu o ajudo o máximo que puder, mas não posso lhe dizer por que a menina da sua fotografia veio me ver; pelo menos, não posso dizê-lo em detalhes. Prometi-lhe que o que tínhamos discutido seria mantido em segredo, e é por isso que não fiquei com uma ficha dela. Tudo o que posso lhe dizer mesmo é que ela tinha um problema para o qual precisava da

ajuda de um médico.

— A mãe sabia desse problema?

— Para ser franco, não sei.

— A doença dela era grave?

— Erik — disse ele gravemente, juntando as palmas das mãos num gesto de súplica —, não me obrigue a mentir.

— Ela estava muito magra; a mãe me disse que deixara de comer. Mas talvez não pudesse comer por ter disenteria. Era isso?

— Erik, pare, por favor!

Apesar das súplicas de Mikael, as especulações sobre a origem dos problemas de Anna não paravam de me martelar a cabeça, embora quase todas me parecessem ridiculamente improváveis. Cheguei a imaginar que ela tivesse sido lentamente envenenada...

— Será que estava grávida? — perguntei por fim. — É por isso que estava tão desesperada?

— Não — respondeu ele, com azedume.

Tragou longamente o charuto e tirou um fio de tabaco da língua. Os gestos dele eram rápidos e seguros — os gestos de um homem confiante em si próprio, com uma profissão admirada, e cuja neta ainda vivia.

Bati com a palma da mão na mesa.

— Raios! Alguém deve saber o que é que ela tinha! Por favor, Mikael, os nazistas cortaram-lhe a mão!

Eu sabia que estava fazendo uma cena, mas não consegui me controlar. Desejei naquele momento nunca lhe ter dado o meu nome verdadeiro; o uso de uma identidade falsa me permitiria ser mais desesperado nas minhas súplicas — ou até ameaçá-lo.

Abalado, o médico pôs os óculos e encheu de novo o copo, devagar.

— Diga-me só se ela falou alguma coisa sobre o meu sobrinho. Tenho o direito de sabê-lo.

Ele ergueu os olhos, espantado.

— Então eles se conheciam? — perguntou.

— Não tenho certeza. Embora haja um elo entre eles: o coro.

— Ah, entendo. Mas, nesse caso, é com Rowy que o senhor tem que falar.

Alguém bateu à porta, interrompendo-nos. Era a enfermeira.

— Se não há mais nada, então vou andando, Dr. Tengmann — disse ela.

— Obrigado, Anka. Boa-noite.

— E uma boa noite para o senhor também, Dr. Cohen — acrescentou ela.

— Obrigado... e pelo chá também — respondi.

Assim que a porta se fechou, virei-me de novo para Mikael.

— Rowy garantiu-me que Anna nunca lhe falou de Adam. E o meu sobrinho nunca

mencionou a menina diante de mim.

— Então, parece que estamos num beco sem saída.

Engoliu seu segundo copo de vodca e, em seguida, pressionou a mão contra a testa, perturbado.

— Está se sentindo bem? — perguntei.

— Foi só por um momento, um... um o quê? Não sei como descrever isto. — Baixou a mão. — O desespero me atinge quando menos o espero. É como se estivesse de luto.

— Por quem, se me permite a pergunta?

— Aí é que está: não sei. — Olhou-me com ar espantado. — É como se fosse uma nova forma de desgosto profundo; por nada e por tudo ao mesmo tempo. Não sei como chamar isso. — Meneou a cabeça, descontente consigo próprio. — Embora não tenha qualquer direito de falar em luto diante do senhor. Desculpe.

Vi que o tinha julgado mal. Adam estava bem presente no espírito dele.

— Não peça desculpa — eu disse. — Fico-lhe grato por estar atento aos meus sentimentos. E já percebi que não vai me revelar mais nada sobre Anna além do que já me contou, mas sabe se haverá mais alguém que possa saber o que se passava com ela?

— Infelizmente ela não me contou quase nada sobre a vida dela. E agora... — Pegou outro cálice cor de ametista e encheu-o, passando-o, em seguida, para mim.

Quando me viu acabar com a vodca num único gole, Mikael presenteou-me com um sorriso de admiração.

— Melhor? — perguntou-me.

— Poucas coisas poderiam me interessar menos do que o meu estado de espírito — respondi, sacrificando a delicadeza à sinceridade. — Mas obrigado mesmo assim.

Quando ia saindo, Mikael passou-me a ficha de Adam. Na sua caligrafia precisa, em alemão, o médico escrevera:

“Reflexos excelentes. Vivo. Nem sinal de doença, mas precisa engordar!!!”

Nunca me esquecerei daqueles três pontos de exclamação.

E também escrevera aprovado para o coro, em letras grandes.

Percorri a página, à procura de um elemento que queria verificar, e encontrei-o rabiscado quase ao fim. Adam media 1,54 metro no final de novembro de 1940, meio centímetro a menos do que quando eu o medira em casa duas semanas antes dessa data.

Em espírito, vi-me inclinando o lápis numa direção favorável; não tinha percebido que trapaceara.

— Pode ficar com ela, se quiser — disse-me Mikael, e, quando ergui os olhos para agradecer-lhe, vi que os dele estavam úmidos. — O seu sobrinho era um menino lindo — disse-me.

Já estava na rua quando ouvi chamar o meu nome. Anka, a enfermeira do Dr. Tengmann, caminhava apressada na minha direção, com um lenço branco bem apertado em volta do rosto decidido.

— Sou capaz de perder o emprego por causa disto — disse-me apressada —, mas aquela menina, Anna, nunca esteve no consultório; pelo menos, não comigo lá. E não temos qualquer ficha dela. Pense bem por quê!

— Mas Mikael disse que isso foi porque...

Antes que pudesse dizer mais alguma coisa, Anka virou-me as costas e afastou-se. De repente, lançou-me um olhar para trás. Não vi medo, como esperara. Vi raiva.

Nota

* Quando Erik me cantou uma parte da canção, reconheci-a como o acompanhamento composto por Schubert para o salmo 92, que diz assim: “Meus olhos viram a derrota dos meus adversários; meus ouvidos ouviram a debandada dos meus malévolos inimigos.”

Capítulo 12

ANTES DE VOLTAR PARA CASA, fui falar com Dorota. Com o xale de flores que trazia nos ombros bem apertado numa das mãos, saiu pé ante pé para o corredor a fim de falar comigo.

— Desculpe, mas meu marido não deixa entrar ninguém — disse ela, baixinho.

Contei-lhe o que Mikael me dissera.

Dorota balançou a cabeça, cética.

— Anna se recusava a falar da saúde dela com quem quer que fosse. Não acredito que tenha ido falar com ele ou com qualquer outro estranho.

— Então por que Mikael ia inventar uma consulta com ela?

— Não sei.

Quando lhe pedi uma lista dos amigos mais chegados da filha, bem como uma dos respectivos endereços, ela voltou a entrar em casa de fininho para atender o meu pedido. Passado um minuto ou dois, passou-me um envelope por baixo da porta.

Dorota anotara dois nomes na sua caligrafia precisa. Ambos viviam do outro lado da cidade, no Gueto Pequeno.* Olhei para o relógio: 18h50. Tinha que voltar para casa para fazer o jantar. Naquela noite, já não haveria tempo suficiente para interrogar os amigos de Anna antes do toque de recolher.

* * *

Quando retornei ao apartamento de Stefa, descobri que os serviços sanitários do gueto tinham pulverizado tudo com ácido carbólico, menos a cama, pois ela não tinha força suficiente naqueles braços esqueléticos para se erguer sozinha, e recusara terminantemente qualquer tipo de ajuda. Pus a mão em sua testa: estava fervendo. Mas os pés, frios como gelo. Quando os cobri com mais um cobertor, ela disse:

— Não, não faça isso, tenho que ir à banheira lavar a camisa branca de Adam. Ajude-me a levantar.

— E para que você quer lavar a camisa branca dele? — perguntei.

— Amanhã de manhã vão tirar a fotografia dele.

— De que é que você está falando?

Das profundezas do delírio que tomara conta dela, respondeu:

— Vão tirar a fotografia de todos os meninos para o início das aulas.

Confrontá-la com a verdade naquele momento poderia pôr em perigo sua frágil estabilidade, por isso disse-lhe que estava doente demais para ir lavar coisas e que, se eu molhasse naquele momento a camisa branca de Adam, de manhã ainda não estaria seca.

— Mas ele tem outras camisas bonitas para usar — acrescentei, tentando falar em tom alegre. — Eu passo uma depois do jantar. — E cogitava mesmo fazê-lo, se isso a acalmasse.

— Seu filho da mãe! — retorquiu, zangada.

— Stefa, por favor não diga isso. Estou fazendo o melhor que posso.

— Mas está sempre me criticando!

Ser considerado um tio injusto fez com que eu me sentisse possesso, por isso tirei a camisa que ela queria do cesto da roupa suja que havia no meu quarto. Quando a trouxe, ela tentou desesperadamente sentar-se na cama.

— Pelo amor de Deus, fique quieta! — ordenei-lhe. — Eu a lavo logo após o jantar.

Ela começou a chorar em silêncio. Sentado ao lado dela, disse-lhe que ia pendurar a camisa, depois de lavá-la, junto ao aquecedor do meu quarto, para estar seca de manhã.

— Não se preocupe; Adam vai parecer um príncipe na fotografia.

Desviou os olhos vagos para um ponto longínquo. Mexeu os lábios, e vi que estava dizendo o nome do filho, mas sem voz. Imaginei que estaria fazendo cálculos sobre a sua vida, tendo descoberto que, por muito que fizesse no futuro, nunca conseguiria chegar sequer a zero.

— Stefa — comecei, mas não consegui acabar a frase; não sabia como havia de formular o que desejava para nós sem parecer que estava traindo a profundidade da nossa dor.

Fiquei sentado sozinho à mesa da cozinha, com a sensação de que as paredes iam desabar sobre mim — e que esse seria um fim adequado. Depois, treinei a assinatura de Erik Honec até me decidir por uma letra muito ornamentada, com uns floreios aristocráticos no E e no H.

O simples movimento das minhas mãos trouxe-me alívio. Significava: *Ainda tenho alternativas.*

Às 19h30, antes do toque de recolher, Ewa veio com Helena ver como estava Stefa. Eu tinha começado naquele instante a fazer minha sopa de couve e cascas de batata, e todas as pessoas com quem precisava falar sobre a morte de Adam começaram a juntar-se à minha volta, sufocando-me, quando me debrucei sobre o fogão. Helena ficou comigo enquanto Ewa

foi falar com minha sobrinha. À mesa da cozinha, a menina desenhou, em riscos bruscos, aviões pontiagudos voando sobre Varsóvia. Disse-me que eram bombardeiros russos. A cidade — uma confusão de torres e espirais — estava deserta. Não se via ninguém.

— Mas onde estão as pessoas? — perguntei, com medo de que estivessem todas mortas.

— Estão de férias — respondeu. — Isto é no verão. — Apontou para o grande sol amarelo no topo do desenho.

Sorri grato pelos dias e noites quentes que existiam na imaginação dela.

Minha sobrinha deve ter contado a Ewa a natureza da discussão que tivera comigo; quando ouvimos serem abertas as torneiras do banheiro, Helena e eu entramos e vimos Ewa lavando a camisa de Adam na banheira. Depois, colocou-a para secar numa corda que tínhamos pendurado de um lado a outro.

Poucos minutos antes das 20 horas, Ewa veio me dar um beijo de boa-noite, encaminhando Helena para a porta. Tentei dar-lhe dinheiro para um riquixá, uma dessas bicicletas com um assento montado à frente que a essa altura já tinham se tornado frequentes na nossa ilha, mas ela recusou.

Sentei Stefa na cama com várias almofadas para ampará-la e dei-lhe a sopa de colher, mas ela comeu com um olhar perdido dentro de si, sem dizer uma palavra.

Depois — sabe Deus por que — sentei-me à mesa e fiz uma lista de todas as pessoas que conhecera e que já tinham morrido, começando por Adam e Anna. Quando acabei, contei-as: 25. Passei mais uma hora trabalhando na lista e consegui arranjar mais duas.** Porém ainda não estava satisfeito.

Só então é que me lembrei de que minha mãe começara a fazer listas freneticamente após o nascimento do meu irmão mais novo. Meu pai e eu toda hora encontrávamos pela casa seus inventários numerados. Anos mais tarde, perguntei-lhe o que fora aquilo, e ela disse que tinha sido a única maneira que encontrara de não desmoronar com duas crianças para criar.

Num impulso súbito, inseri *Erik Honec* após o nome da minha mãe, e foi um alívio ver ali o meu alter ego; significava que escaparia ao gueto, de uma maneira ou de outra.

Instalei-me na poltrona de Stefa para passar a noite. Ela só se mexeu uma vez, um pouco depois da meia-noite, com vontade de fazer xixi, e de manhã a febre tinha baixado um pouco. Agradeceu-me com voz forte quando lhe passei uma xícara de chá quente adoçado com melão e o cristal de açúcar que eu guardara. Senti que ela havia voltado para casa, e dei-lhe um beijo de boas-vindas no rosto. Cobri uma torrada com doce de ruibarbo, parti-a em pedacinhos e fui lhe dando um a um, espetados num garfo. Ela gracejou com a minha etiqueta aristocrática à mesa, o que me pareceu um ótimo sinal, mas, quando estava na cozinha fazendo um sucedâneo de café para mim, perguntou-me lá de dentro:

— A camisa do Adam já secou?

Fui vê-la no quarto. Talvez alguma coisa na minha expressão tenha lhe lembrado a verdade; arregalou os olhos de horror e levou as mãos à boca.

— Ele morreu, não foi? — sussurrou ela, com medo.

— Vamos conversar — disse eu, massageando-lhe os pés sobre o cobertor. — Diga o que passar pela sua cabeça, que eu não faço qualquer juízo. Prometo.

Fiz essa promessa porque não conseguia suportar a ideia de ser lembrado como um tio injusto depois de morrer.

— Não — ela me disse com firmeza. — Não há nada para dizer.

Levantei-me e voltei para a cozinha. Enquanto olhava de mente vazia para o meu café, bateram à porta. Dei com Wolfi, Feivel e Sarah, plantados no patamar, olhando para mim. Os rostinhos deles mostravam receio; talvez pensassem que a morte de Adam pudesse ter feito eu me virar contra eles.

— Olá, Dr. Cohen, nós... nós viemos ver a Gloria — disse Feivel, hesitante.

— Ela não está muito bem — respondi. — Mas podem entrar e dar-lhe de comer, se quiserem.

Enquanto Feivel e Wolfi despejavam sementes no pratinho dela, Sarah foi encher o bebedouro na pia, levando-o de volta bem seguro em ambas as mãos, decidida a não entornar uma única gota. A firme determinação da menina me deu uma ideia.

— Talvez um de vocês pudesse adotar a Gloria — sugeri. — Adam teria gostado disso.

— Meu pai detesta animais domésticos — respondeu Wolfi. — E diz que os pássaros estão sempre fazendo cocô.

Feivel fixou os olhos no chão. Sarah mordeu o lábio, com a expressão de quem tinha vontade de sair correndo.

— Esqueçam — falei. — Eu estava sendo egoísta.

— Não, eu fico com ela! — anunciou Feivel; quando olhei para ele, começou a dizer que sim com a cabeça energicamente, como que para convencer a nós dois.

Quando os dois meninos estavam descendo a escada com a gaiola, Sarah olhou para trás e encarou-me por um instante, como que para me fixar na memória, e ao apartamento também, e então eu soube — com o desespero me estrangulando — que nunca mais a veria, nem a ela nem a nenhum dos outros amigos de Adam.

Às 21h15, deixei Stefa sozinha para ir encontrar a Sra. Rackemann. Ela me fez entrar na loja e trancou a porta com uma volta firme da mão.

O falsificador que ela contratara — e que era conhecido pelo nome de Otto — datilografara um documento em papel de carta nazista, identificando Erik Honec como subdiretor do Distrito de Varsóvia do Reichsministerium des Innern, o Ministério do Interior. Eu sugerira o Gabinete de Recenseamento do Reich, mas a Sra. Rackemann informou-me que Otto sugerira algo mais abrangente, para o caso de eu me lançar em outra aventura que exigisse um posto governamental ligeiramente diferente.

Abriu um sorriso matreiro quando me disse isso; era óbvio que adorava a ideia de enganar os nazistas.

Inclinei o papel, de forma a colocá-lo sob a luz do candeeiro da sua escrivaninha. No topo da folha de papel branco-sujo, o emblema nazista — uma águia empoleirada numa coroa com a suástica ao centro — tinha uma imponência sinistra. E o selo branco no fundo da página parecia totalmente autêntico. Quando passei o dedo por cima, a Sra. Rackemann perguntou:

— Otto é mesmo bom, não acha?

— Um verdadeiro profissional — concordei.

— Ele produziu documentos para o Ministério Polonês do Interior durante trinta anos. Sabe bem o que faz; mas preferia que o senhor lhe tivesse fornecido uma fotografia.

— Era capaz de perder a coragem, se tivesse ido em casa buscar uma. Além disso, um polonês não sabe como são estes documentos, e não tenho intenções de me identificar perante nenhum oficial alemão.

Depois de lhe prometer o restante do pagamento para o dia seguinte, a Sra. Rackemann passou-me uma caneta para o último detalhe. Assinei meu novo nome com os floreados firmes que andara ensaiando — um juramento de vingança consignado a tinta.

Como já tivera centenas de conhecidos e amigos cristãos antes de ser obrigado a me mudar para o gueto, decidi que era necessária uma mudança de aspecto antes de me aventurar no Outro Lado; afinal, se alguém me reconhecesse e denunciasse, eu seria logo executado, sem segunda chance. Por isso, antes de voltar para casa, comprei tinta para cabelo num salão de beleza da rua Nalewki.

A mistela artesanal transformou-se num creme espumoso cor de café com leite quando a misturei com água; aquilo dava-me coceira no couro cabeludo. Tinha as minhas dúvidas quanto à sua eficácia, mas, quando lavei a cabeça com água, tinha o cabelo preto e brilhante. O contraste com a minha pele lívida cheia de rugas dava-me o ar de um velho dançarino de flamenco desesperadamente agarrado à juventude. E os meus olhos pareciam menores, como se o *Eu* dentro de mim estivesse encurralado numa caverna profunda.***

Depois de tirar a roupa, sentei-me perto do aquecedor e, esfregando-me com a esponja e o nosso pegajoso sabão do gueto, tirei de cima da pele, o melhor que pude, semanas e semanas de porcaria. Em seguida fiz a barba com esmero e, entornando na mão um pouco da água de rosas de Stefa, passei-a no queixo e nas bochechas.

Vesti meu terno de lã marrom, que nunca mais vestira desde que me mudara para o apartamento de Stefa, mas o tecido pesado caía dos meus ombros atrofiados como a roupa de um palhaço, por isso pus um casaco de malha por baixo. Não coloquei o sobretudo: parecia um trapo velho. Mais valia morrer de frio do que me arriscar a estragar o disfarce.

Como toque final, fui à casa de Izzy para lhe pedir o Borsalino emprestado. Ele tinha

mudado havia pouco tempo seu velho catre do Exército para a oficina, porque três primos recém-chegados estavam vivendo agora em seu apartamento, e Izzy estava ficando claustrofóbico.

Ao abrir a porta, fez uma careta.

— *Gottenyu*, Erik! Que raios lhe aconteceu?

— Precisei de uma nova identidade — expliquei, dando um passo para o lado.

— E para isso precisa pôr um corvo morto na cabeça?

— Sou um guarda de jardim zoológico numa farsa ídiche — retorqui.

— Estão sempre lhe dando o mesmo papel! — observou, brincalhão. Mesmo em momentos de desgosto (especialmente nesses) Izzy era um exímio improvisador.

— Diga-me a verdade: acha que eu podia passar pelo *eu* que costumava ser?

Ele me mediu de alto a baixo, forçado a escolher entre o humor e a franqueza.

— Depende do *you* que quer imitar — replicou. — Mas para que diabo você quer fazer isso?

— Deixe para lá, não interessa. Vou precisar do seu Borsalino. Onde é que ele está?

— Então sempre vai tentar o papel do protagonista romântico? — Uma faísca malandra brincou em seus olhos.

— Ouça, se eu não voltar, pode ficar com as roupas que quiser. E com os meus livros.

— Se você vai se meter em alguma coisa perigosa, quero saber o que é.

— É uma longa história.

— Ou me faz um resumo, ou pode esquecer minha ajuda.

Depois de contar a ele tudo sobre Anna e lhe mostrar meus documentos do Ministério do Interior, Izzy deu uns estalidos com a língua — o código dele para designar uma aventura arriscada — e foi buscar o Borsalino no armazém de papel de carta que havia atrás de sua oficina. Eu precisava fazer xixi e fui ao banheiro, que consistia num balde de latão escondido atrás de um biombo. Penduradas do teto, viam-se setas apontando para Moscou, Nova York, Rio de Janeiro e o polo Norte. Uma maior, virada para sudoeste, dizia: *Boulogne-Billancourt: 1.300 quilômetros*; os dois filhos adultos de Izzy — Ryszard e Karl — trabalhavam como mecânicos de aviões nesse subúrbio industrial de Paris.

De volta à oficina, ele me estendeu o chapéu. Já tinha posto o cachecol e estava abotoando o casaco.

— Então, qual é o seu problema, Dr. Freud? — quis saber quando acabou, erguendo aquelas suas sobrancelhas espessas; devo ter exibido um ar perplexo.

— Nada — respondi; já tinha, então, percebido que a verdadeira razão para ter ido lá era pedir-lhe que fosse comigo.

— Olhe isto! — disse ele, e, do nada, tirou um lenço de seda branca. Um truque dos tempos em que fazia espetáculos de magia a bordo do *Bourdonnais*, o navio mercante francês em que trabalhara como criado na sua juventude.

— Para que é isso? — quis saber.

Dobrando-o em quatro, colocou-o no meu bolso do peito.

— Agora sim você está com ar de homem que impõe respeito! — observou, triunfante.

— Ou talvez de guarda de jardim zoológico bem-vestido — retorqui.

* * *

Rabe ainda não chegara ao número 57 da rua Leszno. Pagamos os nossos 10 zlotys a um guarda adolescente com óculos de mergulhador; o porão fora recentemente convertido em oficina de montagem de riquixás, e ele trabalhava lá como soldador quando não estava de guarda. Cerca de vinte homens e rapazes — de peito nu e molhados de suor — martelavam rodas de bicicleta, lixavam para-choques, remendavam pneus... Izzy e eu passamos por eles e dirigimo-nos aos fundos, como nos tinham orientado. O cheiro de borracha queimada e lubrificante me encheu as narinas. Subimos umas escadas e chegamos diante de uma porta de madeira cheia de marcas.

— Será que é assim tão simples? — perguntou ele.

Girei o puxador de latão e empurrei a porta. Estávamos num corredor mal iluminado. O guarda de que nos tinham falado tinha um bigode lúgubre e olhos mortiços. Comia uma maçã. Olhando-nos de cima a baixo, disse, num polonês rude:

— Tirem as braçadeiras de judeu.

Assim que ficaram bem escondidas nos nossos bolsos, ele apontou para uma escada de madeira periclitante ao fundo do corredor.

— É um lance acima — resmungou.

Chegamos a uma porta que desembocava num pátio com uma fonte de mármore ao centro: Pã, equilibrado sobre uma perna, tocava sua flauta. Caminhando sobre as lajes, entramos no vestíbulo da frente. Caixotes de madeira vazios espalhavam-se pelo chão. Empurramos a porta de entrada e saímos numa rua ensolarada.

Paramos logo, olhando para os edificios à nossa volta como insetos tontos após uma trovoadas.

A maior diferença era o cheiro, embora eu só tenha me dado conta disso depois de vinte minutos de caminhada, quando nos vimos embaixo das pontiagudas torres da Igreja da Cruz Sagrada. Desaparecera o fedor de loja de animais, típico do gueto.

Cochichamos nosso espanto em polonês; não nos atrevíamos a falar iídiche fora do nosso território.

Caminhando à frente de Izzy, tentei reconquistar o passo confiante do Tempo de Antes — que era como eu via o tempo precedente à ocupação alemã de Varsóvia —, mas acabava sempre por recair nos passos arrastados e nos ombros curvados que todos tínhamos adquirido. *O Paso Doble do Gueto*, como lhe chamava Izzy.

Cerca de uma dúzia de soldados alemães bêbados cantavam a várias vezes dessincronizadas uma melodia que não reconheci, enquanto avançávamos vacilantes ao longo da praça Zbawiciela. Curvando os ombros para tornar o corpo o mais compacto possível, contornamos rapidamente a rotatória até chegarmos ao outro lado.

— Porra, devemos estar parecendo duas bolas de *matzo*! — sussurrou-me Izzy.

Em circunstâncias mais favoráveis, eu teria desatado a rir.

Quando nos dissolvemos na multidão que enchia a rua Marszałkowska, tive um estremecimento de alívio. E as boas recordações também me alegraram; Hannah e eu costumávamos ir até ali fazer compras quando namorávamos — fora do alcance dos nossos pais intrometidos e dos seus espiões sedentos de bisbilhotice.

Sentindo-me seguro, dei um murro no braço de Izzy — com força suficiente para espantá-lo, mas não para machucá-lo.

— Mas o que é que deu em você? — perguntou, fingindo-se zangado.

— Isso por você me dar vontade de rir na frente de soldados alemães...

— E então, que mais quer que eu faça? — respondeu, dando uma entonação iídiche à pergunta.

Olhei ao redor, numa tentativa de medir a dimensão da nossa escapadela temporária — e para avaliar a nossa vulnerabilidade. Ninguém olhava para nós. Bom sinal.

— O que me perturba — disse eu a Izzy — é que acho que ninguém deste lado da fronteira sabe ainda que Adam morreu. Provavelmente, nem querem saber nada do que estamos passando.

Então, Izzy contou-me como o assassinato de meu sobrinho lhe corrompera a fé, usando suas metáforas idiossincráticas de relojoeiro — molas torcidas, rodas dentadas soltas... Ouvi com atenção aquelas confissões constantemente interrompidas e retomadas, porque senti que ele nunca me abriria o coração dessa maneira dentro do gueto, e senti-me comovido por se arriscar a falar de Deus comigo, visto eu ter sido sempre tão obstinadamente ateu. Quando terminou, fixei bem o desespero do seu olhar, e tive a sensação de que nossa amizade era a única maneira de qualquer um de nós conseguir sair do mar gelado em que nos encontrávamos.

Disse-lhe em voz baixa o poema de um verso que andara memorizando:

— As crianças tornam-se adultos quando atravessam o limiar de Gehenna.

— E os adultos? — perguntou ele.

— Vou ter que pensar sobre isso.

Quando retomamos nosso caminho, percebi que chegara o momento de abordar um assunto que quase conseguira afogar nossa amizade, quarenta anos antes.

— Ouça, Izzy, desculpe tê-lo desiludido tantos anos atrás. Fui horrível com você. Me perdoe.

Ele parou de repente, surpreso.

— Devia ter-lhe pedido desculpas há muitos anos — continuei. — Fui um idiota.

Ainda bem que estávamos falando em polonês; era mais fácil aventurar-me fora do meu eu habitual numa língua que não era aquela em que andava vivendo ultimamente.

Ele olhou fixamente para o chão, sem saber o que responder. Tremia-lhe o maxilar.

— Você não sabia o mal que podia me fazer. Éramos ambos novos demais para nos portarmos como homens.

Para significar *homens*, arriscou a palavra *mensch*, e as suas conotações em iídiche significavam que não estávamos prontos para ser bons e generosos um com o outro — muito menos com todas as outras pessoas.

Nesse dia, ambos atravessamos num passo um pouco mais ligeiro o resto da nossa jornada, e tomei consciência de que já não tinha importância o fato de nunca termos dividido uma cama; estávamos juntos agora. Nossa intimidade renovada era a única coisa que tínhamos a agradecer aos nazistas.

Contudo, logo uma pergunta perturbadora aflorou em meu espírito: poderia o assassino de Adam ter sido também libertado de anteriores tabus pela ocupação alemã?

O prédio de Paweł ficava no bairro Stary Mokotów, uma parte elegante da cidade guardada por vastas tílias e bétulas de ramos nus. Duas cariátides de mármore com o nariz partido flanqueavam a entrada. O chão de azulejos — em padrão de xadrez — estava pegajoso. A caixa de correio do 5B tinha uma etiqueta que dizia “Sawicki”.

— Espero sinceramente que a mãe de Paweł se sinta tão intimidada pelos alemães como a maior parte dos poloneses — disse eu a Izzy.

Ele e eu tínhamos chegado à conclusão de que o pai do rapaz devia estar no trabalho.

— Rosne para ela de vez em quando, como você faz comigo — respondeu ele, com um sorriso malicioso. Deu-me um ligeiro empurrão na direção da escada: de um soldado para outro. — *Festina lente* — acrescentou, apontando um dedo professoral na minha direção; era o que o nosso professor de latim, Borkowski, costumava nos dizer quando tocava o sinal ao fim da aula.

Izzy ficou lá embaixo, à espera. Ao chegar no quinto andar, tirei o cachecol e as luvas e pus a braçadeira nazista que a Sra. Rackemann conseguira me arranjar. A suástica fez meu corpo arrepiar-se, mas também libertou a minha imaginação — o paradoxo de um ardil bem montado.

Quando bati à porta, uma mulher bonita, vestida com um roupão cor-de-rosa até os pés — e com umas ridículas florzinhas de pelúcia nos punhos — veio abrir. Eu diria que tinha os seus 40 anos, embora usasse o cabelo de um castanho escuro cortado numa longa franja, o que lhe dava um ar de juvenzinha. Tinha um rosto inteligente, mas duro.

— Sra. Sawicki? — perguntei, tirando o Borsalino de Izzy.

— Sou eu.

— Meu nome é Honec. Desculpe incomodá-la. Sou do Ministério do Interior do Reich.

Dei à minha voz um ligeiro sotaque austríaco — decidira que, tal como eu, Honec vivera em Viena durante algum tempo.

Apertamos as mãos. A dela era fria mas suave, e tinha as unhas compridas pintadas de vermelho-cereja; era óbvio que não precisava fazer a faxina da casa, mesmo sob a ocupação alemã.

— Seu marido está? — perguntei.

— Não, lamento, está no trabalho, mas talvez eu possa ajudá-lo. Algum problema?

— Não é nada de grande importância, só que perdemos a pista de uma menina, uma judia.

Disseram-me que talvez a conhecesse.

— É pouco provável. Não me dou com judeus.

— Faz muito bem — observei. — Mesmo assim, gostaria de falar com a senhora por uns momentos.

— Ainda não estou vestida, como pode ver.

— Tenho as minhas ordens — respondi, rígido —, e não quero obrigá-la a deslocar-se até os nossos escritórios. Ficam do outro lado da cidade.

— Traz alguma identificação?

Tirei do bolso a obra de arte de Otto e passei-a para sua mão. Ela passou os olhos rapidamente — rápido demais, como se tentando me convencer de que era fluente em alemão.

— Está bem, entre — disse ela, devolvendo-me o documento falso, mas sem se dar ao trabalho de disfarçar o cenho carregado.

Já passara em um teste. Entrei. O chão era bonito, de parkê escuro, e o cheiro de tinta fresca fez cócegas em meu nariz. Era óbvio que estava pronto para me agarrar a qualquer pista, por menor que fosse; imaginei o sangue da mão cortada de Anna salpicando as paredes, que depois teriam levado uma camada de cal para escondê-lo.

A Sra. Sawicki calçava chinelos dourados rematados com dois minúsculos pompons de pelúcia, exatamente iguais aos das mangas do roupão. Pareceu-me uma moda tão ridícula que só poderia aparecer em filmes.

— Venha por aqui — disse-me em tom amistoso.

Passando por uma cômoda e uma escrivaninha de madeira, ambas antigas, chegamos a uma grande sala de estar com um tapete vermelho no meio, do tom exato das unhas da Sra. Sawicki. Em lados opostos do tapete via-se um canapé de couro branco e três poltronas art nouveau com o espaldar em forma de lira, laqueados a ouro. Os assentos e as pernas eram pretos.

Tinha perante mim uma mulher desejosa de se enquadrar bem na sua mobília e decoração, mas era o espaço entre as coisas e à volta delas que me deixava nervoso; já me habituara à balbúrdia apertada do nosso apartamento, e aquele planeta de conforto e riqueza me parecia ameaçador.

— Sente-se aqui, Sr. Honec — disse-me a Sra. Sawicki, apontando para o canapé, que ficava de costas para as janelas. Os prédios do outro lado da rua agachavam-se sob um céu de chumbo, como se quisessem fugir do inverno. Mas ali eram os trópicos; o fogão ao canto da sala — adornado de azulejos cor-de-rosa e brancos, formando um padrão — irradiava um calor que eu não sentia havia meses. Quando me sentei, pensei amargamente em Stefa, mais de 1 quilômetro a oeste dali, tremendo debaixo de uma montanha de cobertores. O sentimento de deslocação — pesado e sem esperança — latejava em minha nuca.

Estava ficando com calor, mas não tirei o casaco para não perder o ar de autoridade. Pousei o chapéu ao meu lado no canapé.

A Sra. Sawicki sentou-se em frente a mim, num dos seus pequenos tronos dourados. Eu já chegara à conclusão de que, na imaginação dela, era uma autêntica rainha, não se deixando intimidar nem um pouco pela minha pessoa.

— Então, como vão as coisas no Ministério do Interior? — perguntou ela, e a boca torcida num sorriso divertido revelou-me que considerava o meu trabalho insignificante. Inclinando-se para a frente, tirou um cigarro de uma caixa de marfim pousada sobre a mesa de vidro entre nós dois.

— Com todas as remessas de judeus que têm chegado, temos andado ocupados — respondi, pondo-me de pé e oferecendo-lhe fogo. Ela roçou em minha mão ao aceitá-lo: um gesto estudado, e um chavão, mas o aperto no estômago, como um parafuso que se solta, significava que conseguira atingir seu objetivo. Soprou fumaça na direção do teto e cruzou as pernas esguias.

Eu comprara um maço de cigarros Gauloises para aperfeiçoar o meu disfarce. Antes de me sentar, pus um na boca, acendi-o e pus-me a examinar a sala.

Sobre a mesinha de vidro entre nós descobri uma pilha de revistas *Film Kurier*. A capa do exemplar de cima mostrava Greta Garbo e Robert Taylor num beijo apaixonado. Lembrei-me de como Dorota se mostrara furiosa por Anna e Paweł terem tido encontros secretos no cinema.

— Se me permite que o diga, fala muito bem o polonês, para um alemão — disse-me a Sra. Sawicki.

— Minha família mudou-se para Varsóvia quando eu tinha 13 anos — respondi.

— Que bom para o senhor. Onde morava a sua família?

Estava provavelmente me testando para ver se eu era do gueto.

— Na rua Tamka — respondi; era lá que vivia o meu tio Franz, que era louro e tinha olhos azuis. — Para meu pai poder ir a pé para as aulas. Era professor na Universidade.

— Entendo. Honec... parece um nome tcheco.

— Meu pai nasceu em Praga e minha mãe, em Viena; foi lá que eu nasci também.

— Teve uma educação interessante, sem dúvida — observou generosamente, e, contudo, fumava com gestos bruscos e irritados.

Tendo repellido seu primeiro ataque, senti-me mais ousado. Junto ao corredor que dava para os quartos, eu vira uma aquarela japonesa representando um tentilhão amarelo pousado na ponta de um bambu. Por trás do pequeno pássaro exuberante via-se uma montanha coberta de nevoeiro. Perguntei à Sra. Sawicki se podia contemplá-la mais de perto.

— Claro que pode — respondeu, animada pelo meu interesse.

Ao aproximar-me da aquarela, rocei a mão pela parede, que se revelou completamente seca — o que seria normal, se Anna tivesse sido morta ali no dia 24 de janeiro.

— É da autoria de Sakai Hōitsu — disse-me a Sra. Sawicki. — Japonês, fim do século XVIII. Escola de Rinpa.

Estava contente por poder mostrar seus conhecimentos de arte oriental. Observei-a enquanto fumava. E ela me observou observando-a. Adorava o pequeno holofote que eu fazia incidir sobre ela.

— O tentilhão e a montanha parecem feitos da mesma substância — observei.

— Creio que essa substância se chama tinta — retrucou a Sra. Sawicki, com um sorriso aberto.

Era um comentário realmente espirituoso; para agradar-lhe, ri.

Todas as obras de arte que tinha nas paredes pareciam ser do Oriente — e ter como objetivo informar os visitantes de que era uma mulher culta, que viajara muito além das fronteiras da Polónia. Por isso, aventurei um palpite:

— O seu pai era do corpo diplomático?

— Estou impressionada, Sr. Honec! — respondeu, fazendo uma pequena vênia respeitosa. — Mas era meu avô o embaixador da família. — Num alemão perfeito, provando que minha conclusão anterior sobre suas capacidades linguísticas estava errada, acrescentou: — Quando terminou a carreira, estabeleceu-se em Viena. Sempre que eu ia visitá-lo, ele adorava me levar para jantar no Hotel Imperial, no Ring da Ópera. Tinham a melhor *Sachertorte* de toda a Áustria... apesar do que os donos do hotel Sacher gostariam de nos fazer crer. Alguma vez jantou lá, por acaso?

A Sra. Sawicki tentava me pegar em falso. Será que eu não estava desempenhando meu papel suficientemente bem?

— Se me permite uma pequena correção — disse-lhe eu, carregando o sotaque austríaco —, o Imperial fica no Ring Kaerntner. E receio que estivesse além das posses de meu pai.

— Tem toda a razão, Sr. Honec, é lá mesmo. — Franziu de novo os lábios, divertida; sabia que eu tinha consciência de que ela me colocara à prova. — Agora, se me permite — disse-me em polonês —, vou me vestir, para podermos conversar como deve ser.

Parecia-me que a Sra. Sawicki continuava não me considerando um antagonista à altura. Como se para provar-lhe que estava enganada, apaguei o cigarro assim que ela saiu da sala e comecei a procurar qualquer coisa que se relacionasse com Anna ou Adam. No armário por baixo do gramofone predominavam as sinfonias clássicas, mas encontrei um disco de Hanka

Ordonówna com a assinatura de Paweł. Não seria natural ele ter levado um dos seus discos favoritos para o colégio interno?

Na escrivania da entrada havia envelopes com o nome da Sra. Sawicki timbrado em letras douradas, bem como um tinteiro seco e uma velha maçã ressequida que devia ter sido escondida e esquecida ali, possivelmente por um irmão mais novo de Paweł. Num inexplicável e súbito impulso, tirei três envelopes e enfiei-os no bolso do casaco. Na cômoda havia roupa de cama e um conjunto de prata Jugendstil dentro de um estojo de madeira. Abrindo-o com cuidado, tirei seis colheres de café. Quando as coloquei ao lado dos envelopes, minha visita à Sra. Sawicki ficou condenada a pautar-se pela vergonhosa evidência do roubo escondido no meu bolso.

Eu sentira a necessidade de lhe roubar qualquer coisa de valioso. Não sabia por quê, nem isso me importava. Minha barriga doía de fome e de medo, e isso parecia-me muito mais importante.

Voltei a me sentar quando ouvi os passos dela se aproximando, e acendi outro cigarro. Entrou com um vestido azul comprido e justo, sapatos pretos de salto alto, e os lábios pintados de vermelho-sangue. Tinha os olhos pesadamente sublinhados por um espesso rímel castanho-escuro, o que os fazia parecer pisados. Transformara-se na heroína teatral de um romance de Erich Maria Remarque.

Ao passar na mesinha à minha frente, endireitou a *Film Kurier* em que eu reparara de forma a ficar perfeitamente alinhada com as outras, e em seguida voltou a sentar-se à minha frente, entrelaçando as mãos sobre o colo, como se tivesse medo de ser demasiado expressiva; talvez minha presença a preocupasse, afinal. Talvez o seu querido Paweł tivesse assassinado Anna — ou tivesse sido testemunha de um trágico acidente — e ela tivesse medo de que eu descobrisse a verdade e trouxesse um escândalo à família.

Tirei o casaco; suava profusamente.

— Vou direto ao assunto — disse à minha anfitriã. — O nome da jovem desaparecida é Anna Levine. Acho que é capaz de ter vindo aqui. A mãe diz que seu filho era namorado da Anna.

A Sra. Sawicki deu uma risada forçada.

— Paweł nunca escolheria uma *zydóweczka* para namorada. — Pronunciou a palavra *judiazinha* como se cuspsse terra. Tive vontade de arrastá-la até o gueto e deixá-la lá, para se virar sozinha durante algumas semanas.

— No entanto — eu disse —, sei que ela veio aqui no dia 24 de janeiro.

Tirou com os dedos um pedaço de linha da bainha do vestido.

— Isso é impossível.

— Ela precisava falar com Paweł — observei. — Estava doente, precisava de ajuda.

— Já lhe disse que meu filho não conhecia nenhuma *zydóweczka* chamada Anna. — Reparando na ponta do meu cigarro e no cilindro de cinza prestes a cair no chão, a Sra.

Sawicki empurrou o cinzeiro de cristal na minha direção.

— Preferia manter nossa conversa num tom amigável — eu disse. — Tem certeza de que nunca conheceu Anna?

— Absoluta.

Sacudi o cigarro, deixando cair a cinza no tapete. Ela lançou-me um olhar assassino, mas não se mexeu. Tive a sensação de que seria capaz de manter a mão sobre a chama de uma vela só para me enfurecer.

— Uma testemunha confiável me garantiu que Anna esteve aqui — desafiei-a; minha ira me dava uma espécie de coragem louca.

Ela se levantou e foi até a janela, com passos firmes, quase a ponto de não conseguir controlar sua fúria. Quando se virou, cravou os olhos em mim.

— Paweł e essa judia saíram juntos algumas vezes — disse-me —, mas assim que descobri, dei um fim nisso.

— E Anna esteve aqui no dia 24 de janeiro.

— Como diabo quer que me lembre da data exata? De qualquer forma, quando veio bater à minha porta, eu disse-lhe que Paweł estava na escola, mas aquela tonta não acreditou. Insistiu em entrar, até teve o descaramento de fazer uma busca no quarto dele sem a minha autorização. — A Sra. Sawicki fez uma careta. — Deixou um fedor no apartamento. Durante semanas, ficou cheirando a estábulo aqui dentro.

Porque não temos água quente, e já não há sabonetes bons, tive vontade de gritar-lhe. Em vez disso, declarei:

— Os judeus são uns porcos.

— Não, Sr. Honec, se fossem só uns porcos — respondeu com ar doutoral —, não representariam um perigo tão grande para nós. Receio que sejam muito mais do que isso.

— Então como os descreveria? — perguntei.

— Como uma história subversiva que finalmente chegou ao fim.

As palavras dela sacudiram-me por dentro; anuí, fingindo concordar para esconder a minha ansiedade.

— Espero que tenha razão — disse-lhe. — Mas então, sabe aonde foi Anna depois de sair daqui?

— Voltou para o estábulo — replicou, sorrindo e exibindo todos os dentes, como se tivesse dito outra gracinha.

— Disse se ia encontrar algum amigo? — perguntei.

— Não me disse nada. Ficou aqui apenas um minuto; menos do que isso...

— Viu se trazia alguma coisa especial nas mãos? Um anel, ou uma pulseira?

— Que me lembre, não.

— Pense bem, por favor.

— O que quer insinuar? — retrucou, enfurecida. — Com certeza não pensa que ela trazia

na mão alguma coisa que meu filho lhe tivesse dado! Sr. Honec, aquilo para Paweł foi só uma paixãoite. Não significou nada.

Levantei-me e mostrei-lhe a fotografia de Adam.

— Viu este menino?

Ela meneou a cabeça.

— Chamava-se Adam. Anna não mencionou algum menino com esse nome, por acaso?

— Não.

— E deu alguma coisa à senhora? Uma carta?

A Sra. Sawicki inclinou a cabeça para trás e arregalou os olhos, como se eu estivesse esgotando sua paciência. Dei um último trago no cigarro e esmaguei-o no peitoril da janela. Seus olhos encheram-se de lágrimas.

— Se está me escondendo alguma coisa — ameacei —, saiba que seu marido pode perder o emprego.

— Sr. Honec, é mais que evidente para mim que o senhor não entende os poloneses. Somos um povo orgulhoso que vem sendo oprimido há séculos, e não gostamos que os estrangeiros nos deem ordens. — Pôs-se muito direita na cadeira; considerava-se uma heroína, e estava posando para a posteridade.

— Quem é que está dando ordens? — perguntei em tom bem-humorado. — Só estou fazendo perguntas.

— Perguntas podem ser consideradas ordens em certas circunstâncias.

— A senhora é inteligente, Sra. Sawicki.

— Pode acreditar que sim! — exclamou, como quem dá um aviso.

— Mas eu não preciso ser esperto — respondi-lhe. — Porque vou inventando as regras à medida que vou precisando. — Com as costas da mão, joguei no chão o cigarro apagado.

Ela contraiu de tal forma os tendões do pescoço que pareciam querer saltar.

— Suponho que sabe que não tem maneiras? — exigiu saber com voz aristocrática.

— Só sou mal-educado quando me fazem perder a paciência — retorqui.

— A prostituta judia deu-me uma fotografia para eu entregar ao meu filho — confessou.

— Escreveu qualquer coisa no verso, mas eu a queimei.

— O que ela escreveu?

— Não leio coisas do Paweł! — ela gritou, furiosa.

Era a minha vez de rir.

— Não gosto de ser ridicularizada por um velhaco de um austríaco!

— Então gosta de ser ridicularizada por quem? — perguntei, com um sorriso provocador.

— Quem ou aquilo de que gosto, não vejo que interesse tenha para o senhor.

— Isso é verdade. Nada do que lhe diz respeito tem qualquer interesse para mim — atirei-lhe com um desprezo mortal —, exceto aquilo que sabe de Anna Levine.

— Não li o que ela escreveu! — vociferou.

— Sra. Sawicki — disse eu com mais brandura —, se continuarmos atirando coisas um no outro, só vamos continuar a nos ofender mutuamente. Diga-me simplesmente o que foi que Anna escreveu a Paweł.

Ela endireitou os ombros do vestido, considerando suas alternativas. Por fim, acabou por dizer:

— Escreveu que não entendia por que é que não lhe havia telefonado. E que tinha uma notícia importante para ele. Suplicava-lhe que lhe telefonasse, ou ao menos que lhe mandasse seu novo endereço.

— Coisa que ele nunca fez, porque a senhora nunca disse a seu filho que Anna tinha vindo aqui.

— Claro que não. Por que havia de ajudar a enfiar o meu próprio filho numa armadilha?

— Então, estava mesmo com medo de que ele estivesse apaixonado por ela — observei. Ela arregalou os olhos.

— Acha mesmo que um menino de 15 anos sabe o que é estar apaixonado?

— E a senhora, sabe? — perguntei, incisivo.

— Sr. Honec, o senhor consegue ser muito inconveniente.

— De qualquer forma, é curioso Anna ter desaparecido logo após ter vindo à sua casa — disse-lhe.

— Não faço ideia do que pode ter acontecido a ela depois de vir aqui.

— Dê-me o novo endereço de Paweł.

Ela foi até a escrivaninha da entrada, tirou uma folha de papel e escreveu rapidamente. O endereço do colégio interno de Paweł era em Zurique. Dobrando o papel em quatro, coloquei-o no bolso e, com um palpite, disse:

— Achou que me enganaria assim tão facilmente?

— O que quer dizer com isso?

— Paweł ainda está aqui em Varsóvia, não está?

— Espere aqui. — Desapareceu pela porta situada na parede lateral da sala e regressou com um envelope com o carimbo postal de Zurique. Tirando a carta, escrita num fino papel azul, passou-a para a minha mão. — Se olhar para a data e a assinatura, verá que Paweł a escreveu há dois meses.

Acendeu outro cigarro enquanto eu confirmava o que ela dissera. Seu olhar fixo e desdenhoso fez-me sentir ainda mais que não estava sequer perto de uma resposta às minhas dúvidas. Tinha a impressão de que o mundo falava comigo, mas num tom tão elevado que eu não conseguia ouvir a mensagem. Devolvi-lhe a carta do filho, embora, como Anna, estivesse convencido de que nem todas as coisas eram aquilo que pareciam.

— Agora saia do meu apartamento! — ordenou com aspereza. — Senão chamo meu marido e mando prendê-lo. Ele é um juiz importante, e o governador Frank é amigo da nossa família. Por isso, se pensa que vai fazer o que quer que seja que prejudique o meu Paweł,

então está...

— Se o governador Frank é um amigo assim tão próximo — interrompi-a —, então por que me contou a verdade sobre Anna? É porque sabe que eu suspeito que a senhora está por trás do desaparecimento dela. Ou será seu filho o responsável?

A Sra. Sawicki lançou-me um olhar de ódio.

— Só lhe contei da menina porque ela nada significa para mim ou para o meu filho; viva ou morta.

— Eu nunca disse que ela estava morta! — declarei.

— Ah! — troçou. — Se pensa que me pegou, então é porque é tolo, Sr. Honec. Deve suspeitar que ela está morta, senão não estaria aqui. De qualquer forma, não imagino o que ela possa significar para o Ministério do Interior do Reich.

— Isso, Sra. Sawicki, não é da sua conta — disse-lhe eu com uma calma carregada de veneno, e, antes que ela pudesse sair-se com uma resposta, fui ao sofá buscar o casaco e o chapéu.

Quando me dirigi de novo para o hall de entrada, era evidente, pela expressão de desprezo dela, que nada mais tínhamos a dizer um ao outro. Baixei a cabeça à guisa de despedida e peguei na maçaneta, virando-lhe as costas. Foi um erro. Senti uma queimadura perto do cotovelo. Ela enterrara qualquer coisa em minha pele através da blusa de lã. A dor aguda fez-me jogar o braço, e bati em sua boca com as costas da mão, lançando-a contra a parede. Ela endireitou-se, deixou cair o cigarro no chão e esmagou-o com a ponta do sapato. Levou a mão ao lábio golpeado, recolheu um pouco de sangue com a ponta do dedo e lambeu-o.

Meus olhos estavam enevoados por lágrimas de choque e de dor. Limpei-as rapidamente.

— Agora, nunca mais há de ir a lugar algum sem levar uma cicatriz minha! — disse ela, e soltou uma risada triunfante.

A Sra. Sawicki era suficientemente traiçoeira para ter assassinado Anna, e era óbvio que tinha frequentes ataques de fúria, mas por que haveria de ter cortado a mão da moça?

Teria Paweł se apaixonado tão loucamente por Anna que lhe dera uma preciosa joia de família — uma pulseira — sem pensar que a mãe reagiria violentamente? Porque não havia dúvida, a Sra. Sawicki *tinha* mesmo ficado particularmente na defensiva quando falei na hipótese de Anna ter alguma joia com ela. Talvez a menina tivesse escondido esse presente da família e dos amigos. No dia em que se aventurou fora do gueto conseguira de alguma forma trancar o fecho da pulseira, de forma que não pudessem tirá-la do pulso sem cortar-lhe a mão.

E no entanto, já que o marido era juiz, a Sra. Sawicki teria descoberto uma forma legal de recuperar qualquer lembrança que Paweł tivesse dado a Anna. Teria declarado, sem dúvida, que a menina a roubara. Nenhum funcionário do governo teria acreditado na palavra de Anna

contra a dela.

Além disso, parecia impossível que a Sra. Sawicki houvesse tido alguma coisa a ver com o assassinato de Adam. Como podia ela até mesmo saber que ele existia?

No vestibulo, segurei Izzy pelo braço e obriguei-o a sair correndo dali, com a certeza de que estaríamos em perigo enquanto ficássemos naquele lugar. Contra a minha própria vontade, começava a recear que a Sra. Sawicki fizesse parar meu coração com um único pensamento bem dirigido.****

Quando íamos atravessando a rua, vi que ela nos observava lá de cima da varanda. E, durante todo o resto do dia, ela iria pairar sobre os meus pensamentos como uma ave de rapina.

Chegamos aos Joalheiros Jawicki, da rua Spacerowa, pouco depois das 13 horas. Reconheci a careca incipiente do dono da loja, que me vendera um broche de flores para Liesel dois anos antes, mas ele não se lembrava de mim, o que foi um alívio. Mesmo assim, a Sra. Sawicki enervara-me, e meus dedos tremeram quando tirei do bolso o anel de Hannah, o que o fez cair com um ruído seco sobre sua mesa de madeira.

Ele pegou-o com dedos ágeis.

— Te peguei! — exclamou.

— Obrigado — eu disse.

— Não precisava ter se preocupado — observou ele. — Os diamantes são muito mais duros do que as pessoas.

Um comentário surpreendente. Izzy olhou-me de lado, o que significava: *Não deixe que ele lhe pregue rasteiras e o leve a dizer qualquer coisa sobre ti.*

O joalheiro colocou um monóculo no olho e virou o anel, de forma a fazer a difusa luz de inverno que vinha da janela incidir sobre ele. Por fim, disse:

— Dou-lhe 2.700 por ele. — O sorriso cheio de dentes significava que estava me dando um valor imenso.

— Vale três vezes isso — disse eu, só por dizer.

— Não para um homem na sua posição — retorquiu ele.

O suor gelado que eu sentia na nuca traduzia o meu receio de que ele se lembrasse mesmo de mim — e soubesse que era judeu.

— Que raios quer dizer com isso? — exigi saber, imaginando que o melhor era tentar intimidá-lo.

— Está aflito por dinheiro, senão não estaria aqui.

— Três mil e quinhentos — disse Izzy —, ou então vamos a outro joalheiro, e você vai

perder, e muito. — As palavras saíam-lhe meio rosnadas, ao estilo James Cagney.

— É o seu guarda-costas? — perguntou-me o joalheiro, com um sorriso trocista. O comentário destinava-se a pôr Izzy no seu lugar, pois ele nunca chegou a 1,60m, nem nos seus melhores dias.

— Por acaso, há sessenta anos que sou guarda-costas dele — respondeu o meu velho amigo.

E foi então que sacou uma pistola do bolso.

— Porra! — exclamou o joalheiro, dando um salto do banco onde estava sentado.

— Mas que raios você está fazendo? — vociferei entre dentes, virando-me para Izzy.

— Estou nos protegendo — respondeu calmamente.

— Não atire! — implorou o homem. Dando um passo para trás, ergueu ambas as mãos como se fosse travar uma carruagem desgovernada.

A pistola era volumosa e preta... e parecia espantosamente perigosa.

— Funciona? — perguntei.

— Pode acreditar — respondeu Izzy, satisfeito. — É alemã, e ainda outro dia a limpei. — Abanou-a: — Muito sensível... pode até disparar acidentalmente... — fixou os olhos vingativos no joalheiro — ... e matar a pessoa mais mal-educada que aqui se encontra. Ora quem será ela?

— Não há... não há necessidade de violência — garantiu-lhe o homem em voz trêmula.

— Ainda bem que estamos de acordo — respondeu Izzy. Deu um beijo no cano da pistola e em seguida levou a ponta até o ouvido, fingindo escutar atentamente. — Está bem, o seu desejo é uma ordem, menina — acrescentou, como se fosse um pistoleiro falando com a amante. Enfiou a pistola no bolso do casaco. — Marlene quer saber se você nos dá ou não os 3 mil — disse. — Está preocupada. E quando ela está preocupada, é melhor ter cuidado. Ouvi-la com atenção. Entendeu?

— Está bem. Dou-lhe... 2.900.

O homem ainda queria negociar? Aquilo era loucura! Izzy olhou para mim e deu de ombros, incitando-me a uma resposta. Vi que estava doido para poder começar a se gabar do seu desempenho.

— Negócio fechado — disse eu.

— Vou levar pelo menos uma hora para trazer o dinheiro até aqui — disse o joalheiro. — Voltem às 14h30.

— Mas por que diabo você trouxe uma pistola? — perguntei a Izzy, enquanto nos afastávamos apressadamente. Eu caminhava em passos pesados e largos sobre a calçada de pedra, receoso de que alguém tivesse visto a arma através da vitrine da loja.

— Você devia me agradecer — comentou ele com ar contente. — Curei-o do *paso doble*!

Lancei-lhe um olhar furioso, e ele abanou a mão, como quem espanta um inseto inoportuno.

— Ouça, Erik. Você achou que eu iria me aventurar numa cidade governada por homens das cavernas antissemitas com meia dúzia de xingamentos em iídiche como única defesa? Desculpe, mas não sou assim tão *meshugene*.

— Onde raios a conseguiu? — perguntei, dando-lhe razão naquele ponto.

— Era do meu pai. É uma Bergman de 1896, modelo 2, 5 milímetros. — Em voz baixa, acrescentou: — Sinto-me muito bem com ela na mão. Talvez tenha nascido para pistoleiro!

— E sabe mesmo usar?

— Erik, não é preciso um diploma da Sorbonne — respondeu, com uma fungadela trocista. — Tem um carregador de cinco munições, não podia ser mais fácil. Além disso, aprende-se muito sobre uma pistola quando a desmontamos e limpamos. É muito mais simples de voltar a montar do que um relógio suíço, isso eu garanto! — Deu-me o braço. — Acho que foi um pormenor requintado, aquilo de lhe dar um beijo no cano e chamar-lhe de Marlene. Ninguém ia pensar que um judeu faria isso.

Enquanto descíamos a rua Spacerowa, Izzy e eu começamos a especular se o joalheiro iria cumprir sua parte do negócio. Não nos custava acreditar que a avidez do dinheiro se sobrepusesse à fúria — e às suspeitas que tivesse sobre nós, fossem elas quais fossem —, mas também sabíamos que podia simplesmente pegar o telefone e chamar a polícia. Por isso, decidimos vigiar o local a partir de uma loja de tecidos situada ao fim da rua. Escolhemos aquele lugar em especial porque Izzy queria muito comprar uns metros de tweed para umas calças de inverno quentinhas.

Se não aparecesse a polícia, buscaríamos nosso dinheiro às 14h30.

Eu precisava passar água gelada sobre a queimadura que tinha no braço, e o dono da loja amavelmente deixou-me utilizar a pia do banheiro, onde verifiquei os danos. A Sra. Sawicki tinha razão: ia ficar uma cicatriz bem feia. Sentia a pele latejar. E a água gelada que joguei em cima não ajudou quase nada.

De volta ao meu posto junto à porta de entrada, descobri que a barra continuava limpa. À medida que os minutos iam passando, comecei a acreditar que minha apreensão era injustificada. A esperança de termos ido parar na estrada que leva à maneira como as coisas eram antes é, pelo visto, um desejo veemente naqueles que ficaram trancados do lado de fora das vidas que tinham anteriormente.

Izzy ia analisando várias estampas em espinha de peixe, encantado com tanta variedade. O mistério da ligação entre Anna e Adam continuava a me incomodar, e depois de alguns minutos fui falar com ele:

— Imagine que você é uma menina de 14 anos — sussurrei. — Está metida em encrenca e

precisa da ajuda do namorado, mas ele está na Suíça e a mãe dele acaba de tratar você pior do que a um cão. Não consegue falar com seus pais, porque é prisioneira na casa deles. Portanto, aonde você iria?

Ele fechou os olhos, considerando minha pergunta.

— Não sei bem, deixe-me pensar sobre isso — respondeu finalmente. Alguns minutos mais tarde, depois de ter escolhido o tecido que queria, chamou-me e disse-me: — Erik, Anna só pode ter ido falar com a única pessoa que a tratou bem: Mikael Tengmann.

— Foi o que eu calculei — respondi —, só que a enfermeira de Mikael disse-me que ela nunca foi ao consultório. Mas partamos do princípio de que ele a viu mesmo, e que ela precisava voltar a falar com ele; aonde ela teria ido?

— À casa dele.

— Acho que não; o consultório dele é em casa.

Cerca de meio minuto depois, quando fui espreitar à porta, vi um oficial da Gestapo postado à porta da ourivesaria, a uns cinquenta passos dali. Usava luvas de couro pretas e tinha um Mercedes preto estacionado junto a si.

Percebi que tínhamos sido tolos em não termos simplesmente saído daquela parte da cidade e levado o anel de Hannah a outro joalheiro. Éramos de um amadorismo colossal naquela vida de subterfúgios.

— Há alguma porta nos fundos que dê para outra rua? — perguntei ao dono, que estava registrando a compra de Izzy no caixa.

Ele me olhou e franziu o cenho; percebi que desconfiava que nos preparávamos para aprontar alguma.

Com um sorriso que esperava fazer passar por cativante, disse-lhe que acabara de ver uma pessoa a quem devia dinheiro a descer a rua; era uma mentira estúpida, mas que podia eu dizer?

Ele me respondeu que só havia a porta da frente, por isso obriguei Izzy a apressar o pagamento e empurrei-o para lá.

— A Gestapo está atrás de nós — sussurrei. — Quando sairmos, não olhe na direção da ourivesaria, e vá andando devagar para a direita.

Quando saímos para a rua, não ouvimos ninguém gritar ou apitar, mas depois de darmos uns vinte passos, quando olhei para trás para ver o que se passava, o oficial da Gestapo tirara a arma do coldre e olhava fixamente para mim; o joalheiro devia ter-lhe dado nossa descrição. O fato de eu ter me voltado só servira para confirmar que éramos os suspeitos que lhe tinham indicado.

Devo ter xingado, ou denunciado meu pânico de outra forma qualquer, porque Izzy olhou para trás.

— Estamos perdidos! — disse ele em voz baixa.

— Temos de fugir!

Viramos à esquerda na rua Szucha e conseguimos chegar à Rakowiecka antes de a artrite de Izzy o obrigar a dobrar-se para a frente. Ofegante, repeliu-me:

— Vá andando! — ordenou. — Eu dou um tiro no nazista quando ele se aproximar.

Senti como se tudo aquilo para que tinha vivido estivesse girando lentamente em volta daquele único momento, mas não estava disposto a deixar Izzy sacrificar-se por mim.

— Estou cansado demais para correr — respondi. — Não vai se livrar de mim.

A essa altura, o oficial da Gestapo já tinha contornado a esquina — não estava a mais de uns 60 metros. Era jovem, e via-se que estava em boa forma. Meu coração batia como se o mundo fosse acabar ali.

— Erik!

Izzy precipitara-se para a entrada de um prédio, e me fazia sinais para eu me aproximar.

Juntei-me a ele no vestíbulo escuro. Minha garganta ardia, como se tivesse sido raspada por uma lâmina. A queimadura no braço não parava de latejar.

— Acha que ele nos viu entrar aqui? — perguntou Izzy, num sussurro.

— Provavelmente. E, de qualquer forma, houve pessoas na rua que nos viram, e vão nos denunciar. Anda — disse, agarrando-o pelo braço —, vamos correr daqui!

Empurramos a porta de trás e penetramos no pátio, cuja terra fora lavrada para ser convertido em jardim, embora o inverno o tivesse reduzido a um emaranhado estéril de mato e pequenos ramos esqueléticos. Num canto, ao fundo, estava uma mulher de meia-idade, robusta, de lenço escuro na cabeça, sobretudo xadrez e pantufas de lã esgarçadas, debruçada desenterrando estacas de metal em volta das quais se enrolavam as hastes ressequidas de ervilhas-de-cheiro mortas. Por trás dela, uns restos de tomateiros torturados pelo vento e pelo frio enovelavam-se contra uma treliça enferrujada. As luvas rasgadas da mulher pendiam do carrinho de mão parado ao lado, que mais parecia uma relíquia da Idade Média.

Hoje, na minha cabeça, vejo-a como se fosse um símbolo de todas as mulheres que aguentam o infortúnio de lábios fechados, numa entrega total ao silêncio.

Ergueu os olhos para mim e para Izzy, fixando-os em seguida na minha braçadeira.

— Não vamos lhe fazer mal — garanti-lhe em polonês.

Ela pegou na pá de jardinagem, mas sem qualquer sinal de ameaça. Deixou-se ficar de pé, segurando-a numa postura rígida, como se posasse para um retrato. Atirei minha braçadeira ao chão.

— Não somos nazistas — eu disse abrindo as mãos. — Somos da Resistência, e estamos em apuros.

A expressão da mulher revelava uma indiferença de pedra. Depois de encostar a pá no carrinho de mão, inclinou-se para a frente, puxou outra estaca e atirou-a para a pilha que já fizera fazendo um seco barulho de metal.

Izzy e eu tentávamos recuperar o fôlego. Ter 67 anos num inverno polonês é conhecer os limites do corpo.

— Graças a Deus que não fomos para longe da ourivesaria — disse-me Izzy.

— Mas por quê? — perguntei.

— Se só tivéssemos voltado à hora que nos disseram, o Mercedes teria estado escondido na esquina da rua. Nunca iríamos perceber que aquele filho da mãe chamara a Gestapo até ser tarde demais.

Um muro de tijolos de cerca de 1,5 metro separava-nos de um segundo prédio nos fundos. Alguém pusera ali uma cadeira de bambu — muito provavelmente para as crianças subirem no muro, arranjando assim um atalho de inverno para a rua adjacente.

— Vamos! — disse eu a Izzy, apontando para a cadeira. — Vamos lá tentar a sorte.

Tínhamos acabado de dar um passo à frente quando se abriu a porta atrás de nós. Dela saiu o oficial da Gestapo que nos tinha perseguido. Trazia uma pistola na mão.

Notas

* O gueto de Varsóvia estava dividido em duas seções, e a do lado sul — o Gueto Pequeno — era significativamente menor do que a do lado norte. A rua Chlodna marcava a fronteira entre as duas.

** Estes dois números — 25 e 27 — têm um significado particular em hebraico, língua em que as letras têm valores numéricos: 25 é a soma dos valores das letras constantes da palavra אכזב, que significa “estar com o espírito destroçado”, enquanto 27 é o valor total das letras de הכנב, “chorar por”, e הדיה, “adivinha” ou “charada”. Quando percebi isso, comecei a suspeitar de que Erik devia ter sido bem versado na prática cabalística da *gematria*, na qual se estabelece a correspondência entre palavras e frases com base em comparações aritméticas.

*** Neste ponto, as muitas referências feitas por Erik a seres encurralados ou mesmo “aprisionados” dentro do próprio corpo fizeram com que eu me perguntasse se ele acreditaria na existência da alma. À minha pergunta, respondeu: “A minha experiência como psiquiatra ensinou-me que a maior parte de nós sente que há mais alguma coisa para além do que pode ser visto ou ouvido ou tocado, mas o que é essa *mais alguma coisa*, seria difícil definir.” Encarando-me com um olhar de desafio, acrescentou: “A questão é: poderia uma alma com qualquer outro nome estar ainda demorando o olhar em si neste preciso momento?”

**** Erik suprimiu esta frase do manuscrito original, mas eu voltei a inseri-la porque acho que pode exprimir suas verdadeiras crenças na eficácia da magia. Terá ele me manipulado no sentido de a reinserir, ao ordenar-me em voz áspera que a riscasse tão completamente que nunca ninguém a conseguisse ler?

Capítulo 13

— NÃO SE MEXAM! — ordenou-nos em alemão o nosso perseguidor.

Não tinha mais de 20 anos, e seu cabelo cor de cobre brilhava sob o boné; tinha cílios louros, longos. *É apenas um menino, e se eu mantiver a calma...*

— Sou do Gabinete de Recenseamento do Reich — eu disse, e este homem é meu ajudante.

Ele olhou para a minha braçadeira com a suástica, caída por terra, e franziu o cenho.

— Sei bem quem você é, por isso cale-se e mãos ao alto!

Fizemos o que ele mandava, mas Izzy olhou-me de lado, como se estivesse prestes a começar um plano louco qualquer.

— Ainda não! — segredei-lhe em polonês; achava que ainda conseguia nos safar desta com conversa fiada.

— Cale a boca! — gritou o alemão.

Por baixo das loucas batidas do meu coração, ouvi o ruído metálico de mais uma estaca aterrissando na pilha da mulher. Ela continuava a jardinar — podia ter sido cômico, se as circunstâncias fossem outras.

— Quietos! — ordenou o nazista a Izzy. — E você, de joelhos! — disse, virando-se para mim.

— Se nos deixar continuar nosso caminho — disse-lhe —, dou-lhe 500 zlotys.

— Se quer levar uma bala na cabeça, continue a falar! — rosnou ele.

Pensei que ia me revistar, à procura da pistola de que o ourives lhe devia ter falado, mas, assim que me ajoelhei, cravou com violência o cano da arma contra meu ouvido. O pânico me subiu pelas pernas, chegou num instante à cabeça. Minha bexiga se soltou, e, em voz trêmula, eu lhe disse:

— Você é novo demais para ter a minha morte na consciência.

— Já lhe disse para ficar calado! — berrou. — E não se mexa! E você! — vociferou, virando-se para Izzy. — Jogue a arma no chão! E devagar.

Pelo canto do olho, vi Izzy tirando-a do bolso.

— Isso mesmo... Jogue-a aqui aos meus pés.

A arma aterrou aos pés do alemão com um pequeno salto. *Agora é que estamos ferrados*, pensei.

Por trás de nós, ouviu-se o ranger de uma janela a se abrir. Fechei os olhos, e um silêncio profundo cavou-se à minha volta. Imaginei que estava caindo lá dentro, e minha vontade era continuar a cair — e que cada segundo se prolongasse rumo ao infinito. Quem não gostaria de ter mais tempo?

— Ei! — gritou o homem da Gestapo para a mulher, que estava atrás de nós. — Venha cá! Abri os olhos para dar com o nazista a desafiá-la, raivoso.

— Quem lhe deu autorização para vir cavar neste jardim? — exigiu saber.

Então me dei conta de que havia rapazes armados brutalizando mulheres por toda a Europa.

Ela não respondeu. Guardou os pensamentos bem apertados no fundo de si própria, como se fossem filhos que ela nunca entregaria ao inimigo.

— Fala algum alemão? — perguntou-lhe o jovem oficial.

— *Já* — respondeu ela com ar indiferente, limpando o nariz, que lhe escorria.

Ele passou a língua pelos lábios.

— Vá à joalheria Jawicki, na rua Spacerowa. Compreende? — Quando ela anuiu, o rapaz acrescentou: — Diga ao oficial da Gestapo que lá está que venha já aqui. E não demore. Se ele não estiver aqui dentro de dois minutos, meto uma bala na cabeça do seu amigo!

Ela deu dois passos, e em seguida girou sobre si própria com uma graciosidade silenciosa. De pé no centro de um mundo sobre o qual nenhum homem tinha qualquer poder, abriu os olhos o mais que pôde, contendo toda a sua fúria, e ergueu a pá que tinha na mão.

O alemão olhava para baixo, na minha direção. Já tinha se esquecido dela.

No segundo que precedeu o voo da pá no ar, a mulher arreganhou os lábios, mostrando os dentes escuros e quebrados. Nunca esquecerei seus olhos, carregados de ódio e despeito; era uma transformação digna de um diabo num quadro de Bruegel. Depois ouvi-a inspirar ruidosamente. E o oficial alemão também. Virando-se, deu com a pá no lado do rosto. Com um grito gutural, caiu sobre um joelho. O boné foi parar numa poça de gelo enlameada a mais de 2 metros de distância. Agarrando com a mão a orelha ferida e ensanguentada, apontou-lhe a pistola, mas, antes que conseguisse puxar o gatilho, ela atingiu-o de novo com a pá, grunhindo. Aquilo parecia um ritual de vingança após anos e anos de maus-tratos. O nariz e o maxilar se estilhaçaram. Nunca ouvira o som de ossos se partindo, mas o estalido não dava margem a dúvidas. Uma explosão de sangue veio morrer em meu rosto e meu casaco. Limpei os salpicos das faces no momento exato em que o alemão caía para a frente sobre a barriga, as mãos

abertas em leque, os dedos arqueados como as patas de um caranguejo. Arquejava, desesperado. Ao tentar erguer-se, emitiu um gemido rouco. E balbuciou qualquer coisa. Consegui distinguir a palavra *unrecht* — injusto.

Ter-lhe-ia parecido injusto que uma polonesa analfabeta não obedecesse às suas ordens?

Pus-me de pé. O alemão tinha a mão direita em volta da arma. Pisei-a com toda a força, e o ruído dos dedos a serem esmagados era o som de uma nova identidade que eu construía para mim próprio. Com um guincho agudo, ele caiu para a frente.

— Por Deus, não! — gritou.

Abaixei-me e peguei a arma. Apontei-a para a cabeça dele. Estava à espera de que olhasse para mim, mas ele enterrou a cabeça ainda mais no chão. Moveu os lábios. Talvez estivesse rezando à terra — ou a um deus qualquer, que ele tinha a esperança de estar vendo aquilo.

Nunca saberemos se eu teria chegado a disparar; cuidadosamente, pacientemente, como se a natureza inteira estivesse do seu lado e nada pudesse correr mal, a mulher pôs um pé de cada lado das pernas do nazista. Eu sabia o que ela se preparava para fazer, mas não a impedi. Em vez disso, dei um passo atrás, para lhe dar espaço.

Só muito de vez em quando me arrependo daquilo, e é só quando penso nos pais dele.

Não é assim tão difícil matar um homem. Uma polonesa cheia de raiva silenciosa ensinou-me isso.

E contudo, ao alemão isso deve ter parecido impossível. Como poderia ele encontrar a morte num pedaço de ferro eslavo cheio de ferrugem, a cerca de 800 quilômetros de casa?

A brutalidade com que ela desferiu o golpe arrancou de Izzy um *Ah!* abafado, enquanto se agarrava a mim.

A polonesa abriu uma fenda tão funda na testa do nazista que ainda consegui entrever um clarão de osso branco, antes de a ferida se inundar de sangue. A vida escorreu-lhe pelo rosto abaixo e, em seguida, entrou pela terra adentro. Com um som de gargarejo, o rapaz virou-se de lado, com o maxilar pendente.

Heniek, o que acha que pensa um jovem quando sabe que nunca mais verá a sua casa, e os cinquenta anos de futuro com que contava desaparecem para sempre?

O que poderia ter feito de diferente...?

Peçam aos meus pais que me perdoem por morrer novo...

Não, também não sei. Fui ao encontro da morte quando já era velho. As expectativas são diferentes.

A cabeça do jovem caiu. Seus olhos estavam abertos, mas não viam nada.

A mulher estava sozinha no mundo comigo com Izzy. Os três compartilhávamos o crânio partido de um jovem cujo nome nunca saberíamos. Com os olhos, passamos a irreversibilidade da sua morte entre nós, como uma crosta de pão duro.

Izzy pegou sua arma.

Era a poça de sangue que se espalhava por baixo da cabeça do jovem alemão que me dava vontade de fugir. Comecei a imaginar as stalactites marrons que iriam pender do seu queixo aquela noite. Enfiei a mão no bolso do casaco e estendi à mulher as colheres de café que roubara da Sra. Sawicki. Ela as pegou com a mão incrustada de terra e baixou a cabeça, agradecendo.

— *Był ciężki, potrzebuję taczkę* — resmungou ela. — “Parece pesado; vou precisar do carro de mão.”

Foram as únicas palavras que dirigiu a Izzy e a mim — a mulher que nos salvara a vida.

Capítulo 14

IZZY TRABALHARA DURANTE ANOS COM os joalheiros Wysocki, na rua Elektoralna. Embora fosse apenas uma lojinha de bairro, tinha a vantagem de ser a caminho da nossa casa.

Para evitar sermos identificados, caminhamos para leste durante cerca de 1 quilômetro até as margens do Vístula e continuamos para o norte, num percurso intrincado em direção às torres medievais da ponte Poniatowski. Daí dirigimo-nos para leste, para o centro da cidade. Caminhávamos devagar, parando frequentemente, demasiado exaustos e perturbados para trocar mais do que algumas palavras.

Já tinham se passado quase duas horas quando finalmente chegamos à ourivesaria. Só então reparei que Izzy já não tinha consigo o tecido de tweed.

— Joguei fora o saco quando estávamos correndo — disse ele, dando de ombros para esconder a irritação.

Dentro da loja havia um jovem esguio sentado atrás de uma mesa antiquada e volumosa, debruçado sobre um livro, perdido para o mundo. Apesar do frio, Izzy e eu suávamos profusamente, e a artrite dele quase lhe arrancava lágrimas de dor.

— Aquele é o Andrzej — disse ele —, é o mais velho e é bom rapaz. — Izzy bateu na testa e disse: — Não tem grande coisa aqui; *der shoyte ben pikholtz*.*

Andrzej ergueu os olhos quando ouviu a campainha tocar por cima da porta.

— Sr. Nowak, mas que surpresa! — exclamou, alegre, contornando o balcão com os braços abertos.

Depois de dar um abraço em Izzy, o rapaz lembrou-se de que podia haver vizinhos bisbilhoteiros espreitando. Trancando a porta com um clique decisivo, convidou-nos a entrar em seu armazém. Depois de estarmos seguros e longe das vistas, apresentei-me, apertando-lhe a mão.

Andrzej tinha o cabelo cortado rente, mas deixara uma franja de 10 centímetros sobre a

testa que balançava entre seus olhos. Com seus óculos espessos de armação preta, parecia uma mistura de um estudante do Talmude com um músico de jazz.

— Então, contem-me coisas do gueto — disse-nos num tom receoso. — É muito ruim?

Eu passei a pasta a Izzy. Ele já estava sentado na cadeira do canto, e massageava-se para aliviar as pontadas que sentia no quadril direito.

— Nem me pergunte — respondeu com ar cansado. — Ouça, Andrzej, estamos com pressa. Precisamos vender um anel de noivado. Mostre-lhe, Erik.

Enquanto o jovem joalheiro examinava o diamante, deixei-me cair sobre o banco encostado à parede. Depois de cerca de um minuto, ele baixou a lupa.

— Os tempos vão mal, Dr. Cohen, por isso, se estiver disposto a aceitar 2 mil, então...

— Onde está seu pai? — interrompeu Izzy.

— Meu pai está resfriado. Por isso não sei se posso...

— Telefone para ele.

— Os telefones foram-se abaixo. Acho que...

— Vale 8 mil, e não aceitamos menos de 4! — anunciou Izzy, apontando o dedo para intimidar Andrzej.

— Meu pai estabeleceu um limite de 2 mil zlotys para mim — replicou Andrzej com tristeza.

Começaram a regatear, e as palavras deles transformavam-se em agulhas que vinham espetar-se na minha frágil compostura. Quando Izzy começou a implorar, disse-lhes que ia esperar na loja. Sentado à mesa, com a porta para o armazém fechada atrás de mim, abri devagarzinho a gaveta de cima e descobri uma bela faca de abrir envelopes em prata, pousada em cima de um catálogo. Enfiei-a no bolso. Acendi um cigarro e abaixei-me para desapertar os sapatos. O fumo me picava os olhos, o que me deu uma boa desculpa para fechá-los. Nunca mais abri-los parecia-me a melhor opção.

Quando saiu, meio cambaleando, Izzy vinha praguejando em iídiche e francês. Andrzej seguia-o, cabisbaixo, como um cãozinho de castigo. Veio falar comigo, pedindo-me desculpa por não poder oferecer um preço justo, ansioso para que eu o perdoasse, e eu o perdoei, mas apertei os dedos em volta do abridor de cartas que tinha no bolso, como se aquele roubo fosse minha verdadeira resposta.

Assim que apertei os cadarços dos sapatos, Izzy passou-me um maço de notas: 2.400 zlotys.

— Vamos embora — disse-me, e, fazendo girar o trinco da porta, escancarou-a com ar de quem estava pronto para arrasar de pancada a primeira pessoa que encontrássemos na rua. Virei-me para Andrzej e perguntei-lhe se sabia de um ponto de passagem para o gueto ali por perto. Disse que não, mas Izzy não acreditou. Para envergonhar o rapaz, tentou enfiar uma nota de 10 zlotys no bolso do seu casaco, dizendo:

— Aí está aquilo de que vocês cristãos precisam para conseguir ser caridosos!

Andrzej afastou o dinheiro com as mãos.

— Pelo amor de Deus, Sr. Nowak, pare com isso!

Lá fora, tremendo de frio, o rapaz apontou para uma padaria ao fim do quarteirão.

— Já vi ali homens carregando carroças com sacos de farinha. Não tenho certeza, mas tente lá.

Izzy virou-se e afastou-se a passos largos, sem apertar a mão de Andrzej. Quando cheguei perto dele, vociferou:

— Já sei que me portei mal, mas não se atreva a vir com conversas!

Na padaria, a mulher do padeiro aconselhou-nos a ir a uma garagem na rua Freta.

— Perguntem pelo Maciej.

Maciej apareceu à porta; cheirava a gasolina, e tinha o rosto todo coberto de graxa.

— Não, não, não — disse-nos quando lhe perguntamos se havia um ponto de passagem, enxotando-nos como se fôssemos mosquitos, mas Izzy ergueu duas notas de 10 zlotys, exclamando:

— Abracadabra!

Maciej e outro mecânico empurraram um Ford preto para o canto da garagem, revelando um quadrado de chapa ondulada de cerca de 2 metros no chão de cimento. Puxando-o para o lado, mostrou-nos um buraco do tamanho da roda de uma carroça.

— O que há lá embaixo? — perguntei, espreitando e vendo apenas um fundo de terra arenosa.

— Um túnel. E, apesar dos boatos, ainda não vi um único crocodilo albino lá dentro. Embora não garanta que não encontrem rãs.

— Rãs? — perguntou Izzy.

— Outro dia, apareceu aí um contrabandista com um punhado delas. Devem reproduzir-se em algum lugar por ali, na escuridão. Nossa teoria é de que são bem envergonhadas quando se trata de foder. — Com um sorriso rasgado, acrescentou: — Como as garotas judias.

Acho que deve ter pensado que aquilo tinha graça. Mas, como nem Izzy nem eu rimos, pediu desculpa. Parecia bom homem, mas não me inspirava confiança; afinal, era cristão — e tinha um destino totalmente diferente do nosso, quer quisesse, quer não.

— A que distância fica a entrada do gueto? — perguntei-lhe.

— Depois de uns 25 metros, chegarão a outro buraco que leva para cima. Basta chamarem, as mulheres abrem o alçapão para vocês.

— As mulheres?

— São umas que costuram roupa de criança para os alemães.

Uma vela custou-nos 50 groszys; a utilização da escada era de graça. Izzy desceu enquanto eu mostrava a Maciej as fotografias de Adam e de Anna, mas ele não reconheceu nenhum dos dois.

A entrada do túnel era apenas alguns centímetros mais larga do que os nossos ombros. A

vela só conseguia iluminar o caminho uns 4 ou 5 metros à nossa frente. O teto era sustentado por traves de madeira; parecia um minúsculo túnel de mina. E pelo aspecto não parecia ter sido construído para durar muito tempo.

— Vamos ter de rastejar — disse Izzy, taciturno.

— Ouça — eu lhe disse num sussurro aflito —, nem sequer temos certeza de que isto leva ao gueto. Podemos ficar enterrados vivos.

— Mas por que raios Maciej haveria de querer nos encurralar? — perguntou ele.

— E por que não? Dão recompensas a quem apanhar judeus.

Izzy deu uma risada incrédula, mas voltou a subir para falar com Maciej. Fiquei no segundo degrau da escada para vê-los, mas os dois falavam baixo, por isso não entendi o que diziam. A certa altura, Izzy tirou a Marlene do bolso. O corado mecânico deu-lhe uma palmadinha no ombro e sorriu, como se fossem velhos camaradas de armas.

— O que é que você disse a ele? — perguntei a Izzy quando ele voltou a descer.

— Que, se tivéssemos algum problema, retornava lá e lhe dava um tiro nos cornos.

— E o que é que ele respondeu?

— Que não havia dúvida de que eu era um judeu podre de fúria, mas que não se importava, porque já era tempo de os judeus se fartarem disto tudo. — Abriu um sorriso de menino. — E também disse que a minha imitação do James Cagney era excelente.

— Ele disse mesmo isso?

— Não, mas percebi que queria dizê-lo!

Comecei a rir — e por uns momentos a única coisa que importou foi o fabuloso senso de humor de Izzy. Depois, o rosto dele ficou sério.

— Vou lhe contar um segredo, Erik — disse ele.

— O quê?

— Quando você ri, seus olhos brilham, e você fica com a mesma expressão de quando tínhamos 7 anos e planejávamos aventuras no nosso bairro. É aquilo que você tem de melhor, esse seu riso, e foi isso que eu sempre adorei, e que a Hannah deve ter adorado, e, embora provavelmente pense que há em você outras coisas mais importantes e profundas, não há. Porque essa maneira que você tem de mudar da dor ou do medo para uma alegria total num instante... como se houvesse dentro de você uma mola sempre pronta a empurrá-lo para o melhor... Diz muito sobre a sua maneira de ser... e faz as pessoas ficarem do seu lado. E mais uma coisa — acrescentou, pegando no meu braço —, é o que o Adam adorava em você, mais do que qualquer outra coisa.

Tentei dizer qualquer coisa que traduzisse o que sentia, mas as palavras não me saíam.

Como sempre, Izzy veio em meu socorro.

— Eu vou primeiro, Dr. Freud — disse, alegremente.

— Por que você?

— Porque quero ser eu o chefe, para variar! Além disso, sou eu que tenho a vela. Você

fica com a Marlene. — Passou-me a arma. — Se vir alguma coisa peluda parecida com o Mickey ou a Minnie, pum-pum... no meio da testa!

Começou a andar à minha frente. Eu o seguia, colado a ele. O túnel era nojento, escorria uma lama espumosa, e havia um fedor de madeira apodrecida que nos causava náuseas. Senti que se abriam as crostas das minhas feridas nos joelhos. O ar era cada vez mais abafado, e o calor começou a ficar sufocante. Quando ouvi um som de metal caindo atrás de mim, espreeitei por cima do ombro. A escuridão pressionava meus olhos como uma venda. Estávamos completamente encarcerados.

Com o coração batendo em disparada, tentei tirar o casaco, mas não tinha espaço suficiente. O pânico abateu-se sobre mim como uma rede. Comecei a empurrar as tábuas de madeira do túnel.

— Não consigo continuar! — falei.

— Erik, se não chegarmos lá em dois minutos, voltamos para trás.

Gotas de água caídas do teto escorriam ao longo do meu pescoço, à medida que eu ia avançando penosamente. Parecia que meus ouvidos estavam entupidos, e me sentia tonto. O ar rareou de tal maneira que eu não conseguia encher os pulmões. A chama da vela de Izzy foi enfraquecendo e, de repente, apagou-se. Pelas minhas contas, tínhamos rastejado 30 metros.

À minha volta dançavam formas roxas e vermelhas. Meus pensamentos eram como setas que disparavam nas direções mais loucas.

— Maciej nos traiu! — disse eu, tentando desesperadamente inspirar vezes seguidas, porque não conseguia encher os pulmões.

— Me dê o isqueiro! — ordenou Izzy.

— Não, vou voltar — respondi, com a respiração entrecortada. Devia parecer naquele momento um peixe atirado para fora da água. Tentei voltar, mas o túnel era estreito demais.

— Erik, me dê a porra do isqueiro! — repetiu ele.

No bolso só consegui encontrar o abridor de cartas.

— Perdi-o — disse eu, ofegante. *Saia já daqui!*, era o que me dizia aquele latejar contra as minhas costelas.

— Não, ainda está com você... veja nos outros bolsos! — disse-me ele.

Achei-o e passei-o a ele.

— Tome!

Os dedos dele percorreram meu braço até arrancarem o isqueiro da minha mão, mas não consegui acendê-lo. Tentando respirar, sussurrou:

— Não faz mal. Estou vendo a saída já ali à frente.

Percebi que mentia, mas, antes que eu conseguisse dizê-lo, o chão cedeu debaixo de mim, e caí de barriga no chão. Estava fraco demais para me mexer, e senti que deslizava para dentro da escuridão.

Acordei com uma forte luz nos olhos. Izzy olhava-me de cima, e seu rosto parecia grande demais. Uma jovem de belos olhos castanhos também me observava de cima. Tinha os cílios longos e delicados — como rebentos de fetos nos bosques.

— É, está vivo — garantiu-me Izzy. — Puxamos você aqui para fora com uma corda.

— Puxaram-me de onde? — perguntei; tinha apagado a memória da última hora.

— Do túnel.

— E onde estamos?

— Onde gostaria de estar?

— Em Londres... no National Museum.

— Bem escolhido!

— O que quer que eu lhe traga? — perguntou.

— Um chá. E um *scone*. E talvez uma trovoada. — Eram coisas estranhas de se pedir, mas achei que os clichês ingleses até que eram bem interessantes, quando passamos a vida sendo massacrados com os clichês alemães.

— Tenha paciência, mas nos enganamos no caminho ali para as bandas de Bruxelas — respondeu Izzy. — Estamos outra vez em casa. Que tal um *Sheygets* de uma semana e um pouco de água do gueto?

Sentou-se ao meu lado e levou um copo de água à minha boca. Fez-me bem beber. Minha cabeça latejava.

— Então, como está? — perguntou.

— Lamentando não ter ido à frente. Garanto-lhe que não teria me enganado no caminho para as bandas de Bruxelas.

Sorrindo de alívio, ele me ajudou a sentar. A mulher que estava ao meu lado tirou o copo de sua mão e deu-me de beber de novo. Sentia-me dolorido, como se tivessem me pisoteado. Olhei em volta da sala. Havia cinco mulheres sentadas diante da respectiva máquina de costura, pedalando como demônios. Ergui a mão e cumprimentei-as. Duas delas repararam e sorriram. Seus olhos eram compassivos, e tinham aqueles rostos descarnados que todos tínhamos — a fome nos transformava em membros da mesma família, ainda antes de os alemães darem cabo de nós. Mesmo assim, aquele zumbido das máquinas de costura dava-me uma sensação de segurança — era como uma percussão digna que significava: *Nós, judeus, continuamos lutando*.

Estava deitado num divã cheio de saliências e covas, e tinham me coberto com um cobertor de lã. Ergui-o. Estava de cueca. Meus joelhos, cobertos de sangue seco. E o braço latejava — olhei mais uma vez para a queimadura de raiva que a Sra. Sawicki me fizera.

— Está espiando o seu *petzl*? — perguntou Izzy, erguendo as sobrancelhas.

— Achei que era melhor ver se ainda está aqui — respondi.

As mulheres riram — encantadas com aqueles dois velhotes que ainda conseguiam falar das coisinhas encolhidas que lhes pendiam entre as pernas.

A atmosfera ali era quente e saturada. Vi minhas calças muito bem dobradas no assento de uma cadeira que me servia de mesa de cabeceira. No espaldar estavam pendurados a camisa e o casaco. Quando fui pegar as calças, caiu do bolso um velho passe de ônibus. E de repente, sem mais nem menos, parecia ter entrado numa piada que meu pai costumava contar: um esqueleto escapa da sepultura cinco anos depois de ser enterrado e encontra no bolso do casaco o recibo do conserto que mandou fazer numas calças à época em que morreu, por isso vai ao alfaiate, apresenta-lhe o recibo e pergunta: “Então, Pinkus, minhas calças já estão prontas?” Por mais que me esforçasse, não conseguia me lembrar da resposta do homem, mas fiquei rindo baixinho mesmo assim. Izzy olhou-me com ar interrogador.

— É a falta de oxigênio — eu disse, o que devia ser verdade em parte, mas, essencialmente, eu estava era feliz por continuar vivo.

Ao chegarmos em casa, Izzy e eu descobrimos que Stefa ainda não conseguia se levantar da cama. Depois de pôr uma cueca seca, fui esvaziar seu urinol, e ela me perguntou o que tinha acontecido com meu cabelo. Levei a mão à cabeça, para ver se ainda o tinha. E depois me lembrei.

— Precisei me disfarçar — disse-lhe.

Ela suspirou, como quem diz que era preciso muita paciência para me aturar.

— Meu corpo todo dói — gemeu. — E continuo com os pés gelados. Importa-se de me fazer um chá quente com limão?

Não tínhamos limões, por isso arrastei-me até casa dos Tarnowski enquanto Izzy massageava os ombros de Stefa. Quando me viu, Ida também me perguntou o que tinha acontecido com meu cabelo.

— Estou tentando arranjar um papel na produção iídiche do *Don Juan no Inferno*** — respondi, fazendo-me de engraçado, mas ela me perguntou quando me diriam se tinha sido aceito ou não. — Desculpe, estava brincando — acrescentei, e pedi-lhe um limão, mas ela disse que já não via limões havia tanto tempo que nem se lembrava de como eram.

Tentei vários outros vizinhos, sem sorte. Quando voltei para casa, encontrei Stefa dormindo e Izzy deitado de costas na minha cama, todo vestido e com a boca aberta — uma velha caverna com ouro escondido lá dentro. Cortei o cabelo bem rente na pia do banheiro e acabei ficando com cara de prisioneiro de guerra, o que me pareceu adequado. Depois coloquei na mesa de cabeceira da minha sobrinha uma xícara de água quente adoçada com melaço, e enfiei-me debaixo dos cobertores. Os lençóis pareciam gelo, mas eu estava exausto demais para me importar com isso.

Acordei com os passos pesados de Izzy, que vagueava pelo quarto. Estava comendo um pedaço de *matzo*. Sentou-se aos pés da minha cama.

— O seu corvo fugiu — comentou.

— Gloria disse a ele que a Polônia não era um lugar bom para pássaros.

Falamos sobre o que fazer a seguir. Eu precisava cozinhar qualquer coisa para Stefa, por isso ele concordou em ir ao consultório de Mikael Tengmann, para lhe dar os 1.000 zlotys, e depois passar pela loja da Sra. Rackemann, pagar-lhe o que eu ainda lhe devia e recuperar minha aliança. Pus o dinheiro de Mikael num dos envelopes da Sra. Sawicki e pedi-lhe para reparar se o médico mostrava alguma surpresa ao ver o nome dela; lembrara-me, entretanto, de que o assassino — que devia viver fora do gueto — poderia ter tido um cúmplice lá dentro. E Mikael era apenas uma das duas pessoas que eu sabia terem conhecido tanto Adam como Anna; a outra era Rowy.

Talvez um deles estivesse conspirando com a Sra. Sawicki.

Izzy voltou uma hora e meia mais tarde. Eu estava fritando umas cebolas silvestres para acrescentar ao borsche que fizera com duas beterrabas velhas e murchas.

— Mikael vai ter o soro antitifo amanhã — ele disse. Enfiou o dinheiro no bolso do meu casaco, já que eu tinha as mãos ocupadas, e pousou a minha aliança no balcão da cozinha.

— Já podia ter pagado a Mikael — observei.

Ele pegou na minha xícara de sucedâneo de café, bebeu um longo gole e disse:

— Ele me disse para não o fazer; só quando tivesse o soro. Por isso, ainda não viu o envelope.

— De que vocês dois estão falando? — perguntou minha sobrinha, do quarto.

Quando lhe expliquei que em breve teríamos o soro, ela declarou:

— Ninguém vai me injetar coisa alguma! — Falou-o com voz forte, mas o resultado foi um ataque de tosse que manchou os lençóis de um muco ensanguentado.

— Não arrisquei a vida para você me vir agora com birra — disse-lhe Izzy, enquanto eu ia buscar uma toalha no armário dela.

— Arriscou a vida, como? — perguntou ela, franzindo os olhos, desconfiada.

Arregalei os olhos para Izzy, fazendo-lhe sinal para que não contasse a verdade, mas ele já percebera.

— Toda e qualquer saída com seu tio põe-me em perigo de declínio moral irreversível — respondeu secamente.

— Vá embora! — disse-lhe ela com raiva. — E o tio também! — acrescentou, virando-se para mim.

Na manhã seguinte, acordei assim que o sol nasceu, ansioso para falar com os amigos de Anna antes de me dirigir ao consultório de Mikael. Stefa parecia profundamente adormecida quando entrei, pé ante pé, no quarto dela, por isso dei meia-volta para sair, e foi então que falou, o que me fez dar um salto.

— Estou acordada — disse, em voz sonolenta.

Mal conseguia abrir os olhos; a luz que entrava pela janela fazia sua cabeça latejar de dor. Pediu-me que lhe procurasse um livrinho com capa de couro na gaveta de cima da cômoda. Quando o encontrei, pediu-me que o abrisse na primeira página. Escrito na sua bela caligrafia quadrada — em polonês — estava o seguinte:

Adam Liski

Data de nascimento: 4 de agosto de 1932.

Peso: 3,290 kg.

Comprimento: 48 cm.

Colados no fim da página estavam uns fios do cabelo louro e sedoso do filho. Nas páginas seguintes, descobri registros das suas doenças infantis e dos seus tratamentos médicos, bem como desenhos das mãos e dos pés, e um retrato que Stefa fizera dele quando o menino tinha 5 anos. Tinha talento de artista — quem diria? No meio de uma série de velhos esboços do marido dela, Krzysztof, descobri também — com surpresa e deleite — que desenhara a mim, debruçado sobre um livro. Fumava o cachimbo de *meerschaum* que herdara do meu pai. Devia ter feito aquele desenho uns dez anos antes. Seria possível que eu houvesse tido um aspecto tão novo e forte nessa época?

— Tio Erik — ela pediu —, o senhor tem que me prometer que vai guardar bem o livro de Adam.

— Eu? Por quê?

— Faça o que lhe digo ao menos uma vez na vida!

— Pronto, eu guardo-o bem. Mas você vai ficar boa. Só precisa se manter bem quentinha.

— Esconda-o! — disse ela num grito sussurrado, como se os alemães precisassem saber a altura de Adam para ganhar a guerra.

— Vou colocá-lo no meu quarto, debaixo do colchão — eu disse, mas, assim que fiquei fora da vista dela, enfiei-o no bolso do casaco.

Fiquei sentado durante algum tempo ao seu lado, passando-lhe *schmaltz* nos lábios rachados e penteando seu cabelo emaranhado. Quando lhe perguntei se queria um pouco de borsche, recusou.

— Ouça, Ewa tem me ajudado a escrever cartas para nossos amigos de fora do gueto — disse ela. — Vamos arranjar alguém que passe para o Outro Lado e as ponha no correio.

— Por que você está escrevendo cartas?

— Nossos amigos precisam saber o que... o que se passou conosco — respondeu, incapaz de pronunciar o nome de Adam. — Há alguém a quem o senhor quer que eu escreva?

Fiquei pensando.

— Não, obrigado. Não saberia o que dizer.

Disse a minha sobrinha que precisava sair por algum tempo, mas que ia pedir a Ewa que

fosse de vez em quando ver como ela estava. Lá embaixo, na padaria, a jovem prometeu-me que o faria sem falta.

Estava exausto demais para ir a pé a qualquer lugar, por isso deixei-me cair no assento de um riquixá. Meu condutor era um ex-engenheiro químico chamado Józef. Trazia um colete de veludo vermelho por baixo de um casaco de burel de colarinho alto.

— Foi minha filha que os fez, para o meu aniversário — disse ele.

Quando respondi que ela era um gênio da costura, virou-me o rosto como se eu o tivesse ofendido, mas não perguntei por quê; todo mundo do gueto carregava consigo uma miséria qualquer, que podia facilmente justificar um comportamento estranho.

Embora Józef fosse bom ao pedal, fomos ultrapassados pela competição mais jovem. Enquanto atravessávamos o gueto, comecei a ler o livro de Adam. Perto do fim, descobri listas que Stefa fizera das vantagens e desvantagens nas personalidades dos amigos. Não fazia ideia que ela era das que fazem listas, mas também não fiquei surpreso.

Lembro-me do inventário de Izzy melhor do que de todos os outros, porque evidenciava o senso de humor da minha sobrinha.

Vantagens: Unhas impecavelmente tratadas, adora as próprias piadas, consegue consertar toda e qualquer coisa, fala francês, anda tão devagar quanto eu, sobrancelhas que lembram lagartas peludas, não tem um grão de maldade no corpo, quase nunca levanta a voz, fica facilmente perturbado quando me zango, é capaz de entreter o Adam e impedir que tio Erik me faça perder o juízo, tem olhos tristes (como a superfície de um lago de águas tépidas!), desperta em mim o instinto maternal quando está triste, e é leal, leal, leal.

Desvantagens: Adora as próprias piadas, não consegue perceber quando não quero que brinque comigo, magoa-se quando gritam com ele, é rancoroso (apesar de o negar), anda tão devagar quanto eu, porta-se como um porquinho à mesa, nunca percebe as pessoas más (perdoa as farpas que lhe atiro com uma excentricidade inócua, pobre homem!), desperta em mim o instinto maternal quando está triste, é demasiado leal, e incentiva o Adam a não apertar os cadarços, a lamber o prato, a brincar com cães vira-latas etc.

Filosofia oculta: Se começou uma coisa, é para ir até o fim.

Comida que mais gostaria de ter no gueto: salmão defumado.

Astro de cinema favorito: James Cagney (não o imita assim tão mal, mas Cagney em iídiche soa um pouco meshugene)

Mistério: Quando casou com Róza, ela estaria grávida?

O que mais lhe desejo: Que possa encontrar um homem que saiba apreciar sua bondade.

Perspectivas imediatas: Solidão (dada a saúde da Róza e o estado do mundo no

que respeita às suas inclinações sexuais).

Procurei minha própria lista de vantagens e desvantagens, mas várias páginas tinham sido arrancadas, e ela devia tê-las destruído. Acima de tudo, eu queria saber o que ela mais me teria desejado.

Só muito mais tarde é que me lembrei de que Stefa deixara a página de Izzy para eu ver por um motivo: para eu não menosprezar a amizade dele, coisa de que ela sempre me acusava — e, por vezes, até tinha razão.

Não destruíra as listas relativas a Ewa, Helena, Ziv e Adam. Li-as todas, exceto a do meu sobrinho. Tive que fechar o livro assim que li a primeira vantagem dele: *Adora todos que o rodeiam, até a mim.*

Józef deixou-me perto do cruzamento da rua Chłodna para o Pequeno Gueto; a partir daí, eu iria a pé. Quando eu ia saindo do riquixá, ele enxugou a testa e pediu desculpa por ter sido ultrapassado por outros condutores.

— Mas chegamos sãos e salvos — respondi, pagando-lhe —, que é a única coisa que conta neste momento. Além disso, meu sobrinho estava sempre se queixando de que eu era mais lento que uma...

la dizer *tartaruga*, mas Adam — a miséria que eu carregava *comigo* — ergueu a mão, fazendo-me sinal para não contar mais nada sobre a nossa vida juntos. Józef lançou-me um olhar interrogador.

— Há coisas que não vale mais dizer — disse eu. Apertei-lhe a mão e afastei-me.

Dois cangalheiros surgiram quase imediatamente à minha frente. Carregavam um morto vestido apenas com uma blusa esfarrapada. Tinha o cabelo espesso e escuro, mas os olhos encovados e o peito encolhido eram os de um velho espancado. Os braços pareciam caules de bambu que acabavam em garras sujas.

O queixo estava coberto por uma penugem, mas as faces eram lisas e sem pelos — seria possível que a fome deixasse um homem sem barba?

As macas funerárias do gueto eram feitas de escadas portáteis com uma tábua por cima e rodas numa das pontas, mas esta tinha também umas borlas brancas — *tzitzit* — nos cantos. Fiquei curioso, e comecei a escutar a conversa dos cangalheiros. Falavam sobre o destino que uma vidente lera a um deles.

— Ela disse que em breve eu ia fazer uma longa viagem — disse o mais baixo dos dois.

— Para algum lugar quente? — perguntou-lhe o colega, esperançoso. Usava óculos pretos colados com durex, e escorregavam constantemente para a ponta do seu nariz.

Abandonando a maca sobre a calçada, olharam em volta, trocaram algumas palavras que não entendi e arrastaram os passos até uma barraca de madeira montada em frente a uma loja

de roupas. Lá dentro estava um vendedor de ferro velho de rosto encarquilhado, sentado num banco de três pernas, rodeado por pilhas de puxadores de porta, chaves e sucata enferrujada. Das paredes pendiam animais de arame do tamanho de uma mão — cães, gatos e cisnes. Amarfanhada a seus pés via-se uma mulher nua, com o rosto inclinado para baixo e o queixo comprimido contra o peito, mas ele não parecia vê-la; estava concentrado no arame que ia torcendo para formar um cão sentado sobre as patas traseiras.

As mãos da mulher — com os nós dos dedos vermelhos e inchados — estavam entrelaçadas, como se ainda segurasse um copo de pedinte. O cangalheiro dos óculos sussurrou qualquer coisa ao sucateiro. Depois, baixando-se, abanou a mulher, e a cabeça dela — esquelética e com aparência de cera — caiu para o lado. Agarrou-a pelos tornozelos, enquanto o colega a apanhava pelos braços.

— *Eins, zwei, drei* — disseram os dois em uníssono.

Ergueram-na. Os ossos das ancas sobressaíam-lhe do encovado triângulo do sexo como lâminas de pás.

O sucateiro nem levantou os olhos para vê-la partir, mas as mãos pararam de torcer o arame durante alguns segundos, e fechou os olhos.

As pessoas continuam sua vida da única maneira que sabem. Hannah disse-me isso uma vez, e eu achei o comentário dela superficial, mas depois de viver no gueto convenci-me de que tinha razão.

Para transportarem a mulher até a maca, os cangalheiros dobraram-na, e depois voltaram a esticá-la. Insensibilidade, ou um mórbido número de comédia?

Quando passaram ao meu lado, vi que os olhos cinzentos da mulher me fitavam. Imaginei que queria me contar coisas de sua vida.

Se pudesse me dizer apenas uma coisa, o que seria?, perguntei-lhe em espírito.

Morri de sede de tantas coisas, respondeu-me. A voz dela chegou até mim velada pela amargura e pelo desgosto.

Os mortos querem que nós saibamos o que é que os matou, pensei comigo — embora talvez tivesse chegado a essa conclusão apenas porque significava que Adam queria que eu descobrisse a identidade do seu assassino.

— Não, ela disse que eu ia para um lugar frio — disse o cangalheiro mais baixo para o colega, retomando a conversa anterior.

— Devia querer dizer que você ia parar na rua Mogiła!*** — respondeu o colega, rindo.

Jogaram a mulher em cima do homem que tinham ido buscar anteriormente. Os ossos das costas dela — como barbatanas — espetaram-se no rosto dele, e a cabeça descia-lhe para trás e para o lado, como se fosse desprender-se do pescoço fino. Os seios, murchos, mirrados pela fome, pareciam panquecas enrugadas coladas na caixa torácica.

Ninguém correu para cobri-la. Ou para reclamar o corpo.

Imaginem que estão fechados numa sinagoga com todos os judeus do seu bairro, e que um

bando de amotinados cristãos coloca fogo nas paredes. Sentem o cheiro de fumaça, e ouvem o estalido da madeira do teto prestes a ruir. Agarram seus filhos e se perguntam se será tarde demais para jogá-los por uma janela, para salvá-los. O pânico enrosca-se em nosso corpo como uma cobra.

Aquela mulher conhecera esse terror nas suas últimas semanas de vida. Foram as cinzas frias dos seus olhos que me contaram isso.

Não perguntei ao sucateiro se sabia o nome dela, nem que profissão tivera no Tempo de Antes, nem quantos bebês dera à luz, embora soubesse que devia tê-lo feito, porque nenhum homem, mulher ou criança deveria morrer sem ter seu nome nos lábios de alguém que gostaria que não tivessem sofrido — mesmo que esse alguém seja um estranho.

— Eu estava pensando mais em alguma coisa do gênero Canadá — disse o cangalheiro baixote para o colega. — Montreal era bom... lá tem um monte de judeus. E jogam hóquei.

Enquanto ele falava, a mulher escorregou para o chão, com a lentidão trágica de um pesadelo que sabemos esconder-se debaixo do nosso travesseiro mas que não conseguimos evitar. A cabeça bateu no chão com um ruído seco e ficou torcida num ângulo impossível.

Como se um feitiço a pudesse salvar, sussurrei:

— “Insuflarei ar em seu peito, e você viverá.”

Era um verso de Ezequiel, que aprendera com uma das peças de Hannukkah do meu tio Franz.

Mas a mulher não se mexeu, e uma pequena parte de mim foi destruída pela certeza de que a Morte era invencível e nos reclamava com a maior facilidade, embora não parecesse haver em iídiche, polonês ou alemão palavra que descrevesse com precisão a inutilidade de tentar acreditar em qualquer coisa que não fosse apenas a mortalidade.

Uma revelação: enquanto me afastava dali, percebi que, se os judeus sobrevivessem àquela guerra, teríamos de inventar uma língua nova, uma em que pudéssemos expressar o que nos acontecera com uma força tal que pudesse permanecer na memória das gerações vindouras. Teríamos de dar nomes novos a tudo — os antigos já tinham acabado. Teríamos de nos tornar, todos, romancistas e poetas. Era a única forma de podermos sair do gueto com nossa mente — e nossa história — intacta.

Acompanhando a multidão que atravessava a rua Chłodna em direção ao Pequeno Gueto, percebi também que os homens como Grylek já tinham dado início a esse processo de dar nomes novos às coisas. Com seus anagramas e endereços em código, ele desenvolvera a estratégia de que precisávamos, mas teríamos de ir ainda mais longe.

Seria possível que esse processo fosse mesmo a chave da nossa sobrevivência, tal como fora para o primeiro homem na face da Terra?*****

Notas

* [Nota do editor: Literalmente, “o filho idiota de um pica-pau”] Erik contou-me que era uma das expressões favoritas de Izzy, e riu alegremente quando a repetiu.

** Mais um indício da grande familiaridade de Erik com a cultura inglesa. *Don Juan no Inferno* é um dos quatro atos da peça de George Bernard Shaw *O homem e o Super-homem*.

*** O cangalheiro faz um jogo de palavras, visto que *mogila* significa *túmulo* em polonês. Quando revíamos juntos este capítulo, Erik me disse que Mogila era também uma vila perto de Cracóvia, e perguntou-se se não haveria mesmo uma rua com esse nome. A vontade que manifestou de se certificar que eu soubesse da existência da vila levou-me a crer que talvez tenha sido importante para ele, por alguma razão que ainda terei que descobrir. Queria Erik que eu compreendesse mais do que aquilo que compreendi? Rezo para não lhe ter falhado.

**** Aqui, tal como em várias outras cenas de *Os anagramas de Varsóvia*, Erik dá provas de um profundo conhecimento da noção cabalística segundo a qual todo ser vivo é mantido pelo poder da linguagem e a base desse poder é o nome de Deus.

Capítulo 15

A MÃE DE JANEK CONVIDOU-ME para entrar quando expliquei a razão da minha visita. Disse que eu estava com ar exausto e trouxe-me imediatamente um copo d'água.

O jovem bem-apegoado, de cabelo encaracolado, não parecia nada à vontade para falar comigo sobre Anna, mas depois de eu lhe dizer que suspeitava de que ela estivera gravemente doente, confessou que haviam tido uma discussão por causa de 20 zlotys que ela lhe pedira emprestados e não conseguira devolver. Não tinham se falado mais desde o início de janeiro.

— Ouça, filho, Anna precisava do dinheiro para quê? — perguntei.

— Ela não quis me dizer — respondeu, o que fez com que a mãe lhe desse uma palmada na nuca. — Juro, mãe! — justificou-se o rapaz, abaixando-se para se esquivar. — A senhora sabe bem que Anna nunca contava nada. A única coisa que me disse foi que estava metida numa grande encrenca.

A outra amiga íntima de Anna, Henia, vivia na rua Pańska, perto da sinagoga Nozyków, aonde minha mãe e eu costumávamos ir nos grandes feriados religiosos. Veio abrir a porta vestida para a escola, com uma bonita camisa cor de vinho e uma calça de lã escura. Tinha o rosto alegre emoldurado por tranças louras, o que lhe dava o ar de ter saído diretamente de um conto infantil bávaro. Trazia na mão um ovo cozido já meio comido.

A mãe perguntou lá de dentro quem estava à porta.

— É uma amiga! — ela lhe respondeu em voz alta. E, virando-se para mim, disse só com os lábios: — Espere lá embaixo.

Alguns minutos mais tarde, apareceu correndo no vestíbulo.

— Estou atrasada — disse. — Falamos pelo caminho. — Apertou o casaco e pôs um gorro de aviador de couro preto com orelheiras de pele de carneiro, encaixando as tranças por baixo. Parecia um rapaz. — Tenho que atravessar o Gueto Grande para ir à escola — explicou ela —, e os guardas alemães costumavam apalpar-se todos quando eu passava pela porta. Uma

vez, um feioso e grandalhão até tentou me beijar. Agora me deixam em paz.

Saiu porta afora como se estivesse disposta a fazer frente aos nazistas e ao resto do mundo, segurando a pasta com os livros firmemente contra o peito — sem dúvida para esconder a saliência esguia dos seios.

Gostei logo de Henia. E sabe por quê, Heniek? Porque a sobrevivência brilhava em seus olhos castanho-claros. Abençoei-a por isso.

— Sabe o que estava acontecendo com Anna? — perguntei-lhe.

— O que estava acontecendo, como?

— Tenho razões para crer que estava doente.

— Não estava doente. A palerma deixou-se engravidar.

— Isso é impossível. Um médico que a examinou me disse que não estava grávida.

— Então ele mentiu.

— Por que ele faria isso? — perguntei.

— E por que não? — disse ela, irritada. — Que direito tem o senhor de saber pormenores íntimos da vida de Anna?

Lembrei-me de que Mikael me implorara para que não o obrigasse a mentir.

— Mas a mãe me disse que ela tinha se forçado a emagrecer perigosamente — insisti.

— Pois é — respondeu a jovem —, essa foi bem pensada, não foi? Conseguiu enganar todo mundo.

Parei. Mas Henia não.

— Então tem certeza de que ela estava grávida? — gritei-lhe.

Ela se virou.

— Ah, se tenho — respondeu rapidamente, andando para trás. — Já estava de três meses. Se olhássemos com muita atenção, percebia-se mais ou menos pela curva aqui, embora estivesse praticamente um esqueleto. — Desenhou com a mão um contorno na frente da barriga.

Dei uns passos até ficar outra vez ao lado dela, e segurei-a pela correia da pasta para impedi-la de voltar a andar à minha frente.

— Os pais sabiam?

— Não. Anna não confiava neles. Queria fazer um aborto. Mas não sabíamos aonde ir. Tínhamos medo de que, se pedíssemos ao médico dela ou a qualquer outro adulto, os pais viessem a saber. Por isso, ela simplesmente parou de comer.

— Mas, mais cedo ou mais tarde, o estado dela ia se tornar evidente.

— Desculpe, Sr. Honec, mas temos que continuar a andar. Se chego atrasada à escola, o diretor não me deixa entrar.

Larguei a correia da pasta. Henia mudou-a para o outro ombro, e recomeçamos a andar.

— Anna leu não sei onde que a falta de comida pode causar um aborto espontâneo — disse ela. — Assim ela podia esconder a gravidez e ainda por cima livrar-se dela ao mesmo

tempo. Era um truque inteligente; quer dizer, quando não nos importamos de morrer de fome.

— E então, ela perdeu o bebê?

— Não. Embora não tenhamos nos falado nos últimos dias antes de ela morrer, por isso imagino que pode tê-lo perdido nessa altura, ou mesmo encontrado alguém que fizesse o aborto.

— Sabe se ela pretendia contar à mãe do Paweł?

— Não faço ideia.

— E se o Paweł lhe deu um anel, ou uma pulseira... qualquer coisa de valor?

Henia deu de ombros.

— Se deu, ela nunca me mostrou nada.

— Seria possível que Anna tivesse mandado tatuar o nome dele na mão? Ou as iniciais?

Henia desatou a rir.

— Acha que ela queria ficar parecida com um marinheiro, Sr. Honec?

Estávamos atravessando o parque malcuidado da praça Grzybowski, rodeando os ramos baixos de uma aveleira despida pelo inverno. A expressão de Henia carregou-se de repente.

— Há uma coisa que anda me perturbando — disse, hesitante. — Mas não sei se devia dizer ao senhor. Anna não gostaria.

— Ela foi assassinada. Que mais poderá lhe acontecer de mau?

— Muita coisa! Por isso, é melhor me dizer o que quer saber, e assim eu vejo o que quero lhe dizer.

Comecei a falar-lhe da morte de Adam, até que ela segurou meu braço.

— Desculpe — interrompeu —, mas por favor não me conte mais nada sobre o seu sobrinho. Desde que mataram Anna... Ouça, o que tem me preocupado é que ela recusou-se a me dizer quem era o pai, e eu comecei a pensar sobre isso. Achava que provavelmente era Paweł, mas ela nunca o confirmou... ou negou.

— Quem mais poderia ser?

— Disso sei tanto quanto o senhor. Mas ouça, faça o que fizer — acrescentou, contraindo o rosto —, não pode contar nada disso aos pais de Anna.

— Por que não?

— A Sra. Levine tem gênio ruim. É alcoólatra. E costumava bater em Anna com uma toalha molhada.

— Por que uma toalha molhada?

— Dói como o diabo, mas não deixa marcas. — Henia deixou escapar uma risadinha sarcástica. — Anna sempre disse que a mãe era esperta; *feia mas esperta*. Costumava chamar-lhe de Fraulein Rottermeier; a da *Heidi*.

— Sim, eu sei — respondi com amargura; Dorota tinha me enganado; estava protegendo a si mesma, não o marido. A fotografia nada lisonjeira que me mostrara da filha tinha como objetivo mostrar-me que Anna merecia o tratamento abusivo que a mãe lhe ministrava.

— Ninguém sabe o que estou lhe contando — continuou Henia. — Nem sequer tenho certeza se o pai de Anna sabe até que ponto a situação era grave, embora ela estivesse furiosa com ele por nunca protegê-la. Não sei como Fraulein Rottermeier iria reagir se desconfiasse do que ela andava tramando. E se lhe dissesse que Anna estava grávida... — Henia gemeu, para dar a entender a catástrofe que se seguiria.

Parei, perguntando-me se a própria mãe de Anna poderia estar envolvida na sua morte. Parecia uma coisa impossível, mas a morte de Adam também parecia, e o fato é que estava morto.

— Não quer me fazer mais perguntas? — disse Henia.

— Acho que não.

— Adeus, Sr. Honec — disse ela alegremente, e começou a afastar-se a passos largos.

Depois de alguns segundos, chamei-a:

— Henia, você emprestou dinheiro a Anna?

Ela hesitou e, a seguir, retomou o passo.

— Precisa me dizer! — gritei-lhe.

Ela parou, sem saber o que fazer. Arrastando os passos até mim, como se estivesse de castigo, tirou o gorro de aviador. Seu rosto estava muito sério.

— Como é que soube? — perguntou.

— Estou começando a entender melhor aquilo por que vocês, jovens, andam passando.

Ela mordeu o lábio.

— Dei-lhe 20 zlotys. Mas não pode contar a ninguém!

— Entendo. Um aborto custa...

— Não, não está entendendo nada, Sr. Honec! Eu não quis saber se ela ia fazer um aborto ou não. Eu... fiz uma coisa imperdoável, uma coisa que...

— Roubou dinheiro dos seus pais — interrompi, para libertá-la da necessidade de confessar seu crime em voz alta.

— Não, foi do meu irmão mais novo — sussurrou, e seus olhos se umedeceram. Limpou as lágrimas com um gesto brusco, como se não as merecesse. — Deus me perdoe, tirei duas notas de 10 zlotys da carteira dele. Fazia meses que ele vinha juntando. Sr. Honec, ele até tinha passado as notas a ferro, para ficarem impecáveis. Ficou dias chorando quando deu pela falta do dinheiro. E meus pais ficaram furiosos com ele. — Henia meneou a cabeça, como se para sacudir sua traição.

— Anna estava desesperada — eu disse. — E você a ajudou. Foi uma boa amiga.

— Mas traí meu irmão; e foi horrível.

Fixei os olhos na distância, na parede de tijolo que isolava a rua Prózna, tentando descobrir o que dizer a Henia na nossa paisagem encarcerada.

— Nesta ilha, até um *mitzvah* pode causar dano — eu disse. — Embora preferisse que nenhum de nós tivesse de aprender isso.

— Tirar toda a esperança do meu irmão não foi um *mitzvah*! — declarou ela, recusando-se a ser libertada da armadilha moral em que se deixara apanhar. — E nunca mais seria capaz de enfrentar meus pais ou meu irmão se descobrissem o que eu fiz. Nunca! Por isso, não pode contar nada!

— Não direi uma palavra. Prometo.

Henia voltou a pôr o gorro.

— Sr. Honec, o senhor... o senhor tem alguma ideia do motivo por que os nazistas mataram Anna? — Naquele momento, parecia uma menininha irremediavelmente aprisionada bem no topo da torre erigida pela morte de sua melhor amiga.

— Não, ainda não — respondi.

— Então peço-lhe que me faça um favor. Se descobrir, não me conte. Pelo menos, até sairmos daqui.

— Mas por quê?

— Porque me mataria, se tivesse qualquer responsabilidade nisso.

— Não diga isso! — implorei.

— Mas é verdade. — Encarou-me com um olhar duro. — E minha morte só iria tornar a vida ainda mais difícil para meus pais e meu irmão.

Anna vira-se forçada a falar com Paweł por estar grávida — e, possivelmente, para lhe pedir que contribuísse para as despesas do aborto. Teria a Sra. Sawicki descoberto o estado da jovem? Talvez Anna tivesse exigido que Paweł casasse com ela, e a mãe dele a tivesse matado para salvaguardar a independência do filho.

Ou talvez Mikael lhe tivesse feito um aborto — que acabara em tragédia. Aterrorizado com a ideia de ser considerado responsável, ele a teria jogado no arame farpado, para todos pensarmos que eram os nazistas que o tinham feito. Mas, para fazê-lo, teria de ter obtido autorização dos alemães para atravessar para o lado cristão, e com certeza eles teriam percebido que tinha com ele o cadáver de uma menina.

Parecia altamente improvável. E, de qualquer forma, nenhuma dessas hipóteses conseguia explicar por que razão Mikael, a Sra. Sawicki ou qualquer outra pessoa iriam querer cortar a mão de Anna.

Dirigi-me ao consultório de Mikael para falar de novo com Anka, a enfermeira dele, e para ver se ele já tinha conseguido o soro antitifo para Stefa.

De início, Anka falou-me com brusquidão, insistindo que nada mais tinha a me dizer, mas, como lhe contei o que se passara com Adam e sua ligação com Anna, consegui arrastá-la até a escada, onde podíamos conversar a sós.

— Você é contra o aborto — sussurrei-lhe, assim que nos escondemos.

— Então, o senhor descobriu.

— Que era o que você queria.

Ela cruzou os braços, como que para se defender, e disse:

— Vamos ver se esclarecemos uma coisa: eu *não* sou contra o aborto. Essas menininhas esfomeadas não podem pôr um bebê neste maldito horror em que vivemos! Mas houve uma que morreu depois da operação.

— E você estava presente quando isso aconteceu?

— Não, o Dr. Tengmann faz as intervenções à noite. Mas essa menina, a Esther... Quando chegou em casa, jogou-se na cama, dizendo que sentia que estava pegando uma gripe, mas de manhã os pais a encontraram encharcada no próprio sangue e inconsciente. Era tarde demais para salvá-la. Talvez nunca tivéssemos descoberto, mas o pai dela veio aqui fazer perguntas. Ele sabia que a filha estava grávida, embora não tivesse certeza se ela viera aqui. Pegou-nos de surpresa. O Dr. Tengmann confessou que a tinha examinado, mas negou ter feito o aborto. E isso foi mau... muito mau! — Ao ouvir bater uma porta no prédio, Anka sobressaltou-se. Quando voltou a falar, cochichou: — Não consigo perdoar-lhe por ter mentido. E deixei de ter confiança nele. Tenho tentado, mas não consigo.

— Se não o ajudou na operação, como pode ter certeza de tudo isso? — perguntei.

— Conheço uma enfermeira que ajuda o Dr. Tengmann à noite.

— Então ela pode me dizer se Anna também fez um aborto!

— Já lhe perguntei. Nunca conheceu ninguém com esse nome.

— Anka, eu gostaria de falar com ela diretamente. Pode me dar o nome e o endereço dela?

— Não, desculpe. Ela não quer que descubram sua identidade.

— Então importa-se de lhe mostrar a fotografia que tenho de Anna?

— Claro que não.

Entreguei-lhe a foto.

— Depois eu lhe mando recado sobre o que conseguir descobrir — garantiu-me ela.

— Ouça, Esther teve alguma parte do corpo... uma mão, uma perna... amputada?

— O pai dela não falou em nada disso. Meu Deus, espero que não!

— Pode me dar o nome e o endereço dele?

— Se quiser. Mas eu preciso do meu trabalho aqui; vai ter de ser discreto.

— Tem a minha palavra. Sabe se o Dr. Tengmann guarda os protocolos dos abortos que pratica?

— Se o faz, não sei de nada; nem onde poderão estar.

De volta à sala de espera, Anka escreveu o nome do pai da menina que morrera — Hajman Szwebel — e o respectivo endereço. Morava na rua Solna, apenas a dois quarteirões do lugar onde Adam e Anna tinham sido jogados no arame farpado.

Esperei meia hora até Mikael poder me receber no consultório. Depois de apertar afetuosamente minha mão, ergueu o soro contra a luz.

— Aqui está ele! — disse, todo contente.

Nossas esperanças residiam num frasco de vidro amarelo-amarronzado.

— Vou agora com você para injetar nela — disse ele.

— Mas e os seus outros doentes?

— Vão ter de esperar; tifo não é brincadeira.

— Ouça, Mikael, nunca poderei pagar-lhe verdadeiramente — respondi —, mas pelo menos posso lhe dar isto... — Entreguei-lhe o envelope com o dinheiro, certificando-me de que o nome impresso da Sra. Sawicki ficava virado para ele.

Ao ver o timbre gravado, abriu um sorriso rápido.

— Vejo que continua brincando de detetive.

— Não estou *brincando* de coisa nenhuma! — respondi com aspereza, mais agressivo do que pretendia, provavelmente porque estava com a secreta esperança de que o nome Sawicki — e a inevitável conclusão de que falara com ela — fosse inquietá-lo.

— Desculpe... Disse algo ruim. Perdoe-me, Erik. Foi uma estupidez dizer isso. É só porque estou preocupado com você.

— Eu me viro bem. O pior já aconteceu. Mas ouça, talvez não seja má ideia contar o dinheiro.

— Não é preciso; confio em você. — Tirou o casaco do cabide junto à porta, enfiando o envelope e o soro num dos bolsos internos. — Então, conseguiu falar com Paweł? — perguntou.

— Não. A Sra. Sawicki disse-me que ele estava na Suíça, num colégio interno.

— Entendo. — Pousando o casaco sobre a mesa, colocou os óculos no estojo e esfregou os olhos. — Compreende agora por que não pude responder a todas as suas perguntas? E por que menti quanto aos problemas de saúde de Anna? Você não me deu alternativa.

— Sim, agora entendo. Mas agora você já não tem motivo para esconder a verdade. Por isso, preciso saber se Anna tinha certeza de que Paweł era o pai do bebê.

Olhou-me sobressaltado.

— Tem motivos para acreditar que não fosse?

— Uma das amigas de Anna disse-me que tinha dúvidas.

— A única coisa que me disse foi que estava apaixonada por Paweł e que os pais não aprovavam a relação. É tudo o que sei. Ajudo as meninas da única forma que posso. Para lhe dizer a verdade, não quero saber mais sobre a vida delas. Não aguento.

Pegamos um riquixá até o apartamento de Stefa. Mikael olhava a distância, perturbado. Adivinhando o que se passava em sua mente, consciente como estava agora de que o destino o encurralara, dei-lhe uma palmadinha na perna e disse:

— Dadas as circunstâncias em que vivemos, o que você faz é certo.

— Acha mesmo? Vou ser franco com você, Erik. Por vezes tenho as minhas dúvidas, mas quando as meninas vêm me implorar, como posso recusar-lhes? E sabe de que é que elas têm mais medo? De que o bebê morra de fome dentro do útero delas. Diga-me se não é motivo para não conseguir dormir à noite. — Deixou vaguear os olhos pelas multidões maciças que se abriam em círculos de ambos os lados da rua, como quem procura força e apoio. — Só quero que Ewa e Helena consigam sair vivas deste lugar — acrescentou. — É a única razão por que continuo a lutar.

Meninos vestidos em farrapos começaram a correr atrás de nós, gritando por dinheiro. Mikael atirou umas moedas para o chão. As crianças, meninos e meninas, atiraram-se a elas num grande alarido.

Pela primeira vez, compreendi que os mais jovens de nós acabariam por nos levar à sepultura. Era o que significava agora a morte de Adam e de Anna.

Mikael e eu íamos sentados num silêncio sombrio. O sol baixo do inverno, bloqueado pelos telhados dos prédios, mergulhava as ruas numa sombra profunda e invasora. Eu não conseguia impedir-me de tremer de frio.

Finalmente, perguntei:

— Então Anna nunca lhe confirmou que Paweł era o pai?

— Não, eu é que parti dessa suposição.

— Ela foi direto ao assunto? Pediu-lhe logo que fizesse o aborto?

— Pediu. E eu concordei em ajudá-la, mas na noite para a qual estava marcada a operação, não apareceu. — Eu comecei a fazer uma pergunta, mas ele ergueu a mão. — Não faço ideia do porquê. E nunca mais me disse nada. — Deu de ombros. — E depois apareceu o senhor, dizendo-me que ela tinha morrido. Não sei mais nada.

— O aborto dela estava marcado para 24 de janeiro?

— Sim, acho que era isso. Mas como é que soube?

— Foi o dia em que desapareceu.

O vento gelado varria nossos rostos. Ergui o cachecol de forma a cobrir a boca, motivo pelo qual o resto da nossa breve conversa aparece-me agora filtrado por uma textura de lã espessa e escura.

— Todas as meninas se recuperaram bem das operações? — perguntei, para pôr à prova a sinceridade de Mikael.

— O que quer dizer com isso?

— Não houve complicações, nem infecções...?

Ele olhou-me fixamente, os olhos muito abertos.

— Todas as meninas saíram do meu consultório com boa saúde; cansadas e perturbadas, mas com boa saúde. O que lhes acontece depois, isso já não posso controlar. Ou acha que posso?

Ewa estava à nossa espera no apartamento de Stefa, sentada na minha cama com um braço sobre os ombros de Helena, os olhos vermelhos e inchados.

— O que aconteceu? — perguntei, precipitando-me para ela.

— Foi Stefa — gemeu Ewa, e apontou para a janela. — Está no pátio, mas...

Olhando lá para baixo, vi um corpo de mulher coberto por um jornal da cintura para cima, e dois homens de pé ali perto — o zelador do nosso prédio, o professor Engal, e um policial judeu. O policial segurava um dos chinelos marroquinos de Stefa em cada mão.

Lancei-me como um louco escada abaixo. Tinham colocado dois tijolos sobre o jornal, para impedi-lo de voar. Ajoelhei-me e joguei-os longe.

Mais tarde, Ewa contou-me que, assim que vi o rosto de Stefa, gritei imediatamente o nome de Ernst — meu irmão mais novo, e pai dela. Lembro-me disso só muito vagamente.

Tinha os olhos cobertos por duas moedas prateadas. Disso é que me lembro com clareza.

Comecei a tremer. O policial judeu me ajudou a levantar, e me disse que minha sobrinha se jogara da janela.

— Não, não, não... ela estava fraca demais para isso — insisti.

Ele apontou para a janela do meu quarto.

— Sentou-se no parapeito e lançou o corpo para a frente.

Virando-me, vi Ziv sentado num canto do pátio, balançando-se para a frente e para trás como uma criança perdida. Chamei-o, mas ele não respondeu.

Deixei-me ficar ao lado de Stefa durante algum tempo, segurando sua mão, sussurrando-lhe histórias do tempo em que a vira pela primeira vez, quando ela era bebê. Enquanto me agarrava ao som suave e penetrante da minha voz, percebi a razão por que ela me pedira para guardar o boletim médico de Adam e os retratos que fizera dele.

Tirei as moedas de zloty de cima de suas pálpebras; não acreditava em barcos-fantasmas que atravessassem rios mitológicos. O professor Engal disse-me que eram de Ziv, por isso joguei o dinheiro para perto dos pés dele, na esperança de conseguir que prestasse atenção, mas ele não se mexeu.

Enquanto acariciava o cabelo de Stefa, pedi-lhe mais uma vez perdão por não ter protegido Adam, falando-lhe em iídiche e polonês, porque cada língua tinha as suas tonalidades próprias para a culpa e o remorso, e formas de pedir aquilo que agora nunca mais me seria dado, e eu queria que ela ouvisse a todas. Quando me arrastei de novo escada acima para tentar compreender como é que conseguira pôr fim à vida, dei com Mikael sentado na minha cama. Pôs-se de pé para me abraçar, dizendo-me quanto lamentava o sucedido.

Acrescentou que Ewa levara Helena para casa.

Ao devolver-me os meus 1.000 zlotys, disse:

— Stefa tinha de fazê-lo agora: não queria que o soro fosse desperdiçado. Não é a primeira vez que vejo esse tipo de sacrifício. Eu devia ter-lhe avisado. Peço desculpa por não ter pensado nisso.

Entendi então por que minha sobrinha ficara tão zangada comigo e com Izzy por termos lhe arranjado o soro. Talvez não estivesse pronta para encontrar a Morte num pátio de Varsóvia, mas soubesse que não podia esperar.*

Nota

* Erik fez uma pausa depois de dizer esta frase, olhando-me com olhos suplicantes, e pela primeira vez compreendi que minha forma e minha presença eram uma fonte de força para ele — que talvez até tivesse precisado que eu permanecesse no nosso mundo. Será que não era por acaso que eu era o único homem que conseguia vê-lo e ouvi-lo?

Capítulo 16

STEFA DEVE TER SE ARRASTADO para fora da cama e usado as poucas forças que lhe restavam para arrastar nossa cadeira até a janela. Sei disso porque o chão de madeira estava marcado com dois riscos paralelos, correspondentes às pernas da cadeira. A janela estava bem fechada, para não deixar entrar o vento gélido que soprava lá fora. Minha sobrinha não tinha forças nem para levar à boca uma colher de sopa, mas, sabe Deus como, arranjou uma maneira de abri-la.

Mais tarde, quando interroguei Ewa, ela jurou-me que a porta estava fechada à chave da última vez que fora ver como estava Stefa. Como sempre, entrara com a sua cópia. Não encontrou sinal de haver lá alguém que pudesse tê-la ajudado a suicidar-se. Encontrara Stefa dormindo na cama.

— Ou fingindo que dormia — intervim.

— Ou isso — concordou Ewa.

Por que minha sobrinha calçara os chinelos antes de saltar? É verdade que ultimamente andava sempre com os pés frios, mas com certeza sabia que em breve ia deixar de sentir qualquer tipo de desconforto. Talvez não quisesse que a pessoa que a encontrasse morta visse as feridas abertas entre os dedos dos seus pés. Eu não me dera conta de todo dessa pequena parte da sua desgraça. Afinal, ela me escondera muita coisa.

Fosse como fosse, ela calçou seus chinelos marroquinos vermelhos e dourados, subiu na cadeira e sentou-se devagar no peitoril da janela. Os braços esqueléticos devem ter tremido pelo esforço. Primeiro uma, depois a outra, fez passar as pernas sobre a borda da janela até ficar virada para a parte de fora — uma manobra complicada. Sei disso porque eu próprio já o tentei, e juraria em qualquer tribunal que isso exigia uma destreza e uma força que estavam muito além das capacidades dela.

Ziv tinha feito uma pausa no trabalho e estava sentado à porta da padaria, lendo um

boletim sobre xadrez que fora impresso no gueto; trazia um artigo sobre Szmul Rzeszewski, um dos seus heróis.

Será que Stefa o ouviu gritar-lhe que não se mexesse, que corria o perigo de cair?

— Já vou aí em cima! — gritou ele. — Espere por mim!

O que terá ela pensado quando se inclinou e deslizou mais para a borda do peitoril? Talvez que a gravidade era uma bênção.

Espero que tenha imaginado que em breve ia voltar a ver Adam, mas talvez tenha sido melhor se não estivesse pensando em nada.

Ziv contou-me mais tarde que ela não pareceu ouvi-lo, nem sequer notado a presença dele.

— Morreu assim que bateu no chão. — Foi o que me disse o professor Engal quando voltei ao pátio, e acrescentou que fora Ziv que o dissera. Talvez quisessem me poupar uma angústia adicional. Contudo, 10 metros é uma grande altura para alguém cair; talvez tivesse razão.

Ziv correu para ela, mas não sentiu seu pulso. Correu para a padaria a fim de pedir ajuda. Ewa e várias outras pessoas tentaram reanimar minha sobrinha, mas era tarde demais.

Os chinelos de Stefa caíram aos seus pés. Ziv recolheu-os enquanto esperavam que chegasse a polícia judaica e depois sentou-se no canto do pátio com a cabeça entre as mãos. Não se mexeu dali durante toda a tarde, e ali dormiu essa noite. Trouxe-lhe um cobertor, e ele me deixou cobri-lo com ele, mas recusou-se a falar comigo ou a ir para dentro de casa.

A essa altura, eu já aprendera que entrar em greve contra a injustiça do mundo era uma estratégia comum no gueto. Embora não servisse para mudar nada.

Até então, nunca me passara pela cabeça que ele estivesse apaixonado por Stefa. Afinal, ela tinha 17 anos a mais que ele. Mesmo assim, se tivesse estado atento, teria percebido que a rosa e os ovos frescos que lhe trouxera na noite do nosso primeiro banquete de sabá representavam o seu primeiro lance naquilo que era provavelmente uma estratégia de dez lances. E talvez a diferença de idades não tenha importância para aqueles que vivem com peões e rainhas dançando dentro dos seus sonhos.

O corpo de minha sobrinha esperou toda a noite pelos cangalheiros. Só chegaram às 10 horas da manhã seguinte, explicando que a doença e a fome estavam levando cem moradores por dia e que eles não chegavam para tanto. Eu já arrastara o corpo para o vestíbulo do nosso prédio; começara a cair uma chuva miudinha. Quis contratar uns rapazes da rua para carregar Stefa até o nosso apartamento, mas o professor Engal disse-me que os cangalheiros não iam gostar nada de ter de subir as escadas — podiam até recusar-se a fazer o serviço.

O milagre de Stefa...

Às 3 horas daquela madrugada, de pé junto à janela do meu quarto, olhei para o corpo dela lá embaixo no pátio e vi Ziv levantar-se de um salto e desatar a correr atrás de uma forma vaga que surgira de repente. Receando que se tratasse de um gato selvagem ou coisa pior ainda, joguei o casaco sobre os ombros, desci correndo as escadas e sentei-me ao lado de minha sobrinha. A essa altura, Ziv já voltara para o seu canto, mas agora gemia e chorava baixinho. Um pouco mais tarde, ergui os olhos para a janela do meu quarto e, naquele véu de neblina enluarada, ela surgiu-me como a entrada para um mundo de conto de fadas do qual tivesse acabado de escapar um pouco de magia, vindo pousar-se de leve neste lugar. Minha dificuldade em compreender como Stefa arranjara forças para abrir a janela, subir para o peitoril e saltar parecia agora conter tudo o que nunca conseguira compreender ao longo da minha vida — incluindo como era possível os homens e as mulheres acreditarem em Deus. E foi então que percebi que os milagres acontecem de fato, embora — infelizmente — não sejam sempre a gloriosa afirmação de transcendência em que todos temos sido levados a acreditar.

P a r t e II

Capítulo 17

PRECISO TER MAIS CUIDADO NAS minhas excursões. Hoje, Heniek, ao princípio da tarde, enquanto você trabalhava na sua fábrica, atravessei a ponte para Praga,* a fim de me certificar se a minha velha amiga Jasmin ainda era viva. Infelizmente, a entrada do seu prédio estava trancada. Esperei do lado de fora, observando os transeuntes, até que finalmente, depois de algumas horas, ela apareceu à janela, olhando a fina camada de neve que começara a cair. Ali me deixei ficar até muito depois de ela ter voltado para dentro, para fazer o que quer que estivesse fazendo, grato por Izzy e eu não termos causado sua morte. Mas a caminho de casa, sentindo as minhas forças renovadas e com vontade de uma pequena aventura, decidi ir ao Pequeno Gueto para ver que maravilhas estariam agora ornamentando as vitrines da rua Sienna. Foi um erro.

Nem sequer cheguei lá; encontrei uma multidão que se agitava em frente à Igreja de Todos os Santos, e no seu centro estava um açougueiro corpulento atacando a machadadas a carcaça emaciada e cor de lama de uma égua velha. Salpicos de sangue quente saltavam para seu rosto, contraído numa careta. Percebi, pela forma como a caixa torácica do pobre animal se destacava do resto do corpo, que se tratava de um daqueles cavalos de tração dos bondes, esfomeada e esgotada de trabalho. Do seu ventre aberto infestado de vermes escapava um vapor que se adivinhava infesto.

O gueto devora-se a si próprio e nunca morrerá, pensei.

Nunca vira um cavalo sem cabeça, e recuei lentamente.

* * *

— Ficou calado outra vez — diz-me Heniek.

— Pensei que estava lhe contando a história de uma égua morta — respondo eu.

— Não, há vinte minutos que não diz uma palavra.

Heniek diz que consigo passar uma hora ou mais sem falar, embora eu possa ouvir claramente minha voz e tenha certeza de que estou falando com ele. Ele diz que meu silêncio o assusta, porque meus contornos começam a escurecer, como se estivesse sendo devorado por uma sombra ávida.

Embora ele tente me acordar dos tranSES me chamando pelo nome, não dou qualquer sinal de ouvi-lo.

Pelas minhas contas, este é o quarto dia que passamos juntos. Pelas dele, é o sétimo. Não sei como podem desaparecer tantos dias...

Depois que o marido de Stefa, Krzysztof, morreu de tuberculose, minha sobrinha fechava-se no quarto, soluçando. Adam tinha 5 anos então. O menino contou-me um dia que o ruído metálico e seco da chave girando na fechadura dava-lhe vontade de gritar por socorro, mas quem ele poderia chamar? Quando ouvia o choro da mãe, agachava-se junto à porta e implorava-lhe que o deixasse entrar. Arranhava a porta como um gato, sacudia a maçaneta, mas não havia nada que a convencesse a abrir.

Depois de me confessar esses pormenores, acrescentou:

— Mas não é assim tão mau. Já nem choro. Só continuo a arranhar a porta. Senão mamãe pode esquecer que estou ali.

Espantosamente, não se mostrava nada zangado; estava orgulhoso da sua capacidade de aguentar a situação sozinho.

Teria sido Stefa boa mãe? Será que qualquer pessoa é *sempre* uma influência positiva? Só sei que Adam a adorava.

Quando finalmente deixava o filho entrar no quarto, fazia de conta que nada tinha acontecido. Sentavam-se os dois de pernas cruzadas na cama dela, mordiscando pão com queijo e jogando cartas. Céus, era espantoso como aqueles dois conseguiam viver só de queijo. Pareciam dois ratos gigantes!

Depois de o menino ganhar todas as moedas da mãe, ela abria um romance e o lia em voz alta. Ou então faziam a sesta juntos; os ataques de choro dela deixavam os dois sempre exaustos.

Desde a adolescência que Stefa devorava romances policiais — livros de Israel Zangwill, Émile Gaboriau, Baldwin Groller...

— A questão é esta, tio Erik — explicou-me ela uma vez, logo após a morte do seu Krzysztof —, os romances policiais terminam de maneira sólida. Quando acabamos a última página, há uma porta que se fecha atrás de nós. Por isso, as pessoas como eu e Adam nunca podem ficar trancadas lá dentro.**

O salto que deu para o pátio deve ter significado que não houvera portas suficientes a

fechar-se atrás dela no decurso de sua vida; tornara-se prisioneira de uma história que não pudera continuar a ler.

De manhã, dois homens da Pinkiert vieram buscá-la. Caía uma chuva leve. Quando a pegaram, o mundo retrocedeu. E eu fiquei prisioneiro de uma espessa camada de vidro.

Lá fora, enquanto a carroça deles se afastava aos solavancos sobre as pedras da calçada, o som tenso e rangente das rodas deu-me a impressão de que estávamos travando uma batalha perdida. Lá em cima, no apartamento, peguei a minha lista de mortos e entoei os nomes de todos aqueles que já amara.

Bebi vodca e cantei até perder a voz.

Queria que meus pais viessem me buscar. E queria desistir. Por isso fechei as cortinas e afundei-me nos braços gelados dos meus cobertores. Prometera que ia à sede da Pinkiert marcar o funeral e pagá-lo, mas era a minha vez de entrar em greve.

Virando-me de lado, fiquei olhando fixamente a janela pela qual Stefa deixara o nosso mundo. Morrer olhando o céu — mesmo que pesado de uma chuva iminente — devia ser reconfortante. Seria muito esperar que minha sobrinha tivesse olhado para cima, e não para baixo, enquanto caía?

Dormi um sono carregado de drogas e acordei sem saber direito onde estava. Sentado na borda da cama, deixei que a urina escorresse pernas abaixo até o chão. Acho que precisava sentir que meu corpo ainda funcionava.

Talvez seja por isso que os doentes internados nos sanatórios se sujam por vezes — para se lembrar de que estão vivos. Urina e fezes como o único espelho que lhes resta.

Existo.

Enquanto olhava para mim mesmo no espelho verdadeiro do banheiro, repeti aquele pequeno incentivo à vida muitas vezes, mas na verdade parecia ser apenas um instrumento para mais uma respiração, e depois outra e outra, um instante no tempo recuando para um silêncio tão profundo que nunca mais teria fim.

Não são os pensamentos que nos mantêm vivos. É outra coisa qualquer. Mas o quê?

O gueto ensinou-me a fazer essa pergunta, mas nunca me deu a resposta.

Se querem certezas, então receio que tenham de ler uma história sobre outro tempo e outro lugar. E outros homens, e outras mulheres. Em Varsóvia, em 1941, não tínhamos nenhuma para lhes dar.

Uma pancada na porta fez-me voltar a mim. De pé, no patamar, estava Izzy.

— Acabei de saber sobre Stefa — disse ele.

Abraçou-me com tanta força que quase me fez cair no chão. Depois, sentamo-nos na minha cama. Eu não conseguia falar. Mas não havia nada para dizer.

Éramos uns velhos, exilados das vidas que tínhamos esperado viver.

Quando consegui falar, disse-lhe onde encontrar o dinheiro para o funeral de Stefa. Ele prometeu encarregar-se da cerimônia. E fez-me voltar para a cama.

Passei o dia acordando e adormecendo de novo. E ele ficou sempre me vigiando. Depois, a noite caiu. Acordei de repente, passava pouco da meia-noite. Assustado, chamei por Izzy, mas ele já voltara para casa. Fui até a janela. De pé na escuridão, imaginei que, se oferecesse a minha vida a Deus, talvez ele poupasse alguém que quisesse viver — uma criança, com décadas de vida à frente. Mas, mesmo que conseguisse convencer o Senhor a fazer esse negócio comigo, como iria decidir quem era mais meritório?

Acordei na manhã seguinte com uma jovem descalça me trazendo o café da manhã na cama. Um ovo estrelado olhava-me com ceticismo do centro de um prato de sobremesa do conjunto chinês de Hannah.

— Está na hora de comer! — disse a menina jovialmente, abrindo as cortinas de uma só vez. A luz atingiu o chão e viajou pelos cobertores até os meus olhos, fazendo-os chorar.

A menina tinha cabelo escuro cortado à escovinha e o rosto cor de azeitona. Vestia um casaco de homem que lhe batia nos joelhos. Andava com uma postura ereta e graciosa, como uma bailarina.

— Bina? É você? — perguntei.

— Sim, sou — respondeu ela, olhando-me exultante, como se eu fosse o seu doente-mascote.

— Não pode ficar aqui — disse-lhe eu, em tom de aviso.

— Por que não? — perguntou ela, erguendo teatralmente as sobrancelhas.

— Para começar, você deixou entrar luz demais — respondi, pondo a mão em concha sobre os olhos.

Ela voltou a fechar as cortinas, deixando apenas uma estreita fenda.

— Um pouco de luz lhe faria bem — sugeriu.

— Não acredito que você ache que o sol pode trazer os mortos de volta.

— Não — concordou, baixando os olhos; e depois acrescentou timidamente: — Nem mesmo as nossas orações conseguem fazer isso.

— Vá embora — pedi-lhe, mas ela aguentou firme.

— Ao menos beba um pouco de chá — propôs, numa vozinha de criança.

Mudei de tática.

— Como diabo conseguiu entrar?

— Izzy me deu a chave.

— Você conhece Izzy?

Depois de se abaixar para apanhar uma das minhas meias, ela respondeu:

— Conheci-o ontem à noite, quando ele saiu aqui do prédio. E hoje de manhã, quando voltou, perguntei-lhe o que o senhor tinha. Conversamos. É um homem simpático. Comprou picles para mim e minha mãe.

Pegou outra meia e uma blusa. Sem olhar para mim, disse:

— Queria lhe dizer que lamento muito o que aconteceu com sua sobrinha.

— Izzy passou aqui hoje de manhã? — perguntei, ignorando os pêsames dela, já que a última coisa de que queria era falar aquilo.

— Passou, trouxe carvão. Quando saiu à rua, disse à minha mãe e a mim que o senhor não acordou enquanto ele esteve aqui.

Foi então que reparei que o quarto estava quente pela primeira vez em vários meses.

— Onde diabos ele foi buscar carvão? — perguntei.

— Não me disse. — Dobrou as minhas calças com todo o cuidado e pendurou-as nas costas da cadeira. — O senhor precisa se alimentar — observou.

— Ora, menina! — respondi, irritado. — Como você pode achar que o meu problema é fome?

Ela saiu correndo na direção da cozinha. Eu tinha certeza de que conseguira o meu objetivo de fazê-la chorar, mas não ouvi soluço algum. Quando voltou, sentou-se na borda da cadeira e olhou-me como quem espera ordens sobre o que fazer a seguir. Seus olhos eram tão carentes que desviei o olhar. Ao fim de algum tempo, reparei que olhava fixamente o prato do meu café da manhã. Eu não tinha vontade de ser bondoso com uma menina que não tinha coragem de pedir comida quando estava faminta, por isso não disse nada.

— Importa-se que eu coma o seu ovo? — perguntou ela, finalmente, em voz receosa.

— Fique à vontade.

Engoliu-o de uma só vez, e em seguida lambeu o prato. Depois, deu-se conta do que fizera e corou.

Como é possível viver como um inseto nos últimos seis meses e ainda se preocupar com etiqueta? Só os judeus podiam criar filhos tão absurdos.

Afastei o cobertor e joguei as pernas para fora da cama, sentando-me na borda. Meus pés pousaram na poça de urina que eu fizera na véspera. Ainda bem.

Pedi a ela que se virasse enquanto eu me vestia. Quando estava apertando o cinto, eu disse:

— Bina, pelo amor de Deus, arranje outra pessoa.

— Outra pessoa, como? — perguntou, olhando-me intrigada.

— Vai ganhar pontos perante Deus onde seja desejada!

Mas nem a minha violência a fez chorar. Apertando os lábios, ela dirigiu-se no seu passo

de bailarina até a porta e saiu. Não olhou para trás uma única vez, graças a Deus.

Encostei-me à parede para me apoiar e disse a mim próprio que a salvara de perder tempo comigo, mas para dizer a verdade ainda tinha vontade de dar uma última facada no único inimigo que conseguia alcançar.

Izzy voltou lá nesse dia, ao fim da tarde. Eu estava sentado na cama com o meu diário de sonhos, rabiscando uma lista de todas as cidades que gostaria de ter visitado se não estivesse onde estava.

— Você acordou! — ele exclamou, espantado. — O que está escrevendo?

— Estou decidindo a que lugares irei quando sair daqui.

Só depois de essa resposta me sair pela boca é que percebi que era verdade. Comecei a rever o que escrevera. Gênova parecia-me a melhor opção — um ex-colega meu de Viena vivia lá, e dali eu poderia, provavelmente, tomar um trem para Esmirna.

— Ontem à noite veio aqui um homem do Conselho Judaico — disse-me Izzy, sentando-se aos pés da cama. — Disse que se chamava Benjamin Schrei.

O colchão vergou-se sob o peso de Izzy. Senti-me como se fosse feito de metal partido e enferrujado e que todas as peças dentro de mim estivessem escorregando na direção dele.

— Eu disse a ele que você estava dormindo, mas o sujeito quer falar com você — continuou Izzy. De repente começou a mover a língua dentro da boca, como quem procura algo, e então cuspiu alguma coisa na mão.

— O que foi? — perguntei.

— Um dente — respondeu. — Têm caído.

— Abra a boca — ordenei.

Espreitei lá dentro. Suas gengivas sangravam, e seu hálito pútrido lembrava pão bolorento.

— Mas que raios está acontecendo aí dentro? — perguntei.

— É escorbuto — respondeu. — Consegui comprar algumas laranjas, mas ainda não fizeram efeito.

— Era melhor limões — observei.

— Então me arranje um.

— Isso dói?

— Só quando como ou falo — respondeu secamente. — Mas então: o que acha que o Schrei quer?

— Estou me lixando! — respondi, e percebi que era o que teria dito Stefá. Seria assim que eu ia conseguir continuar: imitando o som da voz dela dentro da minha cabeça? Depois de desenhar um círculo apertado em volta de Gênova, acrescentei com aspereza: — Você não devia ter dito a Bina que podia vir me ajudar.

— Por que não?

— Porque não pode! — declarei.

— Sabe, um pouco de solidariedade neste momento talvez não lhe caísse mal — aconselhou-me, analisando o dente com toda atenção, como se fosse um artefato precioso proveniente do Mar Morto.

— Mas que raios Bina poderia fazer por mim? Não quero comer nada, e ela não sabe quem matou Adam ou Anna ou...

Ele atirou em mim o dente, acertando-me no lado da cabeça.

— O que eu quis dizer é que *você* podia mostrar *a ela* um pouco de solidariedade, ô palerma! A menina está morrendo de fome, é um esqueleto debaixo daquele casaco enorme.

Izzy fez sopa de nabo enquanto eu trabalhava na minha lista de rotas de fuga. Meia hora mais tarde, enquanto comíamos com grande ruído, acrescentei os lugares aonde iria depois de Esmirna — Bangcoc, Rangún, Mandalay...

Queria acordar todos os dias num ambiente de calor e ver a vida verde e exuberante irrompendo por todas as fendas das ruas, ultrapassando telhados, paredes e barricadas. Queria comer no café da manhã um monte de frutas tropicais vermelhas e amarelas e cuspir as sementes na terra úmida do meu jardim e vê-las romper o solo e ir nadar num oceano com cavalos-marinhos de cauda em forma de planta e peixes-lua espantados me espreitando dos seus esconderijos nas colônias de corais. Queria acordar ao som de meninos e meninas brincando nus na praia, chilreando como tentilhões. Queria estar num lugar onde nunca ninguém tivesse ouvido falar alemão.

Notas

* Burgo histórico de Varsóvia, situado na margem oriental do rio Vístula. (*N. do T.*)

** Duas das obras não publicadas de Melech Honec eram romances policiais; a terceira era um romance ao estilo de Bruno Schultz a que foi dado o título de *A estalagem da memória*.

Capítulo 18

COMO É QUE, AOS 15 ANOS ou mesmo aos 50, eu poderia ter sabido o que iria despedaçar meu coração? Pergunto isto porque agora tenho muitas vezes a sensação de que sempre soube que Hannah, Adam e Stefa iam morrer antes de mim.

Imaginem tinta preta escorrendo para dentro de cada recordação. Tudo que sobreviver só pode ser cinzento.

Capítulo 19

ROWY, MIKAEL, ZIV, OS TARNOWSKI e outros amigos vieram me ver naqueles primeiros dias que se seguiram à morte de Stefa, mas lembro-me muito pouco do que disseram.

A única conversa de que me recordo claramente foi aquela em que Rowy me contou que tinha conseguido fundos para comprar novas partituras musicais, bem como flautas baratas, gravadores e outros instrumentos; decidira organizar uma orquestra de jovens.

O Adam que agora vivia dentro de mim obrigou-me a ouvir claramente os planos dele.

Com os olhos fixos num futuro melhor, Rowy também me contou que Ziv se oferecera generosamente para, no seu dia de folga, ajudá-lo a procurar por todo o gueto músicos de rua com talento.

Curiosamente, Ewa e Helena nunca foram me visitar.

Minhas visitas e eu atirávamos palavras uns aos outros, mas a maior parte do tempo eu pensava como preferiria estar só. E como gostaria de ter levado Adam e Stefa para tirar uma fotografia. Tantas oportunidades perdidas se agitavam na minha cabeça depois do milagre da minha sobrinha, mas eu não queria me ver livre delas — nunca.

Preciso lhe dizer por quê, Heniek? Talvez não seja ruim arriscarmo-nos a ser claros demais de vez em quando: elas eram a prova de tudo o que minha sobrinha significara para mim.

* * *

O funeral foi no domingo. Recusei-me a ir. Fiquei fumando o meu cachimbo e ouvindo a chuva tamborilar na janela.

Izzy apareceu lá depois. Deixou-se cair na minha cama, de rosto para baixo, com o braço dobrado cobrindo-lhe os olhos. Estava completamente encharcado. Cheirava a lama.

Deixei-me cair ao lado dele e segurei seu ombro.

— Decidi ajudar Bina — eu disse; queria alegrá-lo.

Mas ele nem sequer olhou para mim.

Tirei seus sapatos e meias, sequei seu rosto e seus braços e enfiei-o debaixo dos cobertores.

Enquanto ele dormia, tirei o meu diário de sonhos, folheei-o até chegar à página dos mortos e acrescentei o nome de Stefa, com um arrepio de alívio. Quase me esquecera de fazê-lo. Assustava-me a forma como podemos esquecer nossas tarefas mais importantes.

Nessa noite, acordei sobressaltado e acendi o candeeiro, sem saber de repente se tinha mesmo acrescentado o nome dela. Enquanto olhava para *Stefa Liska*, fiquei pensando até que ponto teriam nossos nomes o poder de alterar nosso destino, até que as letras se ergueram do papel. Em breve os nomes dos mortos — dos *meus* mortos — flutuavam naquela luz azul e rosada, como borboletas pairando no vento dos meus pensamentos. O efeito era bonito, mas eu sabia que tratava-se apenas de uma ilusão de ótica; e, contudo, quanto mais tempo deixava os olhos pousados neles, mais os nomes de Stefa e de Adam pareciam estar errados — mal escritos, ou atribuídos a eles por engano. Por isso comecei a mudar a sequência das letras, e foi então que me ocorreu que era aquela a verdadeira razão para ter feito aquela lista: descobrir os novos nomes que devíamos ter dado a nós próprios para nos protegermos dos alemães e de todos os males que eles haviam trazido consigo.*

* * *

Passei na cama a maior parte dos cinco dias seguintes. Entrava e saía de meios-sonhos retorcidos, e o fato de não chegarem ao fim dava-me a perturbadora sensação de que Adam quisera me dizer mais sobre o que pensava e sentia — coisas que só eu teria entendido.

Contei a todos os que vieram visitar-me que me sentia abandonado e frágil, o que tinha a vantagem de ser ao mesmo tempo a verdade e aquilo que eles queriam ouvir, já que lhes dava a oportunidade de me envolver em olhares de compaixão e palavras de conforto. Queriam também ter a certeza de que eu nunca desistiria, para poderem continuar a acreditar no heroísmo silencioso dos homens e das mulheres — e, mais especificamente, dos judeus.

Não interprete como cinismo o que lhe digo sobre os meus amigos; eram pessoas afetuosas, e não tinham qualquer obrigação de desistir da sua esperança de um final feliz.

A mim próprio, contudo, fiz a promessa de optar pela mesma saída que Stefa escolhera depois que eu encontrasse o assassino de Adam.

Naquela semana, chegaram para mim três cartas passadas clandestinamente do Outro Lado — de amigos cristãos a quem Stefa escrevera, contando a morte de Adam. Entre elas, havia uma de Jasmin, minha antiga paciente. No final de uma carta longa e comovente, contou-me que andava contando os horrores do gueto a quem quisesse ouvir — até a jornalistas estrangeiros — e que eu não devia perder a esperança de sair de lá.

Ela trabalhava a apenas uns quarteirões de distância dali, mas agora já se tornara evidente que vivíamos em dois países diferentes e que o meu iria desaparecer um dia da face da Terra, deixando para trás apenas uma cratera de lembranças para os poucos que conseguissem sobreviver.**

* * *

Todas as manhãs o nascer do sol me acordava como se tivesse sido jogado de um trem em movimento. Sentava-me na cama, ficava vendo as baratas percorrerem seus caminhos em zigue-zague entre as fendas das paredes e me colocava no lugar do assassino. Era óbvio que ele quisera uma parte das vidas que destruíra — talvez como troféus. Mas por que uma mão e uma perna?

E o fio — teria sido Adam a colocá-lo na boca, ou o assassino?

Izzy levava-me pão todas as manhãs, antes de ir trabalhar, e fazia-me o café. Uma vez, de pé junto à janela, falou numa voz hesitante de como estava ansioso por uma oportunidade de pedir à mulher que lhe perdoasse por ter criado problemas no casamento. Aceitando o desafio daquela sinceridade, confessei tudo o que fizera de errado como pai — uma última oportunidade para compensar os prejuízos, suponho. E uma última oportunidade para ambos revelarmos segredos que tínhamos guardados bem no fundo dos bolsos havia várias décadas.

Izzy estava convencido de que enveredara pelo caminho errado no início da sua vida de adulto, quando regressara a Varsóvia vindo da França.

— Nunca mais voltei a encontrar o caminho de volta até mim próprio — disse ele.

Abrindo um envelope que trouxera consigo, tirou de lá quatro fotografias a sépia onde se viam alguns rapazes posando diante da amurada de um navio.

— Foram meus amantes, durante os seis anos em que trabalhei no *Bourdonnais* — explicou ele, passando as fotos para minha mão.

À medida que eu examinava cada um dos seus antigos amigos, os olhos de Izzy iam demonstrando cada vez maior preocupação. Percebi que precisava me mostrar tudo aquilo que era e que eu lhe desse minha aprovação; não havia tempo para esperar.

— Você andou por partes longínquas — eu disse. — E isso foi muito bom.

Mas o seu erro-para-a-vida-inteira não lhe dava paz. Com a voz embargada por uma crise

de choro, ele sussurrou:

— Casei com Róza para provar a mim mesmo que podia ser o homem que todo mundo queria que eu fosse. Podia ter tido outra vida: uma vida mais verdadeira. E Róza também.

— Uma coisa que aprendi com os meus pacientes — disse eu — é que todos nós passamos a vida ao lado da pessoa que podíamos ter sido.

— Mas não como eu, Erik. Eu magoei as pessoas de quem mais gostava.

— Ainda tem notícias de algum dos seus antigos amantes? — perguntei, com um plano se formando sob as palavras.

— De um; o Louis. Também era camareiro de bordo. Escrevemos um ao outro no ano-novo.

— Amava-o? — perguntei.

— Muito.

— Onde ele está agora?

— Em Boulogne-Billancourt. Foi por isso que mandei meus filhos para lá. Ele lhes arranhou trabalho. Já tinha sido mecânico de aviões. Os rapazes até ficaram vivendo uns tempos na casa dele, embora não saibam o que... o que antes significamos um para o outro.

— Quando a Arca vier nos buscar, vá encontrá-lo — eu disse, em tom de ordem.

— Erik, estou velho demais — respondeu. — Sinto que estou todo me desfazendo. Além disso, há a Róza. Não posso abandoná-la.

— Izzy, ela teve uma trombose grave. Não vai melhorar nunca, e nem sequer o reconhece. Deixe-a na casa da irmã. Ou, se for necessário, leve-a com você e deixe-a vivendo com os rapazes. Você já se castigou durante tempo suficiente, não acha?

* * *

Uma noite, Rowy me disse finalmente por que Ewa não tinha ido me visitar; o suicídio de Stefa as abalara muito, a ela e a Helena, e a menina entrara em choque diabético. Estivera à beira da morte. O jovem acrescentou que ele e Mikael tinham escondido de mim a má notícia durante o período mais difícil do meu luto, para eu não me sentir ainda pior. Agora Helena estava melhor, embora ainda fraca.

Na tarde da sexta-feira 28 de fevereiro, oito dias após a morte de Stefa, um estafeta do gueto me trouxe um bilhete de Gizela, a jovem que ficara tomando conta da minha casa. Nele me informava que um tenente das SS requisitara o meu apartamento alguns dias antes. Gizela e o marido voltaram a morar com os pais dele. Pedia-me que não lhe escrevesse, porque estava convencida de que andavam lendo toda a sua correspondência.

A ideia de um nazista dormindo na minha cama me fez sair disparado do apartamento,

tremendo de raiva. Acabei indo parar a apenas um quarteirão da escola de dança de Weisman, o que me fez pensar numa coisa... Olhando o relógio, percebi que ainda podia chegar a tempo de ver o ensaio da tarde do coro de Rowy.

O jovem músico fez uma grande festa assim que cheguei, apresentando-me a todos os seus pequenos cantores como um grande amigo do coro. Fiquei surpreso com a forma como lidava com eles, tão à vontade, e como puxavam as mangas de sua camisa para chamar atenção.

Quando expliquei o meu objetivo, ele perguntou:

— Tem certeza que está em condições de fazê-lo?

— Estou, não leva muito tempo. Mas preciso falar com cada um dos meninos individualmente; e a sós. Não quero que eles influenciem uns aos outros.

Era mentira. Na realidade, tinha receio de que, se alguns dos meninos tivesse alguma coisa fora do normal para dizer sobre Rowy, sua presença os intimidasse.

Falei com os 11 meninos, um de cada vez, atrás da porta fechada de um camarim. Infelizmente, nenhum deles sabia nada sobre as atividades de contrabando de Adam, e o segredo mais escandaloso que tinham para me contar sobre Rowy era que ele costumava comer uma barra de chocolate a cada um dos espetáculos do coro.

No dia seguinte, um sábado, Anka veio bater à minha porta de manhã cedo. Recusou a xícara de sucedâneo de café que lhe ofereci.

— Estou cheia de pressa, faço visitas em domicílio aos sábados — disse, de pé no limiar da porta. — Ouça, desculpe ter levado tanto tempo para lhe dar uma resposta. Minha amiga enfermeira tem estado doente com disenteria, mas ontem fui visitá-la, e ela me disse que Anna nunca chegou a aparecer para fazer o procedimento. Disse-me que não sabia se Mikael faz protocolos dos abortos. Não tinha certeza da data para a qual marcaram o de Anna, mas achou que talvez fosse mesmo 24 de janeiro.

Portanto, Mikael dissera a verdade. Talvez Anna tivesse ido falar com a Sra. Sawicki na esperança de conseguir mais dinheiro para pagar o aborto e, a caminho de casa, tivesse sido atacada — só que a mãe dissera que não havia sinais de luta no corpo dela. Tal como Adam. O que significava que ambos tinham sido pegos completamente de surpresa, ou então conheciam o assassino e tinham confiança nele.

Seria possível que Rowy ou Mikael estivessem trabalhando em segredo para os alemães e houvessem obtido autorização para atravessar a fronteira com regularidade? Afinal, se Anna ou Adam tivessem deparado com um deles no Outro Lado, nenhum dos dois teria suspeitado de nada.

Até que ponto é a geografia pessoal importante para os nossos destinos? Pergunto isto,

Heniek, porque a única razão pela qual decidi seguir primeiro Mikael foi pelo fato de o apartamento dele na rua Wałowa ficar mais perto do de Stefa.

Cheguei à entrada do prédio pouco depois das 9 horas, mas não entrei. Em vez disso, fiquei vigiando o quarteirão. Um velhote me alugou uma cadeira por 1 zloty a hora.

Mikael saiu de casa por volta do meio-dia, elegantemente vestido em um sobretudo de tweed e uma pasta preta na mão. Chamou logo um riquixá. Precipitando-me pela rua abaixo, consegui pegar também um. Pedi ao meu condutor que seguisse o colega a uma distância segura.

Pouco tempo depois, Mikael saiu à rua Nowolipki e entrou num prédio residencial de cinco andares. Pedi ao meu motorista que me deixasse a cinquenta passos de distância e bati à porta de um dos apartamentos do térreo. Um menino dos seus 13 anos com um quipá de tricô veio abrir a porta. Lá dentro, duas velhas de xale e lenço escuro na cabeça exauriam-se sobre um fogão. O ar cheirava a couve cozida.

— Há alguma clínica neste prédio? — perguntei. Calculava que Mikael estivesse levando instrumentos médicos dentro da pasta.

— Por que pergunta isso? — desconfiou o rapaz.

— Por que razão um médico viria aqui?

— Como diabos quer que eu saiba? — respondeu-me com desprezo, como se eu fosse um pedinte.

Saí do prédio, e da calçada fiquei olhando a fachada. Numa janela do segundo andar, um letreiro escrito à mão explicava logo a visita de Mikael: *Estúdio Fotográfico Jerusalém — Revele suas próprias fotografias.*

Eu não entendia nada de fotografia, mas a pasta que Mikael levava devia conter chapas ou filmes para revelar, talvez até mesmo uma máquina fotográfica. Provavelmente, iria passar ali algumas horas revelando seus negativos.

Percebendo que poderia levar semanas até eu conseguir obter alguma informação que incriminasse Mikael ou Rowy, afastei-me, envolto numa nuvem de insegurança e dúvida.

Ao chegar em casa, o silêncio do apartamento de Stefa pesou-me tanto que tive de fugir imediatamente. Acabei indo parar no Café Levone. Uma mulher de meia-idade, com cabelo grisalho na altura dos ombros, olhos inteligentes e longos brincos de prata com pérolas, abordou-me pouco depois de terem me trazido o chá.

— Desculpe incomodá-lo — disse, com um sorriso de quem pede desculpa.

Vestia uma velha blusa preta com as mangas rotas arregaçadas até o cotovelo, o que achei ao mesmo tempo cômico e atraente.

— Por que isto é tão difícil? — perguntou, irritada consigo própria. Senti compaixão pelos seus olhos verdes e sensíveis.

— Não fique envergonhada — eu disse, enfiando a mão no bolso à procura de 1 zloty.

Ela afastou com a mão a moeda que eu lhe estendia.

— Meu Deus, que ridícula que devo ficar com estas roupas velhas! — disse ela, meneando a cabeça. — Só achei que talvez gostasse de ter um pouco de açúcar de verdade. — Estendeu-me a mão cheia de cristais castanhos. — Para mim, é a única maneira de evitar que o chá do gueto faça as minhas papilas gustativas fugirem correndo.

Com um sorriso de compreensão, peguei um cristal e agradei-lhe. Contra sua mão fina e rosada, a minha parecia desajeitada e peluda, como a de um orangotango, mas não me importei, porque era uma maneira de me lembrar que eu era um homem e ela, uma mulher.

— Sente-se, por favor — eu disse, visto que também ela parecia necessitar de um pouco de companhia.

Quando se sentou, depositou seus cristais num lenço de linho branco, dobrou cada canto na direção do centro, amarrou-os num nó e guardou seu tesouro na carteira de couro. Seus gestos eram rápidos e seguros, o que me encantou. Quando me olhou de novo, pus o meu cristal entre os dentes da frente e bebi o chá através daquela superfície lisa. Ela observava-me com ar sério, e nenhum de nós desviou o olhar por muito mais tempo do que seria considerado sinal de boa educação entre dois dinossauros judeus.

Quem poderá explicar os caminhos do corpo? O meu *shmekele* adormecido e malnutrido começou a crescer. E os meus pensamentos viraram-se para esperanças que tinham morrido havia muito.

Mas que tipo de homem poderá querer sexo após a morte das duas pessoas que mais amava no mundo?

A mulher apresentou-se como Melka Wilner. Disse-me que sabia quem eu era, porque a sobrinha dela, Zosia Kleiner, era casada com Dawid Kornberg, filho de um ex-vizinho meu, que por acaso estava em viagem de negócios a Amsterdã quando nos mandaram para o gueto...

Para jogar segundo as regras do tricô judeu, ouvi-a pacientemente, depois dirigi a conversa para tópicos mais interessantes. O resto do que falamos me aparece filtrado pela sensualidade do cristal de açúcar que se derretia entre meus dentes.

Acabamos falando de viagens. Falei da minha lua de mel em Londres, e ela me contou que vivera na Palestina durante cinco anos, de abril de 1902 a dezembro de 1907. Quando regressara à Polônia, casara com um juiz chamado Timmermann.

— Ele sabia sempre distinguir o certo do errado, o que, para dizer a verdade, me pareceu uma coisa boa até eu perceber que *ele* estava sempre certo e *eu* estava sempre errada! — Desatou a rir, e seus olhos brilharam.

Tive inveja da forma como falava com tanta facilidade de acontecimentos que tinham determinado o percurso da sua vida.

Passamos às vias de fato na sua cama estreita, por trás de uma cortina estampada de rosas pendurada de uma parede à outra e que servia de divisória entre o seu lado do quarto e o da prima, Zosia. Melka sentiu meu nervosismo e assumiu o controle. Foi meiga comigo, e seus

beijos eram tão apaixonados que me deixaram desorientado — como se estivesse fora do meu corpo. Nossas acrobacias acabaram por se revelar dolorosas, limitadas pelas exigências de corpos a que a dura fome e a idade tinham contemplado com ossos salientes. Mesmo assim, digo a nosso favor que conseguimos sujar agradavelmente tanto nossos corpos como os lençóis.

Deus sabe por que ela me escolheu.

Depois disso, fiquei flutuando numa semi-inconsciência, como um animal ferido, num pálido crepúsculo cinzento entre a vigília e o sono. Dava banho em Adam, e ele chapinhava na água. Sabia que não era real, mas queria ficar com ele. Queria ficar encharcado com a própria imagem dele.

— Quando foi que você fez amor pela última vez? — perguntou-me Melka, sacudindo-me até eu acordar completamente.

Estava sentada aos pés da cama. Sentindo o meu embaraço, acariciou-me a perna e repetiu a pergunta.

Sentei-me na cama, já petrificado de tão distante de Adam. Tentando disfarçar o que sentia, respondi:

— Pelo que me lembro, era Nero o imperador de Roma.

Ela riu, o que fez eu me sentir um pouco melhor.

— E você? — perguntei.

— Há três ou quatro dias — respondeu. — Tenho um... um amigo.

Analisei os meus sentimentos e não encontrei amargura nem ciúme. O que mais eu poderia esperar?

— Desculpe, Erik — disse ela, massageando meu pé.

— Não faz mal.

Então senti um cheiro de bolor no quarto. Parecia vir de sob a cama. Decidi não olhar.

— Diga-me em que está pensando — pediu Melka, sorrindo para me encorajar.

— Quer mesmo saber? — perguntei, com um tom de aviso na voz.

— Quero. Podemos ao menos nos ajudar escutando um ao outro.

Enquanto lhe falava de Adam e de Stefa, e de todo o trabalho de detetive que fizera e que me levara a Rowy e a Mikael, e que agora me parecia o mesmo que nada, Melka levantou-se e foi até a janela, espreitando por uma fenda nas cortinas. Tive a impressão de que estava escutando sua voz interior, mais do que a mim, mas eu precisava me confessar a uma pessoa que não conhecesse todos com quem eu falhara, por isso continuei a falar.

— E agora, o que vai fazer? — ela me perguntou, quando terminei.

— Não sei. Imagino que, depois de descobrir quem matou Adam, voltarei a trabalhar na Biblioteca de Empréstimo e esperar que os alemães joguem no rio nossos corpos esqueléticos.

Melka voltou a abrir uma nesga nas cortinas.

— Meu Deus, como eu odeio o inverno polonês — disse ela, com um suspiro de

desespero.

— Tomara que a primavera chegue cedo — respondi, tentando dar um tom encorajador à minha voz.

— Talvez você precise deixar partir sua sobrinha e o filho — disse ela, sem se voltar. — Ainda tem uma oportunidade de conseguir uma nova vida.

— Não está falando sério, está? — respondi.

— Desculpe, foi insensibilidade da minha parte dizer isso. — Ela sorriu com meiguice. — Perdoe-me.

Quando pôs a blusa, percebi que tinha chegado o momento de eu ir embora. Tendo me vestido, enfiei em sua mão um pedaço de papel com o meu endereço, mas o seu “obrigada” fácil e o beijo amigável que me deu no rosto significavam que nunca mais iríamos fazer aquilo.

Durante o resto do dia, senti uma culpa esmagadora. Bebi vodca até perder a consciência.

Ewa chegou finalmente no dia seguinte, domingo, 2 de março, quando eu estava cochilando da ressaca.

— Quero que saiba que todos os dias penso em Stefa e em Adam — disse ela, passeando o olhar preocupado pelo chão que nos separava. — Estarão sempre comigo.

A voz de Ewa parecia vir das profundidades de uma espessa floresta dentro dela. Eu não achava justo ela ter de arrastar os meus mortos atrás de si e queria dizer-lhe isso, mas aquele ar de derrota irritou-me. *Você tem saúde, e sua filha, por isso não tem o direito de desistir!*, eu queria gritar-lhe.

Ewa sentiu minha ambivalência em relação a ela e começou a chorar. Depois de me entregar um bilhete que pretendia me mandar antes, saiu em disparada em direção à porta.

O bilhete dizia: *Tudo correu mal. A felicidade que todos já tivemos parece agora tão distante. É como se nunca houvéssemos tido uma oportunidade. Tenho tanta, tanta, tanta pena...*

Talvez tenha sido a minha irritação por ver Ewa tão ausente — e a minha reação egoísta — que me despertaram para aquilo que ainda precisava fazer. Depois de colocar o bilhete dela debaixo da almofada de Stefa, trouxe para minha cama todos os livros de Ambroise Tardieu e Paul Bernard*** que tinha; ia procurar o que poderia motivar um assassino a cortar uma perna de um menino e uma mão de uma menina.

Li, até cair a noite, sobre crianças que tinham sido violadas, espancadas e mortas de fome — geralmente, pelos próprios pais ou outros membros da família —, mas não consegui descobrir nenhum que tivesse sido mutilado, como Adam ou Anna.

De todas as infelizes crianças cujas histórias li nesse dia, lembro-me especialmente de uma menininha francesa chamada Adelina Defert. Os pais a mantiveram numa pequena caixa

de madeira desde os 8 até os 17 anos. Eles a amarravam, chicoteavam e queimavam com carvões em brasa, e para torturá-la ainda mais a mãe lavava as feridas com ácido nítrico. Quando Adelina foi finalmente salva, seu colchão de palha fervilhava de insetos, e os trapos que lhe serviam de cobertor estavam encharcados de pus.

Quando li a história de Adelina, ocorreu-me que os pais dela teriam adorado os guetos de toda a Polônia. E pensei que talvez o assassino de Adam não procurasse senão o prazer de desfigurar o que era belo.

Crueldade gratuita... Temos de admitir que nunca passa de moda, e os nazistas a haviam elevado ao nível de filosofia.

Todos os templos são metáforas do corpo humano; e foi o corpo que deu origem ao conceito do sagrado. Isto quem me disse foi um professor meu em Viena, mas eu era então jovem demais para entender. Agora percebia que ele tinha razão, e o que isso significava para mim agora era que o assassino queria tirar do mundo tudo o que houvesse de sagrado.

Naquela noite, Ziv bateu à minha porta. Já aparecera lá em casa algumas vezes após a morte de Stefa, mas tinha sempre ar de quem ia desatar a chorar a qualquer momento, e só ficava poucos minutos de cada vez. Desde o suicídio de Stefa, ele adquirira uma palidez de marfim, e seu rosto ficara tão esquelético que a testa cheia de espinhas formava um ângulo proeminente logo acima dos olhos.

Debaixo do braço trazia seu tabuleiro de xadrez de alabastro.

— O que me diz de um joguinho antes de ir se deitar, Dr. Cohen? — perguntou, tentando dar à voz uma entoação alegre.

— Melhor não. Estou com o espírito... sinto-me muito desorientado.

Ele ficou com um ar tão desolado que o convidei para ir à cozinha conversar comigo. Ofereci-lhe uma das panquecas de batata que Ida Tarnowski me fizera, mas ele recusou. Olhando para aquele rosto infeliz, acabei dizendo:

— Está bem, vamos ver se desta vez consigo ganhar de você.

Em resposta, abriu um sorriso encantado.

Enquanto jogávamos, fingi não notar que ele estava perdendo de propósito, embora nem o bobo da aldeia de um romance russo conseguiria fazer jogadas tão imbecis.

Para Ziv, perder de propósito deve ter significado que podíamos ser generosos um com o outro. Que outra razão haveria para fazer um sacrifício daqueles? Imaginei que não teria havido muita gente em sua vida a tê-lo tratado bem. E que, desde a morte de Stefa, estivera ganhando coragem para me presentear com a sua derrota.

No dia seguinte, de manhã bem cedo, peguei um riquixá para a rua Ogrodowa, a fim de

interrogar o pai da menina que morrera após ter feito um aborto; precisava ter certeza de que essa não fora mutilada.

O Sr. Szwebel tinha cabelo preto e oleoso caindo sobre as orelhas, olhos verdes selvagens e uma barba áspera malfeita. Vestia um pijama de flanela comprido e um velho xale de orações cheio de nódoas sobre os ombros — um Rasputin judeu. Eu lhe expliquei que a enfermeira de Mikael Tengmann me dera seu endereço, mas que não podia contar isso a ninguém, e ele concordou.

Quando apertamos as mãos, reparei que suas unhas eram compridas e sujas. Receei que, em resposta às minhas perguntas, se saísse apenas com longas tiradas esquizofrênicas, mas ao longo de toda a nossa conversa falou em voz calma e pausada. Sentamo-nos à mesa da cozinha, e ele encheu dois copos finos com chá de menta.

— Vim falar da sua filha — comecei.

— Imaginei que fosse por isso.

— Disseram-me que ela fez um procedimento.

— Sim, mas receio não saber muita coisa do que se passou — respondeu.

— Mas sabe que foi Mikael Tengmann que o realizou?

— Foi o que me disseram. Mas ele negou.

— Não me parece revoltado com isso.

— A revolta não resolve nada aqui onde nós vivemos, Dr. Cohen.

— A enfermeira dele, Anka, disse que o senhor sabia que sua filha Esther estava grávida.

— Sabia. — Ele levantou-se, tirou uma tigela com ameixas em calda de cima do balcão, pegou uma colher oxidada e a passou para minha mão. — Coma alguma coisa — disse ele, colocando a fruta à minha frente. — Está muito magro.

— E o senhor também — observei, sorrindo.

— Isso é porque não quero sair do gueto com nada me pesando em cima — respondeu. — Mas com o senhor é diferente. Sua hora ainda não chegou.

— Como pode ter tanta certeza?

— Digamos apenas que os traumas, por vezes, conseguem melhorar nossa visão.

Para lhe agradecer, tirei uma ameixa com a colher, mas aquela explosão de doçura só conseguiu me perturbar; não queria me permitir acreditar que um dia poderia voltar a uma vida de pequenos prazeres.

— Esther disse alguma vez se alguém lhe fizera qualquer tipo de ameaça? — continuei.

— Não.

— O que lhe disse ela sobre o Dr. Tengmann?

Bebeu um gole de chá, tentando recordar-se.

— Nós só tínhamos ouvido falar dele, das operações que fazia. Nunca o havíamos consultado. Na verdade, tínhamos combinado que ela levaria a gravidez adiante; pelo menos foi o que eu *pensei* que tínhamos combinado. Esther foi vê-lo sem eu saber.

— E sabe quem era o pai do bebê? — Queria ver se surgia o nome de alguém que houvesse conhecido Adam ou Anna.

— Era o noivo dela, Felix Perlmutter.

Não o conhecia. Expliquei-lhe brevemente a história de Adam e de Anna. O Sr. Szwebel manteve o olhar desviado, limitando-se a pestanejar frequentemente quando se emocionava. Em resposta à minha pergunta seguinte, abanou a cabeça.

— Não, não cortaram nada de Esther — disse ele. — Pelo menos, nada no exterior do corpo. Mas lá dentro teve uma hemorragia enorme.

— Sabe se ela cantava? — perguntei.

— O quê?

— Esther tinha voz boa para cantar? — esclareci.

— Não sei bem. Não tinha grandes inclinações musicais. Mas não entendo o que isso tem a ver com o que quer que seja.

— Tenho um amigo que organizou um coro para rapazes e moças. E pergunto-me se ela o terá conhecido. Chama-se Rowan Klaus.

— Não, nunca falou dele. Embora também seja possível que se tratasse de mais um segredo que ela me escondia.

Notas

* Enquanto ele me ditava este parágrafo, lembrei-me de *Zohar*; talvez o texto místico judeu mais importante de todos, no qual o rabino El'azar expressa sua opinião de que “os nomes determinam inteiramente o destino”.

** Em várias conversas que teve comigo, Erik expressou o seu receio de que estivesse chegando o fim dos judeus. Seria uma profecia? Ele me disse que estava simplesmente “somando números que qualquer pessoa poderia ver”. Seu medo pelo destino dos judeus foi sem dúvida a razão pela qual estava tão ansioso para me ditar rapidamente *Os anagramas de Varsóvia* — era a sua maneira de deixar registrado um modo de vida que poderia em breve ser completamente destruído. Quando nos aproximamos do processo de revisão do texto, ele disse que contava que fizesse por nós a viagem para o futuro.

*** Como descobri na minha pesquisa, Tardieu foi professor na Faculdade de Medicina Forense da Universidade de Paris em meados do século XIX e publicou um dos primeiros estudos sobre maus-tratos contra crianças em 1857: *Étude medico-légale sur les attentats aux mœurs (Estudo forense sobre atentados à decência)*. Neste trabalho, quebrou o tabu que impedia o reconhecimento da ocorrência frequente de violência contra as crianças, incluindo assédio sexual por parte dos pais. Bernard foi autor de estudos inovadores sobre o abuso de menores, incluindo *Ataques sexuais contra meninhas*.

Capítulo 20

COMEÇOU A NEVAR QUANDO ME dirigia para casa, e a cascata enluarada daquelas flores geladas que não paravam de cair sobre mim, os telhados e as ruas, cobrindo toda a porcaria e todo o caos, era tão magnífica e completa que, por um momento, tudo o que havia no mundo me pareceu unido contra um inimigo comum.

Os flocos grudavam-se nas minhas luvas, cristalinos e perfeitos, e depois derretiam, desaparecendo para sempre.

Senti-me comovido.

Só que, quando essa sensação de transcendência desapareceu, odiei toda a beleza à minha volta, como só é possível odiar aquilo que se amou quando criança.

Avistei Bina e a mãe ao fim da rua, vendendo seus pickles de legumes, mas não me atrevi a ir falar com elas.

Izzy esperava por mim no apartamento, sentado na minha cama. Tirara uma litografia figurativa de Kokoschka que Stefa deixava em cima da cama dela — uma jovem com ar decidido e mão na cintura, pronta para derrotar todo e qualquer opositor. Fora eu que a comprara para ela, porque aquela jovem lembrava-me minha sobrinha. Izzy estava limpando o vidro.

— Tinha muito pó? — perguntei.

— Estava imundo! — Ergueu o trapo que tinha na mão para me mostrar a sujeira amarronzada que já tirara; depois endireitou a litografia sobre os joelhos e sentou-se muito direito. — Acabaram de me contar que o Conselho Judaico anda escolhendo inquilinos para se mudarem para as casas das pessoas que vão morrendo; para dar vazão aos milhares que estão chegando de Danzig e de toda parte. Por isso, antes que tenha alguém de quem não gosta vindo para cá, sugiro que abrigue Bina e a mãe.

— Izzy, você está obcecado com essa menina!

— Prefere que ela morra de fome bem debaixo dos seus olhos?

— Mas ela é como uma almofada macia demais. Irrita-me.

Fiz aquela crítica idiota porque não conseguia me lembrar de uma razão verdadeira para não gostar dela.

Ele desafiou-me com o olhar, zangado.

— Você está se comportando miseravelmente! Temos de ajudar.

Sentei-me ao seu lado e tirei os sapatos.

— Ouça — disse-lhe —, como pode alguém se mudar para cá? As coisas de Stefa e de Adam ainda estão todas espalhadas por aí. E não vou separá-las e empacotá-las. Nem seria capaz de olhar para elas.

— Eu me encarrego disso — disse ele em tom suave. — Podemos colocá-las na minha oficina. Assim não se perde nada.

— Muito bem. Faça uma cópia da sua chave para Bina e diga-lhe que ela e a mãe podem se mudar para cá assim que quiserem.

— Há um pequeno problema: acho que há também um tio de Bina vivendo com elas — avisou-me ele.

O absurdo daquilo tudo me fez soltar uma gargalhada curta.

— Bom, acho que mais um não vai fazer muita diferença.

Ele me abraçou com gratidão.

Depois que Izzy foi embora, fui abrir a cômoda onde Stefa guardava a roupa de Adam, para sentir a minha dor o máximo possível antes de abdicar dela. Depois, enquanto jogava um pouco de água fria no rosto, ouvi baterem à porta.

No patamar estava Benjamin Schrei. Vestia um terno cinzento de risca de giz branca, e em sua lapela brilhava uma estrela de davi dourada que significava: *Represento a autoridade!*

Eu cheirava muito mal e não fazia a barba desde a morte de Stefa, mas fiquei contente por isso; tudo o que eu queria ser era uma ferida inchada e fétida.

— Que diabos você quer? — exigi saber, atirando a toalha por sobre o ombro até ela pousar na cama.

— Lamento o que aconteceu a sua sobrinha — disse ele, tirando o chapéu.

— Sim, deve lamentar muito — repliquei com um sorriso sarcástico, acima de tudo porque aquele cabelo preto penteado para trás e lustroso cheio de brilhantina tinha a perfeição de um astro de Hollywood. Imagine um homem se preparando para uma visita de pêsames vestindo-se como se tivesse um encontro com Carole Lombard!

— Precisamos conversar — disse ele, o que significava: *Você tem de me ouvir!*

— Não, eu tenho de falar, e você tem de ficar calado! — retruquei, contente com o tom agressivo da minha voz. — Você me disse que Adam era a única criança que tinha sido mutilada, mas houve uma menina chamada Anna a quem cortaram a mão. E você sabia!

— Como descobriu? — ele quis saber.

— Não é da sua conta! — vociferei.

— Tudo o que acontece no gueto é da minha conta.

— *Oy gewalt* — respondi, com os olhos arregalados. — Foi algum rabino de Hollywood que o obrigou a decorar essa frase para o seu bar mitzvah?

— O que o leva a pensar que eu tinha obrigação de lhe contar o que aconteceu com Anna? — retrucou Schrei, furioso. — O fato de já ter sido um homem importante? Você, judeus assimilados, me dão nojo!

Portanto, se Schrei se inspirava em Clark Gablewitz no filme iídiche de gângsteres que ele próprio fizera, era só para poder destruir a elite judaica. Não perceberia ele que o seu terno de risca de giz — mesmo que tivesse sido feito por um corcunda chassídico — já implicava uma assimilação?

— Não precisa me recordar que aqui não sou nada — retruquei —, nem que o homem que eu era fora do gueto desapareceu. Não tenho ilusão alguma; os alemães vão moer meus ossos e fazer cola com o meu cadáver. Mas deixe-me que lhe diga isto, Schrei: antes de me venderem a 4 *pfennig* por frasco em Munique, vou descobrir quem matou Adam! Por isso, sugiro-lhe que poupe tempo a nós dois e me diga se mataram mais alguma criança.

Percebi, pelo seu maxilar trêmulo, que minha franqueza brutal o irritara.

— Ouça, eu lhe conto o que quer saber — disse ele em voz contida —, mas só se me disser o que descobriu sobre Adam e Anna.

— Por que haveria eu de negociar com você?

— Porque — observou ele, ansioso por provar que jogávamos no mesmo time — ambos precisamos saber quem matou o seu sobrinho.

— Por que é que você precisa de saber? — perguntei.

— Para manter a ordem no gueto.

— E há uma ordem no gueto?

— Há, mesmo que *you* não consiga vê-la!

— Então, o Deus de Moisés e de Abraão não é o único ser invisível em que você acredita.

— Não compreendi; acho que você não foi claro.

— Provavelmente porque não confio em você.

— O Conselho não me paga para confiarem em mim.

Ri com maldade.

— Lá vem você outra vez com as suas frases de bar mitzvah. Então se considera um mártir pela causa judaica? Por acaso costuma sonhar que está em Masada, resistindo aos romanos?

— Alguém já lhe disse que é espertinho demais? — perguntou ele.

— Só a minha mulher. Mas tenho quase certeza de que tenho ficado mais burro desde que ela morreu. Especialmente nesses últimos meses.

— Ouça — disse ele, soltando um suspiro exasperado —, sei que você não gosta de mim, e também sei que não gosto de você, mas tive um dia daqueles e preciso me sentar.

— É a primeira coisa com sentido que você diz hoje — eu disse com ar apreciador. Fiz um gesto com o braço, convidando-o a entrar. — Sente-se na poltrona.

Ele deixou-se cair e abriu o casaco, com ar de quem era capaz de não voltar a se mexer tão cedo. Eu me sentei na minha cama.

— Importa-se que eu fume? — perguntou, tirando a cigareira do bolso.

— Não, se me der um.

Acendeu meu cigarro — um perfeito cavalheiro mesmo perante os inimigos, tive de admiti-lo. Fui buscar o cinzeiro de barro que Adam fizera para mim e coloquei-o com rudeza no braço da poltrona.

— E então? — incitou-me ele.

— Então o quê? — retruquei.

— O que descobriu sobre seu sobrinho-neto?

— Para começar, que levava uma vida dupla, como você suspeitava. Embora ainda não tenha conseguido descobrir onde ele passava para o Outro Lado. Saiu do gueto no dia em que foi assassinado para tentar arranjar carvão. O que mais ele trazia de contrabando, não faço a mínima ideia. Provavelmente, queijo. Ele e a mãe conseguiam viver só de queijo. Pertencemos a uma longa linhagem de ratos.

— E Anna? — ele perguntou, ignorando a piada.

— Isto funciona assim, Sr. Schrei: você faz uma pergunta e depois é a minha vez. Não deve ser assim tão difícil para você entender isso, mesmo que seja cagão demais para me dar um murro na cara.

O rosto dele abriu-se num sorriso rápido, porque eu lera bem seus pensamentos.

— Mais alguma criança foi mutilada? — perguntei.

— Sim, um menino. Dez anos. Foi há apenas três dias.

— E o que lhe faltava? Uma mão ou uma perna?

— É a minha vez, Dr. Cohen — disse Schrei. — O que conseguiu descobrir sobre Anna?

— Que tinha um namorado fora do gueto. Um polonês chamado Paweł Sawicki. A propósito, quando encontrou o corpo dela, havia algum sinal de luta?

— Não.

— Então talvez ela conhecesse o assassino. Ou alguém que a tivesse denunciado a um assassino que vivesse fora do gueto. E com Adam pode ter sido a mesma coisa.

— Parece possível — concordou ele.

— Então, o que faltava a esse menino que mataram? — perguntei.

— A pele que cobria seu quadril direito. Foi toda retirada com uma fâca.

Fiz um esgar de horror.

— E era muita pele?

— Bastante. — Ergueu as mãos a quase 20 centímetros de distância. — Fale-me desse Paweł.

— Bom rapaz, segundo todos dizem. Levava Anna ao cinema, faziam piqueniques juntos. Só havia um problema: a mãe dele é uma bruxa antissemita que o exilou na Suíça para mantê-lo afastado de Anna. E havia alguma coisa especial na pele que tiraram desse rapaz?

— Não descobrimos ninguém que o conhecesse suficientemente bem para dizer. Havia alguma coisa especial na mão de Anna?

— A mãe dela disse que não. Como se chamava o rapaz?

— Georg.

— E onde é que descobriram o Georg?

— Na rua Chłodna. No arame farpado, assim como Adam. — Schrei fumava pensativamente, ignorando minha pergunta seguinte. — Então, talvez a mãe de Paweł tenha mandado matar a Anna — conjecturou em voz lenta e cautelosa. — Anna conhecia-a, por isso talvez tenha sido atraída para algum lugar para ser morta por ela ou por alguém que a estivesse ajudando.

— Talvez. Afinal, é isso que fazem as bruxas: matam crianças. Mas não tenho razão para acreditar que Anna conhecesse Adam, e, de qualquer forma, não consigo de forma alguma acreditar que a Sra. Sawicki soubesse alguma coisa sobre ele, por isso, por que diabos ela mandaria matá-lo? — Fui até à janela e olhei fixamente lá para baixo, para a imagem de Stefa jazendo sob uma folha do *Berlin Morgenpost*. Schrei atirou-me a pergunta seguinte, mas deixei-a cair entre nós dois. — Sabe o que a Sra. Sawicki me disse? — perguntei a ele. — Que a nossa história terminou. A história dos judeus.

— Talvez tenha razão — respondeu ele, soturno.

Schrei fechou os olhos e inclinou a cabeça para trás, como se tentasse em vão recordar o calor da luz do sol no verão, e de repente nós dois estávamos *mesmo* no mesmo time — lutando para impedir que a palavra *Fim* viesse inscrever-se na nossa autobiografia de 4 mil anos.

— Quer beber alguma coisa? — perguntei-lhe em tom conciliatório. — Ainda tenho um pouco de schnapps.

— Tem café? — perguntou ele.

— Um sucedâneo, feito de chicória, e que não é de todo mau.

A caminho da cozinha para pôr água para ferver, dei-lhe uma palmadinha no ombro. Surpreendido pelo meu gesto de amizade, levantou-se e seguiu-me.

— Quanto a Georg, alguém viu quem foi que atirou o corpo no arame farpado? — perguntei.

— Não. Anna fazia contrabando? — perguntou logo a seguir, apoiando as costas no armário da cozinha.

— Acho que não. Ela saiu do gueto para ver Paweł, mas ele já estava na Suíça. — A fim

de manter minha palavra, não revelei que ela estava grávida. — E não consegui voltar aqui para dentro — acrescentei. — Também não tinha grande coisa à espera dela.

— Continue — pediu ele.

— Há uma segunda bruxa na história de Anna.

— Quem?

— A mãe dela proibiu-a de sair com o *Goyim* — respondi — e a espancou quando ela se recusou a desistir do seu Príncipe Polonês Encantado. Sabe se Georg chegou a conhecer Adam ou Anna?

— Não, não faço ideia — respondeu Schrei.

— E sabe onde ele morava?

— Antes morava no orfanato da rua Krochmalna, mas fugiu.

— O orfanato dirigido por Janusz Korczak? — perguntei.

— Esse mesmo. Descobriu alguma coisa que Adam e Anna tivessem em comum?

— Tinham o gueto — respondi.

Pensando que eu estava tentando brincar, ele sorriu — um sorriso contrariado de tipo duro — e deu um trago rápido e decidido no cigarro. Começava a gostar de mim e a recuperar a energia.

— E que mais? — perguntou.

— Andavam meio mortos de fome... tornando-se adultos antes do tempo... e queriam ir para um clima mais quente. — Contive-me, não mencionando ainda Mikael ou Rowy; não confiava inteiramente em Schrei, e não podia correr o risco de ele alertar os meus suspeitos para o fato de eu os andar seguindo. — Quer uma lista de que tamanho? — perguntei-lhe.

— Quero dizer — disse ele, suspirando profundamente —, descobriu alguma coisa *específica* que tivessem em comum?

— Ainda não — menti.

— E havia alguma criança que fosse amiga dos dois?

— Que eu saiba, não. Havia algum fio na boca de Georg quando o encontraram?

— Um fio?

— Adam tinha um pedacinho de fio na boca. Alguém examinou a boca de Georg?

— Não, mas talvez tivesse um minúsculo quadrado de gaze na mão fechada.

— *Talvez tivesse?* O que isso quer dizer?

— Descobrimos um pedaço de gaze na sua mão fechada. Mas talvez estivesse no arame farpado e tenha se colado nele quando o jogaram lá. Havia chovido, por isso a gaze devia estar molhada e se colando facilmente.

— Que tipo de gaze?

— Do tipo que se usa nos véus das noivas, esse tipo de coisa.

— Guardou-o? — perguntei-lhe.

— Não.

— E por que raios não o fez?

— Não me pareceu importante. Ouça, Dr. Cohen, centenas de meninos judeus morrem todos os dias no gueto. Acha que devíamos guardar tudo o que têm nas mãos?

— Havia sangue na gaze?

— Não, estava limpa.

— O que significa que pode ter sido colocada na mão dele depois que o mataram. Ou talvez ele a tenha arrancado de um lugar qualquer.

— Mas por quê? — perguntou Schrei.

— Não sei. Qual era o apelido de Georg?

— Se eu o disser, tem de me prometer não levar a público nada daquilo que descobrir.

— Como quiser — concordei. — Até deixo para você as minhas primeiras edições de Freud em testamento. Sabe ler, não sabe?

— Isto é sério, Dr. Cohen. O senhor já está metido em problemas.

— Com quem? Quer dizer, além de Deus, por ser judeu assimilado.

Achei que aquilo tinha graça, mas ele arregalou os olhos, como se dissesse que eu tinha ido longe demais.

— Com... comigo — disse ele lentamente, com ar soturno, e deu uma tragada comprida e sôfrega. Tinha pulmões fantásticos, tenho de reconhecer.

— *Mazel tov!* — disse eu com sarcasmo. — Deus e, *lehavdl*,* o Benny Schrei acham que sou espertinho demais. Vocês costumam dar espetáculos juntos muitas vezes?

— Isto não leva a nada — concluiu, franzindo o cenho. — *Você* não me leva a nada. E estou farto demais da vida que levo para continuar jogando pingue-pongue verbal com um filho da puta velho e empedernido como você. — Passou por mim em passos largos, de queixo erguido e cotovelos soltos, tal como o herói de um filme de caubóis do Karl May.

— Desculpe — eu disse, e, quando se virou para mim à porta da cozinha, acrescentei: — Sou isso mesmo, que hei de fazer?

Vi na boa vontade que se lia nos olhos dele que havia muito tempo desejava que alguém lhe pedisse desculpas — por que, não sei, mas todos os judeus da Polônia acordavam com uma necessidade urgente de que alguém, nem que fosse um estranho, lhes pedisse desculpas.

— Você quer que eu siga suas ordens — continuei —, mas estou exausto, e por baixo da exaustão há uma raiva tão grande que nem deve ter fim. Além disso, nunca tive grande jeito para fazer o que as outras pessoas querem.

A essa altura a água já fervia, mas eu gastara todas as minhas forças provocando-o. Deixei-me ficar sentado à mesa, com a cabeça entre as mãos.

— Quando foi a última vez que teve uma refeição decente? — ele me perguntou.

— Defina decente.

— Eu faço a chicória — respondeu.

— Está aí — disse eu, apontando para um dos armários.

— Então, o que vai fazer quando descobrir quem matou Adam? — perguntou ele, tirando a lata. E também descobriu um triângulo de queijo que Stefa devia ter escondido para uma emergência. Pôs-se a virá-lo e revirá-lo, tentando decidir se aqueles pelos de bolor preto o classificariam como *Intragável Até para Judeus e Outros Roedores*.

— Alguma vez esteve em Londres? — perguntei.

— Não — respondeu.

— E em Paris?

— Uma vez, por quê?

Pegou uma faca de descascar que estava em cima da toalha onde eu pusera os talheres para secar e começou a raspar a parte externa do queijo.

— E Paris era exatamente como pensava que era? — perguntei. — Quer dizer, quando passeou ao longo do Sena, sentiu exatamente o que achava que ia sentir?

— Não, claro que não.

— Então como quer que eu saiba o que vou fazer quando chegar à página final desta história de detetives?*

Soltou uma exclamação de desprezo, como quem diz que a minha comparação era idiota.

— Tem pão? — perguntou.

Apontei para minha pilha de *matzos* sobre a prateleira de especiarias de Stefa. Schrei pegou um retângulo e pôs em cima duas fatias de queijo relativamente isentas de bolor.

— Coma — disse ele, plantando-o à minha frente.

Era reconfortante ter alguém que me desse uma ordem. Enquanto ele fazia a imitação de café, fui mastigando aquilo — o terceiro rato da minha família, e o único a quem não tinham ainda derrotado.

Deixamos que o silêncio resolvesse a nossa discussão. Senti-me grato por isso.

— Quero que vá falar comigo quando descobrir quem matou Adam — ele disse, colocando uma xícara de chicória fumegante à minha frente. — Quero dizer, antes que cometa alguma estupidez.

— Está bem, mas tenho tendência a fazer bobagens. É um defeito que tenho.

Cheirando ruidosamente à sua volta, Schrei disse:

— Sem querer ofendê-lo, Dr. Cohen, mas tem consciência de que cheira a cu de cão?

Aquele *sem querer ofendê-lo* me fez rir. Cada vez gostava mais dele.

Para descansarmos um pouco, falamos durante algum tempo sobre o tempo horrível que fazia — um dos temas favoritos em Varsóvia, pelo menos durante nove meses no ano. Depois ele me fez perguntas sobre Stefa, e eu lhe contei que ela me restituíra a crença em milagres. Quando falei dos seus chinelos marroquinos que caíram e das feridas que eu descobrira entre os dedos dos seus pés, ele fechou os olhos, como se fosse desistir da sua personalidade de bandido de Hollywood e voltar a ser o homem mais sensível que sem dúvida fora no Tempo de Antes.

— Ei, me dê mais queijo — pedi, para nos tirar daquele impasse.

Ele cortou uma fatia grossa, puxando a faca na direção do polegar como um camponês, o que me fez perceber o grande caminho que percorrera para renascer como Clark Gablewitz.

— Tem caneta e papel? — perguntou, enquanto eu lambia as migalhas da palma da mão.

— Para quê?

— Vou escrever o que sei sobre Georg.

Pedi-lhe que fosse buscar o diário de sonhos debaixo da minha almofada e trouxesse o tinteiro da mesa. Nos trinta segundos em que esteve ausente, dei-me conta de uma coisa óbvia: ele tinha trabalho demais para poder resolver as mortes de Adam, Anna e Georg; queria que fosse eu a fazer isso por ele. E também compreendi que ele tinha certeza de que um cúmplice judeu dentro do gueto era responsável pela morte de Adam, pelo menos em parte, ou não estaria preocupado com aquilo que eu ia fazer.

— De quem são aquelas cartas que estão embaixo da sua almofada? — perguntou, assim que regressou.

— De minha filha. Vive em Esmirna, é arqueóloga. Gosta de coisas velhas. — *Exceto do pai dela*, quase acrescentei, mas esperava que já não fosse assim.

— Graças a Deus que está em segurança — disse ele.

— Pois é, isso é ótimo. Ouça, Schrei, cá entre nós, quando eu descobrir quem matou Adam, Anna e Georg, o que pretende fazer comigo?

— Fazer? Não vou fazer nada com você. — Estava ofendido com a minha sugestão.

— Se o assassino se revelar um contrabandista rico que colabora com os alemães, não enfia uma bala na minha cabeça?

— Não, se mantiver a identidade dele em segredo.

— E se não mantiver?

— Dr. Cohen — respondeu cansado —, se eu fosse homem de apostas, apostava que nunca vai descobrir o assassino. Mas, se conseguir, pode ter certeza de que vou tratar da sua saúde; nem que seja o Keranowicz.

— Quem?

— Desculpe; é o meu anagrama para Czerniakow.

Adam Czerniakow era o presidente do Conselho Judaico — e o homem mais famoso do gueto.

— Você também? — perguntei.

— Eu também o quê?

— Anda reorganizando as coisas para elas poderem ter lugar no mundo em que vivemos.

— Que mais posso fazer? — respondeu ele, dando de ombros. — De qualquer forma, tratarei da saúde do assassino; *se* você o encontrar. É esse o meu trabalho.

Falava de forma tão casual que acreditei nele. Escreveu um nome no meu diário de sonhos — Georg Mueller — e, depois, o endereço em que morara antes de ficar órfão: rua Brzeska,

nº 24, que ficava no subúrbio de Praga, em Varsóvia.

Depois escreveu o seu próprio endereço. Ao devolver-me o diário, disse:

— Entre em contato comigo se descobrir mais alguma coisa. A qualquer hora do dia ou da noite.

— Tem certeza de que os pais de Georg morreram? — perguntei.

— Foi o que o menino contou às pessoas do orfanato. E conseguimos mandar uma pessoa a esse endereço, mas nenhum dos vizinhos conhecia quaisquer parentes dele naquela área.

— Deve ter alguém... uma tia, um tio...

— Ele disse que tinha primos em Katowice.

Enquanto anotava isso, perguntei:

— E os pais morreram de quê?

— Os nazistas mandaram o pai para um campo de trabalhos forçados, e ele nunca voltou para casa. A mãe morreu de pneumonia.

— Tem alguma fotografia dele? — perguntei, e, quando Schrei meneou a cabeça, acrescentei: — E uma carteira de identidade?

— Nada. Jogaram-no nu no arame farpado.

— Do lado cristão?

— Sim.

— Você disse que ele tinha fugido do orfanato. Então onde é que morava?

— Na rua. Uma enfermeira que trabalhava no orfanato disse que costumava vê-lo fazendo prestidigitação à porta do teatro Femina. Mas ouça, é possível que seu nome verdadeiro não fosse Mueller. É o nome que ele usava, mas pode tê-lo inventado. Parece que era desse tipo de criança.

— E que tipo de criança vem a ser esse?

— O que mente para os adultos.

— Você não entende, não é mesmo? — eu disse. — Aqui, todos os meninos mentem. É mais uma razão para termos certeza de que fomos exilados para *Gehenna*.

Notas

* As pessoas que falam ídiche tendem a estabelecer uma divisão entre pessoas ou entidades que não podem ser comparadas com uma separação verbal, *lehavdl*, que significa que esses indivíduos não deviam ser de fato mencionados na mesma frase. Contudo, Erik não utilizou bem a expressão *lehavdl*, o que era típico dos judeus que recomeçaram a falar ídiche diariamente só depois de serem exilados para o gueto.

** A esta altura, o leitor já reparou sem dúvida nas muitas metáforas e referências de Erik retiradas da literatura e da escrita. Estaria à espera que eu as notasse?

Capítulo 21

UM BARBEIRO COM UM SALÃO improvisado perto do teatro Femina confirmou-me que havia uns jovens que costumavam fazer apresentações ali ao meio-dia e que, tinha certeza, havia cinco rapazes e uma moça, todos com roupa de acrobata preta feita em casa, e chegavam alguns minutos depois daquela hora. Juntava-se uma multidão enquanto eles estendiam um velho tapete vermelho sobre a calçada.

Davam cambalhotas para trás e andavam e saltavam sobre as mãos, com grandes aplausos da multidão deleitada. Contudo, só um dos jovens — um menino de cabeça raspada, de uns 10 ou 11 anos — parecia ter formação como ginasta; dava um salto com parafuso com as mãos e terminava numa cambalhota para trás que fazia a multidão perder o fôlego. Mas nunca sorria; parecia envergonhado.

No fim do espetáculo, faziam uma pirâmide de três andares. Um diabrete de cabeça raspada ficava no topo, com uma coroa dourada na cabeça, feita de papel machê, e um cetro na mão — uma barra de metal pintada de prateado, com uma lâmpada azul enroscada no topo. Olhando por cima dos transeuntes, erguia a cabeça bem alto, como se todos fossem seus súditos. O rapaz fazia o melhor que podia, mas todo aquele espetáculo amador só me mostrava até que ponto tínhamos decaído.

Assim que o espetáculo terminou, o competente ginasta passeou entre a multidão com um chapéu preto na mão, pedindo contribuições. Coloquei 1 zloty lá dentro e perguntei-lhe se conhecia um jovem malabarista de rua chamado Georg. Ele disse que não, mas o rei em miniatura que imperara do topo da pirâmide ouviu-nos por acaso e gritou:

— Eu o conheci!

— Como se chama? — perguntei.

— Zacarias Manberg — respondeu ele, orgulhoso.

— Ele é um *Tsibele!* — gritou, com uma alegria maliciosa, o acrobata ligeiramente mais

velho que estava ao seu lado.

— Porque cheira a cebola podre! — gritou outro.

— Todos nós cheiramos a cebola! — eu os desafiei.

— O senhor não, *Reb Yid!* — gritou a jovem acrobata, na esperança de que a lisonja lhe rendesse mais uns cobres.

— É verdade — reconheci. — Sei de fonte confiável que cheiro a bunda de cão.

A menina ficou chocada demais para rir. E Zacarias olhava-me com imensa curiosidade.

— Venha aqui — eu disse, fazendo sinal para que se aproximasse. Tinha alegres olhos verdes — inteligentes e astutos —, e imaginei, a julgar pela forma séria como me olhava fixamente, que estava tentando descobrir se eu tinha 100, ou talvez mesmo mil anos de idade. Senti imediata afeição por ele.

— Meu nome é Erik Cohen e tenho 67 anos — comecei. — E você, quantos anos tem?

— Sete e meio — anunciou com orgulho, estufando o peito como um galo.

— Sabe se Georg fazia contrabando? — perguntei.

Estendeu a palma da mão aberta, enfiou a ponta rosada da língua entre os dentes e olhou para mim com ar atrevido. Meti a mão no bolso, tirei uma moeda de 1 zloty e a dei a ele; seus olhos quase saltaram das órbitas. Os outros quatro rapazes e a menina da trupe fizeram um círculo à nossa volta.

— Tenho certeza de que fazia contrabando — disse Zacarias.

Agachei-me para ficarmos com os olhos à mesma altura e ele ter confiança em mim, mas meus joelhos estavam ainda tão doloridos que parecia que estavam enterrando neles pedaços de vidro. Deixei-me sentar para aliviar a dor. Quando pedi ao meu pequeno amigo que se sentasse também, deixou-se cair e cruzou as pernas.

— Onde está o seu casaco? — perguntei a ele.

— Com a minha irmã.

— E onde está ela?

— Foi procurar comida.

Tirei o cachecol e enrolei-o em volta do seu pescoço, duas voltas.

— Pronto, assim é melhor — eu disse. — Diga lá, e Georg fazia contrabando com que tipo de mercadorias?

Voltou a estender a mão. Dei-lhe outro zloty. Ele enfiou as duas moedas na meia e disse, todo contente:

— Não sei.

— Paguei só para você me dizer que não sabe? — Franzi o cenho de forma exagerada, como nos filmes mudos. — Está abusando de um *alter kacker!*

Ele riu baixinho, contorcendo-se todo. O gueto ainda não destruíra seu senso de humor, e bem valia a pena pagar a ele. Porém, mais do que isso, percebi que encontrara o menino que queria.

Quando descobrir quem matou Adam, leve a mim, mas deixe este menino sobreviver, sussurrei para Deus — ou talvez para Satanás. Não parecia importante que fosse um ou o outro, desde que me concedessem o meu desejo.

— Você sabe qual era a passagem secreta que Georg usava para sair do gueto? — perguntei.

Ele estendeu a palma da mão, para eu lhe dar mais dinheiro. Sacudi-a com uma sapatada.

— Ouça, Zacarias, isto é mais importante do que dinheiro. Preciso mesmo saber.

— Georg simplesmente atravessava o muro — respondeu. — Uma noite, ele e mais uns garotos tiraram de lá uns tijolos.

— Onde?

— Não sei.

— Na rua Okopowa, perto do cemitério — disse um rapazinho mais velho com uma crosta no queixo. — Eu estava com ele.

Fiz sinal para ele se aproximar, e ele se agachou ao meu lado.

— Alguma vez ele lhe disse que ia encontrar alguém perigoso ou ameaçador? — perguntei.

— Não.

Zacarias estava de acordo. Esfregou os olhos com o nó do dedo. Reparei que tinha um piolho nos cílios. Segurei-o pelo ombro.

— Não se mexa — eu disse.

Puxei o nojento parasita entre o polegar e o indicador e depois esmaguei-o com a unha.

— O que foi? — perguntou ele.

— Era só um bichinho — respondi, jogando-o no chão. — Escute, Georg disse alguma vez por que não voltou para o orfanato?

— Detestava ficar preso! — exclamou Zacarias, como se aquela resposta fosse lhe valer um bilhete de cinema.

— E sabe onde é que ele morava?

— Na rua Nowolipie.

— Que número?

Zacarias fez uma careta e deu de ombros, como quem diz que não sabe.

— Georg era muito fechado — disse o rapaz mais velho, com solenidade.

— Como era ele?

— Tinha orelhas grandes, como as de um elefante — disse Zacarias. E deu um puxão nos lóbulos das próprias orelhas.

— Alguma vez o viram nu?

— Nu, como? — perguntou, mordendo os lábios de assombro.

— Preciso saber se tinha alguma marca identificadora no quadril.

Assim que acabei de dizer a frase, um lampejo atravessou meu espírito, e soltei uma

exclamação abafada. Agora já sabia o que poderia ter sido considerado especial na perna de Adam.

— Não, nunca vi o quadril dele — disse o rapaz mais velho.

— Nem eu! — acrescentou Zacarias.

Levantei-me. Os dois meninos seguiram meu exemplo. Continuei a interrogá-los, mas me sentia como se houvesse atravessado um portal invisível e tivesse entrado num mito, no qual a única maneira de identificar irmãos e irmãs separados no nascimento era uma marca reveladora na pele. E a marca reveladora de Adam ficava no tornozelo — no tornozelo *direito*: uma sequência de quatro marcas de nascença. Mas que valor elas poderiam ter tido para alguém? E seria possível que uma coisa tão pequena e insignificante houvesse mesmo determinado a morte de meu sobrinho?

— E a roupa do Georg? Alguma coisa de especial? — perguntei aos acrobatas.

— Essa eu sei a resposta! — exclamou Zacarias, com os olhos subitamente iluminados.

— Usava jornais dentro dos sapatos!

— Só isso? — perguntei.

— E uma corrente no pescoço — acrescentou o rapaz mais velho.

— Que tipo de corrente?

— Com uma pequena Nossa Senhora pendurada. Dizia que a mãe era judia mas que o pai era russo. O pai tinha posto aquele fio no pescoço dele quando ele era ainda bebê. Nunca o tirava.

— E Georg também fazia malabarismo, não?

Zacarias fez que sim com a cabeça.

— Fazia mais alguma coisa para ganhar dinheiro?

— Não — respondeu o rapazinho, mas o mais velho acrescentou:

— Às vezes cantava enquanto fazia os números. Quase sempre canções folclóricas em iídiche. Ele dizia que assim mais pessoas vinham ver.

— E cantava bem?

— Bastante bem, mas em prestidigitação não era o melhor do mundo. Só conseguia usar quatro pares de meias. E às vezes deixava cair uma.

— Meias?

— Era isso que ele usava. Enrolava cada par até fazer uma bola apertada.

Agora eu já tinha certeza de que ou Rowy ou Ziv tinha reparado nele, mais cedo ou mais tarde, quando andavam à procura de novos cantores. Seria possível que estivessem ambos envolvidos na morte de Adam? Rowy tinha pavor de ser novamente mandado para trabalhos forçados, e talvez tivesse trocado a vida de três crianças judias por uma garantia de que não o fariam. Quanto a Ziv, no fundo não sabia nada dele, a não ser que era tímido, desajeitado e um jogador de xadrez excepcional.

— Georg alguma vez falou em fazer parte de um coro? — perguntei a Zacarias e seu

colega.

— Falou em alguma coisa assim uma vez — respondeu o mais velho. — Ele me contou que um homem o tinha convidado para cantar numa apresentação que ia organizar.

— E alguma vez disse o nome do homem, ou como ele era?

Ele abanou a cabeça.

— Não. Lamento.

Dei-lhe 1 zloty, ao que ele agradeceu e foi embora correndo.

— E o meu? — protestou Zacarias.

— Se vou lhe dar mais dinheiro, então você vai ter de me fazer um favor.

— O quê?

— Quero que vá se desinfetar nos banhos públicos da rua Leszno. Sabe onde ficam?

— Claro.

— Ótimo.

Deixei cair 2 zlotys — um de cada vez — nas mãos ansiosas do garoto. Queria aconchegar mais o cachecol que colocara em seu pescoço — uma desculpa para abraçá-lo mais uma vez —, mas ele saiu correndo antes que eu pudesse fazê-lo, segurando a coroa em uma das mãos.

Capítulo 22

DOROTA VOLTOU A RECUSAR MINHA entrada no seu apartamento.

— Meu marido não está em casa — confessou —, mas se souber que um homem esteve aqui fazendo perguntas sobre Anna... — Balançou a cabeça, como se ter de lidar com o mau gênio dele fosse um fardo constante.

— Só quero que me diga algumas coisas sobre a mão da sua filha — eu lhe disse com aspereza.

Ela empinou a cabeça como uma galinha assustada.

— Não há nada a dizer.

— Tinha alguma marca de nascença?

— Não.

— Ou mais alguma coisa que a pudesse identificar perante alguém que nunca a tivesse visto antes?

— Não sei. Só uma manchinha... uma pigmentação nas costas da mão — disse ela, hesitante. — Mas por que...?

— Como era a mancha? — interrompi.

— Era vermelha e minúscula; como uma nódoa. Ficava na pele que liga o polegar ao indicador. Quando era pequena, as pessoas viviam tentando limpar aquilo.

— Por que raios não me contou isso antes? — quis saber, zangado.

— Era tão pequena! E parecia não ter importância nenhuma. Além disso, Anna tinha vergonha dela. — Segurou no meu braço. — A pobre menina a detestava!

* * *

Ao sair do prédio de Dorota, dei os primeiros passos depressa demais e escorreguei na

neve fresca. O tronco de uma bétula me salvou de uma queda grave. Agarrado a ele, fiquei observando as pessoas que passavam por mim apressadas, e pensei que tanto Adam como Anna tinham marcas de nascença. E, se a minha teoria estava certa, Georg também. Alguém quisera se apoderar das suas manchas na pele e dos seus sinais. Mas por quê?

Tudo levava a crer que teriam sido assassinados fora do gueto e, em seguida, jogados no arame farpado. E, agora, parecia claro que Georg fora recrutado, ou por Rowy ou por Ziv. Um deles devia ter identificado as crianças para o assassino — alemão, ou talvez polonês —, que mandara segui-las e raptá-las.

Estava ansioso para interrogar ambos os homens, claro, mas isso não serviria de grande coisa, raciocinei; se um deles fosse culpado, ou ambos, tentariam jogar a culpa sobre outra pessoa — provavelmente sobre Mikael, visto não haver razão para não conseguirem tirar as mesmas conclusões que eu. Ou iriam simplesmente dizer que não poderiam saber que Adam e Georg tinham manchas na pele? Afinal, era pouco provável que tivessem visto qualquer um dos meninos nu, durante o nosso gélido inverno, de short. Só uma pessoa estava em posição para isso — Mikael.

Talvez Anna tivesse ameaçado denunciá-lo pelos abortos que fazia e ele tivesse pedido a alguém que trabalhava com ele lá fora que a matasse quando ela saísse do gueto. Nesse caso, o assassino havia esperado até ela ir à casa da Sra. Sawicki e depois a atraído para sua armadilha.

Chamei um riquixá, com uma única certeza: ia recomeçar a seguir Mikael como o meu suspeito mais provável. Mas, assim que arrancamos em direção ao consultório dele, um fato que eu ignorara levou-me a gritar ao condutor que tínhamos de ir para outro lado.

Encontrei a porta do apartamento de Stefa aberta. Um jovem e atarracado oficial da Gestapo, com o chapéu nas mãos, olhava fixamente pela janela. Outro nazista, esse mais velho, com um cabelo a que a luz do meu candeeiro a óleo emprestava tons de prata, lia um livro.

Souberam que estive do Outro Lado e não fiz nada para evitar a morte de um dos seus colegas, concluí.

Antes que conseguisse fugir sem ser notado, o mais jovem virou-se para mim com uma expressão de surpresa. Sentindo que houvera uma mudança na sala, o alemão sentado à minha escrivaninha virou-se também para mim. Pousando o livro, abriu um sorriso felino.

Minhas pernas ficaram tensas, e, se fosse mais novo, teria saído correndo escada abaixo. Em vez disso, tirei o casaco e entrei no apartamento. Às vezes, o estado do nosso corpo pode determinar tudo.

— É o Dr. Erik Cohen? — perguntou-me o alemão que estava lendo. Pôs o chapéu e levantou-se.

— Sou.

— Precisa vir conosco. — Aquele sotaque prussiano fez meu corpo se contrair.

— Aonde? — perguntei.

— Fora do gueto. Já lhe explico no carro.

Pendurei o casaco, aproveitando para respirar fundo.

— Não fiz nada — eu disse.

Ele sorriu divertido, revelando belos dentes arianos — os dentes de um homem que comia refeições saciantes servidas por judeus esfomeados.

— Não vamos matá-lo já; seria bondade demais — ele disse.

Aparentemente, aquilo era considerado senso de humor entre os nazistas; o alemão mais jovem deu uma risada de apreciação.

— Por que me querem? — perguntei.

— Explico-lhe enquanto descemos as escadas.

— Preciso levar uma muda de roupa? — Estava tentando ver se ia ser preso.

— E *tem* uma muda de roupa? — ele respondeu, sarcástico, olhando-me de cima a baixo como se eu fosse um camponês; e os dois voltaram a rir à minha custa.

Fiquei à espera que o humorista nazista me desse uma resposta séria, mas não obtive nenhuma.

— Preciso verificar uma coisa antes de irmos — eu disse.

— Já estamos atrasados.

— É só um minuto.

Carregando o cenho, deu-me autorização com um gesto de mão condescendente.

Precipitei-me para a escrivaninha e tirei o prontuário médico de Adam que Mikael me dera. Meu coração parecia querer saltar do peito, e foi com as mãos tremendo que procurei os óculos. Assim que consegui colocá-los, descobri que, no fim da segunda folha, Mikael escrevera em sua caligrafia nítida:

“Quatro marcas de nascença na base do músculo da perna direita; a maior tem 1,5 centímetro de diâmetro, e contorno duro.” Também as desenhara.

Marcas de nascença, *Geburtsmale*, estava escrito em alemão, mas o resto em ídiche.

Minha intuição estava certa; como diretor do coro, Rowy podia ter tido acesso àquela anotação, e era bem possível que tivesse dito qualquer coisa a Ziv sobre aquela particularidade da perna de Adam — por acaso, sem imaginar que tivesse quaisquer consequências. Na verdade, Stefa também podia ter feito qualquer comentário inocente sobre isso diante de qualquer um deles. Por isso, não era preciso que nenhum deles tivesse visto Adam nu para saber que o menino estava marcado para a morte.

O comediante da Gestapo e eu íamos descendo a rua Franciszkańska no banco de trás do

Mercedes. Ele levara consigo o livro que estava lendo. Pertencera a Adam: uma edição alemã de *O mundo perdido*, de Sir Arthur Conan Doyle, que eu lhe comprara. Segurava o livro com o título virado para fora, sem dúvida na esperança de que eu protestasse em tom ultrajado, para depois ele poder rir na minha cara. Mas o roubo dele não me preocupava; àquela altura, eu já achava que Rowy — talvez com a ajuda de Ziv — denunciara Adam e Anna a um assassino nazista; afinal, se Mikael fosse culpado, não teria me deixado ficar com o prontuário médico de Adam, que provava sem qualquer dúvida que ele reparara nas marcas de nascença do menino.

Teria de seguir o jovem regente se quisesse descobrir para quem ele trabalhava lá fora.

Saímos pela porta da rua Okopowa, o cemitério judeu à nossa direita.

— Começam pelos olhos e lábios, tudo que for tecido mole — disse o nazista sentado ao meu lado, em voz arrastada, como quem faz um comentário só por fazer. Apontou para um grupo de corvos pousados sobre o muro do cemitério, provavelmente à espera que acabasse um enterro qualquer. — Conseguem enterrar os bicos em qualquer coisa, e esperam horas, se for preciso — acrescentou. — Até já os vi arrancar a tampa de um caixão. Criaturas excepcionalmente inteligentes.

Não respondi nada; aprendera ao longo do meu trabalho que certas pessoas são estéreis por dentro — não sentem solidariedade por ninguém. O mais espantoso é que têm exatamente o mesmo aspecto que nós. E, agora, os armamentos mais poderosos do mundo e o próprio império, deles e de mais ninguém.

— Imagino que, em última análise, as valas comuns sejam boas — observou, dando-me uma cotovelada brincalhona. — A relva até cresce melhor, com aquele adubo todo. O que acha?

— Eu? Não acho nada — respondi, recusando-me a olhar para ele.

Através da janela, via lúgubres prédios residenciais e ruas encardidas passar correndo. Ambos os alemães tentaram me provocar mais algumas vezes, mas seus comentários em breve desceram de nível para tornarem-se clichês com séculos de existência. Comecei a remexer nas moedas que trazia no bolso para manter a calma — uma velha estratégia que desenvolvera para lidar com meus colegas antissemitas em Viena.

Mesmo assim, talvez aquele antagonismo todo tenha tido seus efeitos sobre mim; os solavancos do carro, a passagem silenciosa da paisagem de inverno, o cheiro de couro velho do carro — tudo isso acabou por me deixar em pânico, certo de que acabaria sendo morto antes de conseguir me vingar. E, quanto mais nos afastávamos do gueto, maior era a minha sensação de vulnerabilidade.

Quando entramos no caminho de cascalho que levava a uma mansão de três andares com janelas em estilo italiano clássico, meu companheiro de viagem deu-me uma cotovelada.

— Para fora — rosnou.

Uma bela mulher de meia-idade veio ao nosso encontro no vestibulo, cujo chão era revestido de quadrados de mármore preto e branco, como numa pintura italiana medieval. Era alta e esguia e tinha o cabelo louro cortado curto, em estilo masculino. Seu rosto era sadio, de faces rosadas, e seus olhos, de um azul profundo, eram um cântico à mitologia ariana. Teria apostado que era escandinava. E que comia três refeições completas por dia, tal como os meus escoltas alemães.

Sempre me lembrarei do primeiro olhar demorado que me lançou, com os olhos úmidos, como se tivesse esperado anos para me conhecer, e também da forma como inspirou lentamente, enchendo-se daquele momento.

— Graças a Deus está aqui! — exultou ela, num alemão carregado de sotaque francês, e pegou minha mão, mantendo-a entre as suas. — É uma honra conhecê-lo, Dr. Cohen. Ouvi falar tanto do senhor... Eu me chamo Sylvie Lanik.

Os homens da Gestapo mantinham-se perfilados junto à porta, o que significava que a minha anfitriã era uma mulher poderosa.

— *J'aimerais savoir pourquoi vous m'avez...m'avez convoqué* — eu disse.

Tentei o meu francês enferrujado, porque preferia que os alemães não entendessem que estava lhe perguntando a razão pela qual me convocara.

— É Irene... minha filha — respondeu a Sra. Lanik, também em francês, com a voz reduzida a um sussurro pelo embaraço. — Não está bem. Tenho esperanças de que consiga ajudá-la.

— Mande embora os alemães — pedi.

— Sim, tudo o que quiser. — A Sra. Lanik chamou uma governanta idosa e pediu-lhe que servisse café e bolos aos homens na cozinha. O comediante da Gestapo lançou-me um sorriso predatório enquanto se afastava; sem dúvida estava pensando na forma de se vingar. A única questão era se eu iria ou não sobreviver.

— A senhora deve ser importante — comentei, em alemão, assim que eles saíram.

Ela fez um gesto displicente com a mão.

— Meu marido é o homem importante aqui da região.

— É nazista?

— É, embora saiba tanto quanto eu que tudo o que Hitler diz dos judeus é mentira.

Estaria ela esperando que eu lhe agradecesse por não me odiar? Forcei uma risada.

— Ofendi-o, Dr. Cohen? — perguntou, receosa.

Eu a desprezei por trair as próprias crenças, e recusei-me a dar-lhe a satisfação de uma resposta.

— Onde está seu marido? — perguntei com aspereza.

— Partiu ontem de manhã e só volta amanhã à tarde.

— Ele sabe que estou aqui?

— Eu disse a ele que íamos chamar uma pessoa que pudesse ajudar Irene.

— Mas não um judeu.

— Não, essa decisão foi minha — disse com ar decidido.

— Sra. Lanik, posso ter sido reduzido a quase nada, mas isso não significa que não tenha a minha vida. Preciso voltar para o gueto.

— Dr. Cohen, por favor, dê à minha filha só meia hora do seu tempo. Ela precisa de ajuda. Pago-lhe o que quiser.

Abri um sorriso malicioso.

— Por que será que vocês acham sempre que conseguem comprar um judeu com dinheiro?

— O senhor sabe bem que não foi isso que eu quis dizer — respondeu, zangada, mas logo acrescentou em voz contrita: — Embora talvez eu tenha merecido o comentário.

— E por que eu a ajudaria?

— Dada a injustiça do mundo e tudo o que aconteceu ao seu povo, talvez não devesse — observou.

A franqueza dela me impressionou.

— Muito bem, diga-me o que se passa com sua filha — ordenei em tom profissional.

— Alguns dias atrás, tentou se matar. Com comprimidos. E recusa-se a me contar o que a perturba. Diz que só fala com o senhor.

— Comigo? E como é que ela sabe que eu existo?

— Irene descobriu que era um psiquiatra famoso antes de ser... — Ficou procurando a palavra certa; seu alemão era excelente, mas era óbvio que estava sob grande tensão.

— *Emprisonné* — sugeri.

— Sim, preso — concordou.

Descobri nesse dia que a Sra. Lanik caminhava através dos seus pensamentos nas pontas dos pés, como se procurasse razões escondidas em si própria ou nas outras pessoas. Em consequência disso, as respostas dela vinham sempre atrasadas. Era enervante. Comecei a acreditar que levava uma vida isolada — e que conversava com pouquíssima gente.

— Onde está sua filha? — perguntei.

— Recusa-se a sair do quarto. Eu estou... estou ficando maluca. — Agarrou com força a gola da blusa. — Se... se Irene morresse...

Ela ama a filha tal como eu amei Adam, pensei, e isso mudou a direção de todas as minhas ações subsequentes.

— Sra. Lanik — disse eu com mais suavidade —, como descobriu o meu endereço?

— Meu marido é o médico-chefe das forças alemãs em Varsóvia. Não foi difícil localizá-lo.

— Não tenho muito tempo — observei. — Leve-me até ela.

Enquanto subíamos a escadaria circular até o piso de cima, eu disse:

— Vou querer levar algumas coisas comigo para o gueto, especialmente comida.

— O que prefere?

— Arranje-me uma dúzia de limões; duas dúzias, se puder. Também vou querer queijo e carne, além de pão e café bons. E tabaco para cachimbo; Achmed, se conseguir encontrar. E vou aceitar a oferta que fez de me pagar: 200 zlotys por cada sessão.

— Claro; só que é capaz de ser difícil encontrar tantos limões.

— Se não conseguir, vou precisar de laranjas, ou então couve fresca.

De pé diante da porta da filha, virei-me novamente para a Sra. Lanik. Para minha surpresa, agora sentia-me envergonhado com as minhas roupas de pedinte e meu aspecto mirrado — de repente, estava de braços dados com o desejo de voltar a uma vida normal.

— Quero que dê ordem aos alemães para me levarem para casa em silêncio — exige. — Só vejo a sua filha se eles prometerem que não falarão comigo, nem me farão mal, seja de que modo for.

— Muito bem. Eu me encarrego disso.

— E diga-lhes que não toquem na comida que me der. Vai ter de ameaçá-los com represálias.

— Deixe isso comigo — garantiu-me. — E agora, podemos entrar?

Quando lhe disse que sim, ela bateu à porta.

— Irene...? — chamou em voz branda, mas não houve resposta. — Está aqui o Dr. Cohen. Vamos entrar.

Girou a maçaneta, mas a porta estava trancada por dentro.

— Irene, é o Dr. Cohen — comecei. — Não tenho muito tempo. Deixe-me entrar, por favor.

A jovem sussurrou através da porta:

— Só o senhor, Dr. Cohen, minha mãe não.

A Sra. Lanik balançou violentamente a cabeça, como se a filha a estivesse condenando por um crime que não cometera.

— Irene vai ficar segura comigo — eu disse. — Sente-se no hall, e quando eu sair falaremos sobre aquilo que eu tiver descoberto. E traga-me também um café bem forte — acrescentei, visto que o eficiente aquecimento da casa começava a me dar sono. — Quando estiver pronto, diga à criada que bata à porta e o deixe no chão. Eu saio para vir buscá-lo.

A Sra. Lanik ficou olhando para trás enquanto descia as escadas. Agarrou-se ao corrimão com toda força; não estava muito longe de sofrer um desmaio.

Chamei Irene de novo através da porta, em alemão, dizendo-lhe que estávamos sozinhos. Depois de alguns segundos, ouvi correr o trinco. Um olho azul espreitou pela fenda na porta.

Capítulo 23

IRENE ERA UMA JOVEM ESGUIA com mais de 1,80 metro de altura, embora tivesse a postura curvada de alguém que toda a vida fora gozada por causa de seu tamanho.

Assim que abriu a porta, foi logo para o fundo do quarto, ansiosa por colocar certa distância entre nós. Tinha o mesmo cabelo louro e curto da mãe, e os mesmos olhos hipnotizantes. Nas orelhas, minúsculos brincos de prata.

Abriu um sorriso fugidio, de pé entre a cabeceira da cama e uma poltrona de couro colocada de forma a proporcionar a vista da janela, e de repente virou-se para o lado, como se tivesse acabado de lembrar-se que tinha de esconder o que sentia. A luz oblíqua do sol da tarde desenhava crescentes de sombras profundas debaixo dos seus olhos. A forma como apertava as mãos uma na outra pareceu-me um mau sinal.

Vestia-se de forma pudica, e sua roupa estava impecavelmente passada — uma saia de lã de um verde acinzentado e uma blusa ucraniana bordada. Tive a sensação de que não eram roupas que ela apreciasse — de que se vestira assim para agradar a uma outra pessoa.

As prateleiras do quarto estavam cheias de livros e bichinhos de pelúcia muito bem arrumados. Acima da cama pendia uma moldura com uma litografia de Picasso mostrando um arlequim de expressão triste.

— Obrigada por ter vindo — ela disse em voz insegura. Falava em alemão.

— Obrigado por ter me deixado entrar — respondi.

Ela pegou uma das almofadas de seda azul que enfeitavam a cama, tirou as pantufas e sentou-se na poltrona, dobrando os joelhos e colocando os pés descalços debaixo dela, como costumam fazer as meninas. Pôs a almofada no colo, inclinou-se para a janela e pôs-se a olhar fixamente a grama do jardim, como se estivesse preocupada com o que poderia estar acontecendo lá embaixo sem ela saber. Não sei se de propósito ou não, o fato é que me deu uma boa visão da zona sem cabelo que havia no meio da sua cabeça, de onde devia ter

arrancado uma mecha de cabelos.

Os gestos iniciais de um paciente muitas vezes indicam até que ponto está disposto a revelar-se, e Irene optara por me mostrar um sintoma da sua infelicidade ainda antes de dizer sequer uma palavra.

Sentei-me na cama. Embora a jovem não falasse comigo nem me olhasse, eu me sentia à vontade; esse silêncio entre mim e um paciente fora para mim uma espécie de lar durante muitos anos.

— Bom, Irene, só vou lhe fazer umas perguntas. Pode ser?

— Pode, acho que sim.

Eu não tinha muito tempo, por isso tentei um atalho que, para mim, já funcionara antes.

— Se pudesse ir para qualquer parte do mundo, que lugar escolheria? — perguntei. Esperava com isso que ela revelasse acidentalmente o que a perseguia, ao contar sua fantasia de fuga.

— Quer dizer aqui em Varsóvia? — perguntou.

Tinha medo de ter sonhos ambiciosos demais, o que provavelmente significava que se sentia impotente para fugir daquilo que a angustiava.

— Não, qualquer parte do mundo — respondi. — Londres, Roma, Cairo... — Descobria de novo a minha voz profissional, e isso me dava confiança.

— Iria para a França — respondeu. — Para Nantes.

Detectei vogais suíças na resposta dela, embora falasse um ótimo alemão.

— Por que Nantes? — perguntei.

— Porque é lá que moram meus avós.

— Você se sentiria mais segura com eles? — continuei.

Com uma careta, ela puxou a almofada para o peito e apertou-a com toda força. Seus olhos ficaram úmidos.

— Está se sentindo bem? — perguntei.

Lutando contra a falta de ar e olhando-me diretamente pela primeira vez, ela respondeu:

— Sinto um aperto no peito que vem e vai. E quando está muito forte, é como se uma enorme mão me estivesse esmagando. Às vezes penso que vou sufocar. — Encarou-me com um olhar desolado. — Dr. Cohen, é esta casa... ela me aterroriza.

Quando as lágrimas lhe subiram aos olhos, ela olhou de novo pela janela, com medo de ver a minha reação.

— E o que há nesta casa que lhe causa tanto medo? — perguntei.

Não respondeu durante muito tempo. Tirei o cachimbo e fiquei examinando-o, para não ter de olhar para ela e fazê-la se sentir ainda menos à vontade.

— Muitas vezes acho que há alguém escondido debaixo da minha cama, à noite — respondeu ela finalmente. — Ou no meu guarda-roupa, ou na sala de jantar. Uma pessoa que quer me matar. Procuro em todos os lugares possíveis e imagináveis, mas a casa é grande

demais para eu poder ter certeza de que não deixei de examinar nada, ou que o assassino já está muito à frente de mim.

Alguém bateu à porta, sobressaltando-me.

— O seu café, Dr. Cohen — disse uma voz de mulher.

Pedi a Irene que me desse um momento. Entreabrindo a porta, vi uma criada idosa se afastando. No chão estava uma bandeja de madeira com uma elegante cafeteira de porcelana — branca, com cabo preto — e uma xícara combinando. Levei a bandeja para dentro e pousei-a sobre a cama da jovem.

— Irene, esta casa é uma mansão, deve ter muitos recantos e passagens escondidos — eu disse enquanto enchia a xícara. — Nossos medos mais profundos tendem a se esconder onde é difícil encontrá-los. Mas eu vou ajudá-la a descobri-los.

Ela baixou a cabeça em sinal de agradecimento, mas senti a culpa invadir-me profundamente; quem sabe se alguma vez eu voltaria lá? Dei uma rápida olhadela ao relógio. Eram 14h20. Gostaria de saber por onde andariam Rowy e Ziv naquele momento. Decidi ficar com Irene até às 15 horas.

Tomei um primeiro gole de café, mas aquele sabor escuro recordava-me de tal modo tempos melhores que nem tinha certeza se deveria bebê-lo.

— Há quanto tempo mora aqui? — perguntei à jovem.

— Quatro meses. — Olhou a distância pela janela. — Às vezes acho que o assassino está fora da casa e... e tentando entrar, por onde der — ela disse cautelosamente e como quem faz um esforço para se recordar, como se seguisse tateando o caminho da memória. — Começo a ter medo de que meus pais tenham deixado a porta de entrada aberta, o que permitiria ao assassino entrar aqui dentro, por isso vou verificar se está trancada antes de ir para o meu quarto. E acabo indo lá embaixo várias vezes por noite, para ter certeza de que continua trancada.

— Acha que seus pais podiam deixar a porta aberta de propósito? Ou destrancá-la depois de você a trancar?

Eram perguntas perigosas, visto que tocavam na sua relação com os pais. Irene virou-se para mim e olhou-me nos olhos, querendo avaliar que tipo de homem faria perguntas dessas — acima de tudo, se eu a abandonaria, no caso de ela se abrir comigo e revelar alguma coisa que outras pessoas podiam achar ruim. Por isso, sustentei longamente seu olhar. Era um momento importante — o centro da roda em volta da qual todas as nossas conversas seguintes iriam girar. O rosto dela não se contraiu; nem sequer piscou. Eu começava a acreditar que se tratava de uma jovem corajosa.

— Por favor, diga-me o que está pensando — pedi.

— Nunca até agora imaginara que a porta... — Levou a mão à boca, invadida pelo medo. Finalmente, acabou dizendo: — Amo os meus pais. Quero que saiba disso.

E, contudo, um deles — ou ambos — está tentando lhe fazer mal, pensei.

— Acredito — eu disse —, mas é difícil termos confiança mesmo nas pessoas que mais amamos quando nos vemos num ambiente novo. Percebi isso quando me mudei para o gueto.

Sobressaltou-se; não esperava que eu fosse falar da minha vida. Encolhendo as pernas e abraçando os joelhos contra o peito, perguntou:

— É... é muito ruim, o gueto?

— É, é ruim, mas não há nada que nenhum de nós possa fazer neste momento.

— Não, talvez haja — declarou.

— O que quer dizer com isso?

— Podemos desempenhar cada um o nosso papel, evitando que aconteçam coisas piores.

Fiquei impressionado com a sua solidariedade, mas também a achei totalmente ingênua.

— Talvez você tenha razão — respondi. — Mas por enquanto precisamos falar de você. Bem, Irene, é capaz de me descrever a aparência física do assassino na sua imaginação?

— Não sei bem. Não o reconheço, se é isso que quer dizer. Mas às vezes vejo que tem uma cara horrível e olha para mim de um modo assustador.

Uma sensação de déjà-vu me fez parar no meio do gesto de erguer a xícara. Onde eu ouvira as últimas palavras dela?

— O que torna o olhar dele tão assustador? — perguntei.

— Alguma coisa nos olhos dele; alguma coisa de escura e determinada — respondeu numa espécie de gemido, e começou a torcer uma mecha de cabelo no topo da cabeça.

— E tem alguma ideia de por que ele quer matá-la?

— Não, não sei! — respondeu, desesperada. Respirando fundo, arrancou a mecha de cabelo que enrolara no indicador.

Contraí o rosto, mas ela disse em tom reconfortante, como se fosse eu quem estivesse sofrendo:

— Não faz mal, Dr. Cohen, nem dói. E mesmo que doa, é uma dor boa.

— Por que é que é boa?

— Não sei bem. Só sei que é.

— Porque é causada por você mesma? — perguntei, na esperança de ter chegado perto da verdade; se queria ajudá-la, tinha de conseguir que ela confiasse mais em mim.

Ela refletiu sobre a minha teoria.

— Talvez tenha razão — disse, mas não me pareceu convencida.

Às minhas perguntas seguintes, Irene respondeu que o assassino não queria roubá-la. Ela o imaginava enfiando um punhal no seu coração. E sangrava até morrer.

— Quando começou a acreditar que a sua vida corria perigo? — perguntei.

— Talvez há umas duas semanas.

— Aconteceu alguma coisa estranha há duas semanas?

— Estranha como?

— Adoeceu? Ou teve alguma discussão com seu pai ou sua mãe? Talvez fosse alguma

coisa que...

— Meu pai morreu para mim! — interrompeu ela com aspereza, provavelmente na esperança de me chocar; talvez as minhas perguntas sobre a ordem cronológica dos seus problemas fossem ameaçadoras demais, e ela quisesse me manter a distância.

— Morreu para você? Como assim?

— Nunca quis saber de mim.

— Não compreendo. Pensei que morava aqui com o seu...

— Rolf Lanik é meu padrasto — interrompeu ela. — Meu pai é um radiologista chamado Werner Koch. Vive na Suíça, embora tenha nos visitado aqui na Polônia: uma vez, dois meses atrás.

— Há quanto tempo sua mãe está casada com seu padrasto?

— Deixe eu ver, eu tinha 6 anos, por isso faz... 11 anos. É um bom homem. Para dizer a verdade, Rolf foi a melhor coisa que já me aconteceu.*

Ela falava como se eu a tivesse obrigado a defender a honra dele, o que me levou a pensar que podia ser ele o seu carrasco, embora talvez não tivesse consciência do mal que lhe fizera.

— Por que ele é tão bom para você? — perguntei.

— Porque ele nos dá tudo aquilo de que precisamos. E estou numa escola para estrangeiros excelente. É bom e generoso, e nos adora... a mim e à minha mãe.

— E no entanto a obrigou a se mudar para uma casa que você detesta.

— Isso não é culpa dele, Dr. Cohen! Ou acha que sim? — retorquiu, irritada.

Estava satisfeito por ver que ela se sentia segura o suficiente para revelar sua ira.

— Não estou em posição de saber isso — respondi. — Mas diga, o que pensa a sua mãe deste novo ambiente?

— Minha mãe? Adora viver aqui — respondeu a jovem, com rancor. — Pelo menos, é isso o que ela diz.

Irene parecia ter concluído que a mãe valorizava mais sua nova casa — e o marido — do que a própria filha.

Adivinhando que o súbito aparecimento do pai dois meses antes poderia ter causado os problemas de então de Irene, voltei ao primeiro casamento da mãe. A jovem contou que acabara em divórcio ao fim de seis anos. Tinha 4 anos quando os pais se separaram. A mãe perdera tudo, e tinham recomeçado a vida em Zurique, onde tinham parentes. Encontrara trabalho como empregada do bar de um pequeno hotel.

— Ah, então isso explica o seu sotaque suíço — observei.

Botando a língua para fora e com uma espécie de gemido cômico, Irene replicou:

— Ah, então você notou.

— Notei, mas você não me parece muito satisfeita.

— E acha que devia estar?

— Não sei. Tudo o que posso dizer é que, na minha opinião, tem um sotaque encantador.

Ela abriu um sorriso — hesitante ao princípio, rasgado depois — e pela primeira vez pareceu descontraída. Meu elogio a fez mudar; numa voz que acelerava diretamente às emoções, contou que ela e a mãe tinham vivido durante dois anos numa água-furtada de um único cômodo, com uma cama infestada de percevejos e um telhado que deixava passar a chuva.

— Minha mãe até perdeu a reputação — disse, indignada.

— O que quer dizer com isso? — perguntei.

Ela cruzou os braços no peito.

— Graças ao meu querido pai — vociferou, sarcástica.

Às minhas perguntas seguintes, Irene respondeu que ele espalhara rumores maliciosos sobre um romance que a mãe dela tivera com um cirurgião judeu, o que, no círculo em que viviam, a condenara ao ridículo. Contou-me várias histórias sobre como ele tinha feito a mãe sofrer — e como ela se defendera pela esperteza. Era evidente que Irene admirava a mãe e criara com ela uma grande identificação.

A jovem só vira o pai três vezes após o divórcio, tendo a última sido no início de janeiro último, quando ele aparecera em sua casa numa sexta-feira à noite, sem avisar.

— Tenho razões para crer — disse, num tom de voz que dava a entender que andara escutando às escondidas — que veio aqui para conseguir arrancar dinheiro da minha mãe.

Teria ele feito chantagem com a Sra. Lanik, usando informações sobre sua vida anterior?

— Foi sua mãe que lhe disse isso?

— Não, ela se recusou a falar dele comigo, mas ele parecia bêbado. Parece que voltou a beber.

— Teve alguma oportunidade de falar com ele? — perguntei.

— Não, ele me disse olá, depois falou com minha mãe durante alguns minutos e acabou saindo cambaleando.

As respostas de Irene começaram a ficar evasivas quando lhe fiz perguntas sobre os seus sentimentos quando criança em relação ao pai. Era óbvio que não estava pronta para voltar a visitar essa parte do seu passado, por isso voltei ao padrasto. Disse-me que Rolf Lanik crescera em Zurique e mudara-se para Hamburgo depois de terminar o curso de medicina. Apaixonara-se pela mãe dela havia 11 anos, numas férias que fora passar com os pais. Irene vivera em Hamburgo com a mãe e ele, antes de se mudar para Varsóvia. Agora tinha um consultório no centro da cidade, e todas as noites chegava tarde em casa. Num tom desiludido, acrescentou:

— Desde que nos mudamos para cá ele começou a levar uma vida à parte. Quase nunca o vemos. Trabalha o dia inteiro, e às vezes pela noite adentro.

— Fale um pouco dele.

— O que quer saber?

— Podia começar pela primeira impressão que teve dele.

— Não gostei de Rolf.

— Por que não?

— Esforçava-se demais. Quer dizer, parecia que estava sempre abaixando-se até meu nível e tentando se comunicar comigo. Mas eu não o queria assim: como amigo. Era tão embaraçoso! — Falava com desespero, como se precisasse da minha confirmação de que os seus sentimentos eram justificados. — Era outra coisa que eu queria. Isso faz sentido?

— Faz, sim.

— Rolf nunca teve filhos — declarou Irene. — Acho que não sabia muito bem como se aproximar de mim.

— Mas aprendeu?

— Aprendeu.

— E quando foi que você começou a gostar dele?

— Acho que foi quando ele começou a ler para mim. Eu ficava na cama, de pijama, e ele tirava um livro da prateleira e sentava-se ao meu lado. — Sorriu, feliz ante a recordação. — Eu adorava o som da voz dele, e a forma como ele olhava para mim, ansioso por ver a minha reação à história. Dava para ver que ele estava mesmo prestando atenção. — Fazendo que sim com a cabeça, como se para sublinhar como eram corretas suas palavras, acrescentou: — Dr. Cohen, quando Rolf está conosco, sabemos que está nos dando toda a sua atenção. Talvez seja por isso que os pacientes gostam tanto dele.

— Como sabe que gostam muito dele?

— Porque às vezes vou com Rolf ao consultório e falo com eles.

— Então ele é o seu médico?

— Não quando eu era menor. Mas... mas agora é. — Baixou a cabeça, como se tivesse dito algo vergonhoso.

À medida que Irene me falava mais sobre as suas presentes relações com o padrasto, comecei a suspeitar de que as constantes referências dela à *vida à parte* dele significavam que ela o havia pegado com outra mulher — talvez antes ou depois de uma consulta com ele. Se assim fosse, então ela devia estar aterrorizada, com medo de que ele as abandonasse, a ela e à mãe — que “assassinasse” sua família, em outras palavras. Estava, provavelmente, convencida de que a história iria se repetir — que o padrasto espalharia rumores perversos sobre a mulher e ela e a mãe seriam de novo marginalizadas. O súbito aparecimento do pai podia ter reforçado esse medo. Também podia ter boas razões para crer que não acreditariam nela — e poderia muito bem ser castigada — se informasse a mãe da infidelidade do padrasto, já que a Sra. Lanik partilhava, sem dúvida, os receios da filha, de voltar a ser pobre e marginalizada. Para Irene, a única saída para sua aflição parecia ter sido o suicídio.

Claro que minha teoria podia estar errada, e eu me preparava para fazer mais perguntas sobre a rotina do padrasto quando me dei conta do motivo da minha sensação de déjà-vu:

Irene repetira o que uma jovem paciente de Freud chamada Katharina lhe contara sobre o rosto de um homem que lhe aparecia sempre que sofria um ataque de ansiedade: *Tem o rosto horrível, e olha para mim de modo assustador.*

Se não eram aquelas as palavras exatas ditas por Freud, era algo muito parecido. Constavam dos *Estudos sobre a histeria* de Freud e Brauer, obra que eu lera várias vezes.

Katharina contara a Freud que surpreendera o tio fazendo amor com a cozinheira da família. Teria sido por isso que eu concluía tão depressa que Irene podia ter visto o padrasto com outra mulher?

A pergunta importante, agora, parecia ser a seguinte: teria Irene consciência de que citara uma doente de Freud?

— Diga-me, Irene — perguntei —, alguma vez você leu obras sobre psiquiatria ou psicanálise?

— Li, na casa do meu avô em Zurique. Acho que ele tem quase toda a obra de Freud.

Como não mostrava qualquer indício de ter sido descoberta, concluí que repetira as palavras de Katharina inconscientemente — tinha se apropriado delas, por haverem tido problemas tão semelhantes. Sem saber bem como continuar, voltei àquilo que poderia ter acontecido algumas semanas antes e que levava Irene a crer que estava em perigo.

— Talvez tenha sido um sonho que comecei a ter — disse ela. Chegou para a frente na poltrona, como quem se prepara para fazer revelações mais profundas, embora tivesse voltado a pôr a almofada no colo.

— Fale desse sonho — pedi.

Com o olhar perdido dentro de si própria, ela contou:

— Estou num campo com várias crianças. Há relva verde e muitas flores amarelas. Cada um de nós tem um ramo de flores que já colheu, e começamos a colher mais.

— Quantas crianças há com você? — perguntei.

— Pelo menos duas, embora eu ache que talvez haja mais. É difícil dizer.

Olhou-me, esperando a minha aprovação para continuar, e eu assenti com a cabeça.

— Da cidade, lá no sopé da colina, chega um homem baixo com um chapéu na cabeça e tira de nós as flores, de mim e das crianças. E depois continua a subir a colina até um chalé onde o espera um amigo: um homem muito mais alto, quase um gigante.

— Continue.

— O homem do chapéu entrega as flores ao amigo e recebe um pão em troca. E depois o homem do chapéu vem falar comigo e arranca um pedaço do pão para me dar, e eu... eu olho à minha volta, procurando as crianças que estavam comigo no campo, para poder dividir o pão com elas, mas elas desapareceram. E, depois, o sonho muda de lugar.

— Muda de lugar como?

— Estou de pé na Krakowskie Przedmiescie, com o homem do chapéu ao meu lado. — Irene fechou os olhos e estendeu a mão, como se quisesse tocar aquilo que via. — À minha

frente há uma escadaria curva que leva à Igreja da Cruz Sagrada. A rua está vazia. Não sei onde estão as outras crianças, e sinto-me apavorada. E... e é então que acordo.

Abriu os olhos e olhou-me com expectativa; lera, sem dúvida, que me competia fazer uma interpretação do que eu ouvira.

Contudo, desviei o olhar; agora tinha certeza de que Irene lera Freud com muita atenção. As crianças colhendo flores amarelas num campo tinham surgido num sonho que ele analisara num artigo bem conhecido e semiautobiográfico, chamado *Memórias reprimidas*. Ela estava inserindo as próprias experiências na estrutura dos textos que lera sobre psiquiatria. Se era de propósito ou um ato inconsciente, eu não podia sabê-lo, mas, de qualquer forma, suspeitei que ela queria que eu voltasse aos debates de Freud sobre Katharina e daí concluísse que ambas tinham enfrentado o mesmo problema. De certa forma, estava me mostrando numa linguagem cifrada onde devia procurar a origem daquilo que a perturbava, sem revelar diretamente qualquer dos segredos da família — e de uma forma que lhe garantisse que eu ia conseguir entender.

— Consegue ver o rosto do homem de chapéu? — perguntei.

— Não.

— Pode fechar os olhos e tentar imaginá-lo?

— Sim, claro. — Fez o que eu lhe pedia, mas depois de alguns segundos abanou a cabeça.

— Desculpe, Dr. Cohen, mas não posso lhe dizer quem é. Bem que gostaria, mas não posso.

Ela usou o termo *posso* em vez de *consigo*, e *dizer* em vez de *identificar* ou *reconhecer*. Teria sido um lapso? Era muito possível que Irene soubesse quem ele era, mas sentisse que se arriscaria demais se revelasse sua identidade.

Agora eu já estava convencido de que ela usara o sonho de Freud porque lera a sua interpretação, segundo a qual uma menina dando flores a um homem era o símbolo de perder sua virgindade. Suspeitei que pouco tempo antes fizera sexo pela primeira vez, possivelmente com o padrasto. Nesse caso, o sentimento de culpa — por trair a mãe e ameaçar destruir a felicidade da família — tinha provocado seu comportamento autodestrutivo. Ela queria se matar, mas transferira esse sentimento violento para um assassino não identificado.

— Conhece as crianças que estão com você no campo? — perguntei, pensando que talvez fossem outras meninas que o padrasto tivesse seduzido.

— Não — respondeu.

— Que idade têm?

— São novas... talvez 10, 12 anos. Como eu.

— Então no sonho você só tem 10 ou 12 anos?

Olhou outra vez para o fundo de si própria.

— Acho que sim — disse, hesitante —, mas não tenho certeza.

Seria possível que o padrasto a tivesse violado alguns anos antes e tivesse recomeçado mais recentemente?

— As crianças são meninos ou meninas? — perguntei.

— Ambos, eu acho. Não tenho certeza. Estão vestidos de amarelo, por isso não sei.

— Estão vestidos de amarelo? — perguntei, intrigado.

— Não, eu quis dizer que as flores são amarelas. Agora estou confusa. O senhor está me confundindo!

— Desculpe. Consegue identificar o homem mais alto, o do chalé, que recebe as flores?

— Não.

— Ele e o homem do chapéu são poloneses ou alemães? Ou talvez suíços?

Lançou-me um olhar zangado. Estaria eu chegando perto demais, quase desmascarando seu carrasco?

— Acho que são alemães — ela disse —, mas não tenho certeza. De qualquer forma, não vejo que importância isso possa ter.

— Talvez não tenha. Quantas vezes teve esse sonho?

— Algumas vezes... não sei bem.

— E como é que se sente agora? Quero dizer, ao lembrar-se dele?

Ela deu de ombros.

— Então, está contente por ter me contado?

— Deveria estar? — retorquiu, rudemente.

Suas respostas agressivas fizeram-me compreender que seria melhor parar por ali— eu a assustara com tantas perguntas, e hoje ela não ia me contar muito mais. Engoli de um só gole o resto do café e olhei para o relógio. Eram 15h10.

— Irene, por enquanto, só tenho mais uma última pergunta.

— Mas vai voltar para me ver? — perguntou em voz apreensiva. — Não está zangado comigo?

— Não, não estou nem um pouco zangado. E vou tentar voltar. Vou falar com a sua mãe sobre isso assim que sair do seu quarto. Mas ouça, Irene, preciso que me prometa uma coisa, senão não poderemos voltar a falar.

— O que é? — perguntou, ansiosa.

— Não vai tentar se matar enquanto estivermos trabalhando juntos. Temos de confiar um no outro, e não vou poder trabalhar com você se estiver preocupado, com medo de que se suicide se eu disser alguma coisa que não deva dizer.

— O senhor diz coisas que não deve às vezes?

— Claro — eu disse, sorrindo da sua ingenuidade. — Todo mundo faz isso. Embora eu vá tentar tudo para não o fazer.

Nunca admitira tão prontamente as minhas falhas perante um paciente. Pareceu-me uma mudança para melhor, e percebi — espantado — de que, se sobrevivesse ao gueto, seria um psiquiatra mais gentil e eficaz. Seria razão suficiente para continuar a viver?

— Então, estamos de acordo? — perguntei-lhe.

— Sim, prometo — respondeu, e o seu sorriso de alívio convenceu-me de que desde o início tivera a esperança de que eu lhe retirasse a sua pior opção.

Pus-me de pé.

— Quero os seus comprimidos; aqueles que tomou para tentar pôr fim à sua vida.

— Estão com a minha mãe.

— Ótimo.

— Então, qual é a sua última pergunta, Dr. Cohen?

— Imagine que pode dizer qualquer coisa ao homem do chapéu. O que lhe diria?

Ela fixou os olhos no chão.

— Acho que lhe pediria que me devolvesse as minhas flores.

* * *

Quando eu ia saindo do quarto, Irene me chamou:

— Dr. Cohen, lamento muito o que aconteceu ao seu sobrinho. Desculpe não o ter dito antes.

Surpreso, gaguejei uma resposta:

— Mas como... como é que... quero dizer, quem lhe disse o que aconteceu ao meu sobrinho?

— Sua antiga paciente, Jasmin Makinska — respondeu Irene.

— Conhece Jasmin? — perguntei.

— Não a conheço pessoalmente — respondeu —, mas ela tem organizado reuniões clandestinas desde dezembro, contando a todos que a quiserem ouvir as horríveis condições em que se vive no gueto. Acho que tem sido uma heroína. Há uma semana, fui a uma reunião para estrangeiros que vivem aqui. Minha mãe me levou. Jasmin pegou um bilhete que recebera da sua sobrinha após a morte do filho e contou à assistência o que lhe aconteceu, e a dor que estavam passado. Depois de ouvi-la falar, comecei a pensar que o senhor talvez concordasse em me ajudar.

Muitas vezes, as últimas palavras de um doente são as que ele desejava dizer desde o início da sessão — o que significava que Irene precisava tornar bem claro para mim que sabia que Adam fora assassinado. E que desde que soubera disso queria falar comigo.

— Há mais uma coisa que eu devia ter-lhe dito — acrescentou. — No meu sonho, o homem grande que acaba ficando com as flores amarelas que nós apanhamos... eu sei o nome dele. E sei, porque o homem do chapéu o chama, quando se dirige para o chalé. É Jesião.**

— E acha que o nome dele é importante? — perguntei.

— Tenho a impressão que sim. Às vezes, parece ser a chave de tudo.

Irene deixou-se ficar no quarto, embora não tenha trancado a porta, o que me pareceu um sinal de esperança. Parei na galeria, comparando as últimas palavras que me dissera com o

meu próprio interesse por nomes, e também pensando no que me dissera sobre Jasmin, mas a Sra. Lanik, que subia as escadas correndo, desviou minha atenção. Trazia numa das mãos os óculos de aro de tartaruga e um livro na outra. Na ansiedade que li em seus olhos, vi que receava o pior.

— Irene está bem? — perguntou.

— Está — respondi. — Tivemos uma boa conversa. E, o que é mais importante, prometeu não fazer bobagem enquanto estivermos trabalhando juntos.

— Obrigada por isso, Dr. Cohen. O que mais ela lhe disse?

— Receia estar em perigo.

— Que tipo de perigo?

— Como tenho certeza de que já sabe, tem tido dificuldade em se ajustar ao seu novo ambiente. Sente-se ameaçada. Se eu estivesse no seu lugar, faria tudo o que estivesse ao meu alcance para fazê-la sentir-se amada e bem tratada. E protegida. Nem que isso signifique afastarem-se por uns tempos. Talvez mesmo ir para a França... para Nantes.

A Sra. Lanik fez um ar perplexo.

— Por que Nantes?

— Por causa dos seus pais.

— Meus pais? Mas eles moram em Bordéus — corrigiu-me.

— Devo ter entendido mal — respondi, perguntando a mim mesmo por que Irene teria mentido para mim.

Estava igualmente espantado com o seu talento como atriz. Que mais ela teria me dito que não fosse verdade?

— Sim, tenho pensado em fazer uma viagem com Irene — disse a Sra. Lanik. — Dr. Cohen, obrigada. — Agarrou-me ambas as mãos. — Estarei sempre em dívida com o senhor.

— Só espero ter ajudado um pouco no que quer que a esteja perturbando — respondi, e, ao dizer isso, entendi a verdadeira razão pela qual eu ficara com Irene: ela precisava ser ouvida, e minha disponibilidade para escutá-la — para permitir que até o silêncio entre nós me dissesse algo — fazia parte de um mundo de solidariedade que os nazistas queriam destruir. Ao ficar, eu estava lutando por tudo aquilo em que acreditara antes. E estava afirmando o meu direito de viver como o homem que queria ser.

— Eu gostaria que o senhor a visse de novo o mais depressa possível — disse a Sra. Lanik —, mas meu marido volta amanhã. Eu o aviso quando souber que ele vai viajar outra vez. Pode ser assim?

— Pode, claro.

Desceu as escadas comigo. Havia dois cestos de vime cheios de comida à minha espera, em cima de uma mesa de madeira antiga junto à porta de entrada.

— Consegui arranjar-lhe 14 limões — disse ela, com um sorriso feliz.

Espalhados no meio de maçãs vermelhas, eram lindos aqueles limões — uma composição

digna de Cézanne.

— Nem imagina como estou grato pela sua ajuda — eu disse.

— Só espero ter feito uma boa escolha — respondeu, estendendo-me um envelope. — Aqui estão os seus 200 zlotys.

— Obrigado. E uma última coisa: eu gostaria de ficar com os comprimidos da sua filha. Ela diz que estão com a senhora. Se estão aqui nesta casa, ela pode arranjar alguma maneira de encontrá-los.

— Sim, tem razão.

Enquanto a Sra. Lanik se afastava para ir buscá-los, guardei o meu tabaco para cachimbo e dois limões no bolso do casaco e examinei os ovos, a manteiga, o queijo, o presunto. Ela até acrescentara umas latas de caviar russo e foie gras francês. Assim que voltou, me passou os comprimidos. Estava com sorte: eram de Veronal, meu tranquilizante favorito.

Enquanto os enfiava no bolso, o alívio que sentia me fez fechar os olhos de gratidão. *Os nazistas perderam o controle sobre a minha pessoa*, pensei — poder convocar a morte a qualquer momento era uma garantia de que vinha precisando desde que vira Adam na carroça da Pinkiert. Dez comprimidos eram tudo de que precisava para ter um fim indolor.

— E os meus escoltas alemães? — perguntei à Sra. Lanik. Não os via em lado algum.

— Já estão no carro, à sua espera. — Com um largo sorriso, daqueles que fazem as pessoas que antes andaram chorando e agora estão gratas pela ajuda que receberam, disse em francês: — E eu lhes disse em termos inequívocos que mantivessem o bico calado e as mãos longe dos seus cestos de comida!

Os alemães estavam no assento da frente. Entrei no de trás e sentei-me ao lado dos meus cestos de piquenique.

Quando íamos saindo, o comediante nazista virou-se e apontou a arma para o meu rosto, tremendo de raiva.

— Sou bem capaz de fazer um buraco sangrento no lugar desse nariz judeu! — ameaçou. — Só precisava dizer aos meus superiores que você tentou fugir.

As palavras dele pareciam ensaiadas, o que as tornava menos críveis. Mesmo assim, não me atrevi a responder. Em vez disso, pus-me a olhar pela janela, remexendo nas moedas que tinha no bolso; ao fim de alguns segundos, ele voltou a virar-se para a frente, e partimos. Não me disse mais nada durante a viagem de volta ao gueto.

Pus-me a passar em revista o que Irene me contara, e todas as suas revelações — fossem inventadas ou reais — pareciam agora apontar para o homem do chapéu que tirava as flores de Irene e das outras crianças.

Embora talvez haja mais do que duas, dissera-me a jovem.

O cobertor branco e longínquo do céu de inverno, o ranger do gelo sendo esmagado

debaixo das rodas do carro, a lã do meu cachecol fazendo cócegas na minha pele... Tudo o que via e sentia desapareceu de repente, porque foi nesse momento que compreendi que Irene inventara seu sonho para se encaixar naquilo que ela sabia sobre os crimes no gueto!

Ela queria que eu descobrisse a mentira dela sobre Nantes, ou sobre qualquer outro detalhe insignificante, porque estava ansiosa para que eu percebesse que o testemunho dela fora cuidadosamente elaborado.

Duas crianças tinham desaparecido do campo; estava falando sobre Adam e Anna!

Só que Irene não podia ter sabido da morte de Anna através de Jasmin.

Seria possível que ela tivesse sido testemunha do assassinato de crianças judias? Talvez tivesse ouvido por acaso o assassino falando delas. E depois, quando Jasmin falou de mim, tivesse concluído que meu sobrinho fora uma das crianças que desapareceram.

Ela quisera me dar a identificação do assassino, mas não pôde, o que provavelmente queria dizer que tinha medo de ser ela própria assassinada. Por quem? Pelo padrasto? Talvez pelo homem chamado Jesião.

Ou talvez mesmo pelo seu pai verdadeiro.

Bina, sua mãe e seu tio, Freddi, estavam em casa à minha espera.

— Trouxe comida — disse eu à menina, passando-lhe o cesto que levava para cima.

Sentei-me na cama, exausto. Bina olhava alternadamente para a fruta fresca e para mim, encantada, como se eu fosse um mensageiro de Deus. Deu-me um beijo em cada face, e eu abracei-a, mas sentia-me ainda bem preso nas profundezas de tudo o que Irene me contara. O tio de Bina — um homem baixo, escuro e peludo, com a estrutura de um pugilista e um agradável cheiro de talco — desatou a chorar quando me disse que estava extremamente grato por poder se mudar lá para casa. A mãe de Bina se ajoelhou para recitar um discurso que decorara. Senti-me encurralado por aquelas esperanças fervorosas de uma vida melhor, por isso, quando a menina desceu até o pátio para ir buscar com o professor Engal o segundo cesto de comida, retirei-me para o quarto que tinha sido de Stefã e tranquei a porta. Deixara a minha lista de mortos em cima da almofada. Olhei fixamente os nomes durante muito tempo, na esperança de que se erguessem da página e me revelassem um pouco mais de tudo aquilo que precisava saber, mas não o fizeram.

Notas

* Na minha opinião, é uma declaração estranha da parte de uma jovem de 17 anos sobre o padrasto. Acho que teria sido mais natural ela dizer: “A melhor coisa que já aconteceu à minha família” ou “A melhor coisa que já aconteceu à minha mãe”. Seria possível que Erik estivesse colocando as palavras de outra pessoa na boca de Irene? Quem, e por quê?

** Jesião significa “freixo” em polonês. A fim de proteger este homem de quaisquer possíveis repercussões, Erik optou aqui por uma complicada troca de nomes que passa por um anagrama bilíngue, polonês-alemão. Levei algum tempo para descobrir a metodologia de Erik, e, depois de conseguir, descobri o nome com bastante rapidez, mas não o revelarei porque Jesião ainda tem uma loja em Varsóvia, embora já não seja na Krakowskie Przedmiescie.

Capítulo 24

DEPOIS DE PÔR ALGUNS ALIMENTOS para Izzy num dos cestos que Bina esvaziara, desci com ela até a rua, onde a menina me chamou um riquixá. Despediu-se de mim com um beijo terno; era óbvio que gostava de ter um benfeitor, mesmo que, de vez em quando, ele fizesse o papel de Lobo Mau no seu pequeno palco.

Izzy começou a dançar quando viu o que eu lhe levava; infelizmente para mim, fez os mesmos movimentos desengonçados que ensinara a Adam como sendo a dança da chuva dos índios.

— Onde você arranjou isso tudo? — perguntou, remexendo com os dedos ávidos nos vários tipos de queijo.

— Uma amizade nova — respondi.

Dei a ele os dois limões que enfiara nos bolsos. Izzy os pegou como se fossem os ovos de ouro da lendária gansa.

Enquanto ele fazia limonada, contei-lhe da minha sessão com Irene, terminando com a conclusão a que chegara — que ela sabia que pelo menos duas crianças do gueto tinham sido assassinadas.

— Izzy, não sei como, mas ela sabe quem está fazendo isto! — exclamei.

Ele fez diversas perguntas sobre as minhas conclusões — o que foi bom, no fim das contas, porque o fato de eu ter de repetir tantos pormenores ajudou-nos a descobrir novas possibilidades e perigos.

— Irene pode até ter feito uma falsa tentativa de suicídio só para convencer a mãe a mandar chamar você — especulou ele.

— Sim, é possível — respondi. — Ela me disse que cada um de nós pode desempenhar um papel ao impedir que aconteçam coisas piores no gueto, e mandar me chamar foi a sua maneira de ajudar: ela quer que eu use as pistas que me deu para encontrar o assassino.

Izzy e eu já estávamos, então, no segundo copo de limonada.

— Temos de ir à Krakowskie Przedmiescie e procurar um homem chamado Jesião — eu disse. — Irene deu a entender que com ele está a chave para a solução desses crimes.

— Mas não temos um endereço, e...?

— Amanhã — interrompi-o —, você e eu vamos atravessar para o Outro Lado. De manhã cedo.

Ele estava sentado à sua mesa de trabalho, e eu de pé, nervoso demais para me sentar.

— Pode ser uma armadilha — avisou ele.

— Não, não me parece. Irene mentiu para mim, mas só porque está aterrorizada, e para eu perceber que inventara uma parte do que me contou. Seja o que for que ela sabe, pode colocá-la em perigo. Não podia me contar mais do que contou sem arriscar não só a própria vida como a da mãe; sem *assassinar* a família dela. Por isso, deixou a mim a tarefa de identificar o assassino e fazer o que for preciso.

— Se isso for verdade, então você nunca mais vai ter notícias dela — disse Izzy, em tom de quem sabe o que está dizendo.

— Por quê?

— Porque já lhe contou tudo que podia.

— Só que a Sra. Lanik disse que ia esperar pela próxima ausência do marido, e então mandaria um carro vir me buscar.

— E se ela também tiver mentido? Pode ter ajudado a filha a planejar tudo. Talvez os pais dela não morem em Bordéus, afinal. Ela pode ter dito isso para você ficar sabendo que parte do que Irene lhe contou era inventado. E se o marido, ou o ex-marido, estiver de alguma forma envolvido nos crimes, é mais provável que tenha sido ela quem ouviu por acaso o que ele fez... ou talvez até mesmo a ter visto os corpos.

Enquanto eu refletia sobre o assunto, cortou quadrados de foie gras para nós. Pôs o meu sobre uma fatia de pão e comeu o dele sem nada, por causa dos seus dentes.

— Há mais uma coisa que preciso dizer a você antes de sairmos do gueto — eu disse. — Acho que Adam, Anna e Georg foram mortos por causa dos defeitos que tinham na pele.

— Defeitos? Do que você está falando? — perguntou ele.

— Lembra dos sinais de nascença atrás do tornozelo direito de Adam?

— Claro que sim, mas em que isso podia ser útil a alguém?

Expliquei o que me levava a acreditar que Rowy e um cúmplice fora do gueto podiam ser os responsáveis pela identificação das crianças a assassinar — possivelmente com a ajuda de Ziv.

— Desculpe, Erik, mas não acredito nessa — disse ele, lambendo os dedos para aproveitar o máximo do foie gras. — Rowy não diria a você que estava aterrorizado com a ideia de voltar a ser mandado para os trabalhos forçados se fosse essa a motivação dele para entregar três crianças aos nazistas.

— Provavelmente, não achou que eu fosse bom detetive.

— Pffftt! — riu-se ele, daquela forma gaulesa que adquirira quando vivia a bordo do *Bourdonnais*. — Quanto a Ziv, Ewa me contou que sai correndo cada vez que vê um rato aparecer na padaria.

— Mas no xadrez é capaz de planejar com dez lances de antecedência! Pode ter planejado tudo. — Foi então que uma possibilidade perversa me fez ter um sobressalto. — Ele tinha ciúmes de Adam. Meu Deus, queria tirar o menino da vida de Stefa!

— Mesmo que isso fosse verdade, coisa que não acredito, então por que ele mataria Anna e Georg?

— Não sei, mas não há dúvida de que ele se ofereceu para ajudar Rowy a encontrar mais meninos para o coro. E se fosse para poder identificar as crianças a assassinar?

— Confesso que parece suspeito, mas você bem viu como ele ficou arrasado com a morte de Stefa. Acha que é o tipo de pessoa capaz de planejar o assassinato de crianças?

— Escute, Izzy — eu disse, irritado por ele ter razão —, só sei que, depois de tentarmos encontrar o Jesião, temos de inspecionar muito bem o apartamento de Rowy e o quarto de Ziv na padaria. Precisamos descobrir qualquer coisa incriminatória. E rápido. Não há garantia alguma de que quem quer que seja responsável não vai mandar matar outra criança judia... e em breve.

Izzy ficou de olhos arregalados fixos na mesa, considerando essa terrível possibilidade; depois teve um sobressalto.

— Erik — disse ele —, e o que você diria se eu pudesse trazer o judeu cúmplice do assassino direitinho até nós?

Izzy e eu levamos minha escrivadinha e a minha velha máquina de escrever Mała para o quarto de Stefa. Concordamos no texto seguinte para o nosso bilhete: *Alguém descobriu nossas atividades, estamos em perigo. Preciso falar com você. Temos de nos encontrar fora do gueto o mais depressa possível. Apresente-se aos guardas na esquina da Leszno com a zelazna hoje à noite, exatamente às 19h30. Não tente me contatar. Os guardas dessa porta estarão à sua espera. Terá um carro lá fora, para trazê-lo à minha casa.*

Batemos três exemplares à máquina e os deixamos sem assinar. Colocamos os três, então, em envelopes, mas não escrevemos nenhum nome neles.

Quem quer que fosse o autor da morte de Adam, ficaria aterrorizado com a ideia de ser exposto como assassino e levaria o bilhete a sério, mesmo que não tivesse certeza absoluta de ser genuíno. Quanto aos que fossem inocentes, provavelmente acreditariam que o bilhete lhes fora mandado por engano — já que não tinha o seu nome escrito no envelope nem na carta — e ficariam bem longe dos guardas da Leszno com a zelazna.

Paguei a um rapaz que vendia braçadeiras bordadas com a estrela de Davi para levar a

carta a Ziv, na padaria, e Izzy pagou a uma senhora que vendia canecos de alumínio à porta do consultório de Mikael Tengmann para lhe levar pessoalmente o envelope.

Eu queria dar uma rápida olhadela no apartamento de Rowy antes de deixar lá o nosso bilhete. Ficava no térreo de um imponente prédio neoclássico, com colunas majestosas ladeando a porta de entrada, mas grande parte do telhado implodira, estando agora remendado com tábuas de madeira e restos de aniação.

Por sorte, encontrei o rapaz em casa, ensaiando o movimento lento do que me pareceu ser uma obra de Mozart. Aquele som cheio e quente pareceu dar forma à minha sensação de abandono. Não consegui suportá-lo mais do que um momento, e bati à porta.

Rowy acolheu-me calorosamente e voltou a pôr o violino no seu estojo forrado de veludo. Eu disse a ele que tivera um acesso de sorte e entreguei-lhe o caviar que a Sra. Lanik me dera — o preço necessário para deixá-lo à vontade. Ele insistiu em abrir a lata na mesma hora, e em fazermos um brinde com chalá para acompanhar. Sentei-me à sua mesa de trabalho, que estava cheia de partituras musicais. Ao meu lado havia uma bicicleta enferrujada encostada a uma cômoda de madeira — Izzy e eu começaríamos a procurar ali.

Um lençol cor-de-rosa pendia do teto, dobrado ao meio, escondendo a única janela.

— Há umas semanas, veio viver aqui um jovem casal com uma criança pequena — explicou Rowy.

Estava frio no apartamento, por isso ele pôs mais serragem no fogão. Enquanto comíamos, acabamos falando das condições em que vivíamos no gueto, uns por cima dos outros, e Rowy avisou-me que o Conselho Judaico começara a forçar moradores com quartos vazios a aceitar judeus que tivessem chegado recentemente das várias províncias. Com um gesto displicente da mão, interrompi-o:

— Izzy já me contou. Uma menina conhecida minha, chamada Bina, acabou de se mudar para lá com a mãe e o tio.

— Mais três pessoas ? Deve ser um inferno — disse ele, e, pela maneira como olhou para mim, percebi que não estava se referindo só ao fato de ter de partilhar minha casa com estranhos.

Não podia discutir minha vida íntima com um homem em quem não confiava, por isso fiz de conta que não percebera sua insinuação.

— Não tem problema, fico morando no quarto de Stefa — garanti-lhe.

Quando nos despedimos, ele me deu um beijo. Fiquei rígido, mas depois dei-lhe um beijo na face, para que ele não desconfiasse de nada. Depois de partir, esperei meia hora, voltei, enfiei o bilhete por baixo da porta e fugi.

Passava então ligeiramente das 17 horas. Izzy sugerira a porta da rua Leszno por haver ali perto um pequeno café de um amigo nosso e dali se poder ver todo mundo que entrasse ou

saísse do gueto. Encontramo-nos lá às 17h30. Sentamo-nos a uma mesa junto à janela, com os chapéus bem caídos na testa para não sermos tão facilmente reconhecíveis.

Às 19 horas, fomos lá para fora, para termos certeza de que não nos escaparia nenhum transeunte. Puxei o colarinho para cima e dei as costas para a rua para não verem meu rosto, bloqueando ao mesmo tempo Izzy de vista. Sempre que alguém se aproximava, ele espreitava rapidamente por cima do meu ombro para ver quem era.

Ficamos assim até as 19h45. A aproximação do toque de recolher já deixara a rua deserta. Um policial judeu nos disse que era melhor irmos para casa.

Saímos nos arrastando dali, cabisbaixos; não tínhamos conseguido pegar nem Rowy, nem Ziv, nem Mikael.

Seria possível que o cúmplice do assassino dentro do gueto fosse alguém em quem nem sequer tínhamos pensado?

Izzy e eu combinamos de nos encontrar na manhã seguinte na oficina dele, a fim de elaborarmos outro plano. Durante a minha breve conversa com Rowy, ele me disse que dera a Ewa uma cópia da chave do seu apartamento, e eu pretendia inventar uma desculpa para ela me emprestá-la.

Em casa, Bina me deu um prato com o meu jantar: uma perca prateada pousada sobre uma camada de alho francês salteado em *schmaltz*. Desde o Tempo de Antes que eu não via uma refeição tão bonita, e disse isso a ela. A menina tirou o avental e sentou-se comigo à mesa da cozinha, vendo-me comer com o sorriso feliz de um chef que vê a sua culinária apreciada. Depois de algum tempo, pôs as mãos no colo, com vontade de dizer o que se passava em sua alma mas receosa de que eu gritasse com ela. Acariciando-lhe o rosto, eu disse:

— Escute, Bina, você é uma menina maravilhosa, mas não se afeiçoe a mim.

— Mas por quê, Dr. Cohen?

— Porque, de uma maneira ou de outra, vou sair daqui o mais depressa que puder, e não posso levá-la comigo.

O sentimento de culpa por tantas más escolhas que fizera ao longo da vida levou-me até a janela de Stefa naquela noite, a fim de olhar para as estrelas que ainda conseguiam penetrar o véu lúgubre que pairava sobre a cidade. Fiquei fumando meu cachimbo até bem depois da meia-noite, grato pela escuridão e o silêncio — e o conforto de um bom tabaco.

Um primeiro tiro de pistola acordou-me da minha semissonolência. Pensei que a explosão saíra de um sonho. Mas, depois, um segundo tiro ressoou secamente na parede. Bina e a mãe começaram a gritar. Levantei-me da cadeira e abri a porta do meu quarto. Tio Freddi estava caído no chão, e uma rosa escura desabrochava em seu peito.

Capítulo 25

COLOQUEI AMBAS AS MÃOS SOBRE o ferimento de Freddi e pressionei com toda força, mas o sangue saía em jorros, escorrendo-lhe pelo peito nu até o chão. A mãe de Bina fitava com olhos arregalados o irmão e gritava seu nome em voz aguda.

— Acenda a luz! — gritei, mas ela não se moveu.

Bina estava ao meu lado, de joelhos, tapando a boca com as mãos. Quando insisti com ela que precisava de mais luz, pôs-se de pé de um salto e puxou o fio do candeeiro junto à cama.

O ferimento de Freddi era profundo. O assassino devia ter pegado uma artéria, porque o sangue jorrava como vinho de um barril. O calor daquela vida a pulsar erraticamente sob minhas mãos me fez estremecer. Seus olhos estavam abertos, mas não viam nada que pertencesse ao nosso mundo.

— Agente firme, vamos chamar ajuda — disse-lhe eu, mas sabia que era tarde demais.

Olhei para Bina. Os olhos dela — iluminados por um terror sombrio — tinham acabado de apreender a iminência da morte do tio.

— Conseguiu ver quem deu o tiro? — perguntei à menina, mas, enquanto falava, ela virou-se para a porta de entrada; tinham acabado de aparecer vizinhos.

Quando senti o peito de Freddi baixar sob minhas mãos, levei os dedos ao seu pulso e tentei senti-lo, mas já tinha desaparecido.

* * *

Enquanto o professor Engal examinava o corpo do Freddi, Ida Tarnowski tentava acalmar a mãe de Bina, mas ela não parava de empurrar a simpática senhora, recusando os seus cuidados. Fugi daquele caos para o banheiro e comecei a lavar repetidamente as mãos, mas não conseguia tirar o sangue das unhas, porque o sabão do gueto em contato com a água

transformava-se numa papa inútil. Minhas pernas tremiam, por isso encostei-me contra a parede, olhando para as costas das minhas mãos retorcidas e nodosas e perguntando-me se algum dia iria deixar de sentir a vida de Freddi latejando dentro delas. Depois chamei Bina ao banheiro e limpei seu rosto, que estava todo salpicado de sangue. O corpo dela curvou-se sobre si próprio assim que o toquei, como o de uma criança pequena, por isso sentei-a na borda da banheira.

— Conseguiu ver quem fez isto? — perguntei-lhe.

Ela ergueu os olhos para mim como se não conseguisse encaixar na mente o que acontecera.

— Leve o tempo que for preciso — eu disse.

— Foi um homem — respondeu. — Mas... mas estava escuro demais para ver o rosto.

Ela tremia, por isso tirei o casaco e coloquei-o sobre seus ombros.

— Que idade teria esse homem? — perguntei.

— Não sei dizer.

— Do que se lembra dele?

— Era pequeno. Talvez só um pouco mais alto do que eu.

Calculei que Bina tivesse cerca de 1,57 metro.

— E você o viu disparar contra o tio Freddi? — perguntei.

— Só o segundo tiro. O primeiro... me acordou. Talvez tenha dado um tiro na fechadura. Não tenho certeza. — Os olhos dela focaram-se no que se passava em sua mente. — Depois eu o vi, e sabia que estava acordada, mas não entendi... pensei que talvez fosse o senhor que tivesse entrado na sala. — Dirigiu-me um olhar inquiridor, como se esperasse que eu lhe confirmasse que não estivera lá.

— Eu estava no quarto da minha sobrinha dormindo — afirmei brandamente.

— Sim, eu sei. Tio Freddi... vi-o de pé junto à cadeira onde estava dormindo. Falou com o homem. Acho que lhe perguntou: “O que quer?” Talvez tenha pensado também que o intruso era o senhor. Depois ouvi um segundo tiro, e o tio Freddi caiu. E depois o homem fugiu e o senhor estava segurando meu tio, e minha mãe começou a gritar...

Apertei Bina contra mim enquanto ela soluçava. Quando conseguiu falar outra vez, perguntei:

— Freddi fazia contrabando?

— Não vejo como. Os alemães só o transferiram para o gueto há duas semanas. As únicas pessoas que conhecia aqui eram eu e minha mãe.

O professor Engal e outro homem carregaram o corpo de Freddi para o pátio. A mãe de Bina foi com eles, para velar o corpo do irmão. A menina quis acompanhá-la, mas a mãe disse-lhe:

— Há algumas coisas que preciso dizer ao seu tio a sós.

Vi tanta desilusão nos olhos de Bina que a guiei de volta para a cama, cobrindo-a com um cobertor.

— Deite-se aí, enquanto eu faço um chá de urtiga para nós dois — falei.

Antes disso, contudo, fui até a porta de entrada. A fechadura estava intacta, o que significava que ambos os tiros que ouvira tinham sido disparados contra Freddi. E, contudo, eu só vira um ferimento; o assassino devia ter falhado na sua primeira tentativa, o que significava que, provavelmente, não se tratava de um profissional.

Mais importante ainda, devia ter usado uma chave para entrar. Só Ewa e Izzy — e agora Bina — tinham cópias.

Depois de nos sentarmos juntos para beber o chá, Bina jurou-me que carregava a chave no bolso desde que a recebera de Izzy e não a emprestara a ninguém. Depois de ter lhe garantido que acreditava nela, começou a falar sobre o tio numa voz frágil e vacilante, como quem vai buscar detalhes num passado distante. Contou-me que ele escrevera um argumento de roteiro para Conrad Veidt e que se encontrara com o ator no hotel Adlon em Berlim, na primavera de 1939, para discutir alterações.

Ela precisava que eu compreendesse que o tio dela estivera prestes a transformar-se num roteirista célebre — e que era insubstituível.

No mínimo dos mínimos, devemos aos nossos mortos o estatuto de pessoa única, como é óbvio.

— Tio Freddi tinha prometido escrever um papel para mim, quando eu fosse mais velha — disse.

— Então quer ser atriz? — perguntei.

— Não — respondeu ela —, queria ser bailarina antes de irmos para cá. Mas tio Freddi ficava tão contente quando nos imaginava juntos em Berlim que não quis tirar-lhe esse prazer.

Percebi, pela forma como Bina falava com os olhos perdidos na distância, que ia escrever um futuro inteiro para o tio nas semanas e meses seguintes: mais um filme que nunca seria feito.

Enquanto eu ia até a janela para ver o que se passava no pátio, Bina dirigiu-se à cozinha com ar decidido e voltou com uma panela cheia de água com sabão e uma escova.

— Não, nem pense! — disse-lhe eu. — Você precisa descansar!

— Não, tenho de limpar — respondeu ela, e pôs-se de joelhos, começando a esfregar as manchas de sangue no chão. Em breve começou a chorar de novo, por isso obriguei-a a se pôr de pé, levei-a de volta para a cama e disse-lhe que dormisse. De vez em quando ela abria os olhos, para ter certeza de que eu continuava sentado perto dela.

— Estou aqui — eu lhe dizia baixinho.

Quando se deixou cair no sono, comecei a acariciar levemente seu cabelo. Notei a suavidade do pescoço e as curvas ensombradas das faces. Notei a forma como seu peito subia,

depois subia de novo antes de descer, como se estivesse lutando contra a sua própria resistência à vida.

E, depois de notar essas coisas, afastei-me.

Peguei um riquixá até a oficina de Izzy poucos minutos depois das 8 horas. Ele veio à porta no seu casaco de inverno, mas com o pijama por baixo. Percebendo pelo meu rosto que tivera uma noite ruim, segurou meu braço.

— O que aconteceu? — perguntou, levando-me para dentro.

Quando lhe contei de Freddi, empalideceu. Obriguei-o a sentar-se à sua mesa de trabalho, onde antes estava bebendo café em uma tigela.

— E mais ninguém foi ferido? — perguntou.

— Não. Escute, você deu a chave do apartamento de Stefa a alguém?

— Claro que não — respondeu, na defensiva. — Fiz só uma cópia para Bina.

— Então foi Ewa quem deu nossa chave a alguém. Ou talvez Stefa.

— Como sabe?

Sentei-me ao lado dele e bebi um gole rápido do seu café, mas era fraco demais para me fazer qualquer efeito.

— A fechadura da porta não levou qualquer tiro. O assassino de Freddi entrou com chave.

— Alguém pode tê-la roubado de Ewa só o tempo suficiente para mandar fazer uma cópia — especulou Izzy. — Ziv trabalha com ela, pode facilmente ter feito isso. Por isso, talvez você tenha razão em relação a ele. Talvez tenha saído de Łódź para fugir da polícia ou qualquer coisa desse gênero.

— Só que Mikael também pode tê-la pegado de Ewa. Embora tenha me deixado ver o prontuário de Adam, coisa que não acredito que fizesse se estivesse envolvido nos crimes.

— Pobre Freddi — suspirou Izzy. — Deve ter criado inimigos ferozes num abrir e fechar de olhos.

— Freddi? Mas isto não tem nada a ver com ele! A bala que levou no peito era para mim.

— Como pode ter tanta certeza?

— Só você e eu é que sabíamos que a família de Bina se mudou para lá ontem. Embora... — Lembrando-me da conversa que tivera com Rowy na tarde anterior, interrompi-me na metade da frase.

— O que foi? — perguntou Izzy.

— Ouça o meu raciocínio e veja se tenho razão... O assassino fora do gueto e o seu cúmplice judeu devem ter pensado que eu continuava morando sozinho. Um deles veio para me dar um tiro, ou então, mais provavelmente, mandou outra pessoa fazê-lo. Essa pessoa entrou em pânico quando viu duas mulheres e um homem na sala. Estava escuro, e ele partiu do princípio que o homem era eu. O primeiro tiro falhou, o que pode significar que não se

tratava de um assassino profissional. Provavelmente ainda vamos descobrir a bala alojada em algum ponto da parede. De qualquer forma, o fato de querer se ver livre de mim significa que nosso bilhete convenceu Mikael, Rowy ou Ziv que estávamos no seu enalço.

— Então acha que a pessoa que enviou o assassino sabia que o que escrevemos era inventado, e que não fora mandado pelo seu cúmplice fora do gueto?

— Sim, embora eu não saiba como. De qualquer forma, assim como sabia que o bilhete não era genuíno, também sabia que só podia ter sido eu a mandá-lo.

— Não estou seguindo o seu raciocínio.

— Porque só eu é que tenho investigado o assassinato de Adam! Só podia ter sido eu. Mas ouça, Izzy, isto também significa que Rowy não pode ser culpado.

— Por quê?

— Porque, quando estive com ele ontem à tarde, avisou-me que o Conselho Judaico podia obrigar-me a aceitar inquilinos, e eu disse a ele que Bina e a família já tinham se mudado para lá, e que eu estava dormindo no quarto de Stefa. Se tivesse mandado um assassino à minha casa, teria dito a ele que atravessasse a sala e entrasse no quarto, pois era lá que eu estava dormindo.

— A menos que o assassino tenha entrado em pânico e não tenha seguido as instruções de Rowy. Você mesmo disse que podia não ser um profissional.

— É verdade, mas depois de o primeiro tiro abater o Freddi, teria ido ao quarto para me matar.

— O que faz de Ziv o nosso principal suspeito. Temos de descobrir como é que ele soube que o nosso bilhete era uma armadilha.

Izzy e eu ficamos ali trocando especulações improváveis um com o outro, insatisfeitos e irritáveis, até que alguém bateu à porta. Izzy foi buscar a arma na caixa de ferramentas. Quando fez sinal para eu me esconder, esgueirei-me por trás da cortina que escondia o vaso sanitário e o lavatório.

— Quem é? — perguntou Izzy através da porta.

Não ouvi a resposta, mas ouvi o ranger da porta ao se abrir.

— Erga as mãos acima da cabeça e tire o sobretudo! — ordenou Izzy ao nosso visitante.

— Infelizmente não consigo tirar nada com as mãos para cima — retorquiu o homem em tom divertido.

Reconheci imediatamente sua voz e saí do meu esconderijo. Izzy apontava a arma para Mikael, que arregalava os olhos como se aquilo fosse uma cena ruim de uma farsa ídiche.

— Que tal dizer ao seu zeloso amigo que baixe a arma, antes que alguém se machuque? — pediu.

— Ele pode ter uma arma — lembrou-me Izzy.

— Está maluco? — disse Mikael, abanando a cabeça, e baixou os braços com um suspiro.

— Tire o sobretudo e jogue-o no chão — eu lhe ordenei. — Preciso revistar seus bolsos.

— Erik, estou aqui para ajudá-lo! — declarou ele.

— Faça o que eu mandei.

Deixou cair os ombros, como se estivéssemos deixando-o exausto, mas a essa altura já percebera que estávamos falando sério, e fez o que eu lhe dizia. Depois de verificar que não havia nos bolsos qualquer faca ou pistola, coloquei o sobretudo sobre a mesa de trabalho de Izzy. Depois aproximei-me de Mikael e confirmei que também não trazia arma.

— Espero que se sinta ridículo! — disse-me em voz ofendida, enquanto eu apalpava sua calça.

— Sentir-se ridículo é sinal de que se está vivo — respondi.

— Talmude, Torá ou Groucho Marx? — perguntou. E foi o seu humor absurdo que fez passar minha desconfiança.

— Desculpe — disse, e fiz sinal a Izzy para guardar a arma.

Izzy e eu ficamos sentados em frente a Mikael, que me lançou um olhar perturbado.

— Ewa mandou me dizer o que aconteceu ao seu novo inquilino — começou. — Disse que uma menina chamada Bina lhe contou que tinha vindo aqui. Preciso lhe mostrar uma coisa. — Com uma careta, acrescentou: — Acho que talvez eu devesse ter lhe mostrado isso antes.

Tirou do bolso uma folha de papel dobrada.

— Quero que saiba que estou arriscando muita coisa ao mostrar-lhe isto. — E passou o papel para minha mão.

O bilhete estava escrito à máquina: *Se disser a Erik Cohen alguma coisa que lance suspeitas sobre mim, nunca mais verá sua neta viva.*

Não havia assinatura. Mas muitas das letras eram pouco nítidas — como se tivessem sido feitas com uma máquina de escrever defeituosa.

— De quem é isto? — perguntei a Mikael.

— Não tenho certeza — respondeu —, mas deve ser do responsável pela morte de Adam. Talvez de Rowy. Como nós dois já concluímos, ele é o elo comum entre Adam e Anna.

— Quando o recebeu?

— Há três dias. Só estou lhe mostrando porque tenho medo de que outra criança seja morta. Embora, para ser bem franco, eu nunca teria ido à sua casa para mostrar-lhe.

— Mas por quê?

— Acho que Rowy mandou alguém me seguir. Já por duas vezes vi um homem no meu encalço.

— E como ele era? — perguntou Izzy, pensando sem dúvida, tal como eu, que podia ter sido o mesmo homem que matara Freddi.

— Novo. Talvez uns 30 anos. Pequeno, magro...

— De que altura?

— Não sei. Talvez cerca de 1,55 metro.

Izzy e eu trocamos um olhar entendido.

— E que mais? — perguntei.

— Nada. Das duas vezes que reparei nele, já tinha caído a noite. Não vi seu rosto. De qualquer forma, desta vez peguei um riquixá para vir aqui, e dei ordem ao condutor para fazer um percurso em zigue-zague. Acho que ninguém conseguiu me seguir.

— Mas por que Rowy teria medo do que pudesse contar ao Erik? — perguntou Izzy.

— Não sei. Deve saber que sei qualquer coisa sobre ele que provaria sua culpa. — Mikael estendeu a mão por cima da mesa e apertou a minha. — E é por isso que nunca pode contar a ninguém essa história do bilhete, nem que eu vim falar com você.

— Ninguém vai saber, nunca — garanti-lhe.

— E você? — perguntou Mikael a Izzy, que anuiu, concordando.

Devolvi-lhe o bilhete.

— Agora que já o mostrei a você, quero destruí-lo — disse Mikael, puxando o cinzeiro de vidro de Izzy para junto de si. — Até parece que carrego uma bomba no bolso.

Amassando o papel até fazer uma bola, aproximou o isqueiro e deixou-o cair no cinzeiro.

Fiquei vendo as chamas erguerem-se do papel como se estivesse participando de um ritual que nos unisse, nós três, num feitiço.

— Há um problema — disse eu a Mikael. — A pessoa responsável por ter identificado Adam e Anna a um alemão ou um polonês fora do gueto pode não ser Rowy. Pode ser Ziv.

— Ziv? — riu-se ele. — Não, é impossível. Ele é tão... tão inofensivo. E Ewa o adora. São como irmãos.

— Ziv prontificou-se a ajudar Rowy a escolher crianças para o coro. E é suficientemente esperto para ter planejado os crimes. Na verdade, contou-me uma vez que é capaz de planejar uma partida com 12 lances de antecedência.

— Mas o que ele poderia ganhar com o assassinato de crianças judias?

— Não sei.

— Imagine que o bilhete que recebeu é de Ziv e não de Rowy — sugeriu Izzy a Mikael. — Há alguma coisa que ele não queria que nos contasse, ou à polícia?

Ele ficou olhando para um ponto perdido durante algum tempo, considerando várias hipóteses, e depois abanou a cabeça.

— Não consigo pensar em nada.

Izzy e eu interrogamos longamente Mikael sobre Ziv, mas nada do que ele revelou parecia incriminatório, até que contou que, quando o jovem tivera uma consulta com ele, lhe contara que a mãe ainda era viva e vivia em Łódź.

— Então ele não é órfão? — perguntei, estupefato.

— Não, Ziv me contou que todos os meses manda dinheiro à mãe. Fez-me prometer que não contaria a ninguém, porque ela desobedeceu aos alemães e nunca chegou a se mudar para o gueto. Está morando clandestinamente na parte cristã de Łódź, com uma família a quem paga, e, quando falei com ele, seu dinheiro estava acabando. A situação estava ficando

desesperadora.

— Quando foi isso? — perguntou Izzy.

— No início de janeiro. Teria de verificar minhas fichas médicas para ter certeza, ver quando foi que ele veio à consulta.

— Como ele faz chegar o dinheiro à mãe? — perguntei.

Mikael deu de ombros.

— Isso é importante?

Quando olhei para Izzy, ele disse a Mikael exatamente o que eu estava pensando:

— Ele precisaria da ajuda de um polonês ou alemão fora do gueto para ter certeza de que o dinheiro chegaria às mãos dela!

Demos instruções a Mikael para voltar ao consultório, e dissemos a ele que entraríamos em contato ainda naquele mesmo dia. Saiu da oficina pela porta de trás.

Ewa e Ziv estavam trabalhando quando entramos na padaria. Levamos Ewa lá para fora, para o pátio. Ela jurou que nunca emprestara a chave de Stefa a ninguém, o que significava que Ziv a tirara da carteira dela e fizera uma cópia.

— Fique aqui — ordenei a ela.

— Mas por quê?

— Não quero que corra riscos.

Voltamos a entrar. Ziv estava amassando pão sobre um balcão, com um saco de papel na cabeça, coberto de farinha branca dos pés à cabeça. Pedi-lhe que entrasse conosco no quarto dele.

— O que o senhor quer, Dr. Cohen? — perguntou, recuando e com ar amedrontado, sentindo, sem dúvida, que bem podia ter de sair correndo por trás de mim para conseguir fugir.

— Faça o que eu disse — falei, gozando o poder que sentia sobre ele. — Preciso perguntar uma coisa a você.

Seus olhos encheram-se de lágrimas.

— O que... o que foi que eu fiz? — gaguejou.

— Isso é o que vamos descobrir — respondi.

A essa altura, todos os trabalhadores da padaria tinham formado uma roda à nossa volta, com exceção de Ewa. Ziv continuou sem se mexer, mas desviou o olhar por um momento, tempo suficiente para um experiente jogador de xadrez como ele planejar uma estratégia.

— Entre no quarto! — disse-lhe eu com aspereza, decidido a interromper seu raciocínio.

Tirando o saco de papel da cabeça, o rapaz virou-se e foi andando, arrastando os passos. Sacos de farinha empilhavam-se ao longo da parede dos fundos do armazém onde ele vivia, e nas prateleiras de madeira alinhavam-se latas e frascos. Fechei a porta atrás de nós e dei a

volta a chave.

A cama de Ziv estava coberta por um cobertor amarelo-vivo. Sobre a almofada descansava o tabuleiro de xadrez de alabastro. Na parede da esquerda estava pregada a fotografia de um elegante jovem de smoking, autografada a caneta azul pelo campeão de xadrez Emmanuel Lasker. Por baixo encontrava-se uma velha arca de madeira. Comecei a procurar ali.

— O que está procurando? — perguntou Ziv em voz tênue e apreensiva.

Não respondi. Comecei a procurar na sua roupa íntima.

— Se me disser — continuou ele —, eu dou ao senhor. Quer o dinheiro que consegui poupar? Dou-lhe tudo que tiver.

Continuei à procura de provas, jogando no chão as roupas que já examinara.

— Acho... acho que já entendi — disse o rapaz, mas numa voz tão vacilante que olhei para ele. Estava sentado na beirada da cama, quieto, como se tivesse medo de fazer qualquer barulho. — Meu Deus, que idiota eu fui, Dr. Cohen.

Aquele comentário me surpreendeu. Sustentando meu olhar, Ziv disse:

— Eu devia ter imaginado. Fiz tudo errado.

— O que é que você devia ter imaginado?

— O que o senhor procura está ali atrás — disse ele com ar fúnebre, apontando para a fotografia de Lasker.

Ziv estava chorando outra vez — e sem fazer ruído. Era um excelente ator, mas isso eu já sabia.

Um dos funcionários da padaria devia ter ido chamar Ewa. Ela começou a bater à porta com toda força, chamando-me aos gritos.

— Vá embora! — gritei. Virando-me para Izzy, disse: — Mantenha a arma apontada para ele.

Preso com durex na parte de trás da fotografia estava um envelope branco. Abri-o. De dentro caiu uma fina corrente de ouro com uma medalhinha de esmalte com a imagem de Nossa Senhora.

Esperava ser invadido por uma onda de indignação ou fúria quando encontrasse o homem que traíra Adam; em vez disso, ter na mão o cordão de Georg me deu a sensação de ter sido conduzido através de Varsóvia por uma vontade que não era a minha.

Encostei-me à parede e respirei fundo. Na boca tinha gosto de metal, como se tivesse engolido ferrugem.

Ewa continuava batendo à porta e me chamando. O barulho e o calor oprimiam-me. Odiei Ziv por me obrigar a matá-lo.

— Não é meu, juro — disse o rapaz, agitando freneticamente as mãos. — Tem de acreditar em mim!

— Sei bem de quem é! — gritei. — Pertence a um menino chamado Georg, um

malabarista de rua. Tenho certeza de que se lembra dele.

— Não me lembro de nada — replicou ele, numa espécie de gemido. — Achei o cordão no meu quarto há dois dias.

— Quem o pôs aqui? — quis saber Izzy.

Ziv virou-se para ele e juntou as mãos.

— Não sei. Perguntei a todos aqui na padaria se era de alguém, mas ninguém confirmou. Pode perguntar a eles. Pergunte a Ewa! Por isso, decidi ficar com ele até alguém vir reclamá-lo.

— Não consegue inventar uma história melhor? — perguntou Izzy.

— O que lhe deram em troca de Adam? — exige saber.

Ziv olhava alternadamente de mim para Izzy, aflito. Não encontrando em nossa expressão qualquer sinal de compaixão, baixou os olhos e segurou a cabeça nas mãos, como se quisesse impedir os pensamentos de sair. Aquela representação talentosa só serviu para me enfurecer ainda mais.

— O que você recebeu pelo meu sobrinho?! — perguntei de novo.

— Não fiz mal nenhum a Adam! Meu Deus, nunca seria capaz de lhe fazer mal! Stefa amava-o mais do que a tudo no mundo.

— Me dê a pistola — disse eu a Izzy. Ele obedeceu. Apontei-a para a cabeça de Ziv. — Diga a verdade! — ordenei-lhe.

— Deixe-me pensar! — implorou o jovem. — Dr. Cohen, agora que sei que alguém me armou uma armadilha, sou capaz de descobrir o fio da meada. Sou bom em descobrir esse tipo de coisas. O senhor bem sabe que sou!

Encostei o cabo da arma em sua têmpora.

— Isto não é um jogo, seu filho da puta! Quem é o seu cúmplice fora do gueto?

— Não conheço ninguém fora do gueto — insistiu ele, e segurou no meu braço para me implorar, mas eu o sacudi com violência.

Uma chave girou na porta. Ewa abriu-a e encarou-me.

— Se fizer mal a Ziv, vai lamentá-lo para o resto da vida.

— Não tenho o resto da vida — repliquei.

— Mesmo assim, é a mim que devia apontar a arma, não a ele.

Capítulo 26

— QUANDO MEU PAI E eu nos mudamos para o gueto, passou a ser muito difícil conseguirmos insulina para Helena — disse Ewa, virando-se para mim e para Izzy. Sentada ao lado de Ziv, ia massageando sua mão para acalmá-lo e para dar a si própria coragem para me contar o que sabia. Seus lábios tremiam, e não conseguia me encarar. Desviava constantemente o olhar; era óbvio que daria tudo para não ter de estar ali. — E também passou a ser mais caro — continuou. — Estávamos ficando desesperados, mas no início de janeiro meu pai disse-me que o seu fornecedor alemão lhe prometera conseguir insulina a troco de quase nada. Bastava encontrarmos crianças judias para fotografar. O amigo do meu pai fazia pesquisa médica e acabara de se mudar para Varsóvia. Era um médico alemão que meu pai tinha conhecido em Zurique. Disse a meu pai que tinha teorias sobre os judeus baseadas na pele deles, mas nunca vim a saber exatamente o que ele queria dizer com isso.

Era Ewa quem estava abrindo a porta final daquele mistério — a mais calada de nós todos.

— Seu pai disse o nome desse homem? — perguntei.

— Tenho tentado me lembrar. Com certeza o ouvi dizê-lo.

— Tem de ser Rolf Lanik, ou Werner Koch. Pense bem, Ewa.

— Esses nomes parecem chegar perto, mas... Poderia ser Kalin... ou talvez Klein?

Ewa olhou-me com grandes olhos interrogadores, mas fechei os meus — de gratidão, porque percebi de repente a razão pela qual tinham posto um fio na boca de Adam e um pedaço de gaze na mão de Georg. E também que serviam para identificar o assassino. Embora continuasse sem saber quem me dera essas pistas. Teria Irene, ou a mãe dela, sido suficientemente brilhante para deixá-las lá?

Saber quem era o assassino também me ajudava a entender por que seu cúmplice dentro do gueto não se deixara convencer pelo nosso bilhete que lhe pedia para ir à porta da rua

Leszno.

E, contudo, foi então que um primeiro remorso trespassou meu entusiasmo: se ao menos eu tivesse percebido mais cedo que o *Rolf* que assinara as fotografias dos Alpes penduradas na parede do consultório de Mikael era Rolf Lanik, um talentoso menino que fazia malabarismo com meias enroladas para ganhar seu sustento ainda estaria vivo.

— Está se sentindo bem, Dr. Cohen? — perguntou-me Ewa, e Izzy segurou-me pelo ombro.

— Sim, estou ótimo. Continue.

— Esse investigador amigo do meu pai queria fotografar defeitos de pele, especialmente em crianças — continuou Ewa. — Ficamos ambos tão aliviados por ter a ajuda dele! Por isso, quando meu pai examinou Anna e reparou que ela tinha uma mancha na mão, disse-lhe que fosse a um endereço fora do gueto, onde receberia 150 zlotys por deixar um médico tirar uma fotografia dela. Meu pai não fazia ideia de que iam matá-la. — Ewa sustentou meu olhar. — Não sabia. Jurou-me que não sabia.

— Acredito em você — eu disse, mas não acreditava no pai dela.

— Anna contou ao meu pai que, de qualquer forma, ia ter de sair do gueto às escondidas, por isso não lhe pareceu fazer qualquer diferença — continuou Ewa. — Ele só começou a achar que podia ter acontecido alguma coisa ruim quando ela faltou ao aborto que tinha marcado. Mais tarde, veio a saber pelos pais dela que Anna tinha sido assassinada.

Virei-me para Izzy.

— Depois de ter sido enxotada pela Sra. Sawicki, Anna deve ter ido ao endereço que Mikael lhe dera.

— Arriscou tudo porque precisava do dinheiro para pagar os amigos — observou ele com tristeza.

— Meu pai confrontou o tal amigo fotógrafo — continuou Ewa —, mas ele jurou que não fizera mal a Anna, que ela devia ter sido assassinada depois de ir ao estúdio dele tirar a fotografia e de ter recebido o respectivo pagamento. Meu pai tinha certeza de que ele estava dizendo a verdade. Depois, Rowy escolheu Adam para o coro, e meu pai reparou nas marcas de nascença quando o examinou, embora na época eu não soubesse disso. Pelo visto, meu pai foi lá uma tarde visitá-los nos bastidores depois de um ensaio e disse a Adam que, se alguma vez fugisse do gueto, devia ir a um lugar onde tirariam uma fotografia da sua perna, porque assim receberia 150 zlotys.

Aquilo fazia sentido; Adam devia ter confiança em Mikael, por causa da raiz-forte que ele lhe dera.

— Com esse dinheiro todo — disse eu a Ewa —, Adam deve ter pensado que poderia comprar carvão suficiente para manter Gloria quentinha até a primavera.

— Lamento tanto — disse ela, desatando a chorar.

Não senti pena; aquelas lágrimas vinham tarde demais para fazer qualquer diferença.

— Qual era o endereço? — perguntei, impaciente.

Ela enxugou os olhos.

— Não tenho certeza. Lá para os lados da Krakowskie Przedmiescie.

Izzy olhou para mim com ar entendido.

— Temos de encontrar Jesião — disse ele.

Ziv passou o braço sobre o ombro de Ewa, o que só fez com que ela começasse a chorar de novo.

— Por favor, continue, Ewa — implorei. — Cada momento que passa põe mais uma vida em perigo.

— Depois de saber o que acontecera a Adam — recomeçou ela —, lembrei-me de ter visto as marcas de nascença dele uma vez, quando Stefa estava vestindo o filho para a escola. Quando pensei que meu pai podia ter sido responsável... um terror negro tomou conta de mim.

Ewa baixou os olhos, mergulhando na própria culpa.

— Na manhã do funeral de Stefa, confrontei finalmente meu pai. A princípio ele mentiu e disse que não tinha falado com o seu sobrinho, mas depois, quando o ameacei de nunca mais ver Helena se não me dissesse a verdade, admitiu que sugerira a Adam que fosse visitar o fotógrafo na Krakowskie Przedmiescie, mas só quando ainda pensava que o amigo era inocente. Meu pai prometeu-me não mencionar as tais fotografias a mais nenhuma criança e que nunca mais falaria com o amigo. Por isso é que não fui contar isso ao senhor, nem à polícia. Devia ter ido. Agora sei. Perdoe-me, Dr. Cohen. — Virou-se para Ziv, apertando a mão dele. — E perdoe-me por ter posto a sua vida em perigo — disse a ele. — Já o iam matando, e a culpa foi minha.

— Não faz mal — respondeu Ziv. — Agora estou bem. E você só estava tentando proteger Helena e seu pai.

Ewa meneou a cabeça, como quem diz que ele era bondoso demais para ela. Virando-se outra vez para mim, disse:

— Depois que Stefa morreu, eu não conseguia encará-lo. Desculpe. E meu pai... não tinha confiança total nele, por isso disse-lhe que não queria mais sua ajuda para arranjar insulina. Mas era difícil conseguir outro fornecedor regular, e Helena entrou em choque e quase morreu. Por isso meu pai voltou a me ajudar, mas prometeu que não ia mais recorrer a esse amigo para obter insulina. Agora tem outra fonte; uma fonte segura e confiável.

— Não, isso não pode ser verdade — eu disse. — E acho que seu pai tem mentido para você desde o princípio.

— Por que diz isso?

— Outro menino que foi morto recentemente. Conte com frieza, lamentando ela não ter ido me contar tudo mais cedo. — Foi assassinado após a morte de Stefa, e removeram pele de um quadril seu.

Ela sacudiu a cabeça, incrédula.

— Que menino foi morto?

Ergui o cordão com a Nossa Senhora à altura dos olhos dela.

— O dono disto — falei. — Chamava-se Georg. Rowy ou Ziv devem tê-lo recrutado para o coro. Fazia malabarismo com meias e cantava velhas canções iídiches.

— Não fui eu — disse Ziv, aflito. — Dr. Cohen, tem de acreditar em mim. Deve ter sido Rowy que o descobriu.

— Acredito — respondi. — Lamento ter duvidado de você. E eu nunca deveria tê-lo feito passar por isto.

— Não faz mal, eu compreendo — disse ele, com um sorriso simpático.

Eu quase o matara, e ele sorria como se a nossa amizade fosse mais forte do que nunca.

— Ewa, seu pai deve ter decidido que não podia correr o risco de Helena entrar outra vez em choque diabético. Ele continua mandando crianças ao seu amigo fotógrafo.

— Não, ele jurou que não o faria! — respondeu ela num tom desesperado.

— Há outras coisas que você precisa saber sobre seu pai — disse-lhe eu, amargo. — Ele deve ter percebido que eu estava perto de descobrir o que ele tinha feito, por isso pagou a alguém para me dar um tiro. Mas não sabia que eu tinha inquilinos novos dormindo lá em casa. Por isso, o assassino matou o homem errado.

— Não parece...

— Possível? — interrompi com brusquidão. — Não está percebendo? Ele vai fazer de tudo e mais alguma coisa para manter vocês vivas, você e Helena, e para não ser pego. Até tentou incriminar Rowy e Ziv; não lhe importava qual fosse. Deixou aqui o cordão de Georg, e apostou que deixou os brincos de pérola de Anna na casa de Rowy. Ziv diz que encontrou o cordão há dois dias, o que quer dizer que seu pai sabe pelo menos desde então quem são meus principais suspeitos. Embora eu não consiga entender como.

— Talvez eu tenha deixado escapar alguma coisa no funeral de Stefa — observou Izzy, pesaroso.

— Se for por isso, também pode ter sido eu — disse. — E, mesmo antes de virmos aqui, seu pai me trouxe um bilhete; uma ameaça que ele alega ter recebido. O bilhete dizia que, se algum dia revelasse alguma coisa sobre o assassino, nunca mais veria Helena. Era parte do plano dele para desviar as suspeitas. Até deu a entender que estava sendo seguido pelo mesmo homem que tentou me matar.

— Não compreendo — respondeu ela. — De quem era o bilhete?

— Ele quis nos fazer acreditar que era de Rowy, mas não era. Foi seu próprio pai que o escreveu. — Virei-me para Ziv. — Depois de perceber que eu suspeitava de você e de Rowy, revelou astutamente que você tinha contado a ele que precisava de dinheiro extra para mandar para a sua mãe, que estava vivendo clandestinamente fora do gueto de Łódź. Disse aquilo de passagem, como se não percebesse o que isso implicava. E o toque perfeito foi levar Izzy e eu a chegarmos à única conclusão óbvia sobre você.

— Então, o senhor pensou que eu precisava de muito dinheiro extra — observou Ziv.

— Sim, e que tinha um contato fora do gueto que o ajudava a fazê-lo chegar à sua mãe.

— E é por isso que viemos aqui — disse Izzy. — À procura de provas que nos indicassem com quem você estava de parceria fora do gueto.

— Mas minha mãe morreu um mês antes de eu vir para Varsóvia — insistiu o rapaz, como quem quer corrigir uma injustiça. — Nunca disse ao Dr. Tengmann que ainda era viva. Juro.

— Então não está escondida em Łódź?

— Se ela tivesse encontrado um lugar para se esconder, por que eu não estaria com ela? Ou, pelo menos, escondido noutro lugar qualquer em Łódź, onde pudesse ficar mais perto dela?

— Mas não pode provar que ela morreu? — desafiei-o.

— E por que teria de provar isso?

— Porque, se Ewa não tivesse me contado a verdade, seria a sua palavra contra a do pai dela. Eu teria acreditado nele, e você, Ziv... estaria morto.

O rapaz baixou os olhos e abriu um sorriso fugidio, como quem admira a estratégia de Mikael. Erguendo-os novamente, disse, com fervor:

— Foi o senhor que mandou aquele bilhete, não foi, Dr. Cohen? O senhor queria que eu fosse à porta da rua Leszno!

— Sim. Tentamos dar uma rasteira no assassino, mas não apareceu ninguém.

— Então, o pai de Ewa deve ter percebido que o bilhete era uma armadilha, mas como?

— Porque sabia que o alemão com quem estava de cumplicidade não se encontrava em Varsóvia e não podia ter lhe mandado aquele bilhete. — Virei-me para Izzy. — Ele sabia que Lanik estava fora da cidade. Devem ter arranjado alguma forma de se comunicarem regularmente. Talvez Mikael tenha acesso a um telefone em funcionamento. — Virando-me para Ewa, disse: — Seu pai deve ter arranjado alguém para vir aqui deixar o cordão de Georg às escondidas. Ele sabia que, quando Izzy e eu viéssemos, encontraríamos as provas que temos procurado. É um bom improvisador.

— Se isso é verdade, então quem o pôs aqui? — perguntou a jovem.

— Seu pai deve ter mandado fazer uma cópia da chave da padaria, e pode ter pago a um menino da rua para colocar o cordão debaixo da porta de Ziv.

— Mas não estava debaixo da porta — disse Ziv. — Encontrei-o debaixo da almofada. Tinha de ser alguém que tivesse a chave do meu quarto, ou então alguém que eu tivesse deixado entrar no quarto... — Arregalou os olhos de espanto. — Deve ter sido um dos meus alunos de xadrez.

— Tem dado aulas a alguém que conheça o pai de Ewa?

— Aquela mulher que veio à primeira lição há dois dias... Karina.

— Quem é Karina? — perguntei.

Ewa respondeu em vez de Ziv:

— Ela e meu pai... Andam juntos desde o fim de novembro.

Izzy entendeu tudo antes de mim.

— Descreva Karina — pediu ele a Ewa.

— Bonita, 50 e tantos anos, cabelo grisalho na altura dos ombros e...

— Chega! — disse eu, furioso comigo mesmo. Não precisava ouvir mais nada; Melka, cujo verdadeiro nome eu já sabia agora, contara a Mikael quem eram os meus suspeitos. Tinha de reconhecer que era boa naquilo; convencera-me bem que mal prestara atenção a tudo o que lhe revelara depois de termos dormido juntos.

Mikael usara a minha vaidade contra mim. Até deve ter lhe dito que me oferecesse um cristal de açúcar para o meu chá. Era um frio observador, e um homem cheio de recursos.

— Temos de ir embora — disse eu a Izzy.

Ewa pôs-se de pé de um salto e segurou meu braço.

— O que vai fazer com meu pai? — perguntou, aterrorizada.

Capítulo 27

SERIA EU CAPAZ DE MATAR Mikael? Não tinha certeza. Por isso, Izzy e eu preferimos falar da forma de matar Lanik. Ele estava sentado na cama de Stefa, debruçado sobre suas ideias vingativas, e eu de pé junto à janela, mais frio porém também mais retorcido — Mr. Hyde espreitando sob a vegetação rasteira do seu espírito perverso.

Decidimos ir ao consultório de Lanik e meter-lhe lá uma bala, se não estivesse protegido. Se tivesse soldados ou guardas com ele, esperaríamos até sair para o almoço.

Minha vontade era tirar sua roupa, como ele fizera a Adam, e obrigá-lo a implorar que poupássemos sua vida, ajoelhado sobre o esterco de um beco de Varsóvia, fazê-lo a chorar por todas as primaveras da Alemanha que nunca veria. Queria que uma multidão de poloneses ávida por vingança visse o covarde franzino e medroso que ele era sem seu uniforme, sua arma e seus guardas, e sem seu tão amado exemplar do *Mein Kampf* com os cantos dobrados nas páginas mais importantes nas mãos, para justificar o assassinato dos mais indefesos de nós.

E depois de ele estar morto?

Izzy e eu fugiríamos, atravessando o rio até o subúrbio de Praga; Jasmin Makinska vivia perto do terminal do bonde na rua Kaweczynska. Ficaríamos na casa dela, ou então, se ela pudesse, nos levaria de carro até Lwów, onde nos esconderíamos numa pensão ou num hotel pequeno durante o tempo necessário para vender o que me restava das minhas joias. Não tínhamos documentos de identidade cristãos, mas uns 200 zlotys enfiados no bolso do dono de uma hospedaria comprariam seu silêncio contrariado durante alguns dias.

Nosso objetivo: a Ucrânia soviética. Subornaríamos os guardas para atravessar a fronteira e iríamos para Odessa, onde entraríamos num cargueiro que fizesse a travessia do mar Negro até Istambul. De lá seria fácil chegar a Esmirna. Depois de nos reunirmos a Liesel, Izzy pegaria um barco para o sul da França, onde compraria documentos falsos. Depois

entraria clandestinamente no norte, em território ocupado pelos alemães, para encontrar Louis e os próprios filhos, em Boulogne-Billancourt.

Eu queria estar lá, para ver a vitória do meu amigo sobre tudo o que se interpusera entre ele e seus sonhos, mas já tinha então percebido que nunca mais seria capaz de deixar Liesel.

Sentia-me forte sabendo que tínhamos um plano à nossa frente, mas Izzy começou a chorar.

— O que foi? — perguntei.

— Nada... e tudo. O alívio de saber que vou morrer ou ficar livre... é demais neste momento.

Comecei a recolher todas as pequenas coisas de valor que poderia vender, incluindo o abridor de cartas que roubara. Izzy sentou-se à minha escrivaninha para ler a ficha médica de Adam e, quando acabou, perguntou:

— Então, por que acha que Mikael deu isso a você?

Eu estava sentado no chão junto à minha cômoda e acabara de tirar os brincos de rubis de Hannah de dentro de uma das minhas meias.

— Ele deve ter pensado que a franqueza me convenceria de que não tinha nada para esconder — respondi. — E tinha razão. Desde a morte de Adam que ele anda tentando me enganar.

— E quase conseguiu — observou Izzy.

— Convencer Melka a dormir comigo foi seu golpe de mestre. Ela deve estar muito apaixonada por ele, para concordar com um plano tão comprometedor.

Ajoelhei-me e enfiei a mão por baixo do colchão para tirar o boletim de saúde de Adam que Stefa me confiara.

Virando-se, Izzy disse:

— Enquanto você acaba de juntar aquilo de que vai precisar, vou escrever uma coisa.

Já enfiara uma folha de papel na minha máquina de escrever, e era evidente que estava elaborando um plano, mas não lhe fiz perguntas; tinha de esconder os brincos de Hannah, para o caso de ter de fazer um suborno de emergência. Recortei um pequeno quadrado no meio de cinquenta páginas de *A interpretação dos sonhos*, de Freud, enfiei lá os brincos e voltei a colocar o volume no seu lugar na estante.

Pus todas as coisas de valor que pretendia vender dentro da minha velha pasta de couro.

Quando Izzy acabou de remexer e tirar o que queria, levei-o até a cozinha, onde Bina limpava o fogão, de casaco e boina preta na cabeça.

— Me dê sua mão — disse eu à menina, estendendo o braço na direção dela.

Enfiei 500 zlotys na palma da sua mão.

— E veja se fica viva! — ordenei-lhe. Ela respondeu que era dinheiro demais, por isso sacudia-a com força. — Faça o que tiver de fazer, mas me prometa que vai fazê-lo fora daqui!

— Prometo — respondeu ela, começando a chorar, porque eu a estava machucando.

Pedindo-lhe desculpa, dei-lhe um abraço apertado, contei mais 500 zlotys e enfiei na sua mão.

— Dê metade disto a um pequeno malabarista chamado Zacarias Bergman, que faz seus números à porta do teatro Femina todos os dias ao meio-dia. Mas dê a ele só um pouco de cada vez. Senão ele esbanja tudo, ou então os meninos mais velhos o roubam.

— E a outra metade, Dr. Cohen?

— Há uma jovem que trabalha na padaria do pátio, Ewa. É para ela.

— Eu a conheço. Pode ficar descansado que eu lhe dou o dinheiro.

— Que bom. Ah, e se ficar sem dinheiro, há uns quadros razoavelmente valiosos no guarda-roupa de Stefa, e primeiras edições de livros de psiquiatria nas minhas prateleiras. Veja se consegue vendê-los no Outro Lado, mas não corra riscos tolos. Pode vender tudo menos *A interpretação dos sonhos*, de Freud. Deixe esse para mim, no caso de eu ter de voltar.

Bina assentiu com a cabeça.

Sobrava pouco mais de 1.000 zlotys para mim, e Izzy tinha quase 600 na oficina.

— Pronto, vamos indo — disse eu a ele.

— Aonde vai? — perguntou Bina.

— Temos mais uma coisa a despachar dentro do gueto e depois vamos para a Ucrânia soviética. Acho que não volto.

Ela levou as mãos à boca e gemeu.

— O senhor... o senhor vai embora de vez?

— Vou, chegou o momento.

— Mas vamos nos ver de novo quando estivermos livres, não vamos? — perguntou ela em voz petrificada.

— Claro — respondi, sorrindo. — Hei de voltar a reencontrá-la. Vamos nos ver de novo e dar uma festa aqui mesmo, no apartamento de Stefa. Por isso, tome bem conta dele.

— Tomo, sim. Agora baixe a cabeça, Dr. Cohen — pediu ela.

— O quê?

— Baixe a cabeça.

Baixei. E então aquela menina espantosa me segurou pelos ombros e me deu um beijo na testa, como se eu fosse um filho seu a caminho do primeiro dia de escola.

Eu vestira meu terno bom, para ficar com ar de senhor de idade que vai dar um passeio monótono. De volta à oficina, Izzy também mudou de roupa, vestindo o que tinha de melhor e finalizando com um chapéu Borsalino. Depois contou a sua pilha de zlotys e pegou seu relógio de ouro. Lembrei-lhe que levasse um limão. Levou dois. E enfiou as fotografias do *Bourdonnais* debaixo do casaco.

— Tenho de ir dizer adeus a Róza — disse ele.

Esperei à porta do apartamento dele. Quando voltou, seu rosto estava congestionado.

Chamei um riquixá. Agora tinha de decidir aonde iria: ao consultório de Mikael ou ao Conselho Judaico.

— Para onde? — perguntou o condutor.

— Só um minuto — respondi. — Continuo achando que não vou conseguir matar Mikael — confessei a Izzy.

— Então deixe que eu faço — pediu ele.

— Essa guerra não é sua — retruquei.

— Erik, eu também adorava Adam!

— Mesmo assim, devia ir encontrar Louis livre de culpa.

— Eu, livre de culpa? — Segurou com força meu braço. — Mas você ouviu alguma coisa do que eu lhe contei sobre a minha vida?

Peguei sua mão livre e beijei-a. Era um gesto estranho, mas este dia não era igual a nenhum outro, e uma discussão com ele podia arruinar todos os nossos planos.

Izzy compreendeu.

— Desculpe — disse ele.

Virei-me para o condutor.

— Leve-nos à sede do Conselho Judaico — pedi.

Benjamin Schrei estava no escritório que dividia com mais dois homens. Veio correndo nos cumprimentar, com seu magnífico sorriso Gablewitz, e apresentou-nos aos colegas, que nos trouxeram cadeiras para nos sentarmos.

Sentamo-nos em frente ao nosso anfitrião. Sobre a mesa de trabalho dele, separando-nos, quatro tulipas cor de fogo murchavam num vaso azul-turquesa.

— Talvez não fosse má ideia regá-las — disse-lhe Izzy daquela sua maneira contundente.

Schrei afastou o cabelo brilhante da testa e suspirou.

— Portaram-se muito bem até hoje de manhã. Deviam ter vindo ontem. Seu senso de oportunidade é que não é grande coisa.

— Mas ontem não sabíamos o que sabemos agora — respondi, e contei-lhe o que tínhamos descoberto sobre Mikael. Quando terminei, dei a ele o cordão de Georg e sugeri-lhe que interrogasse Ewa se tivesse alguma dúvida sobre as nossas conclusões. Izzy acrescentou que provavelmente encontraria os brincos de Anna na casa de Rowy.

— Rapazes, fizeram um bom trabalho — disse-nos ele. — E o Conselho lhes é grato. — Acendeu o cigarro que lhe pendia dos lábios e então inclinou-se na nossa direção. — Então, o que pretendem fazer com o Dr. Tengmann?

Franziu os olhos, observando-me através da fumaça.

— Faz alguma diferença aquilo que eu lhe disser? — perguntei.

— Não — respondeu —, vou cuidar dele diga você o que disser.

— E com *cuidar dele* quer dizer o quê, exatamente? — perguntou Izzy.

— Vai deixar de projetar a sua sombra na terra — respondeu Schrei em voz teatral. Encarando-me, acrescentou: — Nada do que possa colocar em meu caminho me impedirá de fazer isso. Mesmo assim, gostaria de saber o que faria na minha posição.

— Por quê?

— Sou um homem curioso. E quero a sua opinião. Acho que nunca encontrei ninguém como o senhor, Dr. Cohen. O senhor me interessa.

— Mesmo sendo um judeu assimilado? — perguntei, para provocá-lo.

— Agora tem muito pouco de assimilado. — Olhando-me com ar malicioso, disse: — Confesse, Dr. Cohen, o senhor cheira tão mal como um catador de lixo do *shtetl* mais primitivo da Polônia. E nunca mais falará voluntariamente em alemão ou polonês com alguém que não seja judeu. Tenho ou não razão?

— Provavelmente — admiti.

— Sabe — acrescentou ele, com um sorriso divertido dançando-lhe nos lábios —, se aprendesse um pouco de hebraico, era capaz de dar um Yid bastante bom.

— Mas ele já é um Yid bastante bom! — retrucou Izzy, pronto a causar discussão.

— Tem razão — retorquiu Schrei. — Desculpe. Foi uma piada de mau gosto.

— Acho que Stefa desejaria vê-lo morto — eu disse.

— Está bem, mas e você, o que quer? — insistiu nosso anfitrião.

— Quero um cigarro — pedi, para ganhar tempo.

Eu sabia que Schrei queria que eu lhe desse a resposta bíblica: *olho por olho...* Isso teria provado que eu aceitava as regras do Deus da Torá. Mas o que ele não entendia é que eu queria assumir a responsabilidade da minha vingança. Queria aquele cetro de fogo rubro só para mim.*

— A morte de Mikael Tengmann não trará Adam de volta — disse, depois de ele acender meu cigarro. — E não será por mandá-lo direto para o inferno que eu vou ficar feliz.

— Também não vou ficar feliz por isso — confessou ele. — Mas mesmo assim vou fazê-lo.

— Você tem um trabalho difícil — eu disse.

— Ah, agora está começando a entender — respondeu ele, com um sorriso de cumplicidade.

— Encarregue-se de Mikael que eu me encarrego do nazista que age com ele — disse eu, como quem compra e vende ações na Bolsa.

Ele apertou minha mão para fechar o negócio.

— Está bem, mas sabe quem é o alemão?

— Sei.

— E como vai pegá-lo?

Izzy respondeu por nós dois:

— Isso depende do grau de segurança de que ele se rodeia.

— Talvez deversem levar alguns dias planejando isso — sugeriu Schrei. — Se os alemães o encontram fora do gueto, lhe dão logo um tiro. E isso se tiver sorte.

— Não posso esperar. Se esperar, posso perder a coragem — retruquei.

— Tem dinheiro para subornos?

— Tenho.

— Uma arma?

Izzy deu uma palmadinha no bolso.

— É alemã — respondeu, sorrindo da ironia.

— Então, rapazes, ponham-se a caminho. — Deu-me sua caixa de cigarros. — Leve isto para lhe dar sorte — disse, pondo-se de pé.

Acompanhou-nos até a porta. Voltamos a apertar as mãos, e depois ele inclinou-se para me abraçar, sussurrando ao meu ouvido:

— *Dispare logo, e não lhe pergunte por que matou Adam. Nenhuma resposta que ele lhe der lhe trará paz, e o atraso só vai servir para aumentar suas chances de ser pego. Quando voltar para a rua, não corra. Atrairia atenção.*

Eram bons conselhos — de um assassino para outro —, e, para mim, era lisonjeiro ele pensar que Izzy e eu ainda podíamos correr. Mas continuava tendo de descobrir por que razão valera a pena roubar a perna de Adam.

A passagem para o Outro Lado nos fundos da oficina de riquixás fora fechada pelo Conselho Judaico, que andava sendo cada vez mais pressionado pelas autoridades alemãs no sentido de controlar o contrabando. Por isso dirigimo-nos à fábrica de roupas de criança que levava à garagem de Maciej. Pagamos o pedágio à costureira-chefe e voltamos a rastejar através daquele túnel de escuridão abafada, até sairmos no mundo seguinte. Felizmente, Maciej ouviu-nos bater no alçapão e abriu-o.

— Você outra vez? O judeu mal-humorado! — disse ele a Izzy, todo contente, e apertaram as mãos como se fossem primos. — Tirem as braçadeiras — lembrou-nos.

Colocamos as duas na mão dele, e Maciej foi juntá-las à coleção que tinha no escritório.

— Vão passar a ser valiosas depois que chutarmos os alemães daqui — disse, confiante. Vendo o nosso ceticismo, inverteu o habitual libelo contra nós: — É esse o problema com vocês judeus, não percebem quando têm nas mãos uma boa oportunidade de negócio! Daqui a dois anos, os turistas russos, americanos e ingleses vão pagar um bom dinheiro por essas suas braçadeiras esfarrapadas!

Maciej acompanhou-nos até a porta, espreitou ambos os lados a fim de se assegurar de que a rua estava livre de policiais e em seguida fez sinal de que podíamos sair.

A Krakowskie Przedmiescie estava repleta de operários e gente fazendo compras. Devido à chuva gelada que começara a cair naquele instante, havia uma autêntica batalha de guarda-chuvas que lutavam pelo exíguo espaço acima da cabeça dos transeuntes. Compramos um azul, enorme, capaz de se impor aos outros no meio da rua.

Em frente do hotel Bristol estava um grupo de soldados alemães em volta de um tanque, mas não os contornamos, tampouco caímos no habitual andar arrastado que tínhamos adquirido no gueto; o assassinato que nos impelia para a frente libertara-nos de qualquer receio de que alguma coisa pudesse dar errado.

Será possível que os criminosos atravessassem melhor os seus dias e noites do que o resto das pessoas?

Depois de passarmos pela Universidade de Varsóvia, encontramos o que procurávamos no lado direito da rua: “E. Jesião — Açougueiro.”

Um pouco atrás, guardando o lado esquerdo, viam-se os pináculos gêmeos da Igreja da Cruz Sagrada.

A uns vinte passos de distância, olhamos através da vitrine. Um açougueiro de rosto vermelho e avental branco, com óculos de metal que enquadravam seus olhos inchados, trabalhava em um balcão de mármore, aparando espessas fitas de gordura de um lombo de porco e jogando-as num balde de metal. Era um homem alto e de ombros largos. O corte de cabelo à marinheiro, juntamente com o bigode que se desenhava como um hífen sobre o espesso lábio superior, fazia dele uma figura saída de uma gravura de Grosz.

Era aquele o brutamontes que nos roubara Adam?

A fúria que subiu pelo meu corpo era como um vento sufocante — não deixando qualquer espaço dentro de mim para qualquer outra coisa que não fosse a necessidade de ter o futuro de Jesião nas minhas mãos.

Ele ergueu os olhos, reparou em nós e voltou a aparar mais gordura. Quando olhou de novo para mim, percebi que estava pensando por que razão estaria um estranho encarando-o tão fixamente. A culpa tornara-o observador — e rápido a recear o pior.

Izzy sentiu o que se passava em meu espírito.

— Erik, ele com certeza sabe onde é o consultório de Lanik — disse. — Não podemos matá-lo antes de descobirmos onde fica.

— Eu sei, estava só pensando que o crime perfeito é aquele pelo qual não nos importariamos de ir presos.

— Ninguém vai nos pegar — garantiu-me ele, e disse o que tinha em mente para Jesião. Parecia um bom plano.

Quando entramos, o carnicheiro olhou-nos com um sorriso forçado. Perguntou em polonês:

— E o que os cavalheiros vão querer esta manhã?

Pousei a pasta e o guarda-chuva fechado num canto e olhei rapidamente à minha volta. Havia uma porta nos fundos; devia levar ao armazém.

— Algum problema? — perguntou o homem, pressentindo problema.

— É o Sr. Jesião? — perguntou Izzy.

— Sou eu mesmo, sim senhor — respondeu, fazendo um esforço para parecer jovial.

Fechei a porta com um clique firme.

— Temos uma arma — disse eu ao açougueiro. — Por isso largue a faca.

— Como? Não estou entendendo.

Izzy tirou a arma do bolso.

— Jogue a faca no chão — ordenou —, senão meto uma bala na sua cabeça.

Dei a volta no balcão, a fim de poder vigiar seus movimentos. Ele soltou a faca, que fez um ruído metálico ao bater no chão de azulejo.

— Vou passar pela porta que dá para os fundos para ter certeza de que não há ninguém lá — disse eu a Jesião —, e depois você vai entrar atrás de mim. Entendeu?

— Se é dinheiro que querem — respondeu —, podem levar.

Empurrei a porta e entrei num compartimento escuro e frio, quase batendo numa carcaça de carneiro que pendia de um gancho no teto, os olhos esbugalhados. Dei um passo para trás, horrorizado. Um cheiro de sangue enchia minhas narinas.

Puxei um fio que pendia de uma lâmpada nua atrás de mim. Na parte de trás, sobre uma mesa de mármore quadrada, havia mais dois carneiros, mas esses ainda estavam por esfolar. Uma visão de Adam nu, deitado ao lado deles, obrigou-me a desviar os olhos.

— Está tudo bem, traga-o aqui para dentro — chamei através da porta.

Jesião entrou, seguido por Izzy, que mantinha a arma apontada para o peito do açougueiro.

— Você é... você é avô de alguma das crianças? — perguntou Jesião, com medo.

— Adivinhou — respondi.

Ele limpou os dedos no avental.

— Bem, vocês não parecem mesmo ladrões.

— Era meu sobrinho-neto — expliquei.

— Qual deles?

— O menino com as marcas de nascença no tornozelo.

Jesião levou a mão ao rosto e tirou os óculos, enxugando os olhos. Lançou-me um olhar desolado.

— Como ele se chamava?

— Adam.

— Adam — repetiu para si próprio, escutando atentamente o som daquele nome. — Recuperou o corpo?

— Sim.

— E deu-lhe um enterro digno?

— Não tenho certeza. Estamos esperando que a terra descongele. Ouça, Jesião — disse eu —, você parece muito calmo para um homem que tem uma arma apontada para o coração.

— De certo modo, tenho vivido na esperança de que você viesse um dia. Não aguento mais isto. Estou sempre pensando o que mais eu serei obrigado a cortar de outra criança. É demais.

— Como é que você os mata? Não há vestígios nos...

— Eu, matá-los? Não é nada disso! — Sacudiu a cabeça. — Quando me trazem as crianças, já estão mortas. *Brenen zol er!*

O iídiche dele saiu mal pronunciado. Eu não tinha certeza de ter ouvido bem.

— O que você disse? — perguntei.

Jesião voltou a amaldiçoar o assassino.

— Como raios você sabe iídiche? — perguntou Izzy.

— Minha mãe é judia, embora tenha mudado de nome quando era jovem para esconder suas raízes. — Começou a desfazer o nó das fitas do avental. — Só falava iídiche quando passava uns tempos com os meus avós. Estou enferrujado.

— Foi Lanik que você desejou que ardesse no inferno? — perguntei.

O rosto dele se iluminou.

— Conseguiu! Deve ter percebido as pistas que eu lhe deixei!

— Então foi você que pôs o fio na boca de Adam e a gaze na mão de Georg?

— Sim. Precisava descobrir qualquer coisa que impedisse mais assassinatos de crianças. Quando foi que compreendeu o significado das minhas pistas?

— Só hoje. Você foi muito esperto.

— Não podia me arriscar a ser óbvio — respondeu Jesião, tirando o avental e dobrando-o cuidadosamente —, mas ouvi dizer que os judeus dentro do gueto andavam usando anagramas agora, por isso achei que talvez alguém da Polícia Judaica conseguisse transformar *linka* em Lanik e *Flor* em Rolf.** E que fosse capaz de deter aquele filho da puta. Só um judeu poderia falar tanto o polonês como o alemão suficientemente bem para notar minhas pistas, por isso achei que a pessoa certa seria capaz de descobrir o nome completo do Lanik.

— Mas não deixou nada em Anna — interveio Izzy.

— Essa foi a primeira. Eu estava chocado e perturbado demais para pensar em maneiras de deixar pistas. Só quando me trouxeram Adam é que me lembrei de uma forma de o fazer sem arriscar demais.

— Se Lanik tivesse descoberto o fio ou a gaze, o que teria dito?

— Que fora descuido da minha parte. E ele não teria percebido. Os alemães não falam em código como os judeus.

— Foi uma bela e corajosa tentativa de me ajudar — eu disse. — Obrigado.

— Depois do que fiz, ainda me agradece?

— Dadas as circunstâncias, você fez o melhor que pôde.

Jesião fez uma careta e em seguida levou a mão trêmula à cabeça, tonto. Fizemos com que se sentasse à mesa, e então se curvou sobre ela e chorou como se a vida estivesse se esvaindo

dele sob a forma de lágrimas.

Finalmente, perguntei-lhe:

— Quantas crianças foram mortas até agora?

— Quatro. Três meninos e uma menina.

— Então há um que desconheço.

— Provavelmente, o primeiro dos meninos. Chegou logo após a Anna. Não era do gueto.

Lanik me disse que ele e a família viviam escondidos.

— Como é que Lanik o descobriu?

— Os cristãos estão sempre denunciando judeus clandestinos. Já virou esporte nacional.

— E o corpo desse menino... Onde o deixaram? — perguntei.

— Não sei. Não pergunto. — Jesião deixou escapar uma risada de desprezo. — Aquele filho da puta manda o motorista me trazer as crianças mortas à noite e me diz o que tenho de fazer. Quando acabo, leva o corpo embora. Não sei mais nada.

— E como é que Lanik os mata?

— Imagino que deve lhes dar comida envenenada. Uma vez me disse que, quando vão encontrá-lo, estão esfomeados.

— Alguma vez ouviu falar de um Mikael Tengmann? — perguntei.

— Não, quem é esse?

— É um médico do gueto; um velho amigo de Lanik. É ele que identifica as crianças com marcas de nascença ou manchas na pele.

— Entendo. Então como é que você me descobriu?

— Uma jovem corajosa me ajudou a descobrir quem era o assassino.

— Foi a enteada de Lanik, Irene? — perguntou ele.

— Conhece-a? — perguntei, assombrado.

— Ela e a mãe vêm muitas vezes à cidade e compram carne no meu açougue.

— Então foi você que disse a Irene que o padrasto andava mandando cortar os corpos das crianças?

— Não, não fui eu. Não podia correr esse risco. Tive o cuidado de não me revelar.***

— Então, uma delas deve ter ouvido Lanik falar sobre os assassinatos, ou então viu a pele que você retirou das crianças. Ou Irene descobriu coisas a partir de outras pistas, que nunca saberemos quais são. — Virando-me para Izzy, acrescentei: — Estou começando a acreditar que ela é uma espécie de gênio.

— Lanik tira fotografias da pele? — perguntou ele.

— Não sei ao certo. Só sei mesmo é que isto tem alguma coisa a ver com uma transferência que ele quer para um trabalho mais importante. Quando me trouxeram o primeiro corpo, ele disse que precisava do pedaço de pele com a marca de nascença para um presente que queria levar para um campo de concentração; Buchenwald. Depois de muito pensar, cheguei à conclusão de que está doido para trabalhar lá para poder fazer experiências nos

prisioneiros; experiências médicas que têm a ver com a cura de queimaduras. Se bem entendi, é a área de especialização dele. Acho que foi lá uns dois dias atrás. Aposto que levou com ele as amostras de pele das crianças, embora tenha falado de levá-las a um artesão de peles antes de partir para lá, e não sei se já teve tempo para fazer isso.

— Para quem é o presente?

— Alguém lá em Buchenwald, mas não sei quem é.**** Se ele está com esperanças de provar alguma teoria racial relacionada com a pele judaica ou simplesmente estimular algum louco qualquer de lá, não faço a mínima ideia.

— Por que ele escolheu você para cortar as crianças? — perguntei.

— Lanik descobriu que a minha mãe era judia. Ameaçou mandá-la para o gueto, a ela e ao resto da nossa família. Minha mãe tem 77 anos. Não sobreviveria nem uma semana lá. Eu não podia dizer que não.

— Sabe onde é o consultório de Lanik? — perguntou Izzy.

— Sei, é do outro lado da rua, a segunda porta à esquerda da igreja. É no primeiro andar, mas chegar até ele vai ser arriscado para vocês. Os pacientes dele são todos colaboradores e alemães: soldados, oficiais da Gestapo... vou lá de vez em quando para fazer entregas, e na porta fica um guarda armado até os dentes.

— Onde ele almoça? — perguntei.

— Tenho-o visto num restaurante alemão aqui perto; uma espécie de cervejaria.

— Costuma ter muita gente?

— Às vezes.

Não sabia bem o que iria fazer, mas Izzy salvou-me o dia; tirou do bolso o bilhete que batera à máquina em casa e me deu. Dizia o seguinte:

Rolf, por favor venha me encontrar na Catedral de Praga às 13 horas. Estou tendo problemas com o Conselho Judaico e preciso da sua ajuda. Peço-lhe por tudo que não deixe de vir. Minha vida está nas suas mãos.

No fim da página, Izzy imitara lindamente a assinatura de Mikael, que encontrara no registro médico de Adam.

— Você é um detetive melhor do que eu — eu lhe disse, grato.

— Os que levam vida dupla aprendem os caminhos da astúcia — respondeu ele. Um poema de estrofe única que andava com vontade de me recitar havia décadas, segundo me pareceu.

Dei o bilhete a Jesião.

— Ande, leia — disse-lhe eu.

Quando terminou, Izzy disse:

— Lanik ainda não sabe que já identificamos Mikael Tengmann como cúmplice dele, vai pensar que o pedido de ajuda é genuíno. São velhos amigos, por isso com certeza vai a Praga.

— Sabe se há alemães patrulhando as pontes que atravessam o rio? — perguntei ao açougueiro.

— Às vezes, mas na hora do almoço deve correr tudo bem. Com tanta gente passando de um lado para o outro, eles não costumam criar problemas. Mas... mas pretendem matá-lo na Catedral de Praga? — perguntou numa voz horrorizada.

— Se me disser como atraí-lo para uma sinagoga — disse-lhe Izzy com um sorriso ladino —, terei muito prazer em dar-lhe um tiro lá.

Jesião pôs o nosso bilhete num envelope e atravessou a rua para levá-lo a Lanik; o plano dele era dizer que tinha sido levado ao açougue por um estafeta do gueto. Dez minutos depois estava de volta, ofegante.

— Dei-lhe o bilhete, mas ele não o leu à minha frente — disse, preocupado.

— Mas você chegou a dizer a ele que o mensageiro avisou que era urgente, não chegou?

— Claro que sim. — O açougueiro fez uma careta. — Ele me perguntou como é que era o homem, e eu não sabia o que dizer, por isso descrevi Jan Kiliński, naquela estátua dele na praça Krasinskich, com o chapéu de camponês e o bigode heroico. Não consegui pensar em nenhuma outra coisa.

Izzy deu uma boa gargalhada, o que fez Jesião sorrir.

— Não fiz besteira? — perguntou.

— Não, saiu-se muito bem — disse-lhe eu.

— Como é Lanik? — perguntou Izzy.

— Alto, com mais de 1,80 metro, cabelo castanho-escuro e cicatriz na face esquerda.

— Ora — disse Izzy, alegremente. — Aqui vamos nós!

Jesião deteve-o pelo braço.

— Ouça, estive pensando — disse ele. — Uma arma faz muito barulho, mas uma faca...

A lâmina de aço tinha 10 centímetros de comprimento, era ligeiramente curva e tinha um cabo de ébano polido. Encaixava na minha mão como se sempre tivesse sido minha. Guardei-a na bainha de couro e coloquei-a no bolso interno do sobretudo.

As últimas palavras de Jesião para mim foram:

— Se me libertar desse filho da puta, abençoarei você para sempre nas minhas orações!

Não deparamos com nenhuma dificuldade na ponte para Praga e fomos direto ao apartamento de Jasmin, mas ela não estava em casa. O porteiro do prédio disse-nos que às vezes vinha em casa almoçar, em geral pouco depois do meio-dia.

Para matar o tempo, sentamo-nos num café e ficamos tomando um café aguado que

deixava na boca um improvável travo de peixe defumado, e depois esperamos por Jasmin ao final da rua. Mal falávamos; o assassinato que planejávamos nos absorvia toda a atenção.

Mas Jasmin acabou não aparecendo. Às 12h35 já não podíamos esperar mais; dirigimo-nos à rua Floriańska, e de lá à Catedral. Encontramos o lugar quase vazio. Havia duas mulheres de idade sentadas na fileira da frente — irmãs, imaginei eu, visto usarem ambas o mesmo coque apertado de cabelo grisalho e terem o mesmo tipo compacto de pássaro gorducho. Na antepenúltima fileira estava sentado um homem de meia-idade já parcialmente calvo, com uma bandagem cobrindo seu ouvido esquerdo e os olhos fechados, esculpindo orações com os lábios caídos. Não vimos nenhum padre.

Durante meses e meses depois daquilo, eu nos via sempre, nós cinco, nos meus sonhos, sozinhos num deserto de areia e pedra sem princípio nem fim.

Izzy sentou-se na última fileira. Eu deixei-me ficar de pé do lado direito da porta principal. Pousei minha pasta no chão e escondi às costas a mão que segurava a faca.

Às 13h45 entrou Lanik. Não esperava vê-lo de uniforme. Isso me perturbou — era como se agora ele tivesse uma vantagem injusta.

Tirou o boné e afastou o cabelo da testa com gestos bruscos e irritados. Era evidente que achava um aborrecimento ter de se deslocar até um lugar tão longe do consultório.

Tinha um rosto inteligente e grandes olhos escuros. Chegando ao topo da ala central, pôs-se a observar os bancos da igreja.

Izzy virou-se de frente para ele e levantou-se, tal como tínhamos combinado. Eu esgueirei-me para a esquerda, na direção da entrada, de modo que o alemão ficasse de costas para mim. Parecia que a umidade escura da catedral invadia meu corpo, como se estivesse me transformando numa sombra — e como se essa mudança de forma servisse para me proteger.

Era tal a força que fazia ao segurar o punho da faca que minha mão doía.

— É o Dr. Lanik? — perguntou Izzy.

Lembro-me do tom convidativo da sua voz — como se tivesse um assunto agradável para tratar com o nazista. Izzy revelou-se um ser humano extraordinário naquele dia.

— Sou. Foi Mikael Tengmann que o mandou? — respondeu Lanik.

Lancei-me para a frente, naquilo que recorro como sendo uma energia louca, mas, na realidade, devo ter sido lento demais; antes de chegar ao alcance do alemão, ele virou-se e encarou-me. Minha intenção era arremeter contra ele e enterrar a faca nas suas costas enquanto Izzy falava com ele, mas isso agora era impossível. Em vez disso, enfiei a faca na sua garganta, num golpe tão profundo e violento que meu punho fechado chocou-se contra a firmeza rígida do seu pescoço.

O sangue esguichou no meu rosto. Senti na boca o sabor salgado e líquido da minha vítima.

Ele caiu de costas no chão com toda força, batendo com a cabeça num dos bancos. O boné saltou disparado de sua cabeça. Ouvi a minha própria exclamação abafada.

Terão as irmãs sentadas no banco da frente se voltado para nós? Terá o homem semicalvo parado de rezar? Nunca saberei; não conseguia tirar os olhos de Lanik.

Num gesto desesperado, ele ergueu a mão e arrancou a faca da própria carne. Se conseguia pensar em alguma coisa naquele momento, devia estar perplexo, sem perceber por que motivo Mikael Tengmann mandaria alguém para matá-lo.

O sangue escorria lentamente da sua ferida. Eu tivera pouca sorte: não acertara nenhuma artéria. Ele ia morrer devagar. Ou então, se fosse socorrido, até era capaz de viver mais tempo do que Izzy e eu.

Lanik olhou implorante para mim, tentando falar, mas só lhe saíam ruídos gorgolejantes — como se tivesse um nó na garganta. Tentou sentar-se, agarrando-se às costas do último banco, e, depois de conseguir esse feito, seus olhos imploraram misericórdia.

— *Hilfe!* — murmurou, desesperado, em alemão, numa voz sem som. *Ajudem-me!*

Estaria ele pensando que talvez nunca mais visse Irene e a mulher?

Eu estava espantado com a vida interminável que temos dentro do corpo.

Sabia que era agora que devia dizer o nome de Adam, mas não conseguia falar — prova de que nunca poderemos prever como vamos nos comportar quando chegarmos diante da torre de vingança que nós próprios erguemos.

Izzy pegou minha faca coberta de sangue.

— É capaz de não morrer — sussurrei para ele. O som da minha própria voz me deu um arrepio, e a minha mão cravada no braço dele era o meu grito de ajuda.

— Não se preocupe, Erik — respondeu ele.

Como ele podia falar com tanta calma? Nunca perguntei isso a Izzy, embora uma vez ele tenha me dito que nunca se sentiu tão vivo como quando se debruçou sobre Lanik e viu o que tinha de fazer.

Às vezes penso que Izzy foi a pessoa mais forte que jamais conheci.

Ajoelhando-se, ele disse ao alemão:

— Havia um rapazinho lindo chamado Adam, que tinha umas marcas de nascença no tornozelo.

Falava devagar e com doçura — como se suas palavras fossem o começo de uma história para crianças que Lanik ainda tinha tempo para ler.

O nazista abanou a cabeça, como se dissesse que não sabia nada sobre o meu sobrinho.

Será que foi sua negação que deixou Izzy fora de si? Agarrou Lanik pelos cabelos e esmagou sua cabeça no chão.

Arrepiei-me ao ouvir aquele baque surdo e cruel — como duas bolas de bilhar batendo uma na outra.

O alemão emitiu um longo gemido rouco e o sangue começou a jorrar dos seus lábios, como se vomitasse seu último sopro de vida.

Debruçando-se sobre ele, Izzy disse-lhe ao ouvido:

— Adam e Anna mandam lembranças.

E então, usando ambas as mãos, enterrou a lâmina o mais fundo que pôde no peito do nazista.

Nas semanas que se seguiram, muitas vezes eu me via pensando como era possível ter conhecido Izzy toda a minha vida sem nunca suspeitar que ele seria ótimo em matar alguém.

Notas

* De acordo com a antiga tradição mística judaica de Merkabah, o Senhor está sentado no trono com um cetro de fogo na mão.

** Poderá um fio [*linka*] e um pedaço de gaze [*Flor*] ter algum significado místico que agora me escapa?

*** Não tenho certeza. Talvez Jesião tenha deixado uma pista para Irene ou a Sra. Lanik. Erik não desejava comprometê-lo e pode ter acrescentado esta negação ao relato para garantir sua segurança.

**** A intenção de Lanik devia ser dar seu “presente” a Ilse Koch, mulher do comandante do campo de concentração de Buchenwald, Karl Otto Koch. Ilse Koch tornou-se conhecida depois da guerra por ter torturado prisioneiros do campo e mandado fazer recordações — incluindo abajures — com a pele deles. Erik nunca descobriu o “presente” grotesco que Lanik mandou fazer para ela com a pele das quatro crianças judias, mas de qualquer forma os esforços do médico alemão não devem ter lhe valido a cobiçada transferência; não há qualquer registro de um Rolf Lanik trabalhando em Buchenwald, que foi supervisionado por Karl Otto Koch de julho de 1937 a setembro de 1941, quando ele e sua famosa mulher se mudaram para o campo de Majdanek.

Capítulo 28

À PORTA DA IGREJA ESTAVA estacionado um Mercedes preto, obviamente à espera que Lanik regressasse. Lá dentro, um motorista de uniforme escuro lia um jornal desdobrado à sua frente. Lembrando-nos do conselho de Schrei, não corremos. Dirigimo-nos para leste. Nunca olhei para trás.

Izzy carregava minha pasta; eu a deixara na igreja, e ele fora buscá-la.

Chovia a cântaros à nossa volta, mas eu não sentia a pele molhada. Aquele martelar contínuo parecia ser a forma de o mundo insistir comigo para justificar a minha própria vida.

Izzy abriu meu guarda-chuva e chamou-me para junto dele, mas eu precisava ficar sozinho. Escutava atento, na esperança de que a voz de um policial nos chamasse em polonês ou alemão, exigindo-nos que parássemos. Eu teria me voltado e suplicado que me dessem um tiro bem ali.

Mas essa voz não se fez ouvir.

Lembro-me de passar por linhas de trem. Será que andamos em zigue-zague por ruas oblíquas para não sermos vistos? O que aconteceu ao meu sobretudo manchado de sangue? Não consigo me lembrar, mas devo tê-lo deixado dentro da igreja; lembro-me de me sentir gelado, e de reparar a certa altura que já não sentia a proteção do cachecol em volta do pescoço.

Sentia-me perdido dentro do labirinto que era pôr fim à vida de um homem. Quando passamos por um ponto de ônibus, cheguei a considerar ficar ali à espera de que os alemães fossem me pegar, não por sentimento de culpa, mas porque não via como poderia descobrir o caminho de volta para a pessoa que já havia sido. Nem por que me dar a esse trabalho.

E de repente meu coração pareceu dar um pulo no peito, e a chuva passou a me molhar, e vi Izzy virar-se para trás e me fitar com olhos preocupados, e comecei a caminhar determinadamente atrás dele e em direção ao horizonte, que era onde a liberdade estava, à

nossa espera. Era como se uma mão tivesse me puxado pela manga, fazendo-me olhar de novo para as minhas esperanças — melhor dizendo, as de minha filha; percebi que ainda tinha uma oportunidade de viver o resto da minha vida com ela.

Não sei quanto tempo andamos, nem aonde chegamos. Só me lembro de ver Izzy apontar para um edifício de tijolo à nossa esquerda. Era um hotel enxovalhado, com gerânios secos nos vasos de louça.

— Vamos telefonar para Jasmin daqui — disse ele.

Izzy deixou o nosso guarda-chuva à porta. Tirei da carteira o número de telefone. O dono do hotel estava por trás de um bar de madeira, limpando copos com um pano de prato. Quando lhe expliquei o que queria, ele pegou um telefone preto e o colocou em cima do balcão.

— De onde vocês são? — perguntou, quando me sentei num banco do bar.

— Muranów — respondeu Izzy, secando as mãos na calça. — Estamos a caminho de um casamento, mas nos perdemos um pouco. — Izzy sorriu, dando de ombros, como fazem as pessoas quando querem desculpar-se pelos seus defeitos. — É raro vir a este lado do rio.

— Então que tal uma pinga para enganar o frio? — sugeriu o homem, atirando o pano sobre o ombro esquerdo.

— Duas vodcas — respondeu Izzy.

Peguei o telefone e comecei a discar. Nosso anfitrião estava nos servindo as bebidas quando Jasmin atendeu. Graças a Deus que já estava de volta em casa.

— Sou eu — disse, porque não queria que o dono do hotel ouvisse o meu nome.

— Eu quem? — perguntou ela.

Empaquei.

— O tio de Stefa — acabei dizendo.

— Dr. Cohen? Oh, meu Deus! Pensei que nunca mais ia ouvir a sua voz.

— Estamos perdidos — eu disse. — Estamos fora de Praga, mas não sei bem onde.

Izzy pegou o telefone e descreveu a nossa localização.

— Ouça, querida — acrescentou com ar descontraído —, pode vir nos buscar de carro e nos dar carona até o casamento?

Depois de um momento, fez-me sinal que sim com a cabeça, para me mostrar que Jasmin concordara.

— Encontro você no fim da rua — disse Izzy. — Estaremos à sua espera debaixo de um guarda-chuva azul.

A vodca não queimou minha garganta, como era comum. Provavelmente eu estava longe demais de mim para senti-lo.

Izzy pagou as bebidas e o telefonema. Lá fora, começou a afastar-se em direção ao descampado. Eu não saí do lugar.

— Erik, mexa-se daí! — ordenou-me, agitando as mãos como ventoinhas para eu o seguir. — Não quero que o dono do hotel veja em que carro entramos.

Obedeci. Ambos sabíamos que agora eu não conseguia decidir nada, e era ele quem tinha de assumir o comando.

Esperamos num terreno baldio repleto de lixo, fora da vista do homem do hotel. Izzy segurava o guarda-chuva que nos cobria, escondendo nossos rostos dos carros que passavam de vez em quando. Enlaçara o braço no meu, e me mantinha bem seguro contra ele.

A chuva abrandara um pouco, mas eu continuava gelado.

Irene ia ficar destroçada quando soubesse do assassinato do padrasto. A menos que a grande afeição que mostrara por ele fizesse parte da representação.

Se não queria que eu o matasse, então por que mandara me chamar? Talvez receasse acabar também ela em cima de uma mesa de açougueiro, a menos que alguém pusesse um fim às atividades do padrasto. Talvez também tivesse marcas de nascença, como Adam, Anna e Georg.

Havia tantas coisas que eu não chegara a ter tempo de lhe perguntar. Embora talvez Izzy tivesse razão, e ela tivesse me contado tudo o que podia.

Meu amigo passou o braço em volta da minha cintura, porque eu estava tremendo de frio.

— Escute, Erik — observou alegremente —, o pior que pode acontecer é os nazistas nos descobrirem e nos darem um tiro.

Seria humor negro em outras circunstâncias, mas naquele caso ele queria dizer: *Fizemos tudo o que tínhamos de fazer, e, se tivermos de morrer, pelo menos morreremos juntos.*

Alguns minutos mais tarde, um grande carro preto com portas de madeira parou ao nosso lado. Jasmin baixou o vidro da janela. Trazia na cabeça um chapéu verde pontiagudo com uma pena dourada — o tipo de chapéu que Robin Hood usaria numa peça de teatro. As mãos esguias calçavam luvas de pelica branca.

— Entrem! — disse ela.

Eu me sentei à frente, e Izzy no banco de trás.

— Você salvou nossa vida — disse ele imediatamente.

Comecei a apresentá-los, mas Jasmin lembrou-me que já tinham se conhecido em festas de aniversário minhas.

Ela arrancou devagar, concentrando-se na estrada, os lábios bem apertados. Sabia que, se me olhasse de frente, podia perder a coragem, por isso não o fez.

Izzy começou a explicar-lhe o que fizéramos. Jasmin não disse nada, mas, quando ele lhe contou como se levantara para falar com Lanik, teve uma crise de soluços — um velho sinal de que estava perdendo o autocontrole, e que reconheci das nossas sessões.

— Pode nos deixar quando quiser e continuar o seu caminho — eu disse quando Izzy terminou. — Ficaremos gratos de qualquer forma, pela ajuda que já nos deu.

Ela tirou os olhos da estrada por um instante e acariciou meu rosto com as costas da mão.

— O senhor me disse uma vez: “O terror encurrala a todos nós de vez em quando, mas o importante é não deixarmos que construa muros à nossa volta.”

— Eu lembro — respondi, mas, para dizer a verdade, tinha dito aquilo a quase todos os meus pacientes.

— Lembra-se do que fez então? — perguntou, lançando-me um olhar de expectativa.

— Não, desculpe. Foi há muito tempo.

— Levantou-se da sua cadeira e foi até o divã, onde eu estava. Nunca tinha feito isso. Provavelmente estava quebrando todas as regras. De qualquer forma, estendeu-me a mão, como se me convidasse para dançar. Isso me aterrorizou mais do que tudo. Fechei os olhos e virei a cara. Mas o senhor não se mexeu. Estava me mostrando que podia contar com o senhor. Depois de uns vinte segundos, talvez, abri os olhos e peguei sua mão. Vai achar difícil acreditar nisto, mas acho que foi a primeira vez que toquei de verdade em alguém, a primeira vez que tive certeza da existência de outra pessoa. Aquele momento mudou tudo. E o senhor... o senhor me deu um beijo no rosto. Para me premiar pela minha coragem, acho. E depois voltou para o seu lugar. Acendeu o cachimbo, e disse naquela sua voz profissional: “Ora bem, onde é que nós estávamos...”

As lágrimas corriam pelo rosto de Jasmin; as mãos dela apertavam o volante com toda força.

Quando viu que eu me esforçava para encontrar as palavras certas para lhe responder, ela sorriu e fez um gesto com a mão, como quem diz que não tem importância.

— Já resolvi o que vamos fazer, Dr. Cohen. Vamos para o sítio da minha irmã. Ninguém nunca vai encontrá-lo lá. E assim teremos tempo para pensar no que vamos fazer a seguir.

— Obrigado — eu disse, espantado com o fato de o pequeno *mitzvah* que lhe fizera vinte anos antes poder mudar a direção da minha vida naquele preciso momento.

— E onde fica o sítio da sua irmã? — perguntou Izzy.

— Entre Varsóvia e Lublin, logo ao sul de Puławy.

— Puławy, que bom! — exclamou Izzy, como um menino doido por uma aventura, inclinando-se sobre o assento da frente. — Será que ainda resta alguma coisa da coleção de arte do Palácio Czartoryski?

Pela louca exuberância que havia em seus olhos, percebi que estava funcionando à base de energia nervosa.

— Infelizmente, acho que não vamos poder visitar o Palácio — respondeu Jasmin. — Os nazistas enviaram a maior parte dos judeus de Puławy para campos de trabalho, mas ainda há um pequeno gueto, e os alemães estão por todo lado. Vamos ter de evitar a cidade. — Colocou o chapéu sobre o assento do carro. — Suponho que nenhum dos dois tenha documentos de identidade falsos.

— Não.

— Então é melhor nos mantermos afastados da estrada principal.

O carro passou por trechos em péssimo estado na hora e meia que se seguiu, e por duas vezes tivemos de empurrá-lo, praguejando, para tirá-lo da lama — e tudo para nada, como em

breve concluímos, porque, depois de contornarmos zelachów, ao sair de uma curva apertada deparamos com dois soldados alemães conversando junto às respectivas motocicletas numa passagem de trem. Estavam a menos de 100 metros de distância e avistaram-nos imediatamente, por isso era tarde demais para voltarmos. Um deles fez sinal para pararmos.

— Faça-me um grande favor — disse-me Jasmin, aproximando-se deles devagar —, me passe o meu chapéu.

Eu o fiz, e ela o pôs na cabeça.

— A excentricidade tende a desestabilizar os nossos dirigentes arianos — explicou ela.

Assim que o carro parou completamente, Jasmin baixou o vidro da janela. O soldado que nos fizera sinal para parar arregalou os olhos de curiosidade ao ver uma senhora tão imponente ao volante.

Num alemão defeituoso mas encantador, Jasmin disse:

— Jovem, por acaso sabe me dizer se é este o caminho para Puławy?

— Não tenho certeza. Espere um minuto.

Falou algo com o colega e em seguida deu-lhe as indicações para chegar à estrada principal.

— Obrigada. É muito gentil da sua parte — disse ela, fazendo-lhe um sedutor aceno com a mão; depois, sem lhe dar tempo para responder, arrancou.

Comecei a contar os segundos até os soldados abrirem fogo, mas não o fizeram. Teriam tido a intenção de pedir nossos documentos? Ao chegar aos trinta segundos, virei a cabeça para trás, mas os alemães já tinham dado as costas para nós, conversando um com o outro — provavelmente sobre o estranho povo que tinham conquistado.

Jasmin espreitava pelo espelho retrovisor, para se certificar de que não estávamos sendo seguidos.

— Quem diria que estávamos indo rumo à segurança com a própria Sarah Bernhardt ao volante! — disse Izzy.

— Brilhante! — acrescentei.

— Obrigada a ambos, mas acho que fiz xixi nas calças — confessou ela.

Ao fim de quase mais 1 quilômetro paramos o carro, para ela poder se secar e se recuperar.

— Fui mesmo bem? — perguntou ela, hesitante, escondida atrás do carro, e, quando dissemos que sim, desatou a rir, por isso fizemos o mesmo.

O sol espreitava por um buraco entre nuvens escuras. De ambos os lados da estrada viam-se pomares de macieiras. Aquele vale ia se transformar num mar de botões cor-de-rosa em cerca de um mês.

— A Polônia é um país lindo — comentei para Izzy.

— Mas não se afeiçoe muito — respondeu. — Não vamos ficar por aqui muito tempo.

Eram 16 horas quando entramos no caminho de cascalho da propriedade de Liza. Eu dormia atrás.

Acordei com uma mulher de afáveis olhos castanhos me espiando. Estava tão perto de mim que eu conseguia sentir o cheiro de lã molhada do seu boné escocês azul e vermelho.

Será que eu tinha morrido e ido para a Escócia?

— Dr. Cohen, é hora de levantar — disse a mulher numa voz cantada.

Sentei-me, ainda meio dormindo. Atrás da minha fada madrinha escocesa estavam Izzy e Jasmin, conversando. Entre eles saltava, latindo, um enorme cão preto.

— Meu nome é Liza, sou irmã da Jasmin — disse ela em voz suave. — Bem-vindo à minha casa.

O sítio de Liza erguia-se sobre uma pequena encosta que subia das margens verdes do rio Wieprz, separada da aldeia de Niecierz por um espesso bosque. Casa de pedras, do século XVIII e com dois minúsculos quartos no andar de cima, começara como um celeiro adicional de uma enorme casa senhorial que ficava a uns 800 metros para leste e que não se via dali, escondida como estava por uma colina baixa encimada por um bosque de abetos vermelhos. Liza morava sozinha; o marido morrera alguns anos antes e o filho e a filha, já adultos, viviam em Cracóvia.

O chão era todo em tijoleira hexagonal — escurecida e brilhante pelo uso — e os móveis eram todos de madeira escura. A cal das paredes brilhava com tonalidades cinzento-azuladas à luz oblíqua da tarde. O teto do andar de cima era tão baixo que eu conseguia tocá-lo, se ficasse na ponta dos pés.

Não havia eletricidade nem telefone. Estávamos na Polônia dos nossos antepassados.

Izzy e eu levamos nossas coisas para o quarto que estava livre. Fazia um frio de rachar, mas Liza acendeu logo um bom fogo de carvão na salamandra da sala, depois abriu o armário do marido e disse:

— Peguem o que quiserem.

Descobrimos vários casacos e cachecóis de lã grossa.

Liza era oleira. Seu ateliê ficava no anexo onde se guardavam as maçãs, que estava vazio naquela época do ano mas ainda cheirava a sidra. Bebemos bom café pela primeira vez em meses e empanturramo-nos com o seu *gołq̄bki*, sentados em volta da mesa de pedra da cozinha. Mantive afastados os pensamentos angustiantes observando de perto as duas irmãs: Jasmin, tão elegante e aristocrática, e Liza, com calças de homem e um casaco amarelo roído pelas traças. Via-se que se adoravam na forma como riam por tudo e por nada e lançavam uma à outra olhares furtivos e cúmplices. Nos meses que se seguiriam, muitas vezes tive a sensação de haver telepatia entre ambas. Acabei chegando à conclusão de que cada uma delas estava vivendo a vida que a outra podia ter tido.

Nessa primeira tarde, Liza disse que ia nos ensinar a usar uma roda de oleiro. Seríamos seus assistentes durante todo o tempo que vivêssemos com ela. Garantiu-nos que estava feliz por ter companhia.

Quando comentei que estávamos colocando a vida dela em perigo, deu de ombros, como se se tratasse de um risco sem importância.

Jasmin disse que ia passar lá a noite mas que teria de partir de madrugada.

— Tenho de voltar a Varsóvia. Amanhã é sexta-feira, e, se eu não estiver na galeria na hora, o dono vai achar suspeito. Volto no sábado à tarde.

Nessa noite, durante o jantar, que foi servido cedo, contei às duas irmãs sobre Irene; contei-lhes que ela ouvira Jasmin falar do gueto, mas omiti que a jovem tinha me levado a Jesião e a Lanik. Eu achava, então, que estava omitindo essa informação porque não me atrevia a falar da morte de Adam, no estado de fragilidade em que me encontrava. Agora percebo que também estava protegendo Irene; se Liza ou Jasmin fossem presas algum dia, quanto menos pudessem revelar sobre a jovem, melhor.

Capítulo 29

LOGO NO DIA SEGUINTE, Izzy e eu fizemos um diagrama dos nossos planos para chegar até Lviv e de lá seguir para Kiev, mas Jasmin rapidamente conseguiu contatar um contrabandista de armas da Resistência de Varsóvia, e ele disse-lhe que fora informado de que os alemães estavam construindo campos de trabalho e bases militares ao longo de todo o leste da Polônia; por isso, ela achava que ainda não devíamos nos arriscar fugindo. O seu amigo contrabandista nos diria quando fosse mais seguro ir embora.

Ficamos com Liza desde março até o início de julho. Ao fim de poucas semanas, estávamos contentes por não termos de partir, embora soubéssemos que nos poríamos a caminho assim que Jasmin nos desse sinal verde — mesmo que não por outra razão, ao menos para deixarmos de colocar Liza em risco.

Izzy e eu ficávamos sempre perto do sítio; não nos atrevíamos a ir à aldeia mais próxima, com medo de sermos descobertos e denunciados. Mesmo assim, às vezes, de madrugada, antes de todos se levantarem, levávamos o cão dela, Noc, para passear pelos campos.

Noc tinha um extenso vocabulário do polonês, e Izzy e eu ensinamos-lhe também iídiche.

Hak mir nisht ken tshaynik!, gritava Izzy àquela bela mistura de raças quando ele desatava a latir alto demais para um coelho ou esquilo que fugira para se esconder na vegetação rasteira. O espantoso é que o cão se calava logo e sentava-se sobre as patas traseiras, olhando-nos alternadamente com seus profundos olhos castanhos cheios de remorso. Como tinha um exuberante pelo preto, dizíamos brincando que o cão era a reencarnação de um peleiro judeu, e que tinha estado aquele tempo todo à espera para aprender a sua verdadeira língua.

Alguns dias após nossa chegada, Liza comprou inseticida num farmacêutico local, e Izzy e

eu cobrimo-nos com o pó branco da cabeça aos pés, o que nos transformou em autênticos bonecos de neve malcheirosos.

Izzy entrou primeiro na banheira. Quando acabou, meti-me na água escaldante, sentei-me e fechei os olhos. E entrei no paraíso. Não podia me sentir mais feliz se tivesse 5 anos e tivesse acabado de ganhar um beijo da minha mãe.

Eu não percebera que meu corpo estava tão tenso e fechado sobre si próprio como se houvesse silvas enroladas nele inteiro. Junto com os piolhos foram-se meses de esterco, cano abaixo.

Mesmo assim, soluzei sozinho a noite toda, escondido na adega de Liza.

Izzy e eu só escrevemos uma única carta para nossos filhos, com medo de que a correspondência que enviássemos pudesse causar problemas a Liza. Disse a Liesel que entraria em contato com ela de novo quando chegasse à Ucrânia soviética.

Levantava-me todas as manhãs para ver o sol nascer, grato pelo céu rosa e rubro sem limites, por toda aquela luz abençoada caindo sobre a terra, pelas brisas tépidas da primavera e as borboletas que voavam por cima das flores, pelas águias e os falcões e as pegas, e por tudo que podia voar fora do controle dos nazistas. Grato, também, por uma raposa fulva que vi um dia no início da manhã, e que parou para me observar como se eu tivesse descido à terra vindo de um nascer do sol que era o *dela*.

O som das coisas que dizia a Izzy em voz baixa quando adormecíamos era como uma rede de proteção. Todas as noites nos cobríamos com as nossas vozes.

Naquelas primeiras semanas de refúgio, ambos cozemos na mufla xícaras e jarras todas tortas, feitas por nós. Mas um dia Liza decidiu me ensinar a trabalhar um vaso na roda de oleiro, nem que ambos morrêssemos no processo. Pôs as mãos sobre as minhas e guiou-as por entre o voluptuoso barro molhado, enquanto aquela roda da criação rodava sem parar entre nós dois com um *dreidl* singular, proclamando o milagre da nossa fuga. Se fôssemos os dois mais jovens, talvez tivéssemos tido a oportunidade de uma vida nova. Mas passamos uma porta sem nos darmos conta disso, e depois já não vale a pena voltarmos e recomeçarmos. Ambos sabíamos disso, e acabamos rindo.

Mesmo assim, foi bom aprender uma nova arte naquela idade.

De vez em quando, Izzy e eu discutíamos feio por causa das ninharias mais insignificantes, mas nunca esquecíamos que estávamos no mesmo barco no meio de um mar tormentoso, e isso fazia toda a diferença. Tínhamos o cuidado de dar a Liza tempo suficiente para ela própria e muitas vezes ficávamos no nosso quarto — ensinando a Noc as sutilezas da gramática iídiche, ou jogando sua bolinha de couro para ele pegar — quando preferiríamos estar com ela.

Imagine ter de cuidar de dois velhotes inúteis. Meu Deus, o que fizemos aquela mulher passar!

Levávamos uma vida muito limitada, mas qualquer coisa que fosse mais grandiosa teria posto nossas vidas em perigo. Além disso, andávamos esgotados. Só tínhamos percebido até que ponto estávamos exauridos depois de sair da nossa ilha.

Eu dormia 12 horas por noite naquelas primeiras semanas. E, quando o meu estômago se habituou à comida saudável outra vez, não perdia uma oportunidade de limpar os pratos que Liza nos servia ao jantar.

Minha fome é capaz de ter se tornado uma obsessão de tempos em tempos, mas o nariz de Izzy não tinha sido anestesiado — como o meu — por cinquenta anos de fumo de cachimbo, e assim que o seu sensível radar olfativo sentiu de novo o perfume da boa comida, transformou-o num autêntico lobo; durante cerca de um mês, não conseguia manter uma conversa se sobrasse alguma coisa, nem que fosse só uns grãosinhos de trigo moído ou uns restos de mingau de trigo-sarraceno. Ficava de olho nas migalhas que eu ou Liza deixávamos no prato como se tivessem sido roubadas dele sempre que estendia o braço para a manteiga ou a pimenta, e o ouvíamos contar os segundos que considerava essenciais — dadas as nossas noções vitorianas de etiqueta — antes de mergulhar de cabeça no prato à hora das refeições.

Quando entrava numa das suas crises de fome devoradora, o canibalismo parecia ser uma verdadeira possibilidade. Liza e eu mantínhamo-nos a distância, e aconselhamos Noc a fazer o mesmo.

Não havia dúvida de que o escorbuto não perturbava em nada seu magnífico apetite.

No silêncio da floresta que protegia nosso sítio, comecei a acreditar que, enquanto houvesse no mundo mulheres como Liza, a história do povo judeu nunca chegaria ao fim — nem ali, nem em parte alguma. E que, mais cedo ou mais tarde, o mundo acabaria por cair em si.

Liza vendia suas tigelas, canecas e jarras em duas lojas de Puławy. Os donos iam uma vez por mês buscar a mercadoria que queriam. Um deles, Jerzy, escolheu um dia uma tigela feita por Izzy ao estilo japonês: azul, com uns riscos pretos que imitavam uma caligrafia junto à borda. Sua primeira venda. Nessa noite, celebramos com uma garrafa de vinho.

À noite, na cama, Izzy e eu falávamos sobre os amigos que tínhamos deixado em Varsóvia. Sempre nos pareceu estranho como a geografia pode determinar tudo durante uma guerra. Eu me perguntava se algum dia voltaria a ver a cidade. E se teria vontade disso.

Às primeiras horas da manhã, eu às vezes ouvia chamarem meu nome, como se a voz viesse do andar de baixo, e tentava sair da cama, certo de que Liza estava em perigo, mas descobria — horrorizado — que não conseguia me mexer. Meus braços e pernas estavam paralisados. Nunca experimentara tamanha sensação de impotência. E depois via o rosto de Izzy iluminado por crescentes de luz e sombra projetados pela vela branca que carregava, e ouvia-o me chamar em voz baixa, e então percebia que mais uma vez ele estava me acordando

do pesadelo que me era constantemente causado por tudo aquilo que não conseguira fazer.

* * *

Duas vezes por semana, vinha de Niecierz um agricultor corpulento e o filho adolescente para tratar do sítio; Liza tinha um acordo com eles que lhe permitia ficar com metade das frutas e dos cereais produzidos. Izzy e eu nos escondíamos na adega sempre que ouvíamos a sua carroça se aproximar aos solavancos pela esburacada estrada de terra que contornava o sítio, lendo à luz de velas até Liza dar o sinal de já não haver perigo, um assobio agudo que fazia Noc disparar escada acima e atirar-se aos braços dela.

No fim de maio, comecei a pescar ao término da tarde, numa curva sossegada do rio Wisłoka, protegida por um bosque denso e exuberante — na sua maioria bétulas de casca fina e carvalhos altos e largos, mas também aveleiras de graciosos ramos formando arabescos junto à água. Noc acompanhava-me, trotando ali fora enquanto abanava o rabo. Com um som seco das mandíbulas, tentava em vão abocanhar libélulas e depois ficava observando a água escura em volta da minha linha de pesca, como se esperasse que um gênio do rio viesse à superfície a qualquer momento.

Por duas vezes apanhei trutas suficientemente grandes para comer.

Izzy e Liza plantaram uma horta; assim, no início de junho começamos a colher legumes frescos. O cheiro doce e a terra das beterrabas transportavam-me de volta aos dias da minha infância, quando ia ao mercado com a minha mãe. Sempre que Liza cheirava a nossa moita perfumada de ervilhas-de-cheiro cor-de-rosa e azuis, fingia desmaiar de deleite, como uma heroína de novela do século XIX doente de amor.

Nunca a comida me caiu tão bem como quando comíamos no pequeno pátio de Liza, ouvindo as árvores e os campos da Polônia falar na linguagem do vento que soprava da Ucrânia. Porém, por mais que comesse, ainda assim sentia pontadas de fome atravessar minha barriga de vez em quando, durante a noite. Acendia uma vela e descia as escadas rangentes que levavam à cozinha. Muitas vezes Izzy me acompanhava. Sentávamo-nos à mesa vestidos apenas com a roupa de baixo — autênticos meninos se empanturrando de queijo e bolo enquanto os pais dormem.

Num dia quente do fim de junho, tirei a roupa toda e deitei-me num campo de batatas ao lado de Noc. A terra me pareceu firme debaixo do corpo — incapaz de se abater — pela primeira vez em um ano.

No dia 7 de julho, Izzy e eu estávamos na adega ajudando Liza a arrumar as louças recém-prontas nas prateleiras dela quando ouvimos dois carros se aproximarem. Já sabíamos de cor o que tínhamos de fazer. Escondemo-nos atrás da mufla. Ela subiu a escada correndo e fechou

a porta da adega atrás de si. Logo depois, dois homens entraram pela porta da frente e Liza começou a falar em alemão, mas não conseguíamos distinguir o que ela dizia.

Depois de alguns segundos, nós a ouvimos gritar:

— Fora da minha casa!

Fiquei esperando ouvir um tiro. Em vez disso, um dos alemães gritou:

— Onde é que você o escondeu?

O... Percebi logo o que aquilo queria dizer; quem quer que tivesse feito a denúncia aos nazistas, só tinha visto um de nós.

Quando Liza gritou, me levantei de um salto.

— Fique aqui! — sussurrei para Izzy.

— Aonde vai? — ele quis saber, segurando meu braço com força.

Não havia tempo para explicar. Abaixei-me.

— Vá encontrar o Louis quando for embora daqui.

Quando o beijei na boca, ele me segurou por um instante, sobressaltado, e depois retribuiu o beijo.

— Erik, não! — sussurrou, desesperado, quando me afastei.

Quis dizer com os olhos que tinha acabado nosso tempo, e quis que o meu sorriso lhe dissesse que não tinha outra escolha possível. Terá ele entendido?

Quando a porta da adega se abriu, comecei a subir a escada com as mãos erguidas bem acima da cabeça.

— Vou subir! — gritei em alemão.

Não me atrevi a olhar para Izzy, porque tinha certeza de que os seus olhos escuros e profundos — e tudo o que havia neles que me dava vontade de viver — poderiam me tirar a coragem, mas queria ter podido lhe garantir que tudo ia correr bem comigo.

Eram três os oficiais da SS que tinham ido ao sítio. Embora eu não tenha oferecido qualquer resistência, os dois mais novos me jogaram no chão e começaram a me dar pontapés. Liza começou a insultá-los aos gritos, até que o que comandava o grupo — um homem dos seus 40 anos, com cabelo grisalho nas têmporas e sobrancelhas negras — a pegou e atirou ao chão.

— Não fui eu que contei a eles! — gritou ela quando me arrastaram dali para fora. — Juro!

Os alemães me jogaram no banco traseiro do carro.

Antes que eu pudesse gritar pela janela que sabia que ela nunca nos trairia, o nazista mais velho ergueu a arma e disparou. Ela caiu com um grito rouco, segurando o braço com força.

Abri a porta de repente e saí.

— Pare com isso! — gritei. — Ela só me escondeu para ganhar dinheiro!

Ele nem se deu ao trabalho de se virar para mim. Encostou o cano da pistola no ouvido de Liza.

Ela ergueu para ele o olhar perplexo.

Ainda consigo ouvir a explosão da bala; é o som de todas as melhores pessoas que já conheci sendo assassinadas.

O alemão que comandava os outros sentou-se ao meu lado no banco de trás, exigindo saber meu nome e local de nascimento. Quando viu que eu não respondia, deu-me uma bofetada enorme. Lutando para recuperar o fôlego, eu disse que me chamava Izydor Nowak e que era relojoeiro em Varsóvia; apoderei-me da identidade do meu velho amigo porque seria mais fácil para ele desaparecer completamente se os nazistas pensassem que já o tinham capturado.

E também disse que tinha matado uma mulher maravilhosa que não merecia morrer.

Lembro-me de em seguida entrar em Puławy, onde os meus captores me obrigaram a ficar de pé na praça de um bairro com um grupo de mais uns cinquenta judeus, todos homens, durante o resto desse dia e toda a noite seguinte. Os moradores cristãos — milhares deles, segundo me pareceu — passavam por nós ao voltar do trabalho e a caminho de casa, mas nem um único nos ofereceu um pão ou um copo d'água. Os alemães queriam nos provar, acho, que não éramos nada — que éramos menos importantes para os nossos vizinhos poloneses do que cocô de cachorro na rua. E era verdade.

Quando a manhã chegou, já não conseguia fugir do sofrimento físico nem por um momento que fosse. Sentia a garganta em brasas, como se tivesse sido lixada com jato de areia, e custava-me respirar. E não tinha mais lágrimas para chorar.

Logo vieram soldados poloneses e alemães que nos obrigaram a marchar dali. Para onde, não fazíamos a mínima ideia. Minha sorte foi que o cansaço e a desidratação me fizeram entrar em delírio. Puławy foi substituída por Varsóvia, e eu estava correndo pela rua Leszno. A cúpula da Grande Sinagoga erguia-se contra um céu inundado de sol bem à minha frente, imponente mas, tal como uma avó, com uma severidade fingida, e começara a cair uma chuva de verão, e aquele seu tamborilar contra a cúpula era um som bom, o som de uma vida nascendo...

Fiquei em Varsóvia até que o som de um tiro me fez voltar a mim. Um homem à minha frente caíra de exaustão e fora executado. Já havia moscas pousando no ferimento aberto na sua cabeça. Estávamos percorrendo a plataforma de uma pequena estação ferroviária.

— Não pare! — alguém me gritou em alemão.

Ao erguer os pés para passar por cima do homem, tive certeza de que o nosso sangue nunca seria completamente apagado das ruas de todas as cidades e vilas polonesas — nem que chovesse todos os dias, durante mil anos. E pensei: *Os poloneses que sobreviverem a esta*

guerra vão nos odiar para sempre, porque as pedras ensanguentadas das calçadas das suas cidades e vilas vão lembrar a eles sua culpa.

No trem, dentro de um vagão para gado que era quente como um forno, deixei-me cair no chão e enrolei-me sobre mim mesmo para não ser esmagado. Queria tanto beber água que teria aberto uma veia se tivesse alguma coisa afiada.

Devo ter desmaiado. Quando acordei, vi soldados nos batendo com o cabo das espingardas, enquanto seus pastores alemães esticavam as coleiras ao máximo, ávidos por saborear carne de judeu. Obrigaram-nos a marchar à frente deles. Eu sentia a cabeça pesada e disforme, como se fosse cair devido ao próprio peso, e a língua seca e inútil era como um lagarto morto dentro da minha boca.

Chegamos a um vasto campo de barracões de madeira e tivemos de marchar pelo portão de entrada adentro até uma mesa onde dois prisioneiros enchiam canecos de lata com água tirada com uma concha. Tinha gosto de metal, mas bebi o mais depressa que pude. Ainda não tinha saliva suficiente para comer, nem sequer apetite, mas agarrei minha crosta de pão como se fosse a mão de Hannah.

Naquela noite, dormi num chão de madeira, rodeado por outros recém-chegados.

Na manhã seguinte, depois de fazerem a chamada, um dos prisioneiros-chefes chamou o nome de Izzy e, quando respondi, levou-me a um barracão transformado em oficina de alfaiate e acompanhou-me até os fundos, onde três homens esqueléticos estavam sentados muito juntos, debruçados sobre uma mesa onde se empilhavam centenas de relógios.

— Espero que goste do seu novo escritório — disse ele, e foi embora sem mais nem menos.

Um jovem alto, de olhos ansiosos e cabeça raspada, ergueu-se e apertou minha mão. Eu disse que minhas pernas ainda tremiam, e perguntei se podia me sentar.

— Claro — respondeu, dando um passo para o lado e apontando-me sua cadeira.

Disse que se chamava Chaim Peczerski. Apresentou-me seus dois colegas de trabalho, Jan Głowacz e Jakub Weinberg.

Jakub tinha uma orelha rasgada e óculos a que faltava uma lente. Pensei que talvez um dos pastores alemães o tivesse atacado. Mais tarde, quando soube o que era capaz de fazer, perguntei a outros prisioneiros e me contaram que ele provocara uma luta sangrenta com um alfaiate de Turobin, que lhe dera uma dentada para impedi-lo de estrangulá-lo até a morte.

Chaim explicou que os relógios que estavam pousados nas mesas tinham sido roubados de judeus, bem como de prisioneiros de guerra poloneses e russos. Estávamos num campo de trabalho dirigido pelas SS.

Estava tão desorientado que perguntei a ele se por acaso nos encontrávamos perto de Lublin.

— Você está em Lublin, idiota! — respondeu Chaim, rindo.

— Agora você é um escravo judeu trabalhando para o faraó — acrescentou Jan, enfiando na boca um cigarro feito à mão, com um sorriso que mostrava todos os dentes.

Tinha um rosto suado e cor de cera que me assustava — como uma máscara.

— Vai trabalhar comigo — disse Jakub, e seus minúsculos olhinhos castanhos dardejavam, como os de um falcão, do meu rosto para as minhas mãos e daí para os meus pés, como se estivesse drogado. Só uma semana depois é que entendi por quê.

— Temos muito trabalho — disse Chaim. — Precisamos atingir uma meta cada dia, senão não nos dão nem uma migalha de pão.

— O problema é que não sei nada sobre conserto de relógios — confessei. — Menti para os alemães.

— O quê? — perguntou Jakub, indignado.

— Menti.

— Desgraçado! — vociferou, e olhou para Chaim, como se exigisse a minha execução. Pelo visto, era o mais novo de nós quem mandava ali.

— Tive de proteger um amigo — expliquei.

— Muito bem, mas comigo é que não vai trabalhar! — disse Jakub, revoltado.

Levantei-me para ir embora, mas Chaim puxou-me com dureza, obrigando-me a sentar de novo.

— Então qual é a sua profissão? — ele quis saber.

— Sou um romancista fracassado — respondi, pois achava mais seguro continuar fingindo que era outra pessoa.

Jakub riu daquele absurdo, e Jan disse com desprezo:

— Não serve para nada!

— Levante-se! — ordenou Chaim. Apontou para a porta. — Espere lá fora enquanto nós discutimos.

Quando me mandou entrar de novo, disse que Jakub e Jan tinham votado contra deixar-me trabalhar com eles, mas que ele se impusera.

— Você tem três dias para aprender o suficiente — disse ele em tom de aviso.

Trabalhei muito, mas ao fim de três dias continuava praticamente a ter duas mãos esquerdas com aqueles minúsculos parafusos e alicates. Contudo, Chaim descobriu uma solução; eu teria de limpar e polir todos os relógios que ele e os colegas consertassem, fazendo portanto um quarto do total do nosso trabalho. Jan achou isso aceitável, mas Jakub insultou-me. Começou também a referir-se a mim como *O judeu idiota do Dostoievski*, epíteto que ele achava espirituoso.

Uma noite, cerca de uma semana mais tarde, acordei e dei com Jakub debruçado sobre

mim, sussurrando palavras em hebraico que não consegui entender. Quando tentei me sentar, ele voltou a me empurrar para baixo. E arrancou os sapatos dos meus pés.

— E o que é que eu vou calçar? — perguntei em tom lamentoso.

— Problema seu!

Enquanto voltava engatinhando para o catre dele, percebi que, da primeira vez que nos encontráramos, tinha me estudado para ver o que eu possuía que valesse a pena roubar.

O campo tinha um mercado negro bem ativo, e, em troca de cinco dias do caldo rançoso que era nossa sopa, em breve consegui obter uns delgados sapatos de couro — três tamanhos acima do meu —, que enchi com jornal.

Então Jakub começou a tirar o pão diretamente das minhas mãos, troçando de mim quando eu me recusava a lutar com ele para impedi-lo e parando apenas quando um prisioneiro maior do que ele encostava uma navalha artesanal em sua garganta.

Jakub queria punir-me tanto quanto queria viver. Talvez as duas coisas fossem o mesmo para ele.

Às vezes penso que ele me rogou uma praga mágica quando se inclinou para mim na noite em que roubou meus sapatos, ou então outra noite em que eu não acordei a tempo de perceber que ele estava junto a mim, e que é por isso que ainda estou aqui.

Antes do gueto, eu acharia isso impossível, Heniek, mas ouça...

O cunhado de Jakub era um rabino de Chelm chamado Kolmosin* — um homenzinho atarracado e de nariz vermelho, talvez dos seus 50 anos. Ele e Jakub costumavam rezar juntos nas noites de sexta-feira atrás de uma cortina de aniagem que prendiam aos seus dois beliches, que ficavam um ao lado do outro. Segundo os boatos que ouvi, o rabino era descendente de Shabbetai Tzvi e conhecia feitiços muito fortes que havia vinte gerações eram passados de ramo em ramo da árvore genealógica da família — feitiços que governavam a vida e a morte. Ele subornara os guardas para o deixarem levar consigo uma Torá do tamanho de um baralho de cartas, e era comum vê-lo de relance todo debruçado sobre ela, tirando notas rápidas com um lápis minúsculo. Chaim disse-me que, se ele escrevesse o nosso nome, nosso destino mudaria, e podia ser bom ou mau segundo a natureza do verso em que fosse inserido. Por causa disso, os prisioneiros tentavam ficar nas boas graças de Kolmosin, engraxando seus sapatos ou costurando suas meias, ou então dando-lhe cigarros de contrabando, açúcar e outros pequenos presentes. Foi o único prisioneiro que vi em toda a minha vida com uma camisa branca limpa. Vivia como um paxá.

Uma vez, em agosto, vi o suposto homem santo sentado nu sobre sua almofada de veludo vermelho, cantando sozinho. Levava aquela ridícula almofada de veludo para todo lado por causa das hemorroidas — que, pelo visto, escapavam ao controle das suas magias. Mais tarde, ensinou aquela canção de laivos orientais a Jakub e a alguns dos outros prisioneiros. Garantia que a aprendera numa visão e que ela nos manteria sãos e salvos.

Eu era de opinião que, se cantássemos o “Deutschland, Deutschland über alles” teríamos

resultados melhores, mas talvez Kolmosin fosse o último a rir; quanto mais penso nisso, mais me pergunto se ele não terá ajudado Jakub a amarrar-me à terra, inscrevendo meu nome num verso da Torá que me fizesse voltar após a morte. Talvez eu tenha representado também uma oportunidade para ele, só que não faço ideia de quê.

Embora contra minha vontade, tenho de admitir que acabei por acreditar na magia. Contudo, continuo sendo ateu. Será um paradoxo? Provavelmente, mas o que pode ser mais comum do que isso?

Sempre que acordava ou adormecia, imaginava Liesel sentada com Petrina numa praia perto de Izmir. Escrevia-lhe longas cartas na minha cabeça e, enquanto polia relógios, muitas vezes sonhava acordado com ela, embora a minha fantasia favorita fosse imaginar Izzy aparecendo de surpresa a Louis — batendo um dia à sua porta, sem avisar. Via-os se abraçando durante muito tempo e depois indo passear de braços dados ao longo do Sena. Às vezes, eu me juntava a eles para tomar chá e comer bolo no Les Deux Magots.

Vivia dentro da minha cabeça. Durante horas e horas, caminhava pela Varsóvia da minha infância e pela Londres da minha lua de mel, e os passeios que fizera sozinho — e por vezes com Hannah — iam mantendo uma pequena e pálida chama acesa dentro de mim.

Quando setembro chegou, passei a andar quase sempre morto de frio, e muitas vezes uma constipação ou diarreia tirava as poucas forças que me restavam. Meu corpo transformara-se num fardo difícil, e — tal como a maioria dos homens — eu não via a hora de me livrar dele.

Éramos mil no campo — mil traças presas num candeeiro preto e vermelho, adejando contra o vidro das nossas identidades judaicas.

Mas um de nós descobriu uma forma de escapar, e sua fuga em breve passaria a ser também a minha.

Na manhã do dia 7 de dezembro, nossos guardas alemães deram pela falta de um prisioneiro de Lublin chamado Maurice Pilch. Trabalhava na seção de curtumes. Mais tarde veio a se saber que ele se escondera dentro de um carregamento de peles com destino à Áustria. Na verdade, enviara a si próprio para Graz pelo correio, para passar lá o Chanuca!

Os outros prisioneiros do campo alegraram-se com a cômica fuga de Maurice, mas por pouco tempo; o comandante, Wolfgang Mohwinkel, decidiu executar dez homens como represália pela afronta de Pilch.

Cerca de uma hora depois de a notícia se espalhar pelo campo, Chaim, Jan, Jakub e eu ouvimos gritos do lado de fora do barracão onde trabalhávamos e nos precipitamos lá para fora. Dois guardas tinham pegado um prisioneiro adolescente, mantendo-o deitado no chão. Um deles apoiava o joelho direito com toda força no peito do jovem. Costumávamos chamar aquele guarda de Calígula, porque gostava de matar e era bom nessa arte. Até então já tinha matado sete homens por esporte, quando estavam sentados na privada.

Calígula contou-nos, feliz, que o rapaz era um dos dez judeus que iam ser enforcados.

— O comandante gosta de rapazes novos! — gabou-se, como se estivesse falando de violar alguém.

O adolescente aprisionado tinha sardas e cabelo louro espetado, como cerdas de uma escova. Chaim sabia o nome dele — Albert — e também que trabalhava na gráfica com o pai. Eram de Radom.

Calígula tirou o joelho e pressionou o bastão contra o pescoço de Albert, para impedi-lo de gritar.

Aprendi nesse dia que um rapaz é capaz de se debater e espernear como um louco para chegar aos 17 anos, mesmo quando estão lhe esmagando a traqueia e não consegue respirar direito.

— Parece uma barata de pernas para o ar — sussurrou Jakub em tom de zombaria.

Depois do que me pareceu uma luta terrivelmente longa, embora possa ter durado apenas meio minuto, Albert parou de arquejar e se debater. Os braços ficaram inertes e a cabeça caiu para o lado. Fechou os olhos.

Pensei que estivesse morto, mas o guarda sabia que não era isso. Pressentindo que ia se divertir, retirou a pressão sobre o pescoço do rapaz. Depois de um ou dois segundos Albert abriu os olhos, piscando-os, e puxou uma longa golfada de ar. Tentou se sentar, mas Calígula voltou a empurrá-lo contra o solo.

Então o brutamontes nazista me chamou.

— Fique em cima do meu bastão, com um pé de cada lado! — ordenou-me.

Os olhos castanhos de Albert viraram-se ansiosos para mim, implorando misericórdia. Tentou falar, mas o alemão imprimiu ao bastão mais força ainda.

O peso de um corpo, mesmo tão leve como o meu, seria o suficiente para partir o pescoço do rapaz, por isso balancei a cabeça.

— Fique em cima do bastão, senão lhe dou um tiro! — gritou Calígula.

— Não consigo — respondi, embora soubesse que ele cumpriria a ameaça.

— Faça o que eu digo, porco judeu! — berrou ele.

— Mate a mim antes — eu disse; foi a única coisa que me ocorreu para pôr fim àquele impasse, embora deva confessar que, um momento mais tarde, minha vontade era retirar a oferta.

Mas Calígula não me deu tempo para isso.

— Você? Por que iríamos perder tempo matando um velho como você? — perguntou com desprezo.

Senti-me encurralado, e tudo o que tinha a meu favor era a verdade.

— Porque sou mais perigoso para vocês do que o rapaz — respondi eu.

— E por quê? — perguntou, divertido.

— Porque ele é jovem e pode esquecer vocês se continuar a viver e tiver uma vida feliz,

mas eu não. Eu escreverei sobre o que vocês nos fizeram e ainda vou dançar em cima dos seus túmulos.

O malvado guarda sorriu e retirou o bastão do pescoço de Albert, como se a minha coragem de falar tivesse salvado ambas as nossas vidas, mas a essa altura eu já sabia que os nazistas adoravam jogar um jogo chamado Come na Cabeça do Judeu. Pressenti o pior e ergui a mão para pedir misericórdia. E para propor um negócio.

— Se nos deixar viver, digo-lhe onde poderá encontrar uns brincos de rubis que tenho...

Dando um passo atrás com o bastão na mão, Calígula pôs fim à minha proposta com uma pancada tão brutal na cabeça de Albert que se ouviu o som do crânio rachando, como um galho de árvore que se parte.

O jovem gemeu longamente. A cabeça caiu, os braços ficaram inertes.

O alemão continuou a bater nele até o sangue escorrer pelo seu rosto, empapando o chão.

Quando acabou, pôs um pé em cima do rapaz, como um campeão de boxe posando para as objetivas. Foi aquela atitude teatral que me fez compreender até que ponto os nossos guardas nazistas eram vaidosos, todos eles ansiosos por se tornarem astros no seu próprio filme com Leni Riefenstahl.

Quando os flashes que imaginava na cabeça pararam de disparar, apontou o bastão para mim.

— Ei! — vociferou. — Agora é você o número 10!

O corpo humano tem vida própria; quando passaram o nó corrediço em volta do meu pescoço, as garras que andavam apertando minhas entranhas nos últimos dias soltaram-se de repente. Havia várias centenas de homens assistindo, mas nenhum riu do peso molhado que apareceu nos fundilhos das minhas calças amarfanhadas. Gostaria de ter recitado um verso que equivalesse a todos os rostos condenados e naufragados à minha volta, mas sentia a mente atordoada, como se alguém tivesse colocado um saco pesado em cima dos meus pensamentos, que agora se emaranhavam num verdadeiro caos.

Lembro-me de procurar Izzy, pensando que ver o rosto dele me ajudaria a deixar este mundo. Quando lembrei que já não estava mais comigo, meu coração caiu num pânico tão grande e profundo que me senti como se nunca conseguisse chegar ao fundo.

Queria ter agora um dos feitiços do Kolmosin — um que me fizesse pousar no chão firme que conhecera no sítio de Liza, mesmo que significasse que partiriam minha coluna.

E queria uma frase de sabedoria que resumisse o que aprendera ao longo da minha vida.

Queria ter mais tempo. E mais palavras.

Distingui o rosto de Jakob. *O ódio é eterno*, dizia-me ele com aquele horrível olhar carregado.

Foi então que entendi que ele precisara arranjar um inimigo mortal para se manter vivo.

Um homem à frente — nunca saberei seu nome — desviou minha atenção com um pequeno aceno. Encurvado e retorcido, parecia um bonsai. Estava chorando.

Sua forma torturada levava-o a compreender o que eu não conseguia dizer. Tinha certeza disso.

Sustentou-me com seus olhos cor de jade e garantiu-me com todo o seu ser que não era preciso eu encontrar qualquer sabedoria. Tudo o que eu fizera e pensara me levava a ser Erik Cohen, e isso era o suficiente.

Agradei-lhe em silêncio por suas lágrimas.

Fiz de conta que Hannah, Stefa e Adam me acolheriam após a morte.

Perto do fim, ouvi uma melodia da minha infância, uma canção folclórica chamada “Hänschen Klein”, que minha mãe sempre cantava numa mistura de iídiche e alemão — e que eu ensinara a Adam quando ele era muito pequeno. Teria eu começado a cantar, ou o homem da frente? Não sabia. Meus sentidos estavam embotados por uma vontade de viver grande demais.

Quando o carrasco arrancou a cadeira de sob meus pés, tentei prender a respiração, mas o esticão tremendo do meu próprio peso esvaziou todo o ar que tinha aqui dentro. Sufocado, dei um puxão nas cordas que amarravam minhas mãos, mas a pressão que me puxava para baixo era forte demais.

E de repente a dor desapareceu. Dei comigo de pé na frente da multidão, ao lado do homem encurvado que me sustentara com os olhos. Vi meu corpo balançando. E contudo, olhando para baixo, via minhas próprias pernas. Passei lentamente os dedos pelas bochechas, pelo nariz, pela boca, como um cego que lê uma fisionomia.

Não era quem tinha sido. E estava em dois lugares ao mesmo tempo. E ninguém conseguia me ver.

Mas não estava assustado. Sentia como se todo o movimento da Terra tivesse cessado; e que parara de correr às cegas pela minha vida.

Mas claro que a vida é que parara de correr por mim.

Quando percebi o que acontecera, dei um primeiro passo na direção do portão principal do campo. E caí de bruços. Meu nariz e minha boca afundaram cerca de 15 centímetros no solo, numa coisa que parecia barro frio.

Quando me levantei, verifiquei que não deixara marca alguma na terra.

Imagine uma paisagem que vai fugindo gradualmente atrás de você — homens e barracões escorrendo para a distância, como se fossem puxados pelo horizonte.

Meus primeiros passos me deixaram tonto, tropeçando e apalpando o meu caminho ao longo de paredes que não existiam. Caí mais algumas vezes, e de cada vez minhas mãos afundavam vários centímetros no chão.

Os limites da terra já não eram como antes.

Depois de uma hora, aprendera a focar o olhar apenas nos objetos que estavam próximos. O que estava a distância, deixava simplesmente escapar. Meus pés e olhos levaram bem uns dois dias a adaptar-se à morte. E então saí do campo em passos largos.

Enquanto atravessava Lublin, ergui os olhos para uma bela mulher debruçada na janela de um terceiro andar, batendo um tapete de sisal com uma vassoura, e por um momento tive a impressão de que ela me via. Meu coração deu um salto a caminho da esperança, mas depois percebi que ela estava olhando um gato branco e esquelético que remexia num monte de lixo atrás de mim.

Quando fechei os olhos, cada pancada seca da vassoura da mulher assumiu a forma de um quadrado azulado — que em breve desbotou para um verde pálido dentro da minha escuridão interior.

Essa foi a primeira vez que experimentei uma confusão de imagens com sons, porém mais tarde nesse mesmo dia viria a notar que meu coração batia em tons de vermelho alaranjado na periferia da minha visão e que a minha respiração — especialmente à noite — assumia a forma de um nevoeiro branco-acinzentado.

Dirigi-me para fora da cidade, para noroeste, na direção do sítio de Liza. Às vezes parecia que eu conseguia sentir o movimento de rotação da Terra debaixo dos pés. E, quando comecei a ficar cansado, o ar frio de dezembro começou a cintilar à minha volta, como se fosse feito de pérolas. Era lindo — e me fez compreender que algo da exuberância do mundo permanecera muito para além do alcance dos nazistas durante todo o tempo que estivera no gueto e no campo de trabalho. E estaria para sempre a salvo deles.

Arrastei-me durante dois dias e duas noites, pelas minhas contas. Muitas vezes quis deitar, e de vez em quando até o fiz, mas descobri que já não precisava dormir.

Descobri a casa de Liza vazia e abandonada; Izzy partira havia muito.

No chão, junto à roda de oleiro, jazia o esqueleto intrincado de um rato morto — a estrutura de uma vida tão perfeita e diferente da nossa. Sentado ao seu lado, comecei a pensar em Liza e em como se pode perder tudo tão depressa.

Compreendi que tinha de fazer a viagem de volta a Varsóvia, ao lugar onde minha vida começara.

Talvez todos os mortos tenham de voltar para casa antes de partir para sempre.

Nota

* Deve ser mais uma invenção de Erik, ou então o nome adotado pelo rabino: *Kolmosin* significa ao pé da letra “canetas angélicas” em hebraico e é uma referência aos alfabetos esotéricos por vezes utilizados na magia judaica.

Capítulo 30

ENQUANTO LHE DITO ESTAS PALAVRAS, Heniek, vejo um grupo de 27 judeus do gueto de Łaskarzew cavando uma vala numa floresta logo na saída da vila.

Quando voltava para Varsóvia, vindo do campo de trabalho, ouvira o barulho metálico das pás batendo na terra e abandonara a estrada. Já tinham cavado uns 60 centímetros na terra dura quando cheguei até eles.

Era de manhã muito cedo. Pássaros voavam disparados por entre as árvores, e, depois de o nevoeiro levantar, faria provavelmente um dia de sol. Junto à vala perfilavam-se cinco soldados alemães e um comandante da SS, todos de arma em punho.

Depois de terem escavado mais uns 30 centímetros de terra, o alemão ordenou-lhes que entrassem na vala. Homens, mulheres e crianças ajudaram-se uns aos outros. Alguns deles atreveram-se a sussurrar, embora estivessem proibidos de falar.

As palavras deles apareciam na minha visão como flashes de luz.

Um pai se jogou lá dentro antes da filha e em seguida ergueu os braços, fazendo-lhe sinal para saltar.

Ela hesitou.

— Cadê o Rudy? — perguntou; talvez fosse o irmão mais velho, ou então o cão da família.

— Venha, Katarzyna — sussurrou o pai.

Ela ajoelhou, inclinando-se para ele, e ele ergueu-a nos braços.

O homem deu-lhe um beijo no rosto, e depois outro nos lábios. Não chegou a dizer-lhe onde estava Rudy. Em vez disso, empurrou suavemente a cabeça dela contra seu peito, para a menina não ver os soldados.

Katarzyna era a mais nova de todos. Parecia ter uns 7 ou 8 anos. Estava calma, mas os outros 26 corações batiam descompassadamente, incluindo o do pai. Percebi isso pela

maneira como erguiam os olhos para os soldados.

A ordem do alemão chegou de surpresa. Tal como a chuva de balas.

Os judeus dentro da vala ainda não estavam prontos. E eu também não. Mas quem está, alguma vez?

Os soldados poloneses usavam espingardas automáticas. O pai de Katarzyna tombou imediatamente. A menina caiu dos seus braços.

Várias pessoas gritaram e continuaram gritando. Mas não durou muito tempo.

O pai de Katarzyna morreu imediatamente, pelo que percebi.

Mas a menina não. Cheguei à beirada da vala e olhei lá para baixo. Uma bala atingira-a no ombro, outra na perna.

Durante mais alguns minutos continuou respirando, embora de olhos fechados. *Vai sangrar até morrer*, pensei. Mas estava enganado.

Quando os poloneses pegaram as pás, todos os judeus estavam mortos à exceção de dois, embora a maioria dos 27 corpos estivesse emaranhado um no outro, e não posso jurar que só aqueles dois estivessem ainda vivos.

Além de Katarzyna, a única pessoa que dava sinais de vida era um jovem de cabeça raspada e olhos azul-claros, com 20 e tantos anos, calculo. Gemia, tentando se sentar.

Os soldados poloneses jogaram terra em cima dele e de Katarzyna, e continuaram jogando até deixar de se ver qualquer um deles.

Por que estou lhe contando uma história que preferiria não ouvir, Heniek? Porque uma das coisas que prova é uma verdade essencial que talvez ainda não tenha entendido: nunca podemos voltar ao Tempo de Antes.

Temos de criar um novo calendário, um que comece em 1939, quando nos emparedaram.

Agora estamos no Ano Dois, em nossa luta para impedirmos que nossas sombras desapareçam.

Perdi aquilo que mais amava e, com isso, minha segunda oportunidade. Claro que não é um fenômeno raro; até esta luta acabar, os melhores de nós terão sido mortos, presos ou exilados. Os que ficarem vivos serão os covardes e os colaboradores — os homens minúsculos e pusilânimes que adoram a escuridão e a chamam de sol. Esses viverão até caírem de velhos. Seus rostos ficarão mirrados, seu cabelo cairá, e não se lembrarão sequer da data em que nasceram, mas mesmo assim hão de se lembrar dos dias em que lutaram pela Mãe-Pátria até o mais ínfimo detalhe e com um carinho orgulhoso, como se houvesse sempre uma fanfarra crescente de Wagner tocando ao fundo da cena. Porque eram novos, e durante breves anos governaram o mundo.

Esses não de contar aos filhos e aos netos — e a todos aqueles que se atreverem a perguntar-lhes — que não tiveram alternativa senão trabalhar para os nazistas, embora nunca tenham se filiado ao Partido...

Calígula até contará ao pequeno Martin e à pequena Angela — seus adorados netos — que fez tudo o que pôde para salvar os judeus que ficaram sob as suas ordens.

E o pequeno Martin e a pequena Angela acreditarão nele.

Mas você e eu, Heniek, nós sabemos como foi. E a nossa cumplicidade significa tudo para mim agora, porque significa que posso parar de contar a minha história. E posso deixá-lo pousar a sua caneta.

Todos nós queremos ser escutados — para sentir que somos importantes. Queremos poder contar a história da nossa vida sem sermos interrompidos ou julgados, ou sem que nos peçam para ir logo ao que importa.

Freud e Tchekov, Jung e Dickens, todos eles concordariam comigo. Sei que sim. E é por isso que compreenderiam por que lhe contei a minha vida da forma como a contei.

“O pior que pode acontecer é levarmos um tiro dos nazistas”, disse-me um dia Izzy.

Quantos de nós conseguirão viver sua vida sabendo que há coisas bem mais horríveis do que morrer com uma bala alemã no peito ou um nó corrediço no pescoço?

Aqueles que não conseguirem detestarão sempre os que conseguirem. Agora sabemos isso, você e eu.

Se conseguir sobreviver a isto, Heniek, então lembre-se: tome cuidado com os homens que não veem qualquer mistério quando se olham no espelho.

Capítulo 31

— E O QUE VAI fazer, agora que já acabamos a sua história? — perguntou-me Heniek.

Tínhamos passado os últimos dois dias fazendo a revisão do manuscrito, e estávamos sentados no sofá dele. Pôs uma rodela de cebola cozida sobre uma fatia de pão preto.

— Vou esperar aqui em Varsóvia — respondi.

— Por quem?

— Por Adam e por Stefa. Consegui voltar para casa, por isso talvez eles consigam também.

— Ouça, Erik, não tenha muitas esperanças — disse Heniek. — Se não voltaram até agora... — Balançou a cabeça diante da improbabilidade de um lacrimoso reencontro no último capítulo da minha história.

— Mesmo assim, para onde irei? Além do que não suporto a ideia de Adam não me encontrar aqui, se conseguir voltar para casa. Mas há uma coisa que você pode fazer por mim.

Heniek abriu um largo sorriso; sabia que eu ia lhe dizer aquilo desde que começara a ditar-lhe a minha história.

— Está bem, o que quer que eu faça? — perguntou ele, divertido, mas também ansioso por ajudar.

— Atravesse a rua, vá ao meu apartamento e tire das estantes *A interpretação dos sonhos*, de Freud. Ainda deve estar lá. E depois traga-o aqui.

— E se o apartamento estiver fechado? — perguntou Heniek.

— Peça ao zelador do prédio que o abra. Diga-lhe que precisa devolver um livro ao antigo dono.

Heniek voltou alguns minutos depois, com o livro na mão.

— Abra-o — disse-lhe eu, todo contente com aquela oportunidade de ajudá-lo.

— E o que temos nós aqui? — perguntou Heniek em tom de surpresa alegre ao ver os

brincos de rubi de Hannah.

Ergueu-os do livro e levou um à orelha.

— Que tal? — perguntou. Sorria, deleitado: um *leprechaun* judeu vestindo-se de *femme fatale*.

— Já vi pior — respondi, lacônico.

Voltou a sentar-se junto a mim.

— Então, o que quer que faça com eles? — perguntou.

— Quero que os venda; assim fica com dinheiro para subornos. Quero que vá embora do gueto.

Balançou a cabeça.

— Não sei se...

— Ouça — interrompi-o com brusquidão —, se não sair daqui em breve, não vai sobreviver.

— Então, agora o nosso *ibbur* de serviço também já prevê o futuro? — perguntou, tentando usar o humor para me abrandar.

— Heniek, as crianças que Lanik assassinou... Já não acho que seja loucura considerar que a morte de Adam e o destino de todos os judeus estão interligados. Os nazistas querem matar nossas crianças, porque querem nos tirar o nosso futuro. Vejo isso agora, com tanta clareza como o vejo. Por isso, não preciso de uma bola de cristal para saber que, quando se esgotar a paciência dos alemães, todos os que aqui estão vão ser enfiados em vagões de gado e depositados num campo de trabalho; ou então, obrigados a marchar para fora daqui para ir cavar as próprias sepulturas numa floresta das redondezas.

— Mas se eu sáísse do gueto, aonde iria? — perguntou ele.

— Não sei. Mas tenho certeza de que há de ter um ou outro velho amigo lá fora.

— Talvez — disse Heniek, mas percebi que queria dizer que não.

— Ouça, você acha que eu vim por um motivo. Talvez seja para salvá-lo.

— Mas talvez não.

— Se precisa de uma razão melhor do que a sua própria vida, então vá ver se encontra para mim Izzy e Liesel. Diga-lhes como morri. Diga que estava no campo de trabalho quando fui enforcado. Diga-lhes que eu estava pronto para partir. Dê-lhes um beijo por mim e garanta-lhes que fui ao encontro da morte com as mãos nos bolsos, que não tive medo.*

Nota

** Erik pediu-me que pousasse a caneta aqui, mas continuamos a conversar mais um minuto à mesa da minha cozinha, e incluo o que dissemos um ao outro, desta vez visto da minha perspectiva:*

— Mas o que acabou de dizer não é verdade — insisti eu. — Erik queria viver. Foi você mesmo que disse! — Falava com desespero, porque não queria que me mandasse embora.

— Sim, tem razão — concordou Erik. — Apesar de tudo, eu queria uma oportunidade de continuar. Foi uma idiotice.

— Não se atreva a ter vergonha de querer continuar vivendo! — gritei.

Erik ficou calado durante muito tempo após isso, mas de repente, respirando fundo — como quem reúne toda a sua capacidade de decisão —, estendeu lentamente a mão por cima da mesa e segurou a minha.

Senti-o — a aspereza da sua pele, o calor da sua vida. E não doeu nada.

Ficamos ambos em choque. E reduzidos pela gratidão àquilo que era essencial — dois homens reconhecendo que, agora, nada poderia separá-los. Nem mesmo seus corpos.

Levantei-me e dei-lhe um abraço apertado, que ele retribuiu.

Quando nos sentamos de novo, Erik ficou me olhando durante muito tempo, até bem dentro de mim, e eu soube que ele achava que eu o compreendia e, mais importante ainda, que o amava, e foi por essa razão, penso eu, que foi capaz de parar de me contar a sua história. E talvez tenha sido também por isso que eu fui capaz de ir embora do gueto.

Posfácio

por Heniek Corben

OBEDECI AO CONSELHO DE ERIK e fugi da nossa ilha.

As últimas palavras que me dirigiu foram:

— Diga um kadish por mim se alguma vez conseguir chegar ao campo de trabalho onde morri.

— Mas você não acredita em Deus! — exclamei.

— É verdade, mas você acredita! — respondeu, e seu rosto se abriu num sorriso malicioso. Depois, olhou-me fixamente, com ar grave. — E mais uma coisa, Heniek. Depois que os alemães perderem, vão querer que esqueçamos tudo o que aconteceu. Uma pessoa, lembre-se apenas de uma!, será o suficiente para estragar seus planos.

Minha última recordação de Erik: está de pé no telhado do prédio de Stefa, dizendo-me adeus com a mão erguida, sorrindo. Teria consciência de que tinha os tais braços de bambu que costumava notar em todos nós?

Foi uma bênção ele não ter percebido a extensão da sua queda. E não saber que o fedor putrefato que muitas vezes lhe chegava às narinas provinha dele mesmo.

Pensei que em breve sairia do telhado e me deixaria prosseguir sozinho meu caminho, mas, a cada vez que me virava, dava com ele ainda acenando para mim.

Duas semanas mais tarde, cheguei à casa de um amigo de infância em Vilnius, mas era arriscado demais ir mais longe. Vou chamar meu amigo de Johann, embora não seja esse seu nome verdadeiro; não quero que ninguém possa vir a identificar seus filhos ou netos, visto poderem vir um dia a sofrer represálias por ele ter escondido um judeu.

Johann tinha uma pequena mercearia e vivia sozinho numa grande casa cheia de

correntes de ar nos arredores da vila; os filhos já eram crescidos, e a mulher tinha morrido. Fiquei quase dois anos com ele. Nunca saía. Durante o dia, fazia pouco mais do que ler romances e ouvir as notícias no rádio. À noite, jogávamos gamão juntos, ouvíamos sinfonias na sua vitrola e falávamos da guerra.

Johann enterrou o manuscrito de Erik Cohen no seu quintal, embaixo de uma roseira. A essa altura eu já começara a chamar-lhes de Os anagramas de Varsóvia, porque Erik me dissera que era esse o título que dera ao seu trabalho.

Os nazistas descobriram meu esconderijo no dia 7 de outubro de 1943, quando Johann estava na mercearia. Levaram-me para uma prisão local. Uma semana mais tarde, transferiram-me para o campo de trabalho de Stutthof.

Trinta e sete quilos e meio.

Quando os soviéticos libertaram o campo, no final de maio de 1945, era o que eu pesava. Meus braços não eram caules de bambu; eram varas de pesca!

Nessa época, a disenteria já tinha acabado comigo, e estava na enfermaria.

Quando vi meu primeiro soldado soviético, Stutthof estava quase vazio, porque os alemães tinham evacuado a maior parte dos prisioneiros semanas antes, obrigando-os a marchar para um território mais seguro e deixando apenas os doentes para trás.

De certo modo, também eu regressei dos mortos — como um fantasma que vem assombrar sua própria vida.

Sempre achei que sobrevivi por ter encontrado Erik e escrito a história que ele me ditou. É a única justificação que encontro para estar aqui, quando há 6 milhões que não estão. Sei que esta minha explicação não tem qualquer sentido lógico, mas hoje todos já sabemos que a lógica não é o ponto forte de Deus.

Assim que recobrei as forças, voltei à casa de Johann e desenterrei Os anagramas de Varsóvia. Soube pelos vizinhos que ele fora executado no fim do dia em que me capturaram.

Ultimamente, começo a agarrar-me às minhas recordações de Johann sempre que começo a acreditar naquilo que os nazistas tentaram nos provar: que é possível fazer qualquer pessoa trair aqueles que ama.

Voltei para Varsóvia e abri de novo uma casa impressora. De vez em quando, mostrava Os anagramas de Varsóvia às pessoas em quem confiava, mas meus amigos cristãos não queriam ler sobre aquilo que os nazistas e os respectivos cúmplices poloneses tinham feito aos seus antigos vizinhos, e o punhado de judeus que tinha conseguido voltar estava fragilizado demais para visitar o passado.

Erik e eu escrevemos a história dele, e ajuda-me a passar melhor os dias saber que o fizemos juntos. E acho que o simples ato de ler é importante — significa que temos uma oportunidade de participar de uma cultura que os nazistas não conseguiram matar.

Saber que se fez uma coisa boa — por menor que seja — é um consolo que ninguém pode me tirar.

Gosto do formigamento que sinto nos dedos quando escolho os tipos para os livros que imprimo. Gosto de ficar com as mãos manchadas de tinta. Gosto de inventar palavras para a nova linguagem que Erik queria que tivéssemos.

Herzsterben — a morte que se sente no peito quando se recusa esmola a um mendigo esfomeado.

Tento viver sem expectativas. Tento aceitar as pessoas como elas são. Tento celebrar o fato de acordar todas as manhãs.

Zunfargangmeyvn — um connoisseur do pôr do sol; alguém que aprendeu a apreciar aquilo que os outros consideram algo adquirido.

E tento viver num mundo em que as pessoas mais caladas ganham todas as discussões.

* * *

Noc die Zweite.

O nome do meu cão. É um dachshund esgalgado que dorme na minha cama, com o nariz encostado ao meu; a respiração dele me ajuda a entrar no mundo dos sonhos.

Tento nunca adormecer sem ele. Há recordações demais esperando por mim se entro sozinho nos meus sonhos.

Como quase todo o resto do gueto de Varsóvia, o prédio onde ficava o apartamento de Stefa foi bombardeado pelos nazistas durante a Revolta do Gueto de abril de 1943, e depois, arrasado pelos russos, quando tomaram conta da cidade. Todas aquelas velhas ruas esburacadas — e tudo o que tínhamos sofrido — desapareceram. Exceto dentro das nossas cabeças.

Um dia, ervas daninhas e árvores terão coberto todo o entulho. E depois disso, quando os construtores tiverem zlotys suficientes, serão erguidos prédios — até hotéis de aço e vidro, com fontes d'água no vestibulo de entrada. Os turistas por quem Maciej esperava deitarão o olhar sobre uma paisagem urbana que volta a nascer e dirão em voz baixa aos filhos: Centenas de milhares de judeus ficaram presos aqui durante anos, mas as crianças verão apenas o labirinto de construções à sua frente e um exército de operários com capacetes na cabeça a se exaurirem de um lado para outro. E vão perguntar se podem ir nadar na piscina do hotel.

E por que não o fariam?

Aqueles que se sentirem mais culpados vão tentar nos fazer duvidar da existência de todos os ossos que jazem enterrados debaixo do solo polonês e de todas as cinzas espalhadas pelas florestas da Polônia.

Uma noqueira com 60 centímetros de altura. Recomeçando, tal como todos nós.

Um velhote que ia passando na rua me viu olhando fixamente para aquele tronco tão frágil e identificou-o. Eu pensava que era uma aveleira.

— Não, é uma noqueira, sem dúvida alguma — disse ele, e sorriu, como se isso fosse um bom presságio.

Acho que saberemos se ele tinha razão quando virmos o tipo de fruto que der, daqui a cinco ou dez anos. Às vezes precisamos esperar muito tempo para sabermos o significado do que está acontecendo neste exato instante.

Descobri a noqueira crescendo no poço de terra que fora outrora o pátio do prédio de Stefa.

Procurei Erik por toda a cidade, mas nunca consegui encontrá-lo. Durante quanto tempo terão os ibburs de vagar pela terra? Já perguntei a sábios rabinos de Paris, Marselha e Istambul, mas nenhum soube me dizer.

— O tempo deles pode não ser como o nosso — explicou-me um deles, mas isso eu já sabia.

Gosto de pensar que Erik encontrou Adam e Stefa, e, durante os fáceis dias de verão, quando o sol alto do meio-dia cobre de ouro os topos dos telhados, quase consigo me convencer de que deve ter conseguido. À noite, contudo, quando escuto o som da respiração de Noc, e, além dele, a frágil teia de silêncio que significa que estamos ambos sozinhos numa cidade que outrora foi minha e já não o é, confio apenas na solidão. Não sou grande coisa para arranjar finais felizes, tal como Erik pressentiu.

Os tempos eram difíceis na Polônia. Levei anos para poupar dinheiro suficiente para viajar e obter os documentos necessários junto ao nosso governo comunista. Finalmente, no verão de 1953, recebi autorização para me aventurar além das nossas fronteiras. Consciente de que minha carteira provavelmente nunca estaria mais recheada do que aquilo, fiz as malas e parti.

Queria encontrar primeiro Izzy, mas não encontrei os filhos dele no endereço em Boulogne-Billancourt que Erik me dera. Eu já percebera então que Erik fizera um anagrama com o apelido de Izzy, que não era Nowak mas Kowan. Achei duas famílias em Paris com esse sobrenome, mas não eram judeus poloneses, nem tinham parentes relojoeiros em Varsóvia.

Erik deve ter mentido para mim em relação a Boulogne-Billancourt. Os filhos de Izzy poderiam ter morado em um outro subúrbio qualquer de Paris, ou mesmo em outro país. Lamentei não ter lhe perguntado o nome completo de Louis — e tê-lo obrigado a jurar-me que não se tratava de um anagrama.

O que me leva às minhas perguntas centrais: quem me ditou na realidade Os anagramas

de Varsóvia, e que parte do que ele me ditou será verdade?

A esta altura, o leitor sem dúvida já notou minha suspeita de longa data: que o verdadeiro nome de Erik Cohen era Melech Honec.

O primeiro a confirmar-me que tinha razão foi o zelador do apartamento de Stefa, o professor Engal.

O verdadeiro nome de Engal é Dawid Lange. No Tempo de Antes, fora professor de literatura polonesa na Universidade de Varsóvia, e um dos seus colegas de lá disse-me que ele emigrara para o Brooklyn logo após a guerra, tendo encontrado trabalho como professor de alemão no Colégio Lafayette. Começamos a nos corresponder no verão de 1949.

Lange confirmou-me que Melech Honec vivera no prédio do qual fora zelador na rua Franciszkańska, no mesmo apartamento que a sobrinha, Kata Fleiss — a quem Erik chama de Stefa Liska na sua narrativa — e o sobrinho-neto, Adam. Adam fora de fato assassinado e jogado no arame farpado da rua Chłodna. Cortaram sua perna direita, do joelho para baixo. Pouco tempo depois, Kata suicidara-se, atirando-se de uma janela.

Lange ficou espantado por eu saber que ela tinha chinelas marroquinas. Menti, dizendo que a vira calçada com elas na única visita que fizera à casa deles; ele nunca acreditaria que eu estivera com Melech Honec após sua morte.

Quando lhe perguntei se Honec conhecera alguém chamado Erik Cohen, disse que não podia ter certeza, mas acrescentou que de fato o romancista tivera um amigo íntimo chamado Mordechai Cohen e que este fora um famoso psiquiatra antes de ter sido obrigado a ir para o gueto. Lange não tinha certeza do que acontecera a Mordechai, portanto não consegui saber se sobrevivera à guerra.

Estava ansioso por saber o que acontecera a Mietek Langmann, nome verdadeiro de Mikael Tengmann, mas Lange não sabia nada sobre isso.

No verão de 1951, contudo, um representante do Comitê Americano Conjunto de Distribuição, uma organização de auxílio aos judeus, pôs-me em contato com Amira Hirsch, que fora secretária do Conselho Judaico. Amira morava então em Tel Aviv, e lembrava-se de que o cadáver de Langmann fora deixado uma noite à porta de entrada da Sinagoga Nozyk. Foi no início da primavera de 1941, embora ela não se recordasse da data exata. Não havia sinais de luta no corpo de Langmann, pelo que não foi ordenado qualquer inquérito; um médico do Conselho fizera a certidão de óbito, declarando que a causa da morte fora um ataque cardíaco.

Amira não fazia ideia de quem poderia ter sido Benjamin Schrei. Imagino que Erik Cohen quisesse protegê-lo de possíveis perseguições, dando-lhe, portanto, um nome totalmente inventado em vez de um anagrama.

A pessoa que consegui me dar mais informações sobre Melech Honec foi um primo dele, Aaron Wróbel, que consegui encontrar vivendo em Malmö, na Suécia. Aaron contou-

me que Melech era tcheco de nascimento e um autor praticamente desconhecido de romances policiais — um anglófilo que ganhara a vida no Tempo de Antes como tradutor de inglês para polonês, iídiche e alemão.

Entre os autores traduzidos por Melech encontrava-se Shakespeare, e Aaron teve a gentileza de me mandar um exemplar da sua edição polonesa de *Sonho de uma noite de verão*, publicado em Varsóvia em 1917. Talvez o leitor se lembre que Erik me disse, no prefácio de *Os anagramas de Varsóvia*, que descobrira este livro no chão, junto à cama dele, quando voltou para o gueto — “a minha tradução polonesa”, ditara-me ele. Pensei então que queria dizer simplesmente que o livro lhe pertencia, mas na realidade estava fazendo uma referência sutil ao seu trabalho como tradutor. Nesse momento, é provável que tenha sentido o prazer que sente um escritor quando dirige ao leitor um piscar de olho, com a esperança de que, mais tarde, ele venha a descobrir a alusão.

Aaron conseguira salvar e levar consigo de Varsóvia velhos documentos da família, por isso pôde me dizer que Melech Honec nascera na casa onde os pais viviam, na rua *Bednarska*, em 1879. Depois de se licenciar em literatura inglesa pela Universidade de Varsóvia, passara dois anos trabalhando como estivador em *Portsmouth* e, depois, mais quatro como agente de uma companhia de transportes marítimos em Londres. Morara na Inglaterra de 1896 a 1902.

Os pais de Melech eram judeus praticantes, embora Aaron tenha me garantido que o primo era ateu ferrenho, só assistindo a cultos religiosos muito ocasionalmente. Contudo, quando morava em Londres, entrara para a congregação da Sinagoga *Bevis Marks*, onde conhecera aquela que seria sua futura mulher, *Hannah Peckstein*, uma estudante universitária judia-polonesa que estava passando as férias de verão com alguns amigos ingleses dos pais.

Melech tivera um irmão mais novo chamado *Enoch*. Pelo visto, *Enoch* nunca gostara do seu nome, por isso todo mundo da família lhe chamava de *Erich* (escrito com *ch* no fim, em vez de *k*). *Morrera* de septicemia na sequência de uma apendicite aguda, aos 27 anos. Melech tinha então 33. Aaron contou-me que o primo falava da morte do irmão como sendo o episódio que o levara a excluir qualquer possibilidade da existência de Deus.

Os nazistas confiscaram todos os manuscritos originais de Melech em setembro de 1940. Segundo Aaron, o escritor, desesperado, tomou uma dose excessiva de *Veronal* logo no dia seguinte, mas essa tentativa de suicídio falhou. Durante a convalescença, começou a estudar *cabala prática* — magia —, na esperança de poder se vingar dos alemães e reconstituir seus manuscritos.

Poderia Melech ter igualmente tentado aprender a voltar à vida após a morte?

Aaron disse-me que o primo se recusara a falar com qualquer pessoa sobre suas práticas ocultas ou a revelar a identidade do místico que o andava ensinando. Quem quer que fosse o seu mentor, a referência de Erik Cohen a um cetro de fogo no Capítulo 27 dá a

entender que andaria provavelmente estudando misticismo Mercabá, uma antiga tradição na qual os praticantes utilizam exercícios espirituais para explorar os mistérios do carro e do trono de Deus, tal como aparecem descritos no primeiro capítulo do Livro de Ezequiel. Aparecem ao longo de todo o manuscrito muitas outras referências a esta e a outras formas de misticismo judaico; na verdade, cheguei à conclusão de que suas muitas alusões à escrita não são uma mera consequência do fato de ele ter sido romancista, mas também um reflexo da importância da palavra escrita no pensamento judeu.

Segundo Aaron, Melech nunca estudara psiquiatria, embora fosse leitor assíduo de Freud e Jung. O que lhe interessava tanto na escrita como na psiquiatria era a importância do processo narrativo para a compreensão de nós mesmos, razão pela qual, creio eu, me ditou o seguinte, no Capítulo 30: “Todos nós queremos ser escutados — para sentir que somos importantes. Queremos poder contar a história da nossa vida sem ser interrompidos ou julgados, ou sem que nos peçam para ir direto ao que importa. Freud e Tchekov, Jung e Dickens, todos eles concordariam comigo.”

Aaron contou-me ainda que, depois de sua tentativa de suicídio, ele passou a ter alucinações graves — por exemplo, garantia que tinha visões do carro de Ezequiel voando sobre a cúpula da Grande Sinagoga.

Os dois tinham perdido o contato pela primeira vez após uma discussão violenta. Sobre o quê, Aaron não conseguia se lembrar. “Dinheiro, provavelmente; estávamos sempre discutindo por causa da maneira como ele esbanjava zlotys na compra de livros velhos”, escreveu-me ele.

Aaron foi visitar o primo para fazer as pazes, antes de entrar na clandestinidade na parte cristã de Varsóvia. Foi a última vez que se viram. Melech estava muito melhor — mais estável e calmo. Estava se dando bem com a sobrinha, Kata, e o sobrinho-neto, Adam, e não falou de quaisquer visões.

Depois da guerra, Aaron não conseguiu descobrir qualquer vestígio de Melech.

Tenho agora certeza de que o ibbur que se apresentou a mim como Erik Benjamin Cohen era na realidade Melech Honec, e acredito que destinara Os anagramas de Varsóvia a ser sua obra derradeira. Talvez tivesse a esperança de finalmente conquistar um lugar nas bibliotecas e livrarias. De certa forma, era para ser seu romance postumamente escrito, e um romance que ficasse bem próximo dos acontecimentos traumáticos que pontuaram seus últimos 14 meses de vida.

Terá ele tido a intenção de me levar a adivinhar sua identidade enquanto me ditava esta narrativa? Nas notas de rodapé, apontei o que considero ser as pistas mais importantes que me deu, embora haja sem dúvida outras que não cheguei a descobrir, especialmente porque estou longe de ser perito seja na cabala prática, seja na cultura

inglesa. Quanto a saber se ele me deu essas pistas de propósito, cheguei à conclusão de que sim; com certeza sabia que estava me fazendo duvidar da sua afirmação de que sabia muito pouco sobre o judaísmo tradicional, porque lhe fiz perguntas sobre isso em várias ocasiões. Tenho certeza de que queria que eu percebesse que Erik Cohen era uma identidade emprestada e que Os anagramas de Varsóvia eram sua última contribuição para o mundo.

Embora talvez haja uma possibilidade mais mórbida... Talvez não acreditasse que eu fosse sobreviver ao gueto e achasse que minhas dúvidas sobre sua narrativa e identidade morreriam comigo.

Que parte exata da sua história será verdadeira? Os testemunhos de Dawid Lange, Aaron Wróbel e outros corroboram quase tudo o que Erik me ditou — mais importante do que tudo, o assassinato do sobrinho-neto e o suicídio da sobrinha.

Foi Aaron quem conseguiu me contar um pouco mais sobre a filha de Melech, a quem Erik se refere em Os anagramas de Varsóvia como Liesel mas cujo verdadeiro nome era Iris.

Iris estava viajando pela Turquia quando os nazistas invadiram a Polônia. Aaron achava que ela podia ter mesmo ido parar em Esmirna, onde a mulher de Melech, Hannah, tinha primos sefárdicos de sobrenome Zarco. Não sabia onde ela vivia agora e não sabia se de fato se apaixonara por uma mulher chamada Petrina.

Em agosto de 1953, após minha viagem a Paris e um breve desvio por Bordéus, peguei um barco para Chipre e em seguida embarquei num cargueiro até Esmirna. Interroguei três membros da família Zarco sobre Iris, bem como sobre cerca de uma dúzia de judeus de Esmirna, mas nenhum admitiu conhecê-la. Uma vez, quando conversava com seu segundo primo Abraão Zarco, tive a sensação de que não dissera inteiramente a verdade ao negar conhecê-la, mas todas as minhas tentativas para conquistar sua confiança foram fracassadas. Talvez Iris não quisesse que a descobrissem. Ou talvez a família não quisesse nada com ela devido à sua relação com Petrina.

Quanto a Irene Koch, talvez o leitor já tenha adivinhado neste ponto da narrativa — tal como eu, quando tive a oportunidade de reler Os anagramas de Varsóvia, em Vilnius — que o nome dela é um anagrama de Erik Cohen. Claro que isso me levou a pensar se teria sido uma pessoa real ou uma invenção — mais um alter ego de Erik.

Pouco depois da minha busca por Izzy através de Paris, consegui localizar a mãe de Irene, Sylvie Lanik, em Bordéus. Contudo, quando nos encontramos, ela se recusou a revelar qualquer coisa sobre a filha — ou sequer a confirmar sua existência.

Se Irene existiu realmente, então foi em parte responsável pela morte do padrasto, e, embora tivesse se passado mais de uma década desde que ele fora assassinado, talvez a Sra. Lanik ainda receasse que a filha fosse presa. Mas talvez Irene nunca tenha existido; pode ter sido a própria Sra. Lanik quem descobriu o papel do marido nos assassinatos das crianças judias. Se era esse o caso, Melech Honec pode ter inventado uma filha para a Sra. Lanik para mantê-la a salvo de eventuais represálias. Sendo assim, é provável que tenha

criado o nome dela a partir de um anagrama do seu, por ela ser uma criação de romance — um reflexo, por assim dizer, dos seus próprios pensamentos e emoções.

Minha descoberta mais recente é Jana Kaminska, a quem Erik se refere como Jasmin Makinska na sua narrativa. Há apenas três meses, soube que estava morando perto de Londres, para onde emigrara pouco depois da guerra. Para grande alegria minha, recebi resposta à carta que lhe escrevera cerca de um mês atrás. Contava-me que se retirara para uma casinha de dois quartos à beira-mar. Confirmou-me que levara Melech e Izzy de carro até o sítio de Liza em março de 1941 e que a irmã fora assassinada pelas SS quando Erik foi capturado, no dia 7 de julho.

Izzy fugiu a pé no fim da tarde desse dia, contou-me ela. Conseguiu telefonar-lhe de uma cidade próxima e dar-lhe a terrível notícia da morte de Liza.

Jana recebera uma carta de Izzy três meses mais tarde, com carimbo de Istambul. Conseguiu chegar lá num cargueiro que saíra de Odessa, tal como ele e Melech tinham planejado, e pretendia partir em breve para Marselha. Estava muito satisfeito, e recebera já uma carta afetuosa do seu velho amigo Louis, embora se sentisse cheio de remorsos por causa da morte de Liza e sem grandes esperanças em relação a Melech.

“Izzy disse-me que me escreveria de novo quando estivesse instalado no sul da França, mas nunca mais recebi uma palavra dele. A guerra tinha se espalhado a essa altura, e suspeito que as cartas dele simplesmente nunca chegaram a Varsóvia. Depois que vim para a Inglaterra, ele não tinha como me encontrar — e eu também não tinha chance de conseguir localizá-lo.”

Espero que Izzy, os filhos e Louis possam estar vivendo em Marselha ou nos arredores. Farei todos os esforços para encontrá-los.

Jana também promete não desistir de procurá-lo, embora, por outro lado, diga que nunca mais pisará na Europa continental.

Foi Dawid Lange, o zelador do prédio de Stefa, que me contou que a padaria do pátio em que Ewa trabalhava foi fechada pelos nazistas em julho de 1942. Ziv comprou uma arma no mercado negro pouco tempo depois e entrou para a Organização Judaica de Combate, dizendo a todos que nunca deixaria os alemães pegá-lo vivo. Juntamente com a maior parte dos membros daquela força de combate, morreu, muito provavelmente, na Revolta do Gueto, que começou em janeiro de 1943.

Saul R. Nowak, a quem Erik atribuiu o anagrama Rowan Klaus, foi transportado para Treblinka em 27 de julho de 1942, segundo registros que me foram fornecidos recentemente pelo Comitê Americano Conjunto de Distribuição. Nesse verão, tocou violino na orquestra

do campo, mas no outono adoeceu com tuberculose e foi enviado para a câmara de gás.

Pela mesma fonte, vim a saber que Ewa — cujo nome verdadeiro era Magda Warner — também estava no transporte que partiu para Treblinka em 3 de agosto de 1942. A essa altura já morrera sua filha, Helena, depois de entrar em coma diabético em novembro de 1941. Segundo um sobrevivente que esteve no mesmo transporte que ela, a jovem foi gaseada assim que chegou ao campo.

Zacarias Mannberg — o pequeno acrobata que Erik teve esperança de salvar — conseguiu passar à clandestinidade com a mãe e a irmã na parte cristã de Varsóvia, em dezembro de 1942. Pouco depois da libertação, os três sobreviventes emigraram para o Canadá. Zacarias está atualmente estudando direito na Universidade de Toronto.

Nunca cheguei a saber se Bina Minchenberg sobreviveu à guerra. Desapareceu, como tantos outros.

Lembro-me dessa boa gente e de muitos outros. E penso em Erik todos os dias da minha vida. Tento me lembrar dos mortos à luz do que os tornava únicos, como ele desejaria.

A autobiografia dos judeus ainda está sendo escrita. É essa a nossa vitória. E acredito agora que a esperança mais profunda de Erik era de que Os anagramas de Varsóvia servissem como sua contribuição para ela. De fato, estou convencido de que foi por essa razão que ele voltou sob a forma de um ibbur.

Quando saí de Esmirna para voltar para casa, parei em Lublin e disse um kadish por Erik à porta do campo da rua Lipowa. E por todos os nossos outros heroicos amigos que já partiram há muito, especialmente Johann, que deu a vida por mim.

Contudo, ao ver a clareira enlameada onde Erik foi enforcado e ao ouvir a minha voz trêmula, fiquei arrasado. Senti-me como se estivessem arrancando a minha existência de um vazio tão grande que tudo o que via e ouvia era apenas ilusão.

Fiquei apenas tempo suficiente para entoar um “El Male Rachamim” pela alma de Erik e em seguida fugi, embora o fato de virar as costas para o lugar onde o assassinaram tenha feito eu me sentir como se estivesse deixando para trás a melhor parte de mim mesmo.

E eu? Por que consegui ver e ouvir Erik, quando ninguém mais foi capaz? É uma questão que há muitos anos me dá insônia frequente. Minha única conclusão é que devo ter sido escolhido porque Erik e eu estaremos para sempre ligados pelos nossos nomes.

Heniek Corben, Erik Ben Cohen, Melech Honec e Irene Koch...

Se tiver razão, então Deus — ou quem quer que seja que nos dita a vida que temos —

quis que eu soubesse que era ao mesmo tempo a história e o seu narrador, o criador e a criação, o cantor e a canção. Tal como o leitor.

*Somos todos o mesmo — todos os “eus” no centro dos nossos pensamentos e emoções.
No princípio era o Verbo. E no fim, também.*

Quem somos nós, os que aparecemos em Os anagramas de Varsóvia? E quem somos nós, que damos vida a esses homens, mulheres e crianças a cada vez que lemos seus nomes?

Quem insuflou vida em Adam, o sobrinho de Erik?

No final, é o leitor que terá de decidir.

*Heniek Corben
Varsóvia, 3 Kislev, 5715
(28 de novembro de 1954)*

Glossário

(todas as palavras se encontram em iídiche,
exceto quando houver indicação do contrário)

<i>Alter kacker</i>	— literalmente, "velho rabugento".
<i>Brenen zol er!</i>	— "Que arda no inferno!"; praga comum.
<i>Chalá</i>	— tipo de pão de ovos fermentado, normalmente entrançado, que é tradicionalmente comido no sabá.
<i>Der shoyte ben pikholtz</i>	— "filhote imbecil de pica-pau"; epíteto tradicional.
<i>Dreidl</i>	— um pião de quatro faces onde estão inscritas as letras hebraicas ה, ג, נ, e ש, que juntas formam o acrônimo de נס גדול היה שם (aqui aconteceu um grande milagre).
<i>Ech</i>	— grunhido ou exclamação de desagrado ou desespero.
"El Male Rachamim"	— oração hebraica pelo repouso da alma dos que já morreram.
<i>Festina lente</i>	— "apressa-te devagar" em latim.
<i>Flor</i>	— palavra alemã que designa a gaze ou o crepe usado em roupas femininas e em véus.
<i>Gehenna</i>	— palavra hebraica que significa inferno, normalmente usada nos contos folclóricos judeus e na literatura cabalística.
<i>Gołąbki</i>	— palavra polonesa que designa folhas de couve recheadas; faz parte da culinária tradicional do país.
<i>Golem</i>	— em hebraico: גולם. No folclore e nas tradições místicas judaicas, um <i>golem</i> é um ser animado criado exclusivamente a partir de matéria inanimada. A história mais famosa deste tipo de

criatura diz respeito ao rabino Judas Loew, de Praga, de quem se diz que criou um *golem* para defender o gueto judeu de ataques antisemitas.

Gottenyu

— "Meu Deus!"

Goy

— pessoa não judia, gentio.

Goyim

— plural de Goy.

Hak mir nisht ken tshaynik!

— literalmente: "Não coloque para mim uma chaleira inteira", mas com o significado de "Vê se para com essa conversa interminável!".

Hänschen klein

— pequeno Hans.

"Hatikvah"

— hino escrito por Naphtali Herz Imber, judeu da Galiza que se mudou para a Palestina na década de 1880. O título hebraico significa "A esperança".

Hilfe

— "socorro" em alemão.

Ibbur

— palavra hebraica que designa um fantasma, espírito ou espectro.

Kadish

— oração judaica pelos mortos.

Katshkele

— alcunha habitual que significa "patinho".

Levone

— lua.

Linka

— fio em polonês.

Macher

— pessoa importante, manda-chuva.

Mazel tov

— de origem hebraica, significa "Fico contente pela sorte que teve", "Que bom para você" ou simplesmente "Parabéns!".

Meerschaum

— em alemão: "espuma do mar", mineral que por vezes se encontra a flutuar no mar Negro; facilmente trabalhável e muito utilizado na fabricação de cachimbos, entre outras peças artesanais, em várias regiões da Ásia Menor, especialmente a Turquia.

Meshugene

— maluco.

Miskeit

— pessoa muito feia, às vezes usado com caráter afetuoso, como quando aplicado a uma criança tão feia que só a mãe poderia amá-la.

Mitzvah

— palavra hebraica que significa "mandamento". Normalmente, lembra às pessoas os 613 deveres de todo e qualquer judeu, tal como vêm enumerados na Torá. Por extensão, qualquer boa ação.

<i>Noc</i>	— "noite" em polonês.
<i>Noc die Zweite</i>	— "Noite segundo" (no texto, nome de um cão).
<i>Payot</i>	— caracóis de cabelo (muitas vezes, anéis junto às têmporas) usados pelos judeus chassídicos, entre outros.
<i>Petzl</i>	— pintinho, pênis de menino. De <i>putz</i> , termo habitual para pênis.
<i>Piskorz</i>	— peixinho ou pessoa magra em polonês.
<i>Reb Yid</i>	— forma tradicional e educada de se dirigir a alguém.
<i>Schul</i>	— escola e, por extensão, serviços da sinagoga.
<i>Schmaltz</i>	— gordura de galinha utilizada para cozinhar.
<i>Sheygets</i>	— pastel comprido recheado de sementes de papoula e coberto de mel. O nome deriva da sua semelhança com o membro não circuncidado de um <i>sheygets</i> — rapaz gentio.
<i>Sheyn Vi Di Levone</i>	— "Bela é a lua" (título de uma canção de ninar iídiche).
<i>Shiva</i>	— semana de luto pelos mortos prescrita pela lei judaica.
<i>Shmekele</i>	— pênis pequeno.
<i>Shtetl</i>	— pequena vila ou aldeia judaica.
<i>Tsibele</i>	— cebola.
<i>Tzitzit</i>	— palavra hebraica que designa os pompons ou franjas que enfeitam os cantos de um xale de oração e que devem lembrar a quem ora os mandamentos de Deuteronômio 22:12 e Números 15:37-41.
<i>Ver mir di kapore</i>	— literalmente, "Vire galinha que vou te sacrificar" e, por extensão, "Mata-se!". Expressão tirada da prática religiosa na qual se faz girar uma galinha sacrificial (<i>kapore-hun</i>) em volta da cabeça de um judeu na véspera do <i>Yom Kippur</i> (Dia da Expição), matando-a a seguir como "bode expiatório" pelos pecados do seu dono.
<i>zydóweczka</i>	— "menininha judia" em polonês.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.

Os anagramas de Varsóvia

- http://www.record.com.br/livro_sinopse.asp?id_livro=25199 (Sobre o livro)
- http://www.record.com.br/autor_sobre.asp?id_autor=6078 (Sobre o autor)
- http://www.record.com.br/autor_livros.asp?id_autor=6078 (Lista de livros do autor)
- <http://www.sfgate.com/cgi-bin/article.cgi?f=%2Fc%2Fa%2F2011%2F08%2F12%2FRVI51K96PC.DTL> (Resenha do jornal San Francisco Chronicle)
- <http://www.skoob.com.br/livro/137636> (Página do livro no Skoob)
- <http://www.zimler.com/conteudo.php> (Site oficial do autor)
- http://pt.wikipedia.org/wiki/Richard_Zimler (Página do autor na Wikipédia)
- <http://portalivros.wordpress.com/2009/10/20/richard-zimler-entrevista-a-proposito-de-os-anagramas-de-varsovia/> (Entrevista com o autor)
- <http://blog.meiapalavra.com.br/2011/01/14/os-anagramas-de-varsovia-richard-zimler/> (Resenha do livro)

Sumário

[Capa](#)

[Rosto](#)

[Créditos](#)

[Dedicatória e agradecimentos](#)

[Nota do Editor](#)

[Epígrafe](#)

[Prefácio](#)

[Parte I](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Parte II](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Posfácio](#)

[Glossário](#)

[Colofão](#)

[Saiba mais](#)